



BEST SELLER DO SUNDAY TIMES

"Extremamente viciante." LOOK

80 dias

a cor da paixão

VINA JACKSON





VINA JACKSON

80 dias

a cor da paixão

Tradutora
Regiane Winarski.



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J15o

Jackson, Vina

80 dias [recurso eletrônico] : a cor da paixão / Vina Jackson ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2013.

recurso digital (Eighty days)

Tradução de: Eighty Days Red

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10156-3 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Título: Oitenta dias : a cor da paixão. IV. Série.

13-06523

CDD: 823
CDU: 821.111-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:

Eighty Days Red

Copyright © 2012 by Vina Jackson

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10156-3

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Correndo

Meus pés acompanham o ritmo do meu coração.

O Central Park estava coberto de branco. Apesar da calma relativa dentro do parque, eu estava sempre ciente da cidade que se espalhava ao meu redor, como uma enorme mão aberta com um pedaço de área verde bem no meio e prédios apontando para cima como dedos cinzentos sujos cercando coberturas imaculadas de neve nos gramados.

A neve ainda estava fresca, com textura de pó, e eu conseguia senti-la estalar de leve debaixo dos meus pés, amortecendo os passos. A ausência de cor no parque amplificou todos os meus outros sentidos, de forma que conseguia sentir o ar seco e gelado na pele como o toque de algum ser sobrenatural gélido. Minha respiração saía em jatos de vapor na frente do meu rosto como nuvens de fumaça, e o ar frio queimava minha garganta.

Corri todos os dias durante um mês desde que descobri o livro de Dominik na Shakespeare & Co., na Broadway. Eu o li com pressa, nos raros momentos em que ficava sozinha em casa, tomando cuidado com o olhar atento de Simón.

A sensação de ler o trabalho de Dominik foi estranha. A heroína era muito parecida comigo. Ele incluiu algumas das conversas que tivemos nos diálogos, descreveu cenas da minha infância que eu tinha lhe contado, sobre a sufocante natureza da vida de quem cresce em uma cidade pequena e sobre meu desejo de sair dela. Até tinha dado cabelos ruivos à personagem.

Eu reconhecia a voz de Dominik ao longo do texto, clara como água. As estruturas de frase específicas dele, as referências aos livros que eu sabia que havia lido e músicas das quais gostava.

Dois anos se passaram desde que terminamos. Tivemos um horrível mal-entendido, e permiti que meu orgulho falasse mais alto e o abandonei, ato do qual me arrependo até hoje. Quando voltei para o apartamento de Dominik para tentar esclarecer as coisas, ele tinha ido embora. Olhei por baixo da porta e vi uma sala vazia, e a correspondência estava empilhada no chão. Não tive notícias desde então.

Até aquele dia em que saí para comprar tênis novos em Manhattan e descobri o romance dele na vitrine de uma livraria. Eu o abri por curiosidade e fiquei chocada

ao ver que, apesar de nosso relacionamento tempestuoso e da natureza desagradável da nossa separação, ele o dedicara a mim: “Para S. Sempre seu.”

Não consegui pensar em mais nada desde então.

Correr era minha maneira de tirar os sentimentos do corpo. Principalmente no inverno, quando o chão estava coberto de branco e as ruas estavam mais silenciosas do que o habitual. No inverno, o Central Park era como um deserto de neve, o único lugar onde eu conseguia fugir da cacofonia da cidade por uma hora.

Também era uma chance de me dar um pouco de espaço para pensar longe de Simón.

Ele ainda regia a Gramercy Symphonia, a orquestra na qual nos conhecemos.

Entrei para a seção de cordas três anos atrás, tocando o violino Bailly que Dominik tinha me dado de presente. Simón era o maestro, e sob a tutela dele minha capacidade de tocar melhorara imensamente. Ele tinha me encorajado a ter uma carreira solo e me apresentou para uma agente. Agora, eu já tinha feito algumas turnês e lançado dois discos.

Nosso relacionamento foi profissional, embora com flertes confessos ocasionais. Eu sabia que Simón estava apaixonado por mim, e não fiz quase nada para desencorajar os sentimentos dele, mas nada havia acontecido entre nós até minha briga com Dominik. Eu estava em turnê na época e não tinha casa para onde ir. O apartamento de Simón perto do Lincoln Center com a sala de ensaios pareceu uma opção óbvia, mais fácil e mais prática do que um hotel.

Mas então Dominik desapareceu, e duas noites com Simón rapidamente viraram dois anos.

Eu entrei no relacionamento com satisfação. Simón era uma pessoa fácil e eu gostava dele, até mesmo o amava. Nossos amigos receberam a ideia de estarmos juntos com entusiasmo imediato. Fazia muito sentido: o jovem maestro genial e a violinista em ascensão. Depois de passar anos ou decididamente solteira ou com alguém que meus amigos e minha família desconfiavam não ser o homem certo para mim, eu de repente me encaixava.

Eu me senti aceita. Normal.

A vida passou em uma sequência contínua de ensaios e apresentações, estúdios de gravação, a empolgação de lançar meu primeiro disco e depois outro. Festas acolhedoras, jantares de Natal e Ação de Graças passados com amigos e parentes. Até aparecemos em alguns artigos de revista como o casal musical de ouro de Nova York. Fomos fotografados no Carnegie Hall após um concerto, de mãos dadas, eu com a cabeça apoiada no ombro de Simón, com meu cabelo ruivo encaracolado misturado com os cachos escuros e densos dele. Eu estava usando um vestido longo de veludo preto decotado atrás.

Era o vestido que havia usado na primeira vez que toquei para Dominik, Vivaldi,

As Quatro Estações, no coreto em Hampstead Heath.

Dominik e eu tínhamos feito um acordo. Ele compraria um novo violino para mim — pois o meu havia sido destruído em uma briga na estação de metrô de Tottenham Court Road — em troca de uma performance no palanque, e outra mais particular em que toquei para ele completamente nua. Era um pedido ousado para um estranho, mas a ideia me excitou de tal maneira que não consegui explicar na época. Dominik viu em mim uma coisa que eu ainda estava por ver. Um atrevimento e um desejo que eu ainda não tinha nem começado a explorar. Um lado de mim que desde então me trouxe tanto prazer quanto dor.

Fiel à palavra, Dominik substituiu meu violino velho e quebrado pelo Bailly, o instrumento que eu usava desde então e com o qual ainda tocava nas minhas apresentações, embora tivesse outros adicionais com os quais ensaiar.

Simón queria que eu comprasse um novo. Ele tinha preferência por instrumentos modernos com tom mais limpo e achava que eu devia experimentar algo mais claro, para variar. Eu desconfiava que ele só queria que eu me livrasse de todas as partes de Dominik que ainda permeavam minha vida. Recebi muitas ofertas de amantes de música e fabricantes de instrumentos com as quais poderia ter substituído o Bailly dez vezes.

Mas o presente de Dominik me dava uma sensação reconfortante. Nenhum outro instrumento tinha o mesmo tom, o mesmo peso ideal que descansava na minha mão, o encaixe perfeito sob meu queixo. Tocar o Bailly inevitavelmente trazia Dominik à mente, e pensar em Dominik me fazia ir para aquele lugar onde eu tocava melhor: uma sensação de desaparecimento mental, meu corpo assumindo e meu cérebro recuando para um sonho acordado em que a música ganhava vida e eu não precisava mais tocar, apenas vivenciava o sonho enquanto a mão que segurava o arco se movia sobre as cordas por mim.

Uma mulher olhou para mim com surpresa. Estava usando uma jaqueta pesada com o capuz apertado ao redor do rosto para se proteger do frio e empurrava um carrinho azul com uma criança bastante agasalhada dentro. Outro corredor equipado dos pés à cabeça com roupas térmicas amarelas com tiras reflexivas me lançou um olhar compreensivo ao passar.

Simón havia me dado um par de tênis de corrida de Natal, entre outros presentes. Talvez fosse um sinal de que ele pretendesse parar de me perturbar para entrar para uma academia. Simón odiava que eu corresse no Central Park, principalmente de manhã cedo ou à noite. Ele citava estatísticas sobre corredoras no Central Park e a probabilidade que tinham de serem atacadas. Aparentemente, a maioria era de loiras que usavam rabo de cavalo e corriam às seis da manhã de segundas-feiras. Isso me excluía quase completamente, eu disse para ele, pois sou ruiva e nunca estou fora da cama às seis da manhã, nunca. Mas mesmo assim ele me perturbava.

Simón me deu um par de luvas térmicas de marca e calça, camisa e jaqueta combinando, e o par de tênis mais caro no mercado, embora eu tivesse acabado de comprar um.

— Você está correndo sobre gelo, vai escorregar.

Eu usava os tênis para fazê-lo feliz, porém substituí os cadarços brancos por vermelhos para dar um toque colorido. E usava as luvas. Mas quase todos os dias eu deixava a jaqueta térmica em casa. Mesmo no inverno eu preferia correr apenas de camiseta. Ficava absurdamente frio no começo. O vento cortava minha pele como uma cama de pregos, mas logo eu esquentava. Gostava da sensação do ar fresco e do vento frio que me encorajava a correr mais rápido.

Quando chegava em casa, minha pele estava inevitavelmente vermelha, e às vezes meus dedos estavam inchados apesar das luvas, como se eu tivesse me queimado com o frio.

Simón me tomava nos braços e me beijava para me aquecer, esfregando meus braços e ombros nus até minha pele doer.

Ele era caloroso de todas as maneiras, desde a pele da cor de café, cortesia da origem venezuelana, aos grandes olhos castanhos, cabelo cacheado volumoso e corpo grande. Tinha quase 1,90m de altura e vinha ganhando peso gradualmente desde que fomos morar juntos. Não era nada gordo, mas os jantares a dois e as garrafas de vinho compartilhadas no sofá assistindo a um DVD o tinham levado de magro a forte, e isso dera ao corpo dele uma sensação adicional de maciez. O peito era coberto de uma densa camada de pelos escuros pelos quais eu amava passar as mãos quando ficávamos deitados na cama depois de fazer amor.

Simón era escancaradamente masculino na aparência e profundamente carinhoso no comportamento. Nossos dois anos juntos foram como relaxar em um banho de espuma. Entrar em um relacionamento com ele foi como voltar para casa depois de um longo dia no trabalho e colocar pijamas de flanela e meias velhas. Não há nada como a companhia de um homem que ama você completamente, sem dúvida nenhuma. Com Simón eu estava bem-cuidada, protegida, tranquilizada.

Mas também estava entediada.

Eu tinha conseguido acalmar a corrente de insatisfação no nosso relacionamento com uma série de hobbies. Trabalhando feito um demônio. Tocando violino como se cada apresentação fosse a última. Correndo na maratona de Nova York. Correndo, correndo, correndo, o tempo todo fugindo, mas sempre voltando para casa.

Até ler o livro de Dominik.

Desde então, eu ouvia a voz de Dominik na minha mente quase constantemente.

Primeiro nas palavras do romance dele, como se em vez de ler eu estivesse ouvindo um audiolivro.

As lembranças encheram como a maré.

Nosso relacionamento era intensificado pelo sexo, mas não o sexo frequente e carinhoso que eu fazia com Simón.

Dominik era um homem com desejos mais sombrios do que a maioria, e estar com ele foi como uma luz se acendendo na minha vida. Com Dominik, tive grande prazer na realização de fantasias com as quais não sonhava antes. Ele me pedia para fazer coisas com ele que outras pessoas nem sequer sussurrariam. Não era tanto a aventura, mas a insistência de Dominik para eu permitir que usasse meu corpo para seu prazer, para me submeter a ele em um jogo estranho, mais mental que físico, e do qual éramos ambos cúmplices, apesar de para alguém de fora talvez parecer que eu estava deixando que ele mandasse em mim.

Sexualmente, Simón era o oposto de Dominik. Ele gostava que eu ficasse por cima, e eu passava a maior parte das nossas noites me esfregando nele por cima, tentando impedir que minha mente vagasse para sonhos acordados com o trabalho e listas de compras, ou que olhasse para a parede branca atrás da cabeceira.

Meu telefone vibrou no bolso da calça, dei um pulo de surpresa e quase escorreguei em um trecho congelado. Poucas pessoas tinham meu número, e eu não costumava receber ligações. Quando alguém me ligava, era Simón ou a minha agente, Susan. Simón sabia que eu estava correndo, então era improvável que ligasse, a não ser que quisesse me pedir para comprar algo para o café da manhã, como um dos donuts açucarados que ele gostava tanto de mergulhar no café, da lanchonete na esquina da Lexington com a 56.

Rapidamente tirei uma das luvas. Meus dedos estavam tão congelados que mal consegui segurar o aparelho. Era um número da Nova Zelândia, mas que não estava na minha lista de contatos.

Apertei o botão para atender com um pouco de nervosismo. Eu raramente falava com minha família ao telefone. Não éramos do tipo que mantinha comunicação frequente e preferíamos usar e-mails ou o Skype. E seria tarde da noite lá.

— Alô?

— Oi, Sum, como vai?

— Fran?

— Não me diga que faz tanto tempo que você não reconhece mais minha voz, mana.

— Claro que reconheço, só não esperava uma ligação sua. Que horas são aí?

— Não consegui dormir. Andei pensando.

— Não faça disso um hábito.

— Quero ir te visitar.

— Em Nova York?

— Pra ser sincera, eu preferia Londres, mas qualquer porto serve em uma tempestade. Estou ficando entediada em Te Aroha.

Eram palavras que jamais esperei ouvir da boca da minha irmã mais velha. Ela se destacava como um ser estranho em nossa cidade, Te Aroha, e não me parecia ser o tipo de pessoa de cidade pequena, mas apesar disso sempre morou lá, a vida toda, por quase trinta anos. Ela trabalhava no banco desde que terminou a escola. Doze anos mais ou menos praticamente no mesmo emprego. Ela começou como caixa e passou a gerente e depois conselheira financeira, apesar de não ter educação formal nenhuma além do que era oferecido internamente. Fui a única na minha família a ir para a universidade, mas larguei tudo depois do primeiro ano.

Eu conseguia visualizá-la com facilidade. Era manhã de sábado para mim, então seria tarde da noite de sábado para ela. Devia estar sentada na casinha onde morava, usando short jeans e uma camiseta de alguma cor fluorescente, cortada no estilo punk dos anos 1980. Provavelmente estava impaciente, como sempre ficava, passando a mão pelo cabelo curto oxigenado ou enrolando uma mecha da franja no dedo. Era meados do verão lá, então devia estar quente, embora a casa dela pegasse uma boa corrente de ar e Te Aroha sempre parecesse possuir um toque frio no ar, como se a cidade toda ficasse sob a sombra da montanha.

— O que te levou a pensar isso? — perguntei. — Pensei que você fosse ficar aí pra sempre.

— Nada dura pra sempre, dura?

— Bem, não, mas é uma grande mudança de opinião pra você. Aconteceu alguma coisa?

— Não sei se devo te contar. Mamãe mandou não falar.

— Ah, pelo amor de Deus, agora vai ter que falar. Não pode me deixar curiosa.

Eu tinha diminuído o ritmo para uma caminhada rápida, e sem o movimento da corrida me empurrando pelo gelo, estava escorregando a cada passo e congelando sem o calor do esforço intenso para me aquecer. Os dedos da minha mão sem a luva estavam vermelhos do frio e começavam a latejar.

— Fran, estou no meio do Central Park e a temperatura está abaixo de zero. Preciso começar a correr de novo e não posso correr e falar, então fala logo e te ligo quando chegar em casa.

— O Sr. van der Vliet morreu.

Ela falou as palavras baixinho, como se estivesse disparando uma arma com delicadeza.

— Seu professor de violino... — acrescentou Fran, preenchendo o silêncio entre nós.

— Eu sei quem ele é!

Parei completamente e deixei o ar gelado se enrolar em mim como um cobertor de aço.

Fran ficou em silêncio do outro lado da linha.

— Quando? O que aconteceu? — consegui dizer depois de um momento.

— Não sabem. Encontraram o corpo dele no rio, onde a mulher dele morreu.

A esposa do Sr. van der Vliet falecera no dia em que eu nasci. Ela estava dirigindo pelo desfiladeiro Karangahake voltando de Tauranga quando as rodas do carro deslizaram na chuva. Tinha calculado mal a situação e bateu em um caminhão que vinha na direção oposta. O motorista do outro veículo saiu ileso, sem nem um arranhão, mas o carro da Sra. van der Vliet capotou, caiu pela lateral da estrada traiçoeira e despencou no rio. Ela se afogou antes que qualquer pessoa conseguisse alcançá-la.

— Quando? — A palavra entalou na minha garganta como um punhado de algodão.

— Quase dois meses atrás — sussurrou Fran. — A gente não queria te contar. Achamos que poderia te perturbar, afetar as apresentações. Mamãe e papai não queriam que você largasse tudo pra voltar pra casa pro enterro.

— Eu teria ido.

— Eu sei. Mas que diferença faz? Ele ainda estaria morto, com você aqui ou não.

Fran, assim como a maioria dos neozelandeses que eu conhecia, era prática e pragmática. Mas a lógica dela não impediu a sensação ruim de aperto no meu coração.

O Sr. van der Vliet estaria na casa dos 80 anos agora, e eu achava que ele nunca tinha superado a morte da esposa. Mas por mais silencioso e humilde que tivesse sido, ele foi como uma rocha na minha infância. A voz dele, ainda densa com o sotaque holandês apesar de ter morado na Nova Zelândia a maior parte da vida adulta, era gentil mas firme quando ele corrigia minha pegada no arco ou me elogiava por um desempenho bom.

Aprendi boa parte da arte de tocar violino observando-o. A forma como o corpo alto e dolorosamente magro ganhava tanta vida e graça quando pegava o instrumento. Ele tocava como se tivesse entrado por uma porta em outro lugar, tornando-se um homem completamente diferente, sem nada do constrangimento natural. Tentei imitar a forma como parecia viver a música e logo descobri que fechando os olhos e absorvendo a melodia com o corpo eu conseguia tocar bem melhor do que se apenas lesse a partitura.

O Sr. van der Vliet não era o motivo de eu ter começado a tocar. Meu pai e seus vinis foram responsáveis por isso. Mas Hendrik van der Vliet foi o motivo de eu ter seguido em frente. Ele parecia um homem muito severo por fora, mas tinha um traço de suavidade que aparecia ocasionalmente, e passei a maior parte da infância e da adolescência fazendo o que podia para conquistar seus raros elogios, ensaiando e ensaiando até meus dedos sangrarem.

— Summer? Você ainda está aí? Está bem?

As palavras dela eram como um eco.

— Fran, te ligo depois, tá?

Apertei o botão para encerrar a ligação e coloquei o celular no bolso da calça sem esperar que ela respondesse.

Coloquei os fones de ouvido e aumentei a música. “Fight Like a Girl”, de Emilie Autumn, uma música que o Sr. van der Vliet teria odiado. Ele sempre me empurrou na direção da música clássica e ficou decepcionado quando larguei a faculdade de música e me mudei para Londres.

Minha mente se encheu de imagens do rosto dele debaixo d’água. Será que sofrera um acidente? Um ataque cardíaco, coincidentemente no mesmo lugar que a esposa morreu? Eu duvidava. Nunca vi o Sr. van der Vliet ter sequer um resfriado e não conseguia imaginá-lo ficando doente. Devia ter sido deliberado, mas ele não me parecia do tipo que pularia no rio. Isso parecia espontâneo demais. Ele escolheria ir de uma maneira que fosse certa, com cada momento da morte firmemente sob seu controle. Ele teria encarado a morte andando, não pulando.

Eu conseguia ver como um filme se desenrolando à minha frente. Ele teria colocado sua melhor roupa de domingo. Talvez o terno que usou no meu concerto no auditório da escola de Te Aroha, quando visitei a cidade dois anos antes no meu tour solo pela Austrália e Nova Zelândia. Uma camisa branca com colete verde-oliva escuro, calça e paletó. Ele parecia um gafanhoto, com os membros encolhidos de maneira desconfortável para caber nas pequenas cadeiras de madeira colocadas no auditório. Sua pele era fina como papel, como se pudesse sair voando na brisa como uma folha.

Ele teria entrado e relaxado. Provavelmente o fez tarde da noite ou de manhã cedo, antes de o rio se encher de turistas, pessoas fazendo caminhada e crianças com câmaras de pneus inflados com a intenção de boiar na corrente que seguia até Paeroa, onde o rio Ohinemuri se encontrava com o Waihou.

O Sr. van der Vliet devia ter sido uma das únicas pessoas na Nova Zelândia que não sabia nadar. Dizia que nunca quis aprender e sempre preferia o conforto da terra seca no clima quente. Com sua total ausência de tecido gorduroso, ele teria afundado o rio como uma pedra.

Quando cheguei em casa, as lágrimas desciam delicadamente pelas minhas bochechas. Fiquei triste com a notícia da morte do Sr. van der Vliet, porém mais pelo fato de eu não ter sabido sobre o enterro, não ter tido chance de me despedir e agradecer por tudo que fez por mim.

Simón estava sentado em um dos bancos na bancada do café da manhã lendo o jornal, com o cabelo longo e cheio emoldurando o rosto como uma cortina. Estava

usando uma calça jeans velha cortada e uma camiseta do Iron Maiden, aproveitando como sempre a oportunidade de se vestir informalmente, de sair do confinamento do terno formal e da casaca de maestro, nos quais eu achava que ficava ótimo (como um cruzamento entre lobisomem e vampiro), mas que ele odiava e via como tão limitador quanto uma camisa de força.

Ele se virou quando entrei na sala, se levantou e me tomou nos braços imediatamente.

— Fran ligou — disse ele. — Sinto muito, gata.

Eu me apoiei nele e escondi o rosto em seu ombro. Simón tinha o cheiro de sempre, de noz-moscada e canela, as fragrâncias que perfumavam a colônia que ele usava desde que o conheci. Era um odor intenso e amadeirado, um cheiro que comecei a associar com aconchego junto da sensação do abraço apertado dele.

— Eu achava que ela não tinha nosso número de casa — falei estupidamente.

— Dei pra ela no Natal.

Simón era bem mais voltado para a família do que eu. Brigava com os irmãos como cães e gatos, e com os pais também de vez em quando, mas falava com todos pelo menos uma vez por semana. Minha família e eu tínhamos um relacionamento bem feliz, mas eu conseguia passar facilmente seis meses sem ter notícias deles.

Ergui o olhar e o beijei. Ele tinha lábios carnudos e, na maior parte dos dias, barba por fazer. Simón reagiu ao toque dos meus lábios, me beijou com firmeza e me puxou delicadamente para o quarto, passando as mãos por baixo da minha camiseta e puxando o fecho do meu sutiã esportivo.

Ele havia aprendido uma das minhas peculiaridades: não tinha nada que eu quisesse mais quando estava aborrecida — desde que não fosse com ele — do que sexo. Eu sabia que era uma forma estranha e específica de consolo, só minha e talvez de uma pequena minoria da população feminina. O sexo colocava meus pés no chão como mais nada conseguia fazer, e era a única coisa na Terra, atrás talvez apenas de tocar meu violino, que me fazia sentir em paz.

Simón puxou minha calça de corrida para baixo e deslizou o dedo para dentro de mim. Uma onda familiar de prazer subiu pela minha coluna em reação ao toque dele.

— Eu devia tomar banho — protestei. — Estou toda suada.

— Não, não devia — disse com firmeza, me empurrando para a cama. — Você sabe que gosto de você assim.

Era verdade, e ele tentava enfatizar isso com frequência. Simón gostava de mim como eu era, estivesse como estivesse, algo que sempre deixava claro ao me acordar com a cabeça entre as minhas pernas ou partindo para cima de mim quando eu terminava de me exercitar.

Ele era um homem apaixonado que amava fazer amor e fazia tudo que podia para me agradar. Porém, tínhamos gostos diferentes na cama. Ambos preferíamos não

estar no comando.

Simón não era um homem dominador, e eu sentia falta desse traço de força, da firmeza do toque de Dominik e de outros homens como ele. Eu queria ser amarrada à cama e deixar que outra pessoa fizesse o que quisesse comigo. Simón tentou, mas nunca conseguiu aceitar a ideia de que podia genuinamente me machucar. Ele dizia que, mesmo de brincadeira, não podia amarrar uma mulher nem bater nela, e isso descartava spanking, uma das coisas de que eu mais gostava.

Ele era um bom homem. Eu sabia que me colocar por cima era bem mais o estilo dele do que o contrário, mas estava fazendo assim porque sabia que eu preferia. O fato de eu ter passado nosso relacionamento inteiro com uma sensação irritante de insatisfação era fonte constante de culpa, como um ferimento que não fechava, uma coceira que eu não conseguia coçar.

Eu queria, mais do que qualquer coisa, ser o tipo de mulher que ficaria feliz com todas as coisas comuns. Eu tinha até mais do que as coisas comuns. Não apenas um bom homem, mas um homem maravilhoso. Nós dois tínhamos bons amigos, ótima saúde e carreiras de sucesso. Mas, ainda assim, uma voz sussurrava no meu ouvido que a vida que eu estava vivendo não era a vida que eu queria nem uma vida certa para mim.

Simón queria se casar e ter filhos, e eu não. Era a única coisa sobre a qual realmente discordávamos e nunca conseguíamos resolver, e eu tinha uma sensação dilacerante de horror cada vez que eu o via olhando para uma vitrine de joalheria e para os anéis de noivado, ou sorrindo para um bebê na rua. Todas as coisas que o teriam deixado feliz e satisfeito para sempre eram coisas que me apavoravam e, na calada da noite, quando eu não estava distraída pelo trabalho nem por compromissos sociais nem correndo no frio, sentia como se alguém tivesse prendido um peso no meu pescoço, ou pendurado uma auréola acima de mim que era tão pesada que eu não conseguia segurá-la no ar. Às vezes, sentia como se fosse ser esmagada sob o peso da minha própria vida.

Duas semanas se passaram, e meus sonhos estavam cheios de água agitada e do som da voz de Dominik.

Eu acordava de manhã, assustada, como se tivesse sido arrancada do sono por um leão.

Apesar dos meus medos e das minhas preocupações, o tempo passou, como sempre passava. Eu corria todos os dias, ensaiava, ia a eventos noturnos com outros casais, a maioria do cenário musical. Mas me sentia sem propósito, como um navio sem leme, como se minha vida estivesse gradualmente se dissolvendo no nada, um momento de cada vez.

Fran continuou a ligar em momentos estranhos do dia e da noite. Eu achava que ela estava tomando conta de mim do jeito dela. Sempre fomos próximas, mas nenhuma de nós era afetuosa demais e a maior parte de nossas conversas durava apenas poucos minutos. Ela ainda estava determinada a ir embora de Te Aroha. Disse que tinha pedido demissão e fez o pedido do visto para o Reino Unido.

Tínhamos ancestrais de lá, o que era sorte nossa nesse ponto. Meus pais de um dos lados eram ucranianos e, do outro, ingleses. Éramos pioneiros, viajantes dos dois lados. O desejo de deslocamento para locais desconhecidos estava no nosso sangue.

— Então você não vem pra Nova York? — perguntei uma noite depois de ela me contar que tinha feito a reserva dos voos para o Reino Unido.

— Acho que Londres está no meu sangue. De qualquer modo, não consigo tirar o visto americano.

— Você pode morar comigo, não precisa ficar procurando emprego. Venha como turista.

— Não seja ridícula. Sabe muito bem que eu não duraria um minuto se não estivesse me sustentando, tanto quanto você.

— Tudo bem. Mas você vem me visitar?

— É claro. Você vai me visitar em Londres?

— Claro. Estou devendo uma visita.

Quanto mais eu pensava em Londres, mais saudade sentia. Do tempo frio, dos prédios antigos e sombrios, das ruas que levavam a todos os lugares, de caminhos como tentáculos pela cidade, sem quadras quadradas formando avenidas rigidamente como em Nova York.

Eu voltei uma vez desde que comecei a namorar Simón, mas só para uma visita rápida, pois nós dois estávamos trabalhando. Mantive contato com Chris, meu melhor amigo, que conheci quando me mudei para Londres. A banda dele, Groucho Nights, estava começando a fazer sucesso. Ele e o primo Ted, o baixista da banda, tinham conhecido Viggo Franck, vocalista do Holy Criminals, em uma festa uma noite, e se deram bem. Em seguida, receberam a proposta de abrir para a famosa banda de rock na Brixton Academy o tipo de show com o qual bandas como a de Chris passam a vida sonhando.

Chris e eu nos conhecemos na fileira da frente de um show do Black Keys no mesmo local. Eu fui sozinha por não conhecer ninguém, e nos esbarramos quando nós dois tentamos pegar a palheta do vocalista. Por ser um eterno cavalheiro, ele me deixou ficar com ela, e paguei uma bebida a ele depois do show para agradecer. Acabamos nos aproximando pelo fato de sermos ambos novos em Londres e também músicos de instrumentos de cordas. Eu tocava violino e ele tocava viola, apesar de ter trocado por guitarra como instrumento principal para ter apelo com os fãs de rock. Toquei em alguns shows com a banda dele, quando a moda era incluir um

violinista.

Decidi ligar para ele. Seria tarde em Londres, mas Chris era músico, estaria acordado.

Sua voz soou arrastada.

— Não me diga que está dormindo. Não é muito roqueiro da sua parte.

— Summer?

— A própria. Quais as novidades?

Conseguí ouvir o movimento de cobertores quando ele se sentou, presumivelmente ainda na cama.

— Conseguimos o show.

— Com o Holy Criminals? Demais. Você precisou dormir com Viggo Franck pra isso?

— Não seja idiota.

— Como ele é? — insisti.

— Viggo?

— Viggo, é claro. Não sou a fim do baterista, pode ter certeza.

— Ah, você ia gostar dele. Todas as garotas gostam. Eu não entendo. Mas esse é o problema de ser um cara legal, não é? Sempre amigo, nunca namorado. São os canalhas que conseguem tudo.

— Simón é um cara legal — falei, com provocação.

— É mesmo. — O tom dele ficou sério de repente. — Mas você está feliz com ele?

Fiz uma pausa, sem saber bem como elaborar. Como eu poderia admitir para alguém que estava pensando em terminar com o sujeito mais legal do mundo porque ele era legal demais?

— O que está acontecendo, Summer? Você nunca liga pra bater papo.

— Não sei. Ando meio chateada. Meu professor de violino morreu, o Sr. van der Vliet. Não sei se já te contei sobre ele.

— Contou. Não estava muito bem, não é? Era bom instrumentista. E tinha orgulho de você.

— Acho que ele pode ter se matado. — As palavras saíram apressadas e constrangidas.

— Ah. Deus. Sinto muito... Você está bem?

— Não muito... Eu... não sei como estou. Só queria ouvir o som da sua voz.

— Bem, estou aqui sempre que você precisar, sabe disso.

— É. Sei. Boa sorte no show. Vai ser logo?

— Mês que vem. Mas vamos sentir sua falta. Nunca mais foi igual sem você aqui.

— Ah, besteira.

— Não, é verdade. Você acrescentava alguma coisa. Ei, talvez já fôssemos famosos se você não tivesse ido embora.

Quando cheguei em casa naquela noite, era tarde e Simón estava acordado me esperando, sentado à bancada com as longas pernas cruzadas nos tornozelos. Estava inclinado olhando para a bancada, mas não estava com um jornal à frente. Tinha alguma coisa ali. Um livro, mas não estava aberto. Quando me aproximei, percebi com uma pontada de horror que era o livro de Dominik.

Ele não pulou da cadeira para me cumprimentar, como costumava fazer. Parecia envolto em um pesado véu de exaustão.

— Oi — saudei, para quebrar o gelo.

Simón ergueu o olhar e deu um sorriso fraco. Seus olhos estavam calorosos, mas ele tinha o aspecto de um cavalo doente que vê o dono se aproximando com uma arma.

— Oi, gata — disse ele. — Me dá um abraço.

Ele abriu bem os braços e me aproximei. Simón estava chorando. Eu conseguia sentir o tremor do peito dele e dos ombros, e meu pescoço ficou úmido com as lágrimas.

— O que foi? — perguntei delicadamente.

— Você ainda ama o Dominik. — Era a afirmação de um fato, não uma pergunta.

— Não nos vemos há dois anos — respondi.

— Mas você não nega que o ama.

— Eu...

Ele indicou o livro sobre a mesa.

— É sobre você. Outro lugar, outra época, mas ainda é você.

— Você leu?

— O bastante. Desculpe, sei que não devia olhar nas suas coisas, mas você não anda a mesma. Eu estava preocupado.

— Tudo bem. Eu não devia ter ficado com o livro.

Eu tinha tentado jogá-lo fora por saber que sempre haveria a possibilidade de Simón encontrá-lo. Não que eu não confiasse nele. Mas Simón tinha uma forma de se agarrar a mim como se soubesse que eu não era dele, como se sempre estivesse tentando encontrar provas de que eu não o amava de verdade. Eu o amava, porém era mais uma afeição profunda do que amor romântico.

Ele segurou meu queixo e afastou uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Isso nunca vai dar certo — declarou ele.

— O que você quer dizer?

Uma dor cega começou a se espalhar no meu peito.

— Queremos coisas diferentes, Summer. Amo você, mas você nunca vai ser feliz comigo. E vou passar o resto da vida tentando agarrar uma coisa que nunca foi minha.

— Não seja bobo — protestei, com uma pontada de pânico surgindo na voz. — É só um livro, não significa nada. Podemos conversar, encontrar um jeito...

— Quero ter filhos, uma família. E você, não. Você sabe o que dizem: um pássaro e um peixe podem se apaixonar, mas onde vão fazer o ninho?

Comecei a balbuciar, tentando encontrar um motivo para discordar dele, mas não havia nenhum.

— Falei com Susan — prosseguiu ele.

— Você falou pra minha agente que ia terminar comigo antes de conversar comigo?

Eu conseguia sentir meu rosto ficando vermelho, com a raiva borbulhando dentro na ausência de lágrimas. Fechei as mãos e as apertei contra o peito dele. Ele agarrou meus punhos e os segurou contra si.

— É claro que não. Só sugeri que você precisa descansar. Consigo ver você ficando entediada, frustrada. Até os melhores músicos precisam de férias, de mudança.

Eu também não podia discutir com isso. Vinha tocando as mesmas músicas repetidamente havia anos, até usava o mesmo vestido nos concertos. Estava ficando ultrapassado. Eu estava ficando cansada, esgotada. Nem o disco que tínhamos acabado de gravar com músicas sul-americanas tocou meus sentimentos. Era o lar dele, não o meu, e, apesar de conseguir imaginar o país sobre o qual Simón tanto me contou nas músicas que toquei, eu não tinha mais a mesma paixão de antes pelos compositores neozelandeses, ou mesmo as músicas de rock que eu tocava com Chris quando improvisava com a banda dele em bares e pubs em Camden. Acho que esse é o problema quando você começa a ganhar dinheiro com uma coisa que ama. A música tinha se tornado minha carreira e, gradualmente, meu emprego, e eu estava começando a ficar cansada disso.

— Você quer que eu me mude?

— Não, quero você do meu lado pra sempre. Mas isso não vai funcionar pra nenhum de nós — disse ele prosaicamente. — Vou tirar férias. Vou pra Venezuela por 15 dias pra ver minha família. Meu voo sai de manhã. Vou deixar você decidir o que quer fazer.

Fizemos amor de novo naquela noite, e novamente no meio da madrugada, quando ele me acordou com um beijo selvagem às três e me comeu com uma ferocidade que nunca havia demonstrado antes. Passamos as poucas horas antes do voo dele enrolados nos braços um do outro, conversando e rindo como velhos amigos.

— Se pudesse ser sempre assim — falei enquanto ele se soltava de mim para

começar a se aprontar para a partida.

— Acho que nunca fomos certos um pro outro — comentou ele. — Eu só não queria admitir. Gostamos de coisas do mesmo jeito...

Vi-o colocar as roupas, vestindo a calça jeans rasgada sem se dar ao trabalho de colocar uma cueca. O cabelo castanho volumoso cobriu seu rosto quando fechou o cinto e ajustou a caveira prateada que enfeitava a fivela. Seus músculos se contraíram quando colocou uma camiseta branca apertada sobre o peito, escondendo os densos pelos. Ele pegou um pingente de pena prateada pendurado em uma corrente que comprei para ele no Natal do ano anterior e prendeu ao redor do pescoço. Ele adorava roupas, e consequentemente era o homem mais fácil para se comprar presentes que eu conhecia.

Passei as coxas pela cintura dele quando ele se sentou na beirada da cama para calçar as botas de pele de cobra com solado vermelho.

— Você não pode me segurar pra sempre, sabe — disse ele. — Assim nunca vou calçar meus sapatos.

Ele me deu outro longo beijo ao lado do táxi que chamou para levá-lo ao aeroporto e me abraçou até o motorista começar a parecer impaciente.

— Vê se não some. Mantenha contato.

— Pode deixar — respondi.

Vi o carro se afastar e tirar Simón da minha vida.

Voltei para o apartamento e me sentei à bancada. O livro de Dominik ainda estava no banco. Peguei-o e o folheei de novo, passei os olhos por linhas sobre a heroína ruiva que evidentemente não tinha sentido falta de amantes em Paris. Dominik e eu não tínhamos conseguido morar juntos. No ambiente doméstico, éramos absurdamente incompatíveis. Mas sexualmente éramos um par perfeito. E, apesar de isso parecer uma coisa ridícula e terrível sobre a qual se construir um relacionamento, talvez eu apenas fosse assim. Você pode tentar fugir da sua natureza, mas ela acaba alcançando você.

“Para S.

Sempre seu.”

Eu me perguntei se ele ainda pensava em mim. Se apenas não tinha tido a criatividade de bolar uma história do nada e foi forçado a usar uma biografia levemente ficcional para conseguir acertar na voz feminina, ou se não conseguia me tirar da cabeça, como eu não conseguia tirá-lo dos meus pensamentos.

Ah, Dominik, como é que você conseguiu ainda ter controle da minha vida, com dois anos e um milhão de quilômetros de distância?

Apoiei a cabeça nos braços e comecei a chorar, e lágrimas caíram nas folhas e rapidamente as encharcaram até elas começarem a enrugar.

Trinta minutos depois, peguei o telefone e liguei.

Em algum lugar de Camden Town, um telefone tocou.

Chris atendeu.

— Meu Deus, Summer, não nos falamos há séculos e de repente você liga duas vezes na mesma semana?

— Estou indo pra Londres. Vou pegar o próximo voo.

— Ótimo — disse ele, alegrando-se. — Vai chegar bem a tempo do nosso show. Talvez eu até consiga convencer você de ir pro palco de novo.

— Como antigamente?

— Melhor — respondeu ele. — Bem melhor.

A simples arte da procrastinação

— Então quais são seus planos pra hoje? — perguntou Lauralynn.

— Procrastinar, é claro — respondeu Dominik.

— Não tem surpresa, então...

Ela estava tomando um copo grande de leite, de pé, pegando suas coisas, pronta para sair de casa para um dia de ensaios. No dia anterior, Lauralynn tinha deixado o violoncelo no estúdio, como costumava fazer. O instrumento era trabalhoso de carregar por Londres usando transporte público, e o prédio no qual ela e os amigos músicos do quarteto de cordas ensaiavam tinha segurança 24 horas por dia.

As botas pretas de couro chegavam até os joelhos e o resto das pernas longas estava protegido por uma calça jeans justa que desaparecia na altura da cintura nas dobras de um suéter cinza sem corte. Ela parecia qualquer coisa, menos uma instrumentista clássica, e muito menos uma especialista em música de câmara.

Dominik não conseguia deixar de achar Lauralynn sexy em todas as estações do ano. Algumas mulheres tinham essa característica naturalmente, outras não, mas Lauralynn tinha para dar e vender. Fazia cabeças virarem com o brilho de um sorriso. O fato de preferir mulheres apenas a tornava mais excitante.

O cabelo desgrehado de Lauralynn estava preso para caber no capacete da moto. Comprar um novo veículo foi uma das primeiras coisas que fez quando Dominik aceitou que ficasse na casa dele, enquanto ela formava o quarteto com o único integrante que restara da formação anterior da escola de música e dois novatos. Era uma Suzuki GSXR 750 preta polida e brilhosa de segunda mão. Ela teve que vender a Kawasaki que tinha em Yale antes de voltar para o Reino Unido, provavelmente por não poder enviar para lá. Dominik não sabia onde ela conseguia fundos, no entanto Lauralynn nunca parecia ficar sem dinheiro e tinha uma atitude particularmente desdenhosa em relação a ele. Dominik não achava que ela ganhasse tanto com as apresentações irregulares do quarteto e com os trabalhos variados nos quais se envolvia.

Ela jogou um beijo para ele e saiu pela porta. O rugido do motor poderoso da moto surgiu pouco depois e desapareceu quando o veículo desceu a colina.

Dominik olhou para o prato. A última torrada estava lá, esquecida.

Refletiu sobre todos os meses passados com Lauralynn sob seu teto. Tinham se conhecido quando Dominik estava planejando uma apresentação bastante particular em uma cripta subterrânea, uma apresentação em que Summer tocara violino completamente nua, acompanhada por uma Lauralynn vendada, assim como o quarteto de cordas do qual ela fazia parte. Lauralynn apareceu depois em Manhattan quando Summer estava viajando e deu a ele um vislumbre de outras possibilidades sexuais. Ela o havia procurado após a volta dele a Londres, onde se tornaram parceiros sexuais e Lauralynn o ajudara a banir o fantasma de Summer.

Estava sozinho na enorme casa de novo, deixado com os próprios pensamentos.

Só havia ele e o documento em branco na tela do computador. Sabia com uma onda de ódio por si mesmo que, conforme o dia progredisse, iria cuidadosamente produzir umas mil palavras ali, mas provavelmente acabaria apagando a maior parte delas até a noite.

Dominik sentia falta das aulas. Agora achava que talvez tivesse sido um erro terrível renunciar ao título por causa do sucesso inesperado do romance sobre Paris no qual a trágica heroína tinha sido claramente inspirada em Summer.

Por um lado, havia a pressão inevitável de criar uma coisa à altura do romantismo inspirado do livro de Summer, como ele agora o chamava, mas também havia o triste fato de não ter ideias adequadas, e o que vinha à mente era rapidamente descartado como superficial ou desinteressante. Dominik precisava de um gancho. De uma história. Personagens. Não podia reciclar as emoções que Summer despertava continuamente. No mínimo porque doía demais.

Após o rompimento com Summer e a volta apressada de Nova York, terminou o primeiro romance em uma onda de incandescência, batucando no teclado com música tocando no escritório: uma mistura calculada do repertório clássico que costumava ouvi-la tocar com as *chansons* francesas e o jazz americano do início dos anos 1950, que formavam o pano de fundo da história em desenvolvimento. Agora ele até se dava ao luxo de tocar algumas das músicas de Summer em gravações que ela lançara nos meses anteriores, desde que a carreira dela tinha deslanchado, mas isso não ajudava nada. Tinha até o efeito contrário, e ele quase sempre ficava deprimido ao ouvir os sons claros do Bailly em pleno voo, que inevitavelmente evocavam os tons da pele de Summer, a cor escura dos mamilos e, bem no fundo da sua memória, o gosto do seu sexo. Antes, isso o inspirava. Agora, só aumentava a depressão e a tristeza.

Ele havia comprado os CDs que ela lançou, o primeiro deles uma gravação genial de *As Quatro Estações* de Vivaldi, na qual conseguia sentir toda a paixão, os humores selvagens e devassos, mas também a sensibilidade delicada. Dominik lera em uma coluna de fofocas que ela agora morava com Simón Lobo, o que não foi surpresa, pois o sujeito era o maestro da orquestra de todas as gravações dela, e

Summer já trabalhava com ele em Nova York durante os poucos meses em que Dominik e ela moraram juntos no loft em Manhattan. Os outros CDs eram com os concertos para violino de Tchaikovsky e Mendelssohn, e o último, que ele viu em uma vitrine de loja no mês anterior, era dedicado a improvisações sobre temas nativos da América do Sul, mais uma vez uma conexão nada inesperada.

A caixa do CD do último álbum estava aberta na extremidade esquerda da mesa, ao lado de uma pilha de livros relacionados à pesquisa e de pastas cheias de recortes de revista e anotações variadas, a maior parte das quais ele nem conseguia decifrar mais, pois sua caligrafia estava um garrancho e apressada. Uma foto de Summer ocupava a capa, com o rosto em foco suave e uma indicação de ombros nus, as chamas vermelhas do cabelo como uma explosão ensurdecadora de cor contra um fundo branco como a neve e a alça fina de um vestido que ele não pôde deixar de reconhecer. O que ele tinha lhe comprado na feira de rua em Waverly Place.

Um pensamento amargo passou por sua mente, de que em algumas das lojas em que livros e discos eram vendidos, algum comprador desconhecido podia acidentalmente comprar tanto as palavras dele quanto a música de Summer como parte da mesma transação, sem saber dos laços que um dia os uniram.

Dominik suspirou pesadamente, como se para uma plateia, e soube que seu humor tinha pouca chance de melhorar se ouvisse música agora.

Teria que ser em silêncio, então.

O cursor na tela piscava, provocando-o.

Após Nova York, Luralynn tomara para si o trabalho de botar Dominik na linha de novo. Sem o encorajamento dela, provavelmente não teria persistido na tarefa de terminar o romance de Paris e teria logo voltado à rotina tranquila de dar aulas e de sedução sem compromisso quando a possibilidade surgisse.

Luralynn sabia que ele se sentia atraído por ela e não perdia a oportunidade de deixá-lo sexualmente fervendo com sua atitude indiferente quando à nudez e ao sexo. Era como se o tesão e o interesse fossem uma forma de combustível necessário para que ele continuasse a produzir as palavras e chegasse ao fim do manuscrito sem sentir pena de si mesmo e depender demais das lembranças dos momentos com Summer, apesar de a personagem principal do livro semi-histórico ser inegavelmente baseada na violinista ruiva.

— Você precisa de distrações, meu querido Dominik — dissera-lhe ela uma noite, com aquele brilho maroto nos olhos verdes como um prelúdio à perversão.

— Preciso? — Dominik sabia que as intenções dela eram boas, mas parte dele ainda se sentia de luto e achava que era cedo demais para se aventurar de novo.

Porém Luralynn não aceitava não como resposta e o convenceu a se arrumar, e até zombou de sua escolha de camisa casual estampada como sendo distintamente de meia-idade demais. Ela acabou fazendo com que usasse uma camisa azul Tommy Hilfiger de botão, que Dominik relutava em usar a não ser que a ocasião fosse particularmente formal. E ele tinha certeza de que esta noite não era nem de longe formal.

— Você não vai se arrepender — disse Luralynn.

— Espero que não.

Luralynn era uma mulher com planos, e os gostos dela eram irregulares, no mínimo. Uma vez ele havia brincado que ela devia ter um caderninho preto cheio de nomes e endereços para os quais podia ligar a qualquer momento em busca de entretenimento, como algum Don Juan suburbano qualquer. Mas Luralynn, com um sorriso largo e matreiro, respondeu alegremente que não era o caso. Guardava todos os nomes e números na cabeça, declarou.

— Todos cuidadosamente divididos em colunas — sugeriu Dominik. — Submissos, escravos, *swingers*, *cross-dressers*, passivos, *switchers* e qualquer outra categoria que uma alma ignorante como eu nem sequer pode conhecer. Sem dúvida todos lindos e sentados em fila, esperando serem escolhidos para brincar.

— É claro — confirmou ela com triunfo. — Uma garota precisa ter senso de organização em épocas tão turbulentas...

— O que está no cardápio desta noite? — perguntou Dominik enquanto esperavam o táxi que ele havia pedido mais cedo. Ainda era fim de tarde, e as restrições de estacionamento na cidade dificultariam a ida com o BMW dele para o West End.

— Espere e veja.

O perfume dela subiu até seu rosto, uma mistura delicada de notas verdes e cítricas. Luralynn tinha um arsenal de fragrâncias à disposição, cada uma delas uma arma distinta para espécies diferentes de presa. Quando caçava abertamente outras mulheres, preferia aromas doces e almiscarados, carregados de agressividade. O da tarde de hoje, com um toque mais sutil, trazia o presságio de um tipo diferente de caçada, supôs ele.

O encontro era no bar que ficava no porão de um pub em Cambridge Circus, no centro da cidade. Dominik nunca foi do tipo que ia a pubs. O fato de ele não beber, puramente por questão de gosto, não ajudava, mas havia alguma coisa nos pubs, os cheiros, o ar apático e sujo, que sempre o deixava desconfortável.

— Você não podia ter marcado em outro lugar? — perguntou a Luralynn quando desceram a escada de madeira.

— É onde eles se sentiram mais seguros para o encontro — respondeu ela.

— Eles? — perguntou Dominik com um leve sorriso.

O sorriso dela se alargou.

— Só um casal legal e casado, provavelmente do subúrbio, então pensei que sugerir seu clube ou um bar de hotel chique pudesse desagradar.

— Um casal?

— Legal, né?

O porão estava com lotação pela metade, e eles rapidamente viram o homem e a mulher sentados em um canto, nervosos e segurando, respectivamente, uma cerveja e um suco de laranja.

— Onde os conheceu? — sussurrou Dominik.

— On-line, é claro. Todas as melhores pessoas caçam sexo on-line atualmente.

Dominik já havia feito isso, mas parecia outra vida agora.

O homem, provavelmente com 40 e poucos anos, estava com um terno cinza e devia ter ido direto do trabalho, enquanto a esposa, mais jovem, uma morena de pele clara com franja, usava o vestidinho preto de sábado à noite com uns 2 centímetros de decote demais. Ela levantou o olhar e observou a presença de Dominik com um leve sorriso de satisfação no rosto e os olhos se iluminando, como se tranquilizada por ele ser mesmo bonito, e não algo pior, como ela devia estar esperando.

— Gostei da sua camisa — comentou ela.

— É muito bom conhecer vocês dois — exclamou Lauralynn ao esticar a mão para cumprimentá-los. Só o homem retribuiu. Dominik fez o mesmo. O aperto do homem era fraco e úmido, e a mulher ficou ali sentada, levemente ruborizada. Os olhos do sujeito estavam grudados em Lauralynn, que vestia uma camiseta branca pela qual os mamilos rígidos apareciam. Em vez de uma calça jeans, tinha colocado uma saia-lápis para a ocasião. Havia uma sensação de alívio no rosto do homem, como se estivesse com medo de seu interlocutor de internet ser na verdade um homem disfarçado, e agora respirava aliviado ao ver que Lauralynn era mesmo mulher e, Dominik supunha, idêntica à foto que devia ter lhe mandado. Uma foto nua, imaginava, ciente do quanto ela gostava de provocar.

Dominik concluiu que sua participação tinha sido anunciada por uma breve descrição, pois ele não acreditava que Lauralynn tivesse imagens dele, vestido ou despido. Ela evidentemente havia se anunciado como a isca principal, e ele apenas foi como extra.

— Igualmente — respondeu o homem.

Eles se sentaram no banco de madeira em frente ao casal.

— Então você é o Kevin — disse Lauralynn —, e você deve ser a Liz?

A jovem mulher assentiu. Certamente, não os nomes verdadeiros deles.

Dominik apenas sorriu para os dois, esperando que sua aparência estivesse de acordo com as virtudes que Lauralynn sem dúvida tinha anunciado ao casal durante o contato on-line.

— E você é...? — perguntou Kevin. — Você nunca me disse seu nome nos e-mails.

— Ah, nomes são mesmo tão importantes? — comentou Lauralynn com desdém. — Apenas nos chame de Ele e Ela, certo?

— Por que não? — disse Kevin. — Querem bebidas?

Dominik permaneceu em silêncio. Ainda não sabia o que Lauralynn tinha combinado com o casal. Seriam Kevin e Liz *swingers* iniciantes? Ele achava que sim.

Kevin foi até o bar para pegar os copos.

— O que você faz da vida, Liz? — perguntou Lauralynn.

— Sou secretária.

— Que interessante. — Lauralynn deu um sorriso de flerte. — Então essa é a sua primeira vez.

A jovem mulher assentiu e direcionou os olhos para Dominik.

— Ideia sua ou dele? — continuou Lauralynn.

— Humm... de nós dois — respondeu ela, mexendo-se na cadeira.

— Sério?

Liz assentiu, mas Dominik não se convenceu.

As bebidas chegaram, seguidas por um momento de silêncio desconfortável.

Lauralynn contou a Dominik depois que esse tipo de situação não era nem um pouco incomum. Muitos homens alimentavam a fantasia de ver as mulheres ou namoradas comidas por outro homem, fosse por compulsões voyeurísticas entranhadas ou pelo desejo de ser humilhado. Era isso que Kevin estava procurando no fórum on-line em que ele e Lauralynn se conheceram. Talvez o fato de Lauralynn, outra mulher, estar envolvida e presente servisse para tranquilizar, ou talvez acrescentasse mais um grau de humilhação à cena.

Dominik estava mais do que incerto quanto ao que isso era para Liz.

O casal tinha concordado em reservar um quarto em um pequeno hotel em Bloomsbury, que ficava ali perto, para onde eles finalmente se dirigiram depois de várias outras rodadas de bebida, tendo Liz rapidamente passado para bebidas alcoólicas. Lauralynn havia deixado as regras claras para Kevin antes de concordar com o encontro, e ele presumivelmente discutira os detalhes com Liz.

O par de algemas que ele tinha guardado na gaveta da mesa de cabeceira e que entregou para Lauralynn assim que chegaram era forrado de pelos. Cor-de-rosa. Lauralynn caiu na gargalhada.

— Onde diabos você comprou isso? Em um sex shop em Essex?

O rosto dele ficou vermelho. Não esperava que a humilhação também fosse verbal.

Liz, que se sentou em uma extremidade da cama assim que eles entraram no

pequeno quarto de hotel, ficava lançando olhares inquisitivos para Dominik enquanto evitava cuidadosamente olhar para o, agora um tanto apavorado, marido. Ela estava ligeiramente ruborizada depois de gim-tônica demais, engolido com pressa no pub para dar coragem antes da ação se deslocar para o quarto de hotel.

Lauralynn tirou a jaqueta de couro e se virou para Kevin, que estava parado no mesmo lugar.

— E então, o que está esperando?

Ele pareceu inseguro, sem saber o que ela queria dizer.

— Tire as roupas. Agora! — exigiu ela.

O corpo dele era pálido e magro. Lauralynn insistiu que ficasse com as meias pretas que iam até o meio dos tornozelos. Achou que o deixava mais ridículo. Mandou que se sentasse e prendeu as algemas nos pulsos dele. Ela o prendeu na única cadeira e o posicionou para que ficasse de frente para a cama.

Liz ficou sentada, cada vez mais inquieta e nervosa. Os joelhos estavam bem unidos e uma gota de suor se formou na testa dela quando se deu conta de que podiam ter chegado a um ponto sem volta.

— Toda sua, D — ofereceu Lauralynn.

Dominik olhou para Liz.

— Vem cá — falou baixinho para a jovem mulher. Ela se levantou. Era uma cabeça mais baixa do que ele.

Ele tomou-lhe o queixo e levou os lábios aos dela. Ainda conseguia sentir o gosto de gim no hálito. E o cheiro do xampu que ela devia ter usado para lavar o cabelo mais cedo. Um leve tremor percorreu o corpo da mulher quando eles se tocaram. Ela se enrijeceu brevemente e amoleceu quando o contato da boca de Dominik a relaxou.

Com o canto do olho, ele conseguia ver um sorriso largo se abrindo no rosto de Lauralynn enquanto ela permanecia de pé atrás da cadeira na qual imobilizara Kevin e distraidamente passava os dedos pelos cabelos dele, despenteando-o. Isso o deixou visivelmente mais desconfortável, pois a divisória lateral do cabelo desapareceu e ele foi reduzido ao brinquedo de olhos arregalados de Lauralynn.

Ao sentir a resistência mental de Liz derreter quando as línguas deles se tocaram, Dominik deslizou as mãos lentamente pelas costas dela até as nádegas e avaliou a firmeza da pele e a resistência ao toque. As bocas se afastaram brevemente e ela suspirou fundo. E fechou os olhos.

A mão esquerda de Dominik procurou o zíper lateral que abriria o vestido preto.

— Me permita — falou Lauralynn, andando ao redor deles e deixando o marido preso, com o cabelo agora desarrumado coroando sua consternação, um observador impotente preso à cadeira.

O zíper ficava na verdade na parte de trás do vestido, e Lauralynn se posicionou

atrás de Liz, abrindo o vestido enquanto mordia de forma provocante a orelha dela, com a boca a centímetros da de Dominik.

A jovem mulher casada estremeceu, presa entre os dois como estava.

Os olhos do marido estavam grudados no trio, com uma expressão curiosa de fascinação no rosto. O quanto Lauralynn o havia preparado para isso?

— Braços? — sugeriu Lauralynn, e Liz os levantou. Lauralynn puxou o vestido para cima, e o material barato passou entre o rosto da jovem e o de Dominik.

Dominik deu um passo para trás. A mulher jovem de rosto pálido ficou de lingerie e meias sete oitavos, com o rosto corado.

— Vamos ver você toda — ordenou Lauralynn, e Liz abriu o sutiã e se inclinou sem firmeza nos saltos para tirar a calcinha combinando. Ela ficou de meias, e Lauralynn não insistiu para que as tirasse.

Dominik olhou para Liz. As coxas eram grossas, mas a parte superior do corpo era magra, com seios de mamilos inchados, uma tira depilada de pelos finos acima da abertura da vagina, um piercing no umbigo, um crucifixo de prata ao redor do pescoço. Os olhos cinzentos estavam explodindo de perguntas.

Um peso invisível desapareceu dos ombros de Dominik quando Liz foi revelada. Os corpos femininos tinham esse efeito nele, davam espaço a um tsunami de ternura. Desde cedo, fora afetado pelo espetáculo que eram as mulheres, desde o momento em que trocara, ainda na escola, dois modelos de carros por um baralho com naturistas voluptuosas em atividades variadas e em repouso, cujas genitálias haviam sido cuidadosamente apagadas, o que as fazia parecer mais com estátuas gregas do que de carne e osso. É claro que ele sentiu excitação, mas a impressão dominante sempre foi assombro e admiração primeiro. E assim permanecia, até hoje.

Sabia no fundo do coração e nas entranhas que sempre seria um escravo da nudez feminina.

Dominik foi tirado do devaneio por Lauralynn, que puxou com força o cabelo de Liz e a levou para a cama. Ela enfiou a mão entre as coxas da jovem.

— Ela está bem molhada, Kevin, tenho que dizer — comentou Lauralynn, olhando para o marido imobilizado, inútil na cadeira a poucos passos de distância. — Era isso que você queria?

Kevin permaneceu em silêncio.

Ela olhou para o pau flácido dele.

— Sua esposa vai ser comida por outro homem e você não consegue nem ficar duro! Lamentável...

Ao testemunhar o jogo dela, Dominik se sentiu constrangido. Será que agora ela esperava que ele se despisse e atuasse, sabendo que estava sendo observado com atenção pelo marido da jovem, sem contar com o escrutínio de Lauralynn?

Ele se lembrou da vez com Summer, quando tinha feito a bobagem de convidar

Victor para ir a sua casa. O homem para quem ele havia cometido o erro de exibir Summer em uma ocasião horrível, que traíra sua confiança e a seduzira após a separação dos dois, explorando o que Dominik ainda sentia ser um grande causador de sofrimento para ela. Mas de alguma forma tinha sido diferente, como se ele tivesse bloqueado a percepção da existência do outro homem, tão feroz o seu desejo por Summer naquele fatídico dia.

Lauralynn ficou de pé e se aproximou, passando a mão pela bochecha dele com afeição.

— Meu presente pra você, D — disse ela. — Deixe todos nós orgulhosos, certo?

Dominik começou a desabotoar a camisa, sabendo que todos os olhos estavam nele.

— Foi tudo ideia dele, não foi? — perguntou a Liz. Ela assentiu e Dominik a puxou, de forma que não pudesse mais ver o marido nem acompanhar as reações dele.

Liz parecia perdida, e Dominik foi tomado por uma forte onda de desejo por ela.

Ele a tomou nos braços e a beijou de novo. Desta vez, foi lento, preguiçoso, faminto. Dominik transformou toda a cerimônia da luxúria em algo essencialmente particular, que bania a presença dos demais do casulo no qual eles dois agora agiam.

Terminou de se despir. Com o canto do olho, conforme levava Liz para outra posição na cama, a melhor para recebê-lo, teve um vislumbre do sorriso de Lauralynn. Era uma forma muda de encorajamento da mestre de cerimônias.

Ele abriu bem as pernas de Liz, revelando-a, testando provocantemente a umidade dela com a ponta do pênis antes de se inserir, centímetro a enlouquecedor centímetro, uma eternidade de cada vez, em uma tentativa de fazer esse momento vital durar para sempre, até estar completamente dentro dela. Quente. Apertado. Dominik conseguiu perceber que Liz já estava gemendo, o som subindo do fundo dos pulmões a cada arremetida, erguendo-se até a garganta. Ele ouviu alguém inspirar atrás de si, Lauralynn ou Kevin, não importava mais quem.

As mãos fortes de Dominik seguraram a cintura da jovem casada e a firmaram com força até os ritmos deles se misturarem em um uníssono paralelo.

Havia um comportamento estranho e passivo em Liz que não excitava Dominik. Era quase o oposto de submissão e não dava a ele sensação de dominação. Havia uma delicadeza interna nela, uma falta de paixão e um silêncio na reação. Lauralynn se aproximou deles, ciente da falta de química, e passou a mão pela bochecha quente de Liz.

— Aproveite. Solte-se — sussurrou ela no ouvido da outra mulher.

O corpo da jovem relaxou brevemente, e ela deu um salto, talvez provocada pelo encorajamento de Lauralynn, ou talvez pelo efeito combinado do gesto e das estocadas contínuas e enérgicas de Dominik. Liz deu um suspiro, e Dominik sentiu

um enrijecimento na delicadeza dela quando finalmente permitiu que a excitação lhe tomasse o controle do corpo e da mente.

Agora, alheia à situação, ao ambiente e ao marido indefeso, Liz se jogou contra o pau de Dominik, convidando-o para dentro dela, incorporando-se a ele de maneira faminta, com raiva calculada, como se o prazer com Kevin tivesse sido negado a ela por séculos sem fim e agora ela estivesse determinada a aproveitar o momento e se satisfazer.

Tanto Lauralynn quanto Dominik sorriram ao testemunhar a mudança que estava tomando conta dela.

O quarto ficou mais quente.

Imobilizado na cadeira, Kevin observava em silêncio enquanto a esposa recebia as estocadas de Dominik, com os movimentos ficando cada vez mais febris conforme ela se empurrava contra ele sem parar, com a respiração curta e o rosto se contorcendo enquanto ondas de prazer lhe percorriam o corpo, aumentando a umidade dela.

O entusiasmo crescente excitou Dominik. Ele segurou a cintura dela e orquestrou o ritmo das investidas dela contra ele, sentindo o pau ficar ainda mais duro dentro da mulher, invadindo-a, preenchendo-a.

Liz deu um gritinho que nasceu no fundo da garganta e morreu no limite dos lábios, e gozou com um espasmo. Kevin ficou pálido. Dominik se perguntou se era a primeira vez que ele testemunhava o prazer da esposa.

Depois que ele gozou e se livrou do preservativo necessário na lixeira do quarto, Dominik reparou no quanto Kevin estava humilhado perto da parede, ainda preso à cadeira, sem saber se esse era o espetáculo com o qual tinha sonhado (o qual temia?). Ele se perguntou como o casal viveria com essa lembrança.

Agora acalmada, Lauralynn abriu as algemas cor-de-rosa que mais pareciam um brinquedo e entregou as roupas a Kevin, enquanto Liz se levantou hesitante da cama, quase atordoada, não tanto pelo resultado do sexo com Dominik, ele sabia, mas pela percepção do que tinha acabado de fazer.

O casal ainda estava se vestindo lentamente em silêncio quando Lauralynn e Dominik saíram do quarto e se viram na escuridão triste do corredor principal do pequeno hotel, com paredes desbotadas e tapete de cor indeterminada.

Do lado de fora, as árvores em frente ao British Museum tremeram em uma brisa delicada, e Dominik começou a procurar um táxi com luz acesa.

— Ah, Lauralynn — falou quando ela fechou o zíper da jaqueta de couro para se proteger do ar frio da noite —, um dia seu senso de crueldade vai nos meter em confusão.

— Eu sei — concordou ela. — Mas a esposinha não era uma graça?

— Se você achou isso, talvez devesse ter brincado com ela no meu lugar —

rebateu Dominik.

— Eu pensei nisso, mas quando estava negociando a cena com o marido ele insistiu bastante pra que não houvesse interação entre mulheres.

— É mesmo?

— É. Você não reparou que ele quase pulou da cadeira quando passei a mão entre as pernas dela? Algumas pessoas têm tanto preconceito...

— Você é realmente perversa, Luralynn — comentou Dominik quando um táxi parou.

— Melhor perversa do que chata, eu diria. — Ela riu.

Os pequenos interlúdios de Luralynn eram bons, mas não faziam diferença quando Dominik se via na frente da tela do computador de novo, tentando reunir as palavras e ideias certas sem ser sobrecarregado por pensamentos de Summer. A memória dele era como um disco rígido tão cheio de imagens e sentimentos que agora era incapaz de processar mais elementos e os redistribuía de forma igualitária.

Todas as mulheres que ele conhecera, Summer e as demais antes dela, estavam presentes, lutando por atenção, por um pouco de gentileza, e não havia como apagar nenhuma. Elas agora eram parte dele, o que compunha aquilo que havia se tornado.

Assim que escrevia sobre uma, na esperança de que uma improvisação de fluxo de consciência sobre as feições, a cor dos olhos ou a forma como ela falava ou se movia pudesse virar a semente de uma história, ela se tornava outra e mais outra, e ele perdia qualquer sombra de enredo a que estava se agarrando.

Dominik colocou o computador no modo de hibernação, entregando a página pela metade para a explosão galáctica multicolorida da proteção de tela, e ficou de pé antes de se afastar da escrivaninha.

Ao olhar pela janela, viu que o tempo estava cinzento, mas claro, sem sinais de chuva iminente, e optou por uma caminhada lá fora para espairecer.

O Heath era um destino óbvio.

A manhã já ia pela metade e os corredores tinham quase todos ido embora, já em número bem menor do que as babás com carrinhos e brinquedos barulhentos e aposentados caminhando sem destino perto dos lagos, vendo os patos, dando comida apesar das placas avisando para não fazerem isso. Depois do segundo lago, que se expandia para uma área de banho, Dominik tomou o primeiro caminho e vagou em devaneio até a ponte estreita que ligava essa parte com partes mais amplas do Heath.

Era isso que tanto amava em Londres: a infinidade de lugares em que, após uma caminhada de poucos minutos a partir de uma rua principal em quase todos os bairros, você conseguia estar em um ambiente arborizado, sem conseguir ver o céu,

em uma selva reconfortante de verde e natureza. Havia alguma coisa quase clandestina nisso que o atraía profundamente, um senso de privacidade, de isolamento no coração da selva urbana. Um lugar para segredos.

Dominik tomou uma direção diferente, optando instintivamente pelo conforto de uma avenida curva e maldelineada de terra, onde uma cobertura densa de árvores bloqueava o céu. Uma corredora veio na direção dele, que chegou para o lado para abrir caminho. Ela assentiu rapidamente em agradecimento. Era uma mulher jovem de leggings preta, usando um incongruente short verde-esmeralda por cima e um suéter pesado verde-escuro. O cabelo louro-escuro estava preso por um elástico e o rabo de cavalo balançava de um lado para o outro com o movimento, acompanhando em sincronia deliciosa o balanço rítmico dos seios dela apesar da limitação óbvia oferecida pelo top. Quando passou, Dominik ouviu uma melodia aguda saindo dos fones de ouvido antes de sumir conforme ela continuava a se afastar correndo.

Por algum motivo inexplicável, ele queria saber o que ela estava escutando. Pareceu importante.

Dominik parou e se sentou por um momento em um tronco de árvore caído, permitindo que a lembrança fugidia dos seios da jovem e o ritmo indolente do movimento deles perdurassem um pouco mais.

Será que ela era enfermeira no Royal Free Hospital, que ficava ali perto, ou talvez uma estudante, dona de casa, banqueira, vendedora ou secretária? As possibilidades eram infinitas conforme mil fantasias percorriam sua imaginação. “Pare”, “Dispa-se”, “Revele-se para mim”... Não apenas fazer com que se despisse, mas fazer com que mostrasse o que havia por baixo da pele, o que se passava em sua mente... Como havia tentado uma vez com Summer. Tudo tão irracional. Ele rapidamente afastou os pensamentos da cabeça.

Deu de ombros, ficou de pé e seguiu em frente. Mas os pensamentos em Summer permaneceram. A cautela dela na primeira vez que se encontraram. A proposta dele, o concerto particular que ela havia feito ali, só para ele. O fogo e a paixão que a consumiram quando segurou o violino, saturando o Heath com a música dela.

O coreto. Ele queria encontrar o coreto de novo. O lugar onde Summer havia tocado, uma imagem profundamente arraigada que não conseguia tirar da mente. O local, as cores da grama e do céu, e a expressão no rosto dela enquanto se perdia na música.

Summer tocando no coreto: sua obra de arte perdida.

Dominik seguiu pelo bosque e viu um toque não natural de cores ao longe. Movimento. Pessoas atrás da cada vez mais fina parede de árvores. Andando com cautela, tomando o cuidado para não prender as roupas nos arbustos, saiu em uma clareira. Havia crianças correndo, bicicletas disparadas por uma série de caminhos, o coreto ao longe.

Enquanto andava para a pequena colina que levava à construção de concreto e ferro, sentiu as primeiras gotas de chuva, quando os céus se abriram com vontade. Sob o teto do coreto, uma confusão de babás, mães incomodadas e crianças agitadas se reunia, observando a tempestade com indiferença.

Uma das mães estava de pé no canto com a blusa aberta, oferecendo o seio para um bebê. A cabeça do pequenino era quase totalmente careca e de um tom delicado de cor-de-rosa, e seu rosto estava enrugado em uma paródia de concentração ou sono. Dominik os observou com fascinação profunda, sem conseguir afastar os olhos até a mãe reparar nele e exibir a expressão mais furiosa que conseguia. Ele teve que sair andando, descer os degraus e entrar na chuva que diminuía, com raiva de si mesmo e irritado pelo fato de agora ser obrigado a compartilhar a magia do local com todos aqueles estranhos.

Lauralynn tinha trazido uma pessoa com ela na noite anterior.

Apesar de o quarto que estava usando ser em um andar diferente da casa, Dominik ficou acordado durante a maior parte da noite pelos ruídos que as duas mulheres não conseguiam deixar de emitir: gemidos sufocados, gritos agudos, rosnados abafados de prazer ou dor, palavras indistintas meio sussurradas ou gritadas em momentos de clímax, toda uma sinfonia curiosa de luxúria em desenvolvimento.

Teve um vislumbre rápido da convidada de Lauralynn quando desceu para tomar café da manhã tarde no dia seguinte e a garota estava de saída. Era uma jovem de aparência gótica, com o cabelo pintado de preto malcortado curto por uma tesoura cega, um horrível colar de prata de caveira como uma coleira separando a cabeça do restante do corpo e uma confusão de tatuagens apagadas subindo por toda a perna direita. Ficou feliz por Lauralynn não tê-lo convidado para se juntar a elas.

Lauralynn, depois de acompanhar a amiga até a porta usando apenas uma calcinha e uma camisa masculina desabotoada, voltou para a cozinha e entregou a Dominik uma caneca de café recém-passado.

— Nova? — perguntou ele, pegando o café.

— É. Peguei em um concerto — respondeu Lauralynn.

— Ela não parecia o tipo clássico — comentou Dominik.

— Não. De rock, cara. Ela estava com uns caras com quem gravei umas faixas extras uma vez. Neopunks, sei lá como se chamam. Eles me convidaram pra vê-los tocarem em Camden Town. Ela estava lá, e você sabe — disse Lauralynn com um sorriso lascivo nos lábios carnudos —, uma coisa levou à outra.

— A diversidade de seus gostos sempre vai me impressionar — observou ele.

— Quero experimentar de tudo pelo menos uma vez — comentou Lauralynn. —

Mas sabia que ela não era seu tipo, então nem fui te chamar.

— Você tem minha gratidão por isso...

Dominik quase cuspiu o café. Ela tinha se esquecido de colocar açúcar.

— Cuidado...

— O que você vai fazer hoje? — perguntou ele.

— Tenho que estar no estúdio de gravação em Willesden a partir do meio-dia. Tenho trabalho pelo resto da semana. Os caras da banda parecem não saber que tipo de som eles querem. O único motivo de precisarem de um violoncelo é porque o baixista quer um clima “Eleanor Rigby” na música.

Dominik assentiu, absorvendo a torrente de palavras dela.

— Dinheiro fácil — prosseguiu Lauralynn. — Não estou reclamando. Passo muito tempo lá lendo revistas e estou sendo paga pelos valores do sindicato. E você? Está conseguindo progredir com o livro novo?

Dominik não ouvia a música dos Beatles havia séculos e por um momento não teve certeza se tinha um violoncelo nela. Não era outro instrumento de cordas?

— Não muito — admitiu ele, com a mente em outro lugar de repente, murmurando internamente a melodia de “Eleanor Rigby”.

Lauralynn levou as canecas vazias de café até a pia e passou água nelas antes de colocá-las no lava-louça.

— Se está tão inseguro quanto ao que está escrevendo, talvez devesse me deixar dar uma olhada. Quem sabe eu poderia ajudar — sugeriu ela.

— Humm... — Dominik fingiu interesse.

— Gostei do romance sobre Paris — acrescentou ela. — Muito. Não estou dizendo isso só porque somos amigos, sabe.

Não havia nada que ele pudesse mostrar a ela ainda. Cenas não terminadas, listas maldelineadas de personagens aleatórios, descrições de lugares e coisas, cenas de sexo beirando a crueza entre protagonistas sem face com quem nem mesmo o autor conseguia se envolver. Uma confusão, ele estava ciente. Como se o mapa para o livro tivesse desaparecido, o trem no qual ele estava viajando ainda a quilômetros da estação.

— Então?

Lauralynn o observava enquanto Dominik estava com a mente em outro lugar.

— Acorda.

— Me desculpa. Você me pegou sonhando acordado.

— Sobre o livro?

— Acho que sim. É.

— Você podia me contar sobre ele, a história que está querendo contar. Pode ajudar a centrar seu foco.

Dominik reprimiu uma onda de irritação. Ela era musicista. Sabia interpretar, não

criar. Como entenderia? Em seguida, se deu conta do quanto estava sendo injusto com Lauralynn. Ela só estava querendo ajudar.

— Não tenho história. Tenho um esqueleto para pendurar os personagens, os locais — confessou ele. — Não vem nada. Tudo que consigo pensar é lugar-comum, feito mil vezes antes e sem dúvida melhor. Estou lutando. Por uma história.

— A história? — repetiu ela, arregalando os olhos como se agora estivesse percebendo a enormidade do fracasso dele.

— É — suspirou em resposta.

Dominik foi salvo pelo toque da campainha. Pela janela da cozinha, viu uma van vermelha dos correios. Era o carteiro com uma entrega. Provavelmente, mais livros que ele havia comprado como parte de sua pesquisa incoerente.

— Eu recebo.

Dominik desceu a escada correndo e assinou o recebimento, sem nem se dar ao trabalho de olhar para o rosto do motorista quando ele entregou o pacote leve. Um guia sobre a vida noturna de Berlim e um romance que se passava lá nos anos 1960, que comprara impulsivamente ao clique de um botão uma semana antes, quando brincou com a ideia de ambientar o novo romance na capital alemã. No dia seguinte, já havia se dado conta de que era uma ideia idiota, pois não só ele nunca tinha ido a Berlim como não falava alemão.

Colocou a caixa de papelão marrom no chão ao lado dos tênis lamacentos que tirara e abandonara lá após voltar do Heath no dia anterior.

A caixa alta e pesada do violoncelo de Lauralynn estava no canto do saguão, coberta de etiquetas, lembranças de viagens de hotéis estrangeiros e lugares, passes de bastidores e souvenirs que ela tinha colocado assiduamente na superfície.

Reparou que uma das etiquetas estava se soltando, anunciando os encantos do Royal e Golf Grand Hotel em Courmayeur. Onde era isso? Na Suíça ou na Itália? Quando Lauralynn tinha estado lá? Era uma estação de esqui, improvável que possuísse uma cena musical. Talvez perguntasse a ela.

Com a curiosidade despertada, Dominik ficou olhando para a galeria de etiquetas decorando a caixa do violoncelo.

Ideias vêm do nada. Elas não fazem sentido. Caem em seu colo sem aviso. Ignoram a lógica e a sanidade.

Era como se uma coisa tivesse estalado.

O instrumento. Suas viagens. A história por trás de todos esses adesivos, etiquetas de hotel, decalques e restos rasgados de etiquetas de linhas aéreas.

Ali estava sua história.

A que estava fugindo dele. Como se ele estivesse cego todo o tempo, ignorando o óbvio.

Não precisava ser sobre personagens.

No livro de Paris, ele havia escrito sobre uma versão alternativa e imaginária de Summer. Sobre um mundo passado no qual ela não era musicista, não tinha violino.

Desta vez, podia escrever sobre o instrumento dela. O que ele tinha lhe comprado.
O violino.

A história de um violino.

É apenas rock'n'roll

— Eu sempre soube que você era um azarão — comentou Fran em tom arrogante.

Ela estava recostada no banco do carro com a cabeça quase apoiada no ombro de Chris.

Estávamos circulando por Londres no banco de trás de um táxi preto a caminho do apartamento em Camden Town. Eu tinha ido morar temporariamente com Chris, só até conseguir encontrar um lugar para mim. Fran estava dividindo o quarto comigo até decidir o que fazer, então as coisas estavam apertadas em comparação com o apartamento relativamente grande que dividia com Simón em Nova York. Mas até então não havíamos brigado nenhuma vez.

Era domingo cedo e nós três tínhamos ido comemorar nossa solteirice no baile de Valentine's Day do Torture Garden, que surpreendentemente foi ideia de Fran.

Ela estava me ajudando a desfazer as malas e encontrou uma foto que eu tinha esquecido, minha e de minha amiga Charlotte no primeiro clube de fetiche a que fomos.

Dominik foi meu primeiro amante dominador, mas foi Charlotte quem me apresentou inicialmente à cena fetichista, e com ela ao meu lado passei por minha primeira experiência de spanking e testemunhei outros fetichistas agindo. Perdemos contato depois de uma festa que acabou mal. Ela deu em cima de Dominik e não consegui controlar meu ciúme. Apesar de não ter ressentimentos, não fiz contato com ela desde então.

A foto, que trouxe de volta boas lembranças, foi tirada por um dos fotógrafos do clube, e Charlotte, em um dos seus momentos mais gentis, mandou imprimir uma cópia e deu para mim. Na foto, ela estava usando um vestido amarelo de látex com raios cor-de-rosa de cada lado da cintura. Era mais uma túnica do que um vestido, e era tão decotado na frente que deixava metade dos mamilos exposta.

Eu me vestia com modéstia, com um espartilho azul-claro, uma calcinha com babados e cartola. Estávamos no terraço da boate onde a festa aconteceu, as duas rindo de alguma piada particular, com minha cartola em um ângulo que me dava uma expressão maliciosa.

— Parece uma festa divertida — disse Fran, pegando a foto.

— Ah, não foi nada — respondi, mantendo a voz firme e torcendo para ela deixar o assunto de lado.

Mas Fran era perceptiva e persistente e continuou a fazer perguntas.

Sob pressão insistente, contei sobre o clube, deixando de fora os detalhes sobre meu primeiro spanking sob os olhares atentos de Charlotte e do mestre do calabouço do clube.

— Eu vou — anunciou ela. Pegou então o iPad e digitou alguma coisa até chegar ao site. — Aah, tem uma festa de Valentine's Day amanhã. Parece mais uma coisa antinamorados. Perfeito. Eu odeio a porra do Valentine's Day.

— Sinceramente, acho que não é seu tipo de festa.

— Como você saberia qual é meu tipo de festa? — replicou. — Mal nos vemos há 5 anos. — Ela repuxou os lábios e passou a mão pelo cabelo louro curto em um gesto que não aceitava discussão.

Chris estava de pé na porta, observando tudo.

— Se vocês vão, eu vou junto.

— Você não tem que ensaiar? — falei. O grande show de abertura com The Holy Criminals era na noite do sábado seguinte.

— Temos muitos ensaios marcados. Não vou deixar vocês saírem de casa vestidas de lingerie sem guarda-costas.

— Tudo bem, então — eu disse com relutância. Conhecendo Fran como conhecia, ela iria sem mim se eu recusasse. Pelo menos assim eu poderia ficar de olho neles.

Fran desapareceu no dia seguinte para procurar roupas para ela e para Chris no Portobello Road Market. Voltou com os olhos brilhando e os braços cheios de sacolas de roupas e foi vestir um Chris muito relutante com um terno vintage de três peças que ela depois cobriu com maquiagem de teatro para imitar o efeito de alguém que morreu no dia do casamento e saiu do túmulo cem anos depois. Ela foi combinando, com um vestido de noiva rasgado e gel no cabelo, que ela penteou para cima para dar uma energia punk à aparência zumbi vintage.

— Odeio garotas pin-up — disse ela com desprezo quando sugeri que prendesse o cabelo no estilo victory rolls.

Eu estava usando látex pela primeira vez, uma roupa decotada de marinheira que comprei apressadamente em uma loja on-line que oferecia entrega expressa e chegou bem a tempo. Fiquei com vergonha de pedir ajuda para vestir, então passei lubrificante no corpo para conseguir abotoar a jaqueta apertada e colocar a calça listrada azul e branca, e agora estava me sentindo grudenta, desconfortável e paranoica de prender a roupa em alguma coisa e rasgar a borracha delicada, o que me deixaria nua na pista de dança.

Quando chegamos, Fran pareceu imediatamente à vontade, indo de salão em salão, ansiosa para explorar cada cantinho do local, um velho teatro em uma das maiores

noites do ano.

Ela fitou Chris, que estava observando as pessoas com olhos arregalados.

— Que astro do rock você vai ser — comentou ela —, se acha isso aqui chocante. Aposto que Viggo Franck tem um camarim cheio de mulheres nuas. Homens também, provavelmente.

— Não comece — gemeu Chris. — Acho que todas as mulheres que conheci me ligaram desde que os pôsteres foram espalhados pra pedir credenciais para os bastidores.

— Ele não é meu tipo — respondeu Fran —, mas acho que é o de Summer. Ela sempre vai direto pra cima dos cafajestes.

Corei. Viggo Franck era metade dinamarquês e metade italiano, e The Holy Criminals, já bem-establishado na Europa, tinha surgido aparentemente do nada no Reino Unido e se tornou sucesso praticamente de um dia para o outro, quando o vocalista foi visto saindo de um hotel em Chelsea com não apenas uma, mas três mulheres, incluindo a neta de um político conservador e uma jovem atriz que trabalhava em seriados familiares do canal da Disney. Viggo foi imediatamente rotulado como mulherengo com status de semideus, enquanto as mulheres foram malhadas na imprensa, o que gerou ainda mais cobertura quando as feministas se armaram contra o critério de um peso e duas medidas que a mídia deixou evidente.

Como resultado do sucesso repentino, The Holy Criminals foi acusado de se vender, e o status de indie underground de Viggo foi abandonado em favor de uma plateia que lotava estádios. De acordo com Chris, Viggo conseguiu manter a credibilidade com outros músicos ao ficar famoso por promover bandas pequenas lutando para aparecer.

Ele conhecera Chris em uma festa em que estavam com o Black Hay, outra banda com quem dividíamos o palco ocasionalmente, que tinha acabado de assinar com o selo do Holy Criminals.

— Bem — disse Chris —, consegui credenciais pros bastidores pra vocês duas, então acho que vamos descobrir logo.

Fran deu um gritinho.

— Não é surpresa você não ter voltado pra casa, Sum — declarou ela. — Londres é muito divertida.

Um dos fotógrafos do clube perguntou se podia tirar uma foto, e, antes que eu pudesse me afastar, Chris e Fran concordaram e fizeram poses medonhas de monstros.

Puxei o chapéu de marinheiro para cobrir meu rosto na hora em que o flash piscou. Ser uma celebridade menor com uma base de fãs conservadora me deixava mais preocupada com minha imagem pública.

— Tem certeza de que não tem problema eu tirar foto de vocês? — perguntou o

fotógrafo, reparando na minha hesitação.

Ele foi até o meu lado para me mostrar a foto, chegando perto para não ter que passar a alça da câmera por cima da cabeça. Ele tinha o sorriso largo e olhos simpáticos, cobertos com delineador preto, o que combinava com a camisa de látex de um roxo tão escuro que parecia preto e os braceletes da mesma cor que chegavam quase até o cotovelo, no estilo gladiador.

— Não, tudo bem — falei, olhando para a imagem na tela. Era uma boa foto. Fran e Chris estavam irreconhecíveis com a maquiagem pesada, e eu podia ser uma garota qualquer entre as dez de roupa de marinheira com o chapéu cobrindo quase todo o meu rosto, só um sorriso de batom visível e um pedaço do cabelo ruivo contra a maquiagem branca no ombro de Fran.

— Me manda um e-mail se mudar de ideia — disse ele, me entregando um cartão preto simples, com apenas o nome dele impresso em branco, com uma fonte simples. Jack Grayson. O nome soou vagamente familiar.

— Pare de flertar — reclamou Fran. — Queremos dançar!

Jack já estava a alguns metros de distância, tirando outra foto, com o corpo alto curvado para a frente e a grande câmera cobrindo um olho e metade do sorriso largo.

Seguimos em busca da música, passando pelo calabouço no caminho. Fran espiou lá dentro rapidamente, mas pareceu não se interessar pelo que se passava lá.

— Cada um com os seus — disse dando de ombros, sem olhar uma segunda vez.

Ao ouvir os gemidos baixos e o som dos chicotes batendo na pele, eu desejei não estar com minha irmã e meu melhor amigo.

Fazia muito tempo que eu não usava um arreio de cordas ou sentia a mão de alguém na minha bunda em qualquer coisa além de um tapinha gentil durante o sexo, e eu estava com saudades. Tinha feito um esforço deliberado para me afastar da cena depois que terminei com Dominik e fiquei com Simón. Eu achava que não seria justo com ele manter vivo esse lado de mim se não podíamos aproveitá-lo juntos. Assim, afastei esses sentimentos na esperança de que, se os ignorasse por tempo suficiente, eles desapareceriam.

O fato de eu não ter tido sucesso nas minhas tentativas de banir a cena fetichista e todos os seus efeitos no meu corpo e na minha mente era óbvio. Os barulhos emanando dos cantos escuros do calabouço, o estalo de um chicote no ar, o baque da palma da mão de alguém em uma nádega, o gemido de submissos sendo guiados fizeram meus pensamentos dispararem e minhas mãos tremerem. Fiquei imensamente excitada com os meus arredores, e não tinha certeza se conseguiria passar o resto da noite fingindo que não estava.

Eu sabia que Fran estaria em segurança com Chris, e ficava completamente à vontade sozinha, então eu poderia fugir por pouco tempo para me divertir.

— Ei, vou pegar umas bebidas e encontro vocês na pista de dança, tá?

— Tá — gritou Fran. — Vamos ficar aqui a noite toda!

Eles desapareceram na multidão e me deixaram sozinha.

Pensei em voltar para o calabouço, mas desisti da ideia porque os equipamentos estavam todos em uso e eu não tinha certeza se minha roupa sobreviveria a um açoite, nem se eu conseguiria tirar a calça de látex sem rasgá-la.

Acabei seguindo por uma escada que levava a um aposento grande, escuro e sem nome, com meus saltos prendendo perigosamente em cada degrau irregular e ameaçando me derrubar.

Meus olhos demoraram para se ajustar à luz. Eu estava no balcão do cinema convertido, que ainda tinha as cadeiras dobráveis originais. Segui até uma das fileiras e aproveitei a oportunidade para descansar os pés dos saltos desconfortáveis.

Um filme curto estava sendo projetado em loop. Imagens de corpos nus, às vezes em poses extremas e fetichistas, apareceram na tela, lançando um brilho nas demais pessoas presentes.

Depois de um momento, uma mulher sentou na fileira à minha frente e o parceiro dela foi logo atrás. Ela era uma das mulheres mais bonitas que eu já tinha visto, quase certamente modelo ou atriz. Tinha o rosto oval, cabelo liso, louro e curto e olhos azuis tão claros que eram quase cinza. A maquiagem era neutra, e ela estava usando uma roupa de enfermeira de látex que caía como uma segunda pele e não era nem de longe brega. Devia ter sido feita sob medida para ela em vez de comprada em loja como a minha.

O parceiro dela estava todo de preto, de jeans e camiseta, e a única sugestão de acessório fetichista, apesar do código de vestimenta rigoroso, era uma máscara que cobria seus olhos. Ele poderia estar ridículo se não fosse a postura confiante dos ombros, o cabelo desganhado e a companhia de uma mulher tão bonita. Todos os fatores sugeriam uma atitude desligada em vez de uma tendência a se vestir mal.

Ela olhou nos meus olhos ao entrar na fileira de cadeiras, e os lábios carnudos subiram em um meio sorriso. Havia assentos vazios por todos os lados, mas ela escolheu sentar a menos de um braço de distância.

Inspirei profundamente e preendi a respiração, me perguntando o que aconteceria depois, por que eles tinham sentado tão perto. Eles começaram a se beijar quase imediatamente, beijos suaves, e a princípio desviei o olhar, pois pareciam íntimos demais juntos. Não era um momento embriagado de paixão, mas uma cena que eles tinham escolhido compartilhar comigo.

Eu me virei e o vi baixando a cabeça enquanto ela se deitava para trás de forma a ficar sobre vários dos pequenos assentos dobráveis, com as pernas abertas, uma delas dobrada ao lado do corpo e a outra no chão. A posição permitia o acesso livre ao parceiro para acariciá-la por baixo da saia curta de borracha, o que ele fazia com

dedicação óbvia, sem se preocupar com quem poderia estar olhando.

Minha visão dela foi parcialmente bloqueada pela cabeça do sujeito, agora afundada entre as pernas da mulher, mas no piscar da tela do cinema consegui uma imagem das pernas nuas, com panturrilhas finas que levavam a coxas macias e lisas.

Antes que percebesse, eu estava inclinada para a frente, me perguntando o que aconteceria se eu a tocasse, se entrasse na brincadeira deles. Eu não sabia o que devia fazer. Inclinarm-me para a frente e encostar no braço dela com hesitação? Pedir permissão? Mas, enquanto estava pensando, virei a cabeça para olhar para o rosto dela e a vi olhando para mim, com expressão fixa e de total excitação. A mulher não estava tão entregue quanto eu imaginava que ficaria no lugar dela, mas parecia estar fazendo um esforço deliberado para manter contato visual comigo.

O homem aumentou o ritmo da língua de forma evidente, pois ela começou a perder o controle e segurou minha mão, apertando a palma e me puxando até eu estar inclinada sobre eles, perto o bastante para beijá-la, perto o bastante para sentir a maciez da pele dela tocando na minha.

Ela gemeu e se contorceu sob mim quando um orgasmo percorreu seu corpo, e então soltou minha mão, relaxando, imóvel.

O parceiro ergueu a cabeça e acariciou a lateral do rosto dela com a ponta do dedo. Esperei silenciosamente que os dois se recuperassem, embora estivesse tão excitada pela situação que tinha dificuldade de ficar parada.

Ela virou a cabeça para olhar para mim e sorriu.

— Obrigada — disse ela.

— De nada — respondi, apesar de me sentir meio tola sob as circunstâncias. Não havia palavras para reconhecer a intimidade do encontro que não pareceriam forçadas nem tolas quando faladas em voz alta.

Ele me lançou um aceno de leve, com expressão ilegível por baixo da máscara.

O par ficou de pé e desapareceu na noite.

Fiquei parada no assento por um minuto ou dois, recuperando a compostura, me perguntando o que fazer em seguida. Eu ainda estava imensamente excitada, mas não achava certo deixar Fran e Chris sozinhos por tanto tempo. Quando me decidi, ouvi Fran subindo a escada atrás de mim.

— Aí está você! Procuramos em toda parte. O que está fazendo sentada aí sozinha? — O tom de voz dela era de curiosidade, e não de desconfiança. Eu duvidava que Fran sequer imaginasse o tipo de cena que eu tinha acabado de testemunhar.

— Só dando um tempo. Está lotado lá fora.

— Mas venha, você está perdendo todas as músicas boas.

Eu os segui de volta para a festa, embora a imagem do rosto da mulher quando gozou não saísse da minha mente. Minhas fantasias foram exacerbadas apenas pela

energia sexual no ar e pela quantidade de pessoas atraentes na multidão, principalmente os homens que haviam se fantasiado com jaquetas militares ou que tinham um ar de confiança, um porte que me lembrava Dominik.

Quando deitei na cama depois da noite, meus pensamentos ficaram ainda mais persistentes.

Visões de homens usando botas longas e carregando chicotes de montaria surgiram em meu pensamento e ficaram mais sombrias e intensas, até eu me ver ajoelhada em um piso de pedra com uma mordaca na boca e os pulsos presos nas costas, não com corda, mas com algemas de metal presas a uma corrente longa e grossa que se esticava no chão atrás de mim, até chegar a um aro na parede. Eu estava completamente nua e lisa. Alguém tinha raspado meus pelos pubianos. Usava dois piercings de mamilo e ambos ardiam como se eu tivesse feito os furos horas antes. Uma porta pesada se abriu e ouvi passos lentos, deliberados, se aproximando. Eu não conseguia ver a pessoa, mas senti que era um homem. Ele chegou perto, porém não consegui identificá-lo na escuridão, só um par de pernas usando calça preta de terno com vinco, de pé bem na minha frente. Ouvei o som de um cinto sendo aberto e um zíper sendo puxado.

No sonho, eu queria desesperadamente sentir o pau do homem, mas ele estava fora do meu alcance. Virei os braços e torci as mãos, tentando me soltar, mas não adiantou nada. Minha boca estava ligeiramente aberta enquanto desejava sentir o pênis penetrar meus lábios, acariciar minha língua e bater no fundo da minha garganta. Meus lábios estavam secos e os umedeci com a língua. Tentei ficar de pé, mas percebi que meus pés também estavam presos.

— Você quer alguma coisa? — disse uma voz em tom debochado.

Era Dominik.

Acordei com um susto. Meus lábios ainda estavam secos, e minhas mãos tremiam quando peguei o copo de água na mesa de cabeceira e tomei um gole, derramando líquido na camiseta. Eu costumava dormir nua, mas não com minha irmã no quarto. Ela estava deitada de costas com a boca entreaberta, roncando baixinho, com o rosto e o cabelo manchados de pó branco, de forma que ainda parecia um pouco um cadáver.

Nem Fran nem Chris mencionaram a noite novamente. Isso me incomodou. Ir a um clube de fetiche pela primeira vez foi algo muito importante na minha vida, como um marco que separava a pessoa que eu era antes da pessoa que me tornei. O fato de outras pessoas verem isso como apenas mais uma noite me deixava vagamente irritada. Se a parte da minha vida que eu via como meu “segredo sombrio” tinha se tornado tão comum, o que eu tinha agora?

Sem meus shows para me manterem ocupada e sem a vida social frenética que tinha em Nova York nos círculos de música clássica, eu estava meio perdida. Fran, que sempre foi incapaz de ficar parada por mais que poucos minutos, havia começado a procurar emprego em Londres quase assim que chegou, e aceitou um trabalho casual de bartender, de forma que ficava fora quase todas as noites e dormia durante o dia. Chris passava a maior parte da semana ensaiando com a banda.

— Por que você não vem? — sugeriu ele. — Venha nos ver tocar. Os caras andam perguntando por você.

Ele me deu o endereço de um estúdio em Holloway Road. O lugar era elegante, com um segurança e um sistema complexo de alarme, e cheio de equipamentos tecnológicos. Na última vez que vi o local que o Groucho Nights alugava, era um porão úmido com porta com cadeado em uma viela de aparência sinistra perto de Camden Lock, onde quase não dava para se mexer, muito menos colocar uma banda dentro. Eu sabia que o tio de Chris tinha emprestado um dinheiro para a banda a fim de ajudá-los a começar a carreira, mas não me dei conta de que era o bastante para pagar um lugar assim.

— Uau — exclamei ao chegar. — Vocês capricharam só pra mim.

Andei até Ted e lhe dei um beijo na bochecha enquanto passava a mão pelo cabelo dele.

Ele me empurrou de brincadeira.

— Não mexe no cabelo.

— É sério, você sempre precisa se vestir assim pros ensaios?

Ted, que tocava baixo e às vezes gaita ou kazoo, era de Boston. Ele e Chris eram primos, e eram tão parecidos que podiam ser irmãos. Tinham a mesma altura, com olhos castanhos e cabelo cheio e cacheado. Ted começou a deixar o dele crescer e a encaracolar, de forma que estava quase afro, e usava uma calça jeans skinny vermelha e um colete preto. Chris estava com a mesma roupa, mas ao contrário, com um colete vermelho e calça skinny preta.

Ella, na bateria, tinha pintado o cabelo, originalmente louro e liso, de um tom vermelho-bombeiro, mas de resto estava igual. Havia nascido em Hull e era a única inglesa do grupo. Ella tinha membros longos e um corpo masculino, com braços musculosos. Quando a vi da última vez, tinha uma tatuagem parcial de medusa no peito, que foi depois preenchida com tons fortes de rosa e azul, com os tentáculos descendo como linhas de mapa por baixo da gola da camiseta que tornavam difícil não olhar para o peito. Vestia-se como caminhoneiro, de calça jeans masculina e camisas, um visual que eu considerava singularmente atraente em uma mulher.

— Viggo deve passar aqui mais tarde — comentou Chris.

— É mesmo? Ele anda com pessoas comuns? Não parece coisa de astro do rock.

— Talvez o faça se sentir normal — sugeriu Ted. — Apesar de que eu não o chamaria de normal.

— Ele é dono deste lugar — acrescentou Chris. — Você achou que eu alugaria um lugar assim?

Eu me posicionei em um dos pufes de couro espalhados pelo estúdio quando começaram a se aquecer com algumas músicas mais lentas. Eu tinha levado meu violino comigo para o caso de ele querer que eu tocasse junto, em homenagem aos velhos tempos, mas o deixei fora do caminho por enquanto.

Tinham acabado o aquecimento quando a porta se abriu. Reparei que a mão de Chris hesitou no braço, mas ele continuou a tocar.

— Não pare, está ótimo.

Viggo estava carregando uma bandeja de cafés, equilibrada precariamente em uma das mãos. Segurava os óculos escuros na outra, embora eu não visse sinal de sol havia uma semana. Dei um pulo para segurar a porta para ele.

— Ah, obrigado, querida — disse com voz rouca. — Eu apertaria sua mão, mas as duas estão ocupadas, então vou ter que te beijar mesmo.

Ele se inclinou e beijou minha bochecha, roçando os lábios na minha orelha ao fazer isso, em um gesto que foi tanto ousado quanto totalmente inapropriado para a primeira vez que duas pessoas se veem.

— Sou Viggo Franck — apresentou-se. — É um prazer te conhecer. — Ele estava com uma das sobrancelhas erguidas em uma expressão de flerte.

— Summer Zahova — respondi com um leve aceno. — Posso pegar um? — Indiquei a bandeja de cafés. Eu estava seca.

— É claro.

Minhas mãos tremeram quando peguei um dos copos de papelão, sem um A de açúcar na lateral. Eu estava tentando agir com naturalidade, mas na verdade não estava muito acostumada a conhecer celebridades. Conheci algumas no mundo da música clássica, é claro, mas eram de um perfil diferente, a maioria introvertida, e não faziam meu tipo.

Nenhuma delas era como Viggo Franck. Ele estava com uma calça jeans tão apertada que achei que devia ter comprado na seção feminina. Era de cintura baixa e deixava à mostra 2 centímetros de pele na lateral, por baixo de uma camiseta branca rasgada. Ele era magro em vez de musculoso, com pele surpreendentemente pálida considerando que era meio italiano. Supus que tivesse puxado o lado dinamarquês. Tinha maçãs do rosto altas e lábios carnudos com barba bem-aparada ao redor, alguma coisa entre uma barba por fazer e uma de verdade. O cabelo era castanho bem escuro, quase preto, e bem liso, porém arrumado para ficar mais cheio.

Ficou imediatamente claro para mim por que as mulheres corriam atrás de Viggo. A energia sexual irradiava dele em ondas. Mesmo com as roupas discretas, ele era o

tipo de pessoa para quem você olharia duas vezes na rua. Ou eu, pelo menos, olharia. Viggo se encostou à parede com um pé no chão e o outro atrás. Voltei para o pufe e tentei não olhar para ele.

Chris e a banda estavam a toda agora, tocando a música mais rápida, alheios à nossa presença.

Ergui o olhar e vi Viggo me encarando, com os lábios em um meio sorriso. Ele chegou mais perto.

— Posso me juntar a você? — perguntou ele. Estava se sentando, se acomodando no pufe ao meu lado antes de eu ter a chance de confirmar ou negar, e apesar do fato de haver um sofá de dois lugares desocupado ao nosso lado.

— Claro — respondi, mantendo um tom gélido, embora na verdade o calor do corpo dele ao lado do meu e a visão de seu tórax tenham me provocado um arrepio na espinha.

Dei um pulo quando o café quente pingou no meu braço, pois meu copo se inclinou de repente quando ele se sentou no pufe.

— Merda, me desculpa — disse ele. Viggo tentou puxar a barra da camiseta para limpar o líquido, mas o tecido não chegava, então a tirou pela cabeça e me secou.

Olhei para o peito dele. A pele era pálida, com uma linha leve de pelos pretos cobrindo o trecho entre o peitoral. Os mamilos eram pequenos e escuros. A pequena dobra de pele que apareceu na barriga quando ele se sentou era resultado da posição cruel na qual estávamos. Eu queria esticar o braço e tocá-lo, passar a mão pela maciez de sua pele.

— Pronto — acrescentou ele antes de recolocar a camisa, ignorando a leve mancha de café que agora sujava o tecido.

Os olhos dele percorreram meu corpo, depois pousaram na caixa do meu violino, encostada no pufe.

— Você é integrante nova da banda?

— Não, eu tocava com eles de vez em quando, só de improviso, mas agora toco mais música clássica.

— Então nos mostre, gosto de ver instrumentos.

— O violino? Claro.

Eu me inclinei, tirei o Bailly da caixa e o entreguei a ele.

Viggo passou as mãos pelo corpo do violino, acariciando delicadamente a madeira polida.

— Você toca? — perguntei, curiosa pela reação. Os olhos dele, antes tão paqueradores e concentrados em mim, agora estavam completamente fixos no instrumento.

— Não violino, não — respondeu Viggo, sem mover o olhar. — Apesar de que, acredite se quiser, estudei piano clássico. Onde você o comprou? É um instrumento

particularmente belo.

Eu corei, lembrando-me de Dominik e do contrato não oficializado que fiz com ele para poder ficar com o Bailly.

— Uma pessoa me deu.

— É mesmo? — disse ele, agora olhando para mim. — Deve ser alguém íntimo. Você sabe onde ele conseguiu?

— Você está presumindo que seja um “amigo”.

— Estou. Onde ele conseguiu?

— Pra ser sincera, não tenho certeza. Com um vendedor, acho. Veio com certificado. A última dona se chamava Edwina. Edwina Christiansen. Mas não sei nada sobre ela. Procurei no Google uma vez, mas não achei nada. Você é colecionador? Ou está procurando alguma coisa no mercado?

— Não, não. Só curioso. Gosto de coisas bonitas. — Ele entregou o Bailly de volta para mim e permitiu que os dedos tocassem nos meus ao fazê-lo. — Por que não toca pra mim? — pediu.

— Agora?

Chris estava chegando aos acordes finais da melhor música que a banda tinha na lista.

— É. Toque pra mim.

Naturalmente, eu podia ter recusado o pedido, pois levei o violino na esperança de ter uma chance de tocar uma música ou duas com Chris e a banda. Mas Viggo estava essencialmente patrocinando o Groucho Nights. Eu queria agradá-lo pelo bem da banda.

Viggo ficou de pé e aplaudiu com animação quando Chris e a banda chegaram ao final da última música.

— Essa porra é das boas — elogiou ele. — Agora quero ouvir o violino. Mais uma?

Chris estava suando pelo esforço, mas sorriu largamente.

— Sim, claro, venha tocar, Sum.

Peguei meu violino e fui para o lado dele.

— Improvise — disse Chris, iniciando uma das canções folk que costumávamos tocar juntos. Ella deixou a bateria de lado para não obstruir meu som e começou a tocar um par de maracas. Não foi minha melhor performance, mas o ritmo voltou a mim como se eu tivesse tocado no dia anterior.

Inicialmente, fiquei um pouco sem jeito de tocar para Viggo, principalmente porque rock não formava meu repertório habitual, mas em poucos minutos esqueci completamente que ele estava ali de tão perdida no ritmo da música.

Só quando abri os olhos no final que notei o olhar de Viggo grudado em mim enquanto eu tocava, porém em vez de me despir com os olhos como Dominik fazia,

o foco dele era apenas no violino, quase como se estivesse me admirando da mesma forma como admiraria uma obra de arte.

A diferença entre os dois homens e o olhar deles quando me viam tocar ficou na minha mente enquanto voltávamos para o apartamento.

Chris estava triunfante e não pareceu perceber que eu estava distraída.

— Quero fazer isso todos os dias pelo resto da minha vida — declarou, com o rosto vermelho, quando entramos em um táxi. — Principalmente com você perto pra pagar os táxis pra todos os lados.

Eu tinha me acostumado a andar de táxi em Nova York e havia perdido a energia para carregar instrumentos no metrô. Eu tinha guardado bastante dinheiro das minhas turnês recentes, e os discos agora estavam gerando bons cheques de direitos autorais. Susan, minha agente, me mandou alguns e-mails com palavras firmes para saber o que eu andava fazendo, embora eu tivesse certeza de que Simón já teria contado a ela que saí do apartamento e estava descansando por um tempo.

A verdade era que mal pensava em Simón e em Nova York desde que saí de lá. Voltei com tanta facilidade para minha vida de solteira em Londres que os dois anos anteriores agora pareciam um sonho. Eu sentia saudade de Simón às vezes, quando pensava no assunto. Sentia falta de ter uma pessoa na cama ao meu lado e da segurança de um relacionamento em tempo integral, mas durante a maior parte do tempo me sentia aliviada por estar livre.

Eu pensava em Dominik com mais frequência, nos momentos em que estava acordada e nos meus sonhos. Eu me perguntava se ele tinha outra pessoa, uma namorada, e se havia abandonado a preferência dominadora na cama para conseguir sustentar um relacionamento mais comum, como eu tinha feito, ou se havia encontrado outra mulher submissa para amarrar à noite.

Perto do final da mesma semana nos encontrávamos em outro táxi, desta vez a caminho da Brixton Academy para o show de verdade. Chris, Ella e Ted tinham ido várias horas antes para ajudar na montagem, que estava sendo supervisionada pela equipe da banda de Viggo, e para arrumar tempo para a passagem de som. Assim, só Fran e eu seguimos depois.

Chris me garantiu que nós duas tínhamos sido convidadas para a festa que Viggo planejou para mais tarde, para comemorar a noite de abertura da turnê em Londres. Ele revirou os olhos quando perguntei.

— O que você *acha* que Viggo disse quando falei que sua irmã estava aqui visitando?

— Ugh — respondi. — Ele vai ficar na vontade se acha que é isso que vai acontecer.

— Vou ficar de olho em vocês duas.

— Você vai estar ocupado demais com as trezentas modelos que ele deve ter contratado pra servir a bebida dele.

— Sabe que não sou assim. Garçonetes dançarinas de biquíni não fazem meu estilo.

Fran riu quando ele olhou para ela com um sorrisinho.

Quando Chris e eu nos conhecemos na Academy, nós dois gostávamos muito do lugar. Parecia meio triste sem plateia, e o espaço era menor do que eu lembrava. Difícil de acreditar que 4 mil pessoas se espremeriam ali em poucas horas. O piso inclinado estava coberto de manchas e tinha cheiro de cerveja, mas, apesar disso, o local passava uma sensação de grandiosidade, um sentimento de familiaridade.

Lá fora, pessoas que estavam formando a fila havia horas conversavam tranquilamente, tomando latas de cerveja e fumando cigarros. Fiquei feliz em saber que uma boa parte tinha ido ouvir o Groucho Nights. Chris tinha conseguido um público e tanto. Olharam para mim e para Fran com curiosidade quando mostramos nossas credenciais para os seguranças fortes de uniforme que estavam protegendo as portas da frente, que nos deram permissão imediata para passar. Fui com uma roupa discreta, de minissaia jeans e minha velha bota cor de cereja, mas Fran chamou muita atenção, pois estava determinada a provar que não seria derrotada pelo tempo britânico e, apesar do frio, estava usando o short mais curto de cintura alta que já a vi usar. A pele dela estava quase azul de frio.

— Ei — chamou Fran. — Vou fazer 30 anos logo, logo, e ouvi dizer que depois é só ladeira abaixo. É melhor mostrar as pernas enquanto ainda posso.

Eu havia levado meu violino comigo a pedido de Viggo. Ele não especificou por que, mas eu achava que queria que eu tocasse na festa dele, depois do show. Senti-me um pouco estranha com a ideia. Dominik foi a única pessoa para quem toquei assim, mas pelo bem da banda, mais do que qualquer outra coisa, concordei. Pelo menos me faria praticar, pois eu não tinha nenhuma apresentação planejada. Deixei o Bailly no Green Room, que era bem-vigiado, mas agora estava vazio. The Holy Criminals estava nos camarins e Chris, Ella e Ted se mantinham ocupados com a passagem de som. Matamos tempo no bar antes de ocuparmos nossos lugares na frente do palco, pois a primeira metade do show estava quase começando.

Chris parecia outra pessoa quando subia no palco. No dia a dia, ele tinha um ar tímido e infantil, mas na frente do microfone usava uma segunda pele, com imagem e atitude perfeitas de um astro do rock.

A banda começou direto com uma das minhas músicas favoritas, “Roadhouse Blues”, repleta de solos com uma melodia de blues e os vocais roucos de Chris e Ted guiando o som como melado rolando lentamente por um barril de uísque. Ted pegou o baixo de braço duplo para a segunda música, “Fire Woman”, sobre amor quente com um toque de suíngue. Era uma canção que sempre enlouquecia as mulheres da plateia, e esta noite não foi diferente. Chris segurou o microfone em uma das mãos como se estivesse dançando lentamente com sua amante, com a boca bem aberta para alcançar as notas altas.

— Olá, Londres — gritou ele para a plateia —, como estamos hoje?

As pessoas pularam e gritaram em resposta.

— Querem conhecer a pessoa que vai fazer uma participação especial? — Ele olhou para mim na fileira da frente.

Mais gritos. Talvez Viggo tivesse concordado em fazer uma aparição.

— O que você está fazendo? — gritei, mas minha voz ficou perdida no resto dos gritos.

— Minha garota está aqui, direto de Nova York — gritou Chris. — Deem ânimo pra ela, pessoal, pra subir no palco.

Um dos *roadies* saiu correndo de detrás da cortina com um violino elétrico e o ligou com um estalo de feedback. Fiquei aliviada de não ser meu Bailly, pois o som ficaria perdido, mesmo com o microfone, mas eu não tocava um elétrico havia quase três anos.

Agachei-me por baixo da corda que separava a área onde eu estava do palco. Dois seguranças me levantaram e Chris segurou minha mão e me puxou. Eu me virei para olhar para o público. A energia no palco era bem mais louca do que eu estava acostumada em comparação com as tranquilas apresentações clássicas. O local parecia quente e vivo, formigando de barulho e eletricidade.

— Siga o fluxo — indicou Chris, e deu início a uma das músicas que tocávamos juntos, “Sugarcane”, um ritmo folk com um curto solo de violino e acordes de cordas duplas pontuando os vocais, um som intenso e pesado que eu não tocava desde que saí de Londres.

Fiquei para a música seguinte da banda, apreciando o fluxo de som pelo meu corpo como uma corrente. Forcei-me a deixá-los sozinhos no palco para a conclusão do show, um rock mais pesado que atingia um pico trovejante com a bateria.

Fran esperava por mim nos bastidores assim que saí, tendo que empurrar a multidão, mostrar a credencial e sorrir para um segurança para poder me parabenizar. Ela olhou para Chris quando a plateia enlouqueceu, e as luzes apontaram para a banda uma última vez quando os integrantes saíram do palco, com facho de luzes verdes e vermelhas brilhando no piso de madeira.

— Ele é muito bom — comentou Fran.

— Chris? É, eu sei. Ele parece uma pessoa diferente quando toca.

— Você também.

— É mesmo?

— Só mais confiante, acho. E consigo ver vocês mergulhando na música, como se estivessem viajando, sei lá...

— Não estamos. Sempre fomos entediados assim. Chris é radicalmente contra drogas, diz que não quer perturbar o fluxo criativo destruindo os neurônios.

— Faz sentido...

Fui pegar nossos casacos nos bastidores, depois segui para procurar umas bebidas, aproveitando o curto intervalo entre shows. Não havia tantos shows grandes assim na Nova Zelândia, e, mesmo quando havia, sempre eram nos grandes centros: Auckland ou Wellington, às vezes Christchurch. Nenhuma de nós duas tinha visto tantos shows em nosso país. Fran parecia feliz de absorver tudo e de olhar para o teto estrelado do Academy, que mesmo depois de várias visitas ainda me fazia sentir como se estivesse vendo um show ao ar livre.

Voltei bem a tempo de ver as luzes do palco se apagarem, exceto por um ponto vermelho que iluminava o centro dele. Um alçapão se abriu e uma jaula estava sendo lentamente erguida, com Viggo Franck dentro, agachado e com as mãos ao redor das barras em um gesto de desafio. Ele levantou a cabeça e sorriu quando a jaula chegou ao nível do chão, e fiquei quase surda pelos gritos agudos das mulheres na plateia. Fumaça falsa se espalhava pelo palco, e, quando ela se dissipou, a jaula tinha desaparecido, e Viggo estava de pé com as pernas afastadas usando praticamente a mesma roupa que o vi usando no outro dia: uma calça jeans preta de cintura baixa, botas de couro, camiseta rasgada. Se não fosse pela fama e por aquela aura de Casanova, ele poderia ser um cara qualquer em um pub de Londres, embora definitivamente não do tipo que você apresentaria para a sua mãe.

Ele ficou no palco por mais ou menos uma hora e meia com a banda, seguindo para o ápice com uma faixa do primeiro disco, *Underground*, com um solo forte de guitarra no meio que ele tocou de joelhos, inclinado para trás de forma que a cabeça tocava nos tornozelos. Diziam que praticava ioga em uma sauna especial na mansão dele, e minha mente imediatamente entrou em devaneio quando mostrou a flexibilidade que tinha.

Fran me cutucou nas costelas depois do show, quando estávamos indo procurar Chris e o restante da banda.

— Você sabe que vai ser uma dentre dezenas, né?

— Você está supondo que vou dormir com ele.

— Claro. Mas deve saber que não é a única. Provavelmente não vai ser a única nem hoje.

— Acha que eu devia evitá-lo?

— Meu Deus, não! — exclamou ela, sorrindo de orelha a orelha. — Quantas chances uma garota tem de trepar com um astro do rock? Vá em frente. Só tenha certeza de que ele vai usar proteção, certo?

— Não sou idiota... — respondi, lembrando que na primeira vez que transei com Dominik ele não usara preservativo. Um erro burro que não repeti depois disso. Com ninguém.

— Sem capacete, sem passeio — acrescentou Fran, rindo quando um dos ajudantes de palco que estava perto dos camarins olhou para ela e ergueu uma sobrancelha com zombaria.

A situação no camarim de Viggo estava mais tranquila do que eu esperava. Ele estava sentado em um banco tomando uma garrafa de cerveja, e Chris e Ted estavam relaxando em um sofá preto de vinil encostado em uma das paredes. O restante da banda de Viggo tinha saído para buscar mais bebida. O aposento em si era bem simples. As paredes pintadas de branco com cartazes tamanho A4 avisando que era proibido fumar pareciam brigar com os cinzeiros na mesa. Ella estava inclinada em direção ao espelho, limpando a maquiagem com lenços umedecidos.

Eles aplaudiram quando entramos. O olhar de Viggo se demorou no short curto de Fran.

— Ei, aí está nossa estrela! — disse Chris. — Eles te adoraram.

— Adoraram vocês, isso sim. Escutem como está lá fora.

Um grupo de fãs, quase todas mulheres, tinha se reunido do lado de fora e estava gritando:

— Viggo, Viggo!

E, de vez em quando:

— Chris!

— Chris não é um nome muito sexy — falei para ele em tom de brincadeira. — Você deveria mudar.

— Todo mundo quer me convencer disso — replicou —, mas é tarde demais agora. Eu me sentiria um idiota.

Viggo colocou a cerveja na mesa, segurou minha mão e me puxou na direção dele, de forma que fiquei de pé entre suas pernas abertas. Eu estava de saia curta com meia-calça e consegui sentir a calça jeans dele nas pernas. O toque me atingiu como um golpe, como uma taça de champanhe me subindo à cabeça, e tive que me obrigar a não cair direto nos braços dele.

— E então, querida — disse ele em tom arrastado —, trouxe seu violino? Vai tocar mais pra gente depois? — E sibilou na palavra “depois”, como se estivesse se referindo a uma coisa muito mais imprópria.

— Eu adoraria — respondi com indiferença, resistindo à vontade de apertar meu corpo contra o dele. Uma coisa era me envolver com um inegável mulherengo em

particular, mas era bem diferente fazer isso publicamente. Eu não queria ser objeto de piada de Chris e Fran pela próxima década.

— Bem — falou Viggo —, é melhor a gente ir.

A equipe havia colocado tudo em duas vans nos fundos do prédio e arrumado as coisas de Chris e da banda para levar para o estúdio, onde eles pegariam na semana seguinte. Assim, ficamos livres para ir nos carros de Viggo, dois sedãs pretos comuns com vidros escurecidos. Ele aparentemente dirigia um Buick 1987 preto a maior parte do tempo, mas preferia manter o anonimato depois dos shows.

Os carros pararam em frente ao portão de um condomínio em Belsize Park. Eram duas da manhã quando chegamos lá, e a vizinhança já estava em silêncio.

— Um monte de celebridades mora nesta rua — sussurrou Chris para mim. — E os nomes nem um pouco sexy delas não as prejudicaram em nada.

— Entendo o que quer dizer, mas tenho certeza de que muita gente discordaria.

— Não dá pra agradar certas pessoas — rebateu ele, revirando os olhos para mim.

O interior da mansão de Viggo não era nada como eu esperava. Não havia cobras em tanques, nem aquários cheios de mulheres nuas nadando como diziam por aí. O local era bastante simples, quase espartano, exceto por algumas obras de arte posicionadas para receber uma iluminação favorável. Uma escultura de um pássaro com as asas abertas estava pendurada no teto. Uma escadaria em espiral de madeira clara e metal descia pelo meio da sala.

— Aquilo é um Hirst? — perguntou Fran, olhando para uma longa pintura retangular, com fundo branco coberto de pontos coloridos perfeitamente redondos.

— Deus, não — respondeu Viggo, ficando um pouco mais perto dela do que me deixava confortável. — Que tipo de pessoa você acha que eu sou?

Olhei para a pintura mais de perto e reparei nos pequenos emes pintados no meio dos pontos coloridos, como doces.

— Inteligente — falei.

— Exatamente — respondeu Viggo. Ele estava passando a mão de leve pela minha saia e raspou em minhas coxas cobertas pelas meias. Estremeci. — Não gosto de coisas que não são inteligentes. Agora suba comigo, o show ainda não terminou.

O segundo andar era bem mais como eu havia imaginado. O local parecia um harém, todo decorado em vermelho-escuro e roxo e com candelabros pendurados no teto, um tapete fofo e dourado e uma variedade de sofás de couro preto em formatos incomuns, que eu desconfiava terem sido feitos para atividades que poderiam ilustrar o Kama Sutra. No centro do aposento havia um chafariz, e no meio do chafariz, uma estátua de mulher com aparência bem real.

Pelo menos achei que fosse uma estátua, até ela começar a abrir graciosamente uma das mãos e tirar um grampo do cabelo longo e louro, que caiu sobre os ombros.

Ela se virou lentamente para olhar para nós, revelando seios nus e a genitália completamente lisa.

Os movimentos dela eram sutis e belamente executados, tão distantes de uma stripper estereotipada quanto dava para imaginar. Ela havia se posicionado de tal maneira que a água saindo do chafariz parecia fluir para cima pelas pernas dela, parando ao chegar à barreira criada pela pele. Ao lado da boceta havia a tatuagem de uma pequena arma.

Uma lembrança vaga começou a ecoar nas profundezas da minha mente. O mundo era cheio de garotas dançarinas, mas eu só tinha visto uma que se movia assim, com uma arma idêntica desenhada na pele.

Era a dançarina russa que havia se apresentado naquele lugar, um clube particular em Nova Orleans para onde Dominik me levou. Lembrei com uma onda de humildade e excitação que, depois de vermos a dança impossivelmente erótica dela, Dominik mandou que eu dançasse para ele no palco. Fiz o que mandou, nua, exceto por anéis de mamilo vermelho-rubi e um plugue anal.

Luba.

Ela olhou nos meus olhos e sorriu.

O Angelique

A pequena loja em Burlington Arcade onde havia comprado o violino de Summer estava fechada, apesar de ainda estar no meio da tarde. Dominik olhou pela porta de vidro e reparou em pilhas de correspondência pegando poeira no chão do outro lado do pequeno orifício para cartas. Um aviso na porta direcionava para um número de telefone que ele anotou.

Ligou mais tarde.

Ninguém atendeu.

Ele tentou de novo em intervalos de uma hora.

Por volta de dez da noite, Dominik estava prestes a desligar em sua última tentativa do dia, após deixar o telefone tocar por vários minutos, quando uma pessoa finalmente atendeu.

O homem parecia ser idoso e falava em voz baixa.

— É sobre a loja em Burlington Arcade — explicou Dominik.

— Você devia fazer contato com o agente imobiliário — replicou o homem.

— Não é por isso que estou ligando — corrigiu Dominik. — Já fui cliente lá. Comprei um violino. Eu só queria fazer umas perguntas...

— Saímos do mercado. Decidi me aposentar. Não vale mais a pena — declarou o homem. — Acho que não posso ajudar.

— Você era o dono? — perguntou Dominik.

A voz do homem não parecia em nada com a da pessoa que lhe vendera o Bailly.

— Era.

— Acho que não nos conhecemos. Seu colega me vendeu um belo instrumento, mas agora quero saber mais sobre a história dele, os donos anteriores...

— Você não recebeu um certificado de proveniência? Ele devia ter fornecido um.

— Recebi. Mas as informações eram poucas.

— Não pode esperar que eu me lembre de cada detalhe de cada instrumento que passou por nossas mãos, não é?

— Eu sei. Mas eu estava curioso...

— Por quê?

Dominik hesitou por um breve momento. Como poderia explicar? Que estava

tateando no escuro? Que queria que Summer voltasse para sua vida? Que tinha se tornado um escritor sem nada sobre o que escrever?

— É difícil explicar. A pessoa para quem comprei o violino é...

O homem o interrompeu.

— Foi o Bailly?

— Foi — admitiu Dominik, surpreso.

— Ah...

— Então...

— Escute, está tarde. Por que não me liga amanhã de manhã? Mas não muito cedo. Podemos combinar um encontro.

— Sem dúvida. Eu adoraria.

O dono da loja morava perto de Dominik, no norte de Londres. Sua casa era um chalé caindo aos pedaços em uma rua particular perto de Highgate Village. O jardim da frente estava malcuidado, o gramado cheio de ervas daninhas, e as roseiras não eram podadas havia séculos. A campainha da frente não funcionava, e Dominik precisou bater com força repetidamente na porta até ouvir sinais de vida.

Assim que o homem abriu a porta e olhou para ele, Dominik o reconheceu. De alguma forma, a voz delicada ao telefone o fez pensar que o homem era bem mais velho do que realmente era. Ele tinha no máximo 50 e tantos anos. Dominik o havia visto antes. Duas vezes, na verdade. E cada ocasião estava registrada em seu cérebro.

Ele estivera presente nas duas festas mais exageradas a que Dominik frequentara no cenário de Londres durante seus meses de loucura. Mais como voyeur do que participante ativo, o homem em geral desaparecia depois de se divertir com a mulher que se voluntariava para ser o centro das atenções. Então, passava o resto da noite tomando uma taça de vinho branco e observando os demais (e Dominik) prosseguirem nas brincadeiras e no uso dessa mulher. Dominik inicialmente havia achado a situação meio sinistra, mas logo a ação no aposento lhe desviava a atenção.

Os olhos úmidos do vendedor de instrumentos o observaram. Não houve sinal de reconhecimento. Ele não se lembrava de Dominik. Afinal, a ação que se desenrolava nas noites famosas em quartos de hotel era bastante envolvente, e mais notável por corpos e partes de corpos do que por rostos.

— Conversamos ao telefone. Sou Dominik — apresentou-se.

— John LaValle. Entre.

Ele o levou até a sala da frente. Um enorme piano de cauda estava no centro dela, com uma confusão de jornais velhos e amarelados, partituras e livros com a lombada rachada em cima.

LaValle indicou uma poltrona de couro velha e se sentou no banco do piano, de

frente para Dominik. Ofereceu-lhe uma bebida, que ele recusou, e se serviu de uma dose de uísque do bar adjacente.

— Me deixa alerta, sabe — disse LaValle, apontando para o copo e para o líquido cor de âmbar em seu interior antes de dar alguns goles lentos.

— Você não estava na loja no dia em que comprei o violino — comentou Dominik.

— Não. Uma pena. Meu colega, que deixou o emprego pouco tempo depois, achou que poderia conquistar espaço e me agradar ao passá-lo adiante. Na verdade, eu não tinha intenção de vender aquele instrumento em particular.

— Ah. Por quê?

— Era um item de colecionador. A rigor, valia muito mais do que você acabou pagando por ele — respondeu LaValle. — Tinha chegado algumas poucas semanas antes por meio de um advogado na Alemanha que estava se desfazendo dos patrimônios de um imóvel, sem saber do valor e nem do significado do violino, e eu estava pensando em ficar com ele para mim, trazê-lo para cá. Achei que ficaria mais seguro sob este teto...

— Mais seguro?

— É um instrumento que tem o hábito de se perder.

— Me conte mais.

LaValle ignorou o pedido.

— Mas eu soube que não está mais com você. Comprou-o intencionalmente para outra pessoa?

— Foi um presente — confessou Dominik.

— Para Summer Zahova. Um presente bastante caro, não?

— Como você sabia disso? — perguntou Dominik.

O homem ficou de pé, se inclinou por cima do tampo do piano e pegou um pôster dobrado em meio à pilha de papéis. Ele o desdobrou e, com um floreio, mostrou para Dominik.

Era o pôster inicialmente produzido para anunciar o primeiro concerto solo de Summer. A figura mostrava Summer do queixo para baixo, até um pouco abaixo da cintura, e permitia que uma cascata de cachos ruivos surgisse como tentáculos do espaço desconhecido acima. O tórax e a barriga estavam expostos na imagem, e os seios ficavam graciosamente escondidos pelo corpo do violino, em um tom laranja escuro em contraste com a palidez da pele dela.

Era sexy e intrigante e sem dúvida foi essencial para atrair o público para a apresentação, para o evento em que o rosto da misteriosa violinista seria revelado.

Dominik percebeu que nem sequer havia tentado obter um exemplar do pôster na época.

— Entendo — disse ele.

— É surpreendente que ninguém pareça ter percebido na época que o violino exibido na foto era o Angelique — observou LaValle. — É tão distinto.

— O Angelique? Seu colega me falou na época que ele havia sido feito por um *luthier* francês chamado Bailly. O nome dele estava na caixa das cravelhas, por baixo das cordas.

— Ah, sim, Bailly foi o homem que criou o instrumento. Mas ele fez muitos violinos assim. É só que esse violino em particular carrega muitas histórias. Um homem interessante, o nosso Sr. Bailly. Muito interessante mesmo. A maioria dos fabricantes de violinos, *luthiers*, como você disse, eram inicialmente italianos, mas Bailly era um dos poucos artesãos franceses a conseguir uma reputação distinta para si mesmo nessa área delicada.

LaValle tomou outro gole do uísque e prosseguiu:

— Suponho que você não seja colecionador de instrumentos antigos, considerando que passou o violino para a Srta. Zahova. Portanto, eu estava me perguntando qual é seu interesse nele agora.

— Eu só coleciono livros — comentou Dominik. — É o bastante como passatempo. Apenas estava curioso. Estava pensando em escrever alguma coisa sobre instrumentos musicais. Um romance. Por ter estado envolvido com esse violino Bailly em particular até certo ponto, pensei que ele poderia ser o ponto inicial da minha pesquisa.

— Que interessante. — LaValle assentiu.

— Eu adoraria saber mais. Você despertou meu apetite — declarou Dominik. — Mencionou alguma coisa sobre o instrumento se perder?

— Para ser mais objetivo, ser roubado — disse LaValle. — Na verdade, durante os 15 dias em que deixei o instrumento bem-guardado em Burlington Arcade, aconteceram duas tentativas de invasão. É mais do que vivenciamos nos vinte anos anteriores em que estivemos em funcionamento. Muito suspeito. Não que alguém soubesse que ele estava lá. Nunca anunciamos, nem na loja nem em nossos catálogos. Eu quase nem tive tempo de identificá-lo depois que chegou da Alemanha. Quem quer que tenha mexido no nosso sistema de alarme quebrou alguns armários e cadeados, mas não localizou o cofre onde eu tinha guardado o Angelique. Infelizmente, as invasões afetaram nossa apólice de seguro, mais um motivo para descontinuar o negócio alguns meses depois, apesar de você já ter adquirido o instrumento nessa época. Eu já tinha a loja havia tempo demais e estava ficando entediado com o trabalho. Mas não me deixe entediá-lo com papos sobre impostos e valores de negócio...

— Não, estou fascinado.

— E espero que a Srta. Zahova tenha seguro e o guarde em um lugar protegido quando ele não está sendo usado.

— Suponho que sim. Não nos vemos muito atualmente.

— Que pena. Ela parece ser uma mulher incrível.

— Ah, sim.

— Mas sei que você é um homem que aprecia profundamente as mulheres. É uma coisa que temos em comum. — Ele sorriu para Dominik com cumplicidade. É claro que o tinha reconhecido. Sabia o tempo todo.

— Você sabia...

— Quem você é? Naturalmente. Tenho boa memória para rostos.

— Por que não falou nada?

— Todos temos nossos segredos, nossos pontos obscuros — replicou LaValle sem interesse. — Ninguém se feriu, e muito prazer foi sentido. As outras pessoas que julguem...

— Você ainda... tem contato com o grupo, com as mulheres? — perguntou Dominik.

— Não, todos se afastaram depois de um tempo. Sem querer ofender, mas a Srta. Zahova seria um acréscimo maravilhoso às nossas festas. Já pensou em levá-la? Sempre achei que musicistas são as melhores submissas. Não há lógica, é só um instinto. E...

— Eu ainda não a conhecia. Nos conhecemos depois — interrompeu Dominik.

— Uma pena.

— E então — apressou-se Dominik para mudar o assunto —, me conte sobre o Angelique.

Nascido em 1844, Paul Bailly era um homem que sofria intensamente do impulso de viajar sempre. Aprendeu a arte de confeccionar violinos em sua cidade natal, Mirecourt, nas províncias francesas e depois em Paris com o famoso *luthier* Jean-Baptiste Vuillaume e com o lendário Jules Galliard.

Uma alma inquieta e romântica, Bailly teve uma vida amorosa particularmente turbulenta, chegando a morar por toda a França e depois se mudou para a Inglaterra. Em Paris, conheceu uma jovem *au pair* inglesa, Lois Elizabeth Hough, que estava trabalhando para uma família francesa rica e por quem se apaixonou perdidamente.

Bailly seguiu Lois para Londres quando ela voltou, mas o relacionamento não deu certo e ele logo se mudou para Leeds. Lá, trabalhou em uma empresa local manufaturando instrumentos musicais, embora nenhum violino com a assinatura dele tenha sido visto nessa época, levando à especulação de que trabalhava lá executando tarefas menores e negligenciando a própria arte.

Depois de um tempo, Bailly foi visto em Paris nos anos 1880, o período mais prolífico e que se refletiu em uma série de instrumentos únicos pelos quais sua

reputação se estabeleceu. Também foi em Paris que conheceu Angelique Spengler, uma mulher casada com um famoso empresário do ramo teatral, Hughes Caetano.

Angelique era dona de extraordinária beleza, em contraste com o marido tosco, porém eficiente, que controlava vários dos teatros de Paris e era famoso por ter conexões fortes com o comércio sexual clandestino da cidade. Muito provavelmente, ligações políticas ajudaram Caetano a excluir qualquer coisa ilegal de seus registros. Mas sua reputação era de homem violento e ciumento. Contava-se que tinha comprado Angelique direto da escola para meninas, como acordo por um débito de jogo do pai pobre da moça.

Como Bailly e Angelique se conheceram não estava claro. Possivelmente em um concerto. Mas quando aconteceu, faíscas surgiram no ar e eles rapidamente se tornaram amantes. Com o marido possessivo e a posição dele na sociedade, era inevitável que o caso acabasse sendo descoberto, e foi o que se deu. Bailly foi atacado por capangas pagos por Caetano e levou uma surra. A história conta que o pulso direito dele foi quebrado, e que o resultado disso foi que nunca fez nenhum outro instrumento depois dessa data, e nenhum violino com o nome dele surgiu desde então.

Inflamada pelas ações do marido, Angelique conseguiu abrir o cofre dele e, com o dinheiro roubado, ela e Bailly fugiram para os Estados Unidos.

A reação de Caetano foi rápida quando ele descobriu onde o casal estava, e alguns de seus homens foram despachados para Nova York, onde Angelique e Bailly tinham sido localizados. Angelique foi sequestrada quando Bailly estava fora a trabalho e nunca mais foi vista. Alguns diziam que teria sido executada e seu corpo jogado no rio Hudson, enquanto outros contavam uma história de vingança e degradação na qual a bela jovem havia sido forçada à servidão sexual, inicialmente em Chinatown e depois em Tijuana, no México. Mas, como dissera LaValle, esse tipo de história é passada de boca a boca ao longo dos anos e pode às vezes ser vítima de muitas distorções. A verdade costuma ser a primeira a sofrer.

De qualquer modo, e talvez também como forma de punição na mente vingativa de Caetano, Bailly não tenha sofrido nada, fora a terrível angústia de ter perdido Angelique e se preocupar com o destino dela. Depois de um tempo, Bailly voltou para a França, mas nunca mais se envolveu na fabricação de violinos.

— Fascinante — falou Dominik quando LaValle terminou a história. — Mas e o violino que você chama de Angelique?

— Ah — disse LaValle. — É aí que a história fica ainda mais interessante...

Alguns anos mais tarde, uma década depois da virada do século XX, um violino com o nome de Bailly e sem ano visível de fabricação apareceu em um leilão na Christie's. Os especialistas ficaram confusos. Era um trabalho reconhecível de Bailly, mas a madeira usada para a fabricação parecia ser de proveniência diferente

da dos outros instrumentos atribuídos a ele. Além do mais, as curvas do violino em questão eram ligeiramente diferentes, mais sutis, arredondadas, sensuais, como alegou um especialista, como se a forma de entalhe da madeira tivesse sido inspirada no corpo de uma mulher. Em determinado ponto, alguém alegou que os motivos para a discrepância eram o fato de esse instrumento em particular ter se originado durante a época do caso de Bailly com Angelique e ter sido influenciado pelo amor que sentia por ela. Foi declarado por unanimidade que aquele era o último violino feito por Paul Bailly. E, assim, por falta de evidência do contrário, uma lenda nasceu e o violino ganhou um nome.

E é onde a história ganha uma virada mais sinistra.

O colecionador que venceu o leilão do Angelique se tornou mais tarde um dos primeiros oficiais ingleses a morrer nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Não seria uma ocorrência incomum, não fosse pelo fato de que os dois donos seguintes do instrumento, o primeiro por herança e o segundo por comprar da família do falecido, sofreriam destino semelhante. Até então, foi apenas azar durante a passagem de um período sangrento da história. No entanto, após a guerra terminar, o violino foi parar nas mãos de uma família inglesa que morreu toda em um incêndio na casa de campo, com o instrumento tendo ficado em segurança na casa de Londres. Mas, quando os beneficiários da propriedade foram recolhê-lo, ele não foi encontrado. Havia sido roubado.

O Angelique foi visto depois na França. Para aumentar as coincidências, o dono seguinte foi um político e colecionador parisiense que morreu nos braços da amante semanas depois de adquirir o instrumento. Parecia que, para compensar a ausência de um benfeitor, a cortesã em questão rapidamente pegou o violino e outros itens pequenos da coleção do amante e os levou antes de relatar a morte e o cadáver. O paradeiro do violino durante os dez anos seguintes é desconhecido, mas ele apareceu depois na Alemanha, como propriedade de um oficial de alto escalão que se envolveu em uma das raras tramas para derrubar Hitler e terminou pendurado em um gancho de açougue por seu envolvimento. As autoridades se apossaram de seus pertences, e o violino foi parar nas mãos do governo. Ele foi guardado em um museu em Hamburgo, que acabou sendo pilhado pelo exército russo.

Há registros do violino apenas no período mais pacífico dos anos 1950, quando pertencia aos Christiansens, uma família próspera de Hannover. Nenhum integrante da família sofreu morte não natural por três gerações. O violino foi passado de pai para filho até pertencer a Edwina Christiansen.

O nome da última proprietária do violino, de acordo com o certificado de proveniência, lembrou Dominik.

Edwina era a filha rebelde da família burguesa e, de acordo com todos os registros, dona de extrema beleza. Durante os anos 1960, esteve sob influência de

um homem mais velho, um americano que ela conheceu em São Francisco. Mas o relacionamento não era convencional e estava longe de ser respeitoso. Para resumir (“Talvez você possa escrever tudo no seu romance”, sugeriu LaValle), Edwina virou escrava sexual do sujeito.

— E o violino? — perguntou Dominik.

— Ficou na Alemanha, enquanto Edwina estava nos Estados Unidos. Ela foi dona dele por acaso, pois tinha sido passado para ela pelo pai. Ela nunca o tocou, e nem nenhum outro instrumento, na verdade.

— O que aconteceu com Edwina?

Ela acabou matando o amante americano. As circunstâncias são nebulosas e Edwina, no julgamento, foi firme em se recusar a responder qualquer pergunta, sentenciada então à prisão perpétua. O caso permaneceu nas manchetes dos jornais por algumas semanas, por conta da sórdida história de fundo que foi revelada pela acusação, mas também pela espetacular beleza e melancolia da acusada.

Deserdada pela família pudica e sozinha em um país estrangeiro, Edwina não teve chance alguma.

Ela morreu na prisão aproximadamente uma década depois. Na Alemanha, os parentes, envergonhados pela confusão toda, fingiram ignorar o episódio, e os pertences de Edwina foram armazenados, sem ninguém prestar atenção ao violino Bailly. Apenas quando o prédio em que os objetos estavam guardados foi ameaçado de demolição algumas décadas depois da morte da mulher (devido a uma reforma na área em questão) que parentes distantes mandaram um advogado cuidar de tudo como julgasse melhor.

— Foi assim que o violino veio parar nas minhas mãos — concluiu LaValle. — Estava listado no catálogo dos bens da propriedade como um Bailly, sem indicação de detalhes, pois o advogado envolvido não fazia ideia da história nem dos valores.

— E quando você o viu, percebeu que era o Angelique? — perguntou Dominik.

— Inicialmente, não. Eu havia adquirido muitos outros instrumentos como parte da transação e sabia que já tinha compradores para a maior parte deles, então não dei muita atenção para o Bailly no começo. Mas, quando observei melhor, me dei conta de que era o instrumento sobre o qual tantas pessoas falavam devido à sua história incomum. Não acredito em maldições nem nada disso, mas estava pensando em ficar com ele para mim e não botar à venda. Antes de eu ter chance de fazer isso, porém, aquele vendedor idiota que se achava muito esperto o vendeu. Para você.

— O Angelique.

— Sim. — LaValle sorriu. — Portanto, posso perguntar se o instrumento deu má sorte à Srta. Zahova?

Dominik refletiu cuidadosamente sobre as palavras dele.

— Bem, ela ficou bastante famosa desde então. Mas talvez outras pessoas tenham

sido afetadas...

LaValle olhou nos olhos dele.

— Espero que você não seja supersticioso. São apenas coincidências, sabe. Embora essas histórias bobas deem uma reputação interessante ao instrumento. E belos objetos atraem mesmo ladrões nos dias de hoje. Se ela estivesse disposta a vender, tenho certeza de que conseguiria pelo menos cinco ou seis vezes o que você pagou por ele.

— Não acredito que seja questão de dinheiro, Sr. LaValle — replicou Dominik, ficando de pé. — Mas foi uma história muito interessante. Obrigado por seu tempo.

— Espero ter satisfeito sua curiosidade — desejou o vendedor.

— Sem dúvida. Você me deu muito sobre o que pensar. A verdade pode ser mais estranha do que a ficção, não?

— Pode mesmo — concordou LaValle. — E você tem material suficiente para o seu romance?

— Um início, acredito.

Do lado de fora, o som da chuva era como uma tatuagem nos telhados de Highgate Village, mas Dominik sabia que agora precisava de ar fresco para pensar sobre tudo e decidir qual seria seu próximo passo e se deveria avisar Summer sobre o violino. Ele também sabia que aparecer do nada com histórias bobas sobre maldições, roubos e amantes mortas provavelmente não a agradariam nem o tornariam bem-vindo de novo.

Nos sonhos veio a confusão.

Misturando o princípio intenso de uma forte enxaqueca que de repente surgiu quase sem aviso, a história que LaValle havia contado e o automático refluxo de lembranças de Summer, a noite de Dominik virou um emaranhado complicado de emoções e imagens irracionais.

Ele visualizou Summer como Angelique. De roupas antiquadas que nunca a vira usar antes, imagens conjuradas por filmes antigos no estilo de *E o vento levou* e da produtora Merchant Ivory. Usava um vestido branco de crinolina, apertado na cintura, e o que parecia um espartilho por baixo apertando os seios, espremendo-os para cima para dar a impressão de ser mais ampla do que realmente era. Caminhava pelo gramado recém-cortado do Heath com todo seu esplendor, e, pelas camadas de sono, Dominik conseguia até sentir o cheiro distinto de grama. A visão cortou para a clareira e o coreto vazio sob um céu azul puro, com a mancha branca de Summer com o vestido de Angelique subindo os degraus de pedra. Ele estava a 100 metros,

um espectador invisível, grudado no chão e incapaz de se mover.

Uma caixa preta de violino estava sob um banco de piano forrado de veludo no meio do coreto. No sonho, Summer, assim como Angelique, correu em direção ao violino, mas apareceram dois homens saídos de uma cortina de escuridão para impedir a passagem dela. Estavam vestidos de preto. Um tinha bigode, o outro, uma cicatriz. Vilões melodramáticos de opereta realçando todos os clichês do livro.

Summer gritou, porém Dominik, preso em um casulo de silêncio, tentando desesperadamente correr em direção ao coreto, em direção a Summer, não conseguia protegê-la.

Um dos homens deu um tapa nela, o outro arrancou violentamente o corpete do vestido, libertando os seios de Summer, orgulhosos e frágeis. Os mamilos escuros surgiram do espartilho no qual estavam protegidos. Devia ser uma manhã fria, pois de onde estava, Dominik conseguia ver a pele ficando toda arrepiada.

O outro homem pegou a caixa do violino e entregou o Bailly para Summer. O corpo dela estremeceu pelo choro quando levou o instrumento lentamente até o queixo, se empertigou e ajeitou sua posição. Quando começou a tocar, o primeiro homem, o que tinha bigode mexicano, tirou uma faca afiada do nada e rapidamente cortou o vestido na cintura, deixando Summer nua, exceto pelas meias brancas presas a uma liga igualmente branca ao redor da cintura fina.

Sob o olhar dos captores, ela começou a tocar.

Apesar de o sonho ser silencioso, Dominik imaginou a música saindo dos dedos dela e da madeira laranja escura do instrumento, fluindo para baixo como chuva, dançando, ganhando vida, flutuando em minúsculas nuvens até formar uma auréola ao redor do coreto, um arco-íris de sons que se espalhavam como um cobertor sobre Hampstead e sobre toda Londres.

Enquanto dormia com a visão de Summer, agora nua, exceto pela cinta-liga branca e pelas meias, com a mata dos pelos pubianos em chamas, ardendo na paisagem pálida do corpo e tocando o Bailly de olhos fechados, perdida no silêncio da música, Dominik teve uma ereção. Levou a mão até o pênis para verificar sua excitação. Como em resposta, os homens de cada lado de Summer no coreto abriram as calças e se aproximaram dela, com intenções maliciosas dançando em seus olhos.

Dominik queria correr até ela para ajudar, mas em um instante a cena toda desapareceu e ele estava de volta à cama, com os olhos bem abertos, acordado. A gola da camiseta estava úmida de suor.

Foi um sonho. Ou um pesadelo. Dominik tomou um gole do copo de água ao lado da cama. Eram três horas da madrugada e, na escuridão do quarto, visões de Summer perseguida por homens, perdida, sozinha e violada, com o precioso violino quebrado em pedaços no chão encheram-lhe a mente.

Dominik e Lauralynn estavam tomando café à mesa da cozinha.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Sim, por que não estaria?

— Achei que você tivesse companhia ontem. Fez bastante barulho.

— Fiz?

— Juro que te ouvi gritar uma vez — comentou Lauralynn. — Acabou me acordando. Tive que me controlar pra não subir e ir olhar seu quarto.

— Não, eu estava sozinho. Deve ter sido um pesadelo.

— Você foi barulhento pra caramba...

— Desculpe.

— Devo dizer que sua aparência está péssima esta manhã.

— Dormi mal. Ainda estou com enxaqueca.

— Pobrezinho — debochou Lauralynn.

— Obrigado pela solidariedade.

— Foi um prazer.

Lauralynn esvaziou a xícara, foi pegar mais café e subiu com ela para o quarto que lhe pertencia, deixando Dominik sozinho, vítima das lembranças e de um terrível sentimento de mau agouro.

Ele mencionara para LaValle que não era supersticioso, mas o que havia ficado nos cantos escuros de sua mente através de sonhos ruins e das imagens que se seguiram agora o deixava ansioso. Com Summer e com o violino. Maldições eram coisas de livros, não da vida real, claro.

Mas e se alguma coisa acontecesse com ela? Dominik sabia que se sentiria responsável e não conseguiria viver com isso.

Será que devia avisá-la?

Fazer contato com Summer depois de tanto tempo? Perturbar a vida dela?

Ouviu o telefone de Lauralynn tocar ao longe. O toque era um trecho vibrante de música disco, completamente diferente do tipo de música que ela tocava no violoncelo. Tentou lembrar se Lauralynn ia trabalhar hoje ou se ficaria em casa. Queria companhia.

Foi até o escritório do último andar para ver as anotações que tinha feito depois do encontro com o vendedor de instrumentos. Não poderia usar a história do Angelique, o violino de Bailly, inteira no livro. Teria que enfeitá-la, coletar muitos detalhes históricos e tecer um grupo interessante de personagens ao redor. Mas sabia que a história podia oferecer a base, o esqueleto de um livro. Ele gostava de pesquisa e estava ciente de que precisaria fazer muita se abordasse uma variedade de períodos, mas isso também era um desafio que lhe daria prazer.

A única coisa com a qual teria que tomar cuidado era evitar qualquer personagem parecida demais com Elena, duplicata reconhecível de Summer no romance de Paris.

Por mais que desejasse fazê-lo.

Escrever sobre ela era não apenas uma forma de exorcismo, mas uma maneira de mantê-la viva em sua mente. A chama dela, as feições, a pele, o cheiro, as lembranças que não conseguia deixar para trás. Mesmo estando tudo misturado a dor.

Dominik suspirou, misturou as folhas de papel e puxou o laptop para mais perto. Criou um novo documento e ficou com os dedos acima do teclado ao tentar bolar um título apropriado para a pasta.

Estava digitando freneticamente meia hora depois, alheio ao resto do mundo, quando ouviu uma batida na porta do escritório. Já estava aberta, mas Lauralynn procurava ser respeitosa.

— Dominik?

— Sim, o que foi? — Ele levantou rapidamente o olhar.

— Eu não queria te perturbar. É que aconteceu uma coisa.

Ele empurrou a cadeira para trás.

— O quê?

— Recebi uma ligação — começou Lauralynn. — Era sobre meu irmão...

— O soldado?

O estômago dele se contraiu. Depois das histórias do dia anterior sobre o violino, nada seria surpresa hoje. Mas sabia que Lauralynn e a família não tinham nada a ver com o Angelique. Coincidências não iam tão longe.

— É, ele foi ferido. Não é nada muito grave. Talvez perca um dedo, mas salvaram a mão dele. Foi uma bomba na beira de uma estrada no Afeganistão.

— Sinto muito. — Dominik ficou de pé e foi até ela.

— Uma das minhas tias ligou. Está com ele no hospital dos veteranos, para onde foi repatriado. É na Virginia. Até consegui falar rapidamente com meu irmão, pois ela estava ao lado do leito. Ele está bem.

— Isso deve ser um alívio.

— É mesmo. — Lauralynn entrou no escritório e se encostou à escrivaninha. — De qualquer modo, acho melhor eu ir pros Estados Unidos por um tempo. Ele é o único familiar próximo que tenho, afinal.

— Entendo perfeitamente. Tem alguma coisa que eu possa fazer?

— Não, obrigada. Consegui uma reserva no voo de amanhã. Deixei a data de retorno em aberto. Talvez eu fique algumas semanas.

— Você será sempre bem-vinda. Não vou colocar mais ninguém no quarto extra. Prometo. — Ele tentou dar um sorriso.

— O voo sai cedo de Heathrow. Pode me dar carona? — perguntou Lauralynn.

— É claro. É o mínimo que posso fazer.

— Obrigada. Você é um bom amigo. Vou encontrar uma forma de pagar... que não

seja com dinheiro, é claro. — Os olhos dela brilharam, repletos de malícia não disfarçada.

— Tenho certeza de que vai.

Ela se inclinou e deu um beijo na bochecha dele.

— Tenho que correr até a cidade e cancelar alguns ensaios, e também ver se o pessoal do quarteto consegue sobreviver sem mim por uns tempos. Não temos apresentações marcadas, então deve ficar tudo bem.

— Estaremos todos esperando quando você voltar — disse Dominik, já pensando em como seria ficar sozinho de novo em casa.

Era uma perspectiva pela qual ele não ansiava.

Uma lâmina amarga

Senti como se todos ali conhecessem meu segredo. Viggo, Fran, Chris. E talvez conhecessem mesmo, se Luba decidisse mencionar, mas ela desviou o olhar do meu e continuou a dançar, movendo-se lentamente para trás até o holofote desaparecer e o chafariz ficar mergulhado na escuridão com Luba junto.

— Uau — exclamou Fran. — Talvez eu não seja tão hétero quanto achei que fosse. Isso foi excitante.

Esperei que Viggo dissesse alguma coisa, achando que fosse me convidar a sucedê-la com algum tipo de recital, mas ele estava de costas para nós e já misturava coquetéis elaborados em um longo bar que acompanhava quase toda a extensão do aposento.

— Chris, você viu meu violino? — perguntei. — A equipe trouxe?

— Sim, acho que vi um dos *roadies* colocá-lo na van. E eles tomam mais cuidado com instrumentos do que com bebês. Deve estar com o restante do equipamento no estúdio. Não se preocupe.

— É que me sinto tão estranha sem ele ao meu lado. Nua. Como usar sapatos sem meias.

— Quando eu estava prestes a te acusar de ser melodramática, você estraga tudo com uma imagem dessas — provocou Chris.

— E eu nem precisava ter trazido.

Estava começando a me sentir meio solitária sem a companhia do Bailly. Tocar o violino elétrico que me deram foi meio desagradável, não era a mesma coisa. O som saía quase mecânico, desprovido de calor. Talvez eu ligasse para Susan para ver se ela conseguia me arrumar umas apresentações em Londres. Eu não podia ficar na minha para sempre.

— Nós íamos fazer com que você tocasse lá no palco, foi por isso que pedi que o trouxesse. Mas foi uma ideia idiota. O som ficaria completamente perdido, então pegamos o violino elétrico. Mas você foi demais, sabe. Devia tocar com a gente mais vezes.

— Acho que ao menos me daria alguma coisa pra fazer.

Olhei para Fran, que estava deitada em uma espreguiçadeira preta com garras no

lugar de pés e braço no formato de uma cabeça de pantera, conversando com o baterista do Holy Criminals, Dagur, sentado à frente dela. Ele não era tão popular com as fãs quanto Viggo, mas tinha certa sofisticação e um olhar intenso que pareciam ter cativado minha irmã.

Chris suspirou. Reparei no interesse dele em Fran e na faísca imediata assim que os apresentei, mas não tinha certeza do que achava disso. Meu melhor amigo e minha irmã.

— Cabeça erguida — falei para ele. — Sempre tem a Luba.

— Luba? — perguntou ele, confuso.

— A dançarina — respondi casualmente, percebendo na hora meu erro.

— Como você sabia o nome dela?

Tentei fingir indiferença enquanto me repreendia pelo escorregão.

Como se por magia, Luba apareceu na porta atrás de nós.

— Nos conhecemos brevemente em Nova York — anunciou ela a Chris, em um tom tão suave e tranquilizador quanto uma cantiga de ninar e com um sotaque que parecia um ronronar. — Fui a um dos concertos dela. Estou lisonjeada de você se lembrar de mim — falou, me dando um sorriso caloroso. — Principalmente com um traje tão diferente.

Ela havia colocado um vestido preto confortável, feito de tecido tão fino que seria o mesmo que ficar nua. Mas de alguma forma ela ficava mais sexy ainda meio vestida, com o tecido chamando atenção para as curvas sutis dos seios e dos quadris. Era graciosa de uma maneira incomum, parecendo mais um cisne que um ser humano. Sentou-se no sofá ao meu lado e cruzou as pernas na altura dos tornozelos. O cabelo era tão louro que parecia quase branco, e ela tinha olhos azul-claros quase cinzentos. Suas sobrancelhas eram muito claras e delicadas, a ponto de serem praticamente invisíveis, dando ao rosto uma aparência ligeiramente alienígena, embora Luba não fosse feia de jeito nenhum.

— Sou Luba — apresentou-se para Chris, inclinando-se por cima de mim para apertar a mão dele.

— Chris — respondeu ele.

— Ah, desculpem — falei. — Me esqueci de apresentar vocês.

A pele dela roçou na minha quando ela recolheu o braço.

Mulheres como Luba não costumavam me excitar da mesma forma que os homens excitavam. Minha predileção, como regra geral, era firme a favor da testosterona. Eu gostava de altura, de pelos no corpo e de músculos, e se sentisse inclinação de experimentar, achava que uma garota masculina no estilo caminhoneira seria mais meu tipo. Lauralynn, a loura alta que tocou violoncelo no quarteto de cordas de Dominik na noite em que fizemos sexo pela primeira vez, foi uma exceção. Ela e eu quase nos envolvemos, ou era o que eu imaginava. Ela era dominadora, e pessoas

dominadoras de qualquer sexo sempre tinham uma boa chance de mexer comigo.

Luba não parecia ser dominatrix, mas tinha uma característica que fazia minha pele formigar e meu sangue ser bombeado com mais rapidez. Senti calor e tontura.

Chris não parecia estar sofrendo o mesmo efeito. Ele estava começando a parecer entediado e seguiu até o bar, onde Viggo ainda se exibia no preparo dos coquetéis.

Luba se inclinou para perto e ergueu meu cabelo para poder sussurrar no meu ouvido.

Os pelos dos meus braços ficaram arrepiados por causa da proximidade.

— Seu segredo está seguro comigo — declarou ela.

— Obrigada. Agradeço mesmo.

— Mas peço uma coisa em troca — prosseguiu.

— Sim?

— Quero ouvir a história de como você foi parar num lugar daqueles. E do homem com quem você estava.

Ela estava falando da casa em Nova Orleans, onde dancei nua para Dominik nas primeiras horas do Ano-Novo, depois que Luba se apresentou profissionalmente no mesmo local.

— Dominik?

— Acho que sim, se esse é o nome dele.

Ela sorriu para mim e deixou à mostra dentes bem brancos. Dois dos incisivos eram meio pontudos, como um par de presas muito delicadas. Eu queria senti-los arranhando minha pele.

— Ele pediu que você dançasse pra ele? — perguntou Luba.

— Pediu — respondi —, embora “instruiu” fosse mais perto da realidade. — Eu me remexi no sofá, em busca de uma maneira de mudar o rumo da conversa. Não era um assunto com o qual eu me sentisse à vontade, mas também não queria me afastar de Luba.

Viggo apareceu entre nós, com um mojito em cada mão.

— Estou vendo que você conheceu meu bichinho de estimação — disse ele para mim, me entregando uma bebida. Tinha caprichado e decorou a borda com açúcar mascavo e uma fatia de limão. Estava tão cheio de gelo moído que não havia espaço para ele tilintar, e o copo estava tão gelado que quase doía segurá-lo. Pensei imediatamente em Dominik e no quanto ele odiava gelo na Coca-Cola.

Luba fez um barulho estranho, que parecia um rosnado, saído do fundo da garganta, e esfregou a cabeça na perna de Viggo.

Ela possuía mesmo certa energia animal, da forma como se movia até a maneira de falar, como um ronronar delicado. Os movimentos às vezes pareciam os de um pássaro, outras vezes, os de um felino.

— Você viu meu Bailly? — perguntei de repente para Viggo. Pensar em Dominik

imediatamente trazia o violino à mente.

— Seu violino?

Assenti.

— Acho que os *roadies* estavam cuidando dele mais cedo. — Ele coçava o queixo de Luba como se estivesse acariciando um gato. Ela mantinha os olhos fechados e sorria de prazer. — Está no meu estúdio, não se preocupe. Com todo o resto do equipamento. Posso emprestar um se você quiser tocar alguma coisa: tenho todos os tipos de instrumento no porão.

— Não, tudo bem, só estou com saudade de estar com ele nas mãos. Costumo carregar eu mesma. Até pros meus shows. Por algum motivo, não gosto que ele fique longe de mim.

— Que gracinha — comentou Viggo. — Luba? — disse, com a entonação de pergunta.

Ela rosnou em resposta.

— Quer procurar Eric e verificar se o violino de Summer foi com o resto das coisas?

Ela assentiu, se desenroscou da perna dele e desapareceu em busca do gerente de equipe, que era o responsável pela transferência de todo o equipamento.

— Obrigada — falei para ele, sentindo-me tola e desnecessariamente paranoica.

— Não me agradeça — respondeu, inclinando-se na minha direção. — Eu só queria me livrar dela.

Ele passou o dedo delicadamente pela base do meu pescoço e pelo cabelo, enrolando-o com meus cachos, e me puxou para perto. Os lábios dele estavam com gosto de limão e açúcar, de experimentar os mojitos. Passou a mão pela minha saia, em busca da cintura da minha meia-calça. Meu corpo reagiu imediatamente, tomado de um prazer ardente que me encharcou de desejo conforme a mão dele subia.

Eu me afastei.

— Não na frente da minha irmã — sussurrei, embora ela parecesse mais feliz que pinto no lixo, sentada entre Chris e Dagur e com os dois tentando prender-lhe a atenção. Fran sabia se cuidar, e eu tinha certeza de que Chris a vigiaria como um falcão se eu desaparecesse. Ella e Ted pareciam já ter desmaiado. Os dois estavam espalhados em um tapete de pele de animal falsa olhando para o teto decorado com estrelas e planetas luminosos como um sistema solar em miniatura.

— Ah, que pena — sussurrou ele no meu ouvido. — Bem quando eu estava esperando que você fosse safada.

Viggo ficou de pé rapidamente, segurou minha mão e me puxou com ele porta afora. Subimos uma escadaria para um andar inteiro que parecia ser só o quarto dele. A cama era do tamanho de quatro camas unidas, e o quarto todo era decorado de branco, do chão ao teto e todo o resto, incluindo os quadros nas paredes, que

pareciam ser apenas telas brancas. Era como entrar em um sonho.

A calça jeans preta e o cabelo de Viggo contrastavam estranhamente com a cor clara do quarto. O corpo dele se destacava contra a mobília.

Ele se virou para me olhar e segurou meu queixo com as duas mãos, depois puxou meu cabelo até eu gemer.

— Você gosta disso, não gosta? — perguntou, puxando até meu couro cabeludo começar a latejar de forma agradável.

— Gosto — sussurrei.

— Que bom — disse ele, me empurrando contra a parede e já com a mão debaixo da minha saia. — Meias sete oitavos são bem mais fáceis pra isso.

— Está muito frio — protestei.

— Enquanto eu estiver com você, não vai sentir frio. Fique aqui.

Ele deu alguns passos para trás e abriu a gaveta da mesa da cabeceira para pegar um pequeno objeto. Uma camisinha, supus.

Voltou até mim e abaixou a cabeça, de forma que seus lábios roçaram em meu ouvido. Ele expirou, e o hálito quente estava leve como uma pluma contra a minha pele.

— Não tenha medo, tá? — declarou Viggo. — Não vou te machucar.

Um nó de preocupação se apertou dentro do meu peito, depois relaxou novamente.

Ele abriu a mão e mostrou um pequeno canivete de marfim. A lâmina apareceu quando ele girou o pulso. Brilhou com beleza à luz do abajur próximo.

O medo borbulhou dentro de mim e me preparei para gritar ou correr para a porta.

— Shhh — disse ele, passando o dedo pelos meus lábios.

Meu coração batia com força dentro do peito, mas me senti presa à parede, aprisionada por meu próprio desejo de descobrir o que ele faria em seguida. Talvez eu fosse tola por confiar em Viggo, mas a verdade é que confiava. Ele era excêntrico, meio bad boy, mas não perigoso.

Viggo se agachou e passou a ponta da lâmina do canivete pelas minhas pernas, do tornozelo até o interior das coxas. Em seguida, apertou a ponta contra o tecido da meia-calça com um pouco mais de força, o bastante para criar um pequeno rasgo sem ferir a pele por baixo. Uma voz baixa no fundo da minha mente questionou qual seria a sensação se ele apertasse com mais força, se deixasse uma marca, um arranhão, ou mesmo se tirasse sangue. Tive uma visão da parte interior da minha coxa, com pele clara, macia e pura, exceto por dois cortes rasos e longos, cada um descendo pelo centro de cada perna, uma tira vermelha que ia latejar durante dias, mas que enviaria endorfinas para o meu cérebro junto à dor.

Outra parte da minha mente se encolheu de pavor com as imagens que surgiam, mas, apesar disso, minha calcinha estava molhada.

Viggo colocou um dedo dentro do buraco para aumentar o tamanho do rasgo, depois segurou o tecido com as duas mãos e puxou com força, abrindo um rombo que expunha minha calcinha e o alto das minhas coxas. Eu me encolhi. Ele puxou a calcinha para o lado e passou a parte achatada da lâmina delicadamente pelos meus grandes lábios molhados.

O toque do canivete foi como um beijo metálico, frio e sólido. Minha pulsação estava tão acelerada que quase achei que fosse desmaiar com a mistura intoxicante de pavor e desejo. Era como estar em um brinquedo no parque de diversões, com aquela combinação de medo, emoção e adrenalina me fazendo sentir como se o meu coração pulsasse nas pontas dos dedos.

Ouvi um som delicado quando ele colocou a lâmina no lugar e tive a sensação fria de novo quando inseriu o corpo do canivete em mim. Estremeci e dei um gemido baixo, mas o objeto era pequeno demais para fazer qualquer coisa além de me provocar. Eu precisava de mais.

Enfiei as mãos no cabelo dele e empurrei a cabeça para perto das minhas pernas.

— Me lambe.

Ele obedeceu. Largou o canivete no chão, que caiu com um estalo, e mexeu a língua no meu clitóris em movimentos longos e lentos. Era a primeira vez, que eu conseguisse lembrar, que falava por vontade própria para um homem o meu desejo, sem precisar implorar, e a emoção da descoberta me despertou um tesão ainda maior do que a sensação que Viggo estava produzindo com a boca.

Apesar de o ritmo que ele escolheu ser firme, a sensação cadenciada de sua língua em mim me levando lenta e calmamente em direção ao orgasmo quase foi mais do que eu era capaz de suportar. Ao reparar no aumento do meu desejo, ele se afastou com provocação, me fazendo esperar, prolongando o momento.

Eu o puxei para que ficasse de pé de novo e o beijei, com força e lentidão. Viggo tinha lábios extraordinariamente macios que eram um contraste agradável com a barba por fazer. A língua se enroscou delicadamente na minha. Viggo sabia como não exagerar em um beijo. Segurei o lábio inferior dele com meus dentes e mordi.

— Ah — disse ele, afastando a cabeça. — Gosto muito de você. Venha pra cama.

Segurou minha mão e me levou até o colchão, se sentou na beirada e se virou para me olhar. Viggo passou as mãos pelos meus braços e ombros, depois envolveu minha cintura e fechou as pernas ao redor das minhas como um torno.

— Tire as roupas pra mim.

— Você não vai cortá-las também? — provoquei.

— Jeans é bem mais difícil de cortar do que náilon — observou ele, apertando os olhos de uma maneira que sugeria que não se importaria de tentar mesmo assim. No entanto, eu não tinha desejo de ficar com as roupas cortadas em pedacinhos, no mínimo porque precisava delas para voltar para casa.

Comecei a tirar as roupas rapidamente.

— Não — falou Viggo —, tire devagar. Quero olhar você.

Os olhos dele se iluminaram e me encararam com a mesma firmeza que reparei quando estava tocando o Bailly.

Meu coração disparou em resposta às ordens e meus dedos tremeram, de forma que mal consegui segurar o botão da minissaia e passar pela casa.

Fiquei satisfeita por ter colocado um conjunto de lingerie combinando: uma calcinha azul-clara estilo shortinho com sutiã igual, bonito o bastante para ficar arrumado, mas não tão ousado a ponto de ficar óbvio que saí de casa com sexo em mente.

Desabotoei a blusa lentamente, sentindo-me meio boba e envergonhada pela ideia de fazer um striptease. Mas minha confiança aumentou quando reparei que a expressão no rosto dele foi ficando cada vez mais intensa a cada botão.

Ele inspirou visivelmente e prendeu a respiração quando soltei o sutiã. Com os seios nus, enfiei o polegar no elástico da calcinha e comecei a puxá-la sobre os quadris.

— Deixe a meia-calça — mandou ele. — E as botas. É meio excitante.

Eu estava usando meus coturnos vermelhos. Viggo não tinha espelhos no quarto, mas eu achava que havia um luxuoso banheiro cheio deles em uma porta por ali. Eu não conseguia me ver, mas supus que devia parecer uma *Suicide Girl* nua, exceto por uma meia-calça rasgada e botas vermelhas.

Ajoelhei-me no chão para poder desabotoar a calça jeans dele e tirá-la. Descobri que estava sem cueca quando consegui descer a calça apertada até as coxas dele.

O pau deu um salto, completamente ereto. Era longo e fino, como o resto de Viggo, e perfeitamente reto, como algo entalhado em mármore. Ele havia aparado os pelos pubianos, e a área ao redor da base do membro estava completamente lisa. Fiquei meio desapontada com isso. Prefiro homens com pelos. Gosto de enfiar os dedos neles enquanto chupo um pau, ou de senti-los quando enfio a mão por dentro da cintura da calça, como uma promessa de segredos escondidos.

Desisti de tentar tirar a calça dele.

— Como você veste essas coisas? — Ri quando ele subiu na cama ainda com ela.

— Eu pulo e puxo — respondeu Viggo. — Tem uma certa arte.

Ele segurou meus pulsos, me puxou para a cama e colocou a mão com firmeza na minha cintura, indicando que queria que eu rolasse.

— De joelhos — ordenou.

Àquela altura, eu já estava tão desesperada para senti-lo dentro de mim que fiquei em posição antes mesmo da instrução chegar aos lábios dele.

Ele mudou de posição e senti a língua molhada no meu tornozelo, raspando. Começou a lamber para cima, devagar e com certa brutalidade.

— Shh — disse ele quando comecei a me contorcer por estar sentindo cócegas.
— Relaxe.

Eu me concentrei em esvaziar a mente, afastar todas as outras distrações e só prestar atenção nas sensações despertando no meu corpo. Os movimentos de Viggo eram firmes e detalhados. Sua boca subiu pela minha panturrilha, com uma pausa para lambe a região atrás do joelho, e continuou até a parte interior da coxa, onde tive de certeza que devia ter reparado na umidade que eu agora conseguia sentir escorrendo pelas pernas. Minha respiração começou a se acelerar quando a língua dele chegou perto da boceta, onde eu desesperadamente queria que permanecesse, mas em vez de parar no local óbvio, Viggo continuou a subir e começou a lambe meu ânus.

Dominik tinha feito isso uma vez, em Nova Orleans, não muito depois de eu dançar para ele no palco no dia seguinte ao que vimos a apresentação de Luba. Lembrava-me de ficar constrangida com essa exploração íntima e de tentar me afastar, e da forma como ele havia colocado a mão com força na base da minha coluna para me manter parada.

Afastei pensamentos de Dominik da mente. Ele era passado, e Viggo estava bem ali, um homem excitante com uma boca ainda mais excitante, além de ser um astro do rock. Eu devia ser apenas uma das centenas de mulheres com quem ele havia transado, mas não me importava. Pelo menos, ele tinha muita prática.

Contorcei-me um pouco para trás, para mais perto dele, e afastei mais os joelhos.

— Boa menina — disse ele. — Você gosta por trás, imagino?

Lembrei-me do formato do membro dele, fino e comprido, o formato perfeito para sexo anal.

— Gosto — respondi. — Se você começar devagar.

— Vou ser delicado, prometo. Mas vou guardar isso pra depois.

Ele esticou a mão até a mesa de cabeceira de novo e pegou uma caixa de preservativos, um vidro de lubrificante e o maior acessório sexual que eu já havia visto. Tinha uns 30 centímetros, branco com um anel azul ao redor do anexo em formato de bola no alto e preso a um plugue com adaptador de tomada.

— Jesus! — exclamei. — O que diabos é essa coisa?

— Você nunca viu uma dessas? — Ele sorriu com malícia. — Você vai se deleitar. É uma varinha mágica Hitachi.

— De jeito nenhum isso vai entrar em mim — falei, com a ansiedade perturbando minha excitação crescente.

— Não se preocupe, meu bichinho. Não entra em você.

Ele deslizou para fora da cama e enfiou o aparelho em uma extensão elétrica, depois na tomada, antes de ligar. O acessório fez um som que ficava entre um cortador de grama e um moedor elétrico, e a bola no alto estava vibrando tanto que

tremia visivelmente.

— Relaxe — falou, rindo ao ver minha reação.

Ele retomou a posição atrás de mim e encostou a cabeça da varinha delicadamente nos meus grandes lábios. Uma onda de prazer pulsou pelo meu corpo como um relâmpago. Senti como se fosse gozar em questão de segundos, uma reação que mesmo os amantes mais habilidosos levavam uns bons trinta minutos de preliminares no mínimo para conseguir de mim. Ofeguei e dei um salto para a frente, em choque.

— Você está bem? — perguntou Viggo, ainda rindo baixinho.

Eu me virei para olhá-lo. Ele ainda estava com a calça jeans em volta das pernas, limitando os movimentos e com uma ereção firme com a qual ainda não tinha tentado me dar prazer. O cabelo estava todo para trás e desgrenhado, com algumas poucas mechas sobre os olhos. Ele tinha uma expressão lupina, bem-intencionada e maliciosa. Achei difícil acreditar que ele tivesse parecido tão selvagem minutos antes, quando fez um buraco na minha roupa com o canivete.

— Sim, é que achei que fosse gozar. Nunca tenho orgasmo tão rápido.

— Não existe limite de orgasmos, querida. Você tem permissão para ter mais que um.

— Nunca tive mais do que um. De uma vez, quero dizer.

— Bem, então todos os seus outros amantes deviam ter vergonha.

— Não tenho outros amantes.

— Uma garota como você? Acho difícil de acreditar.

Não tive chance de responder, pois ele ligou a varinha de novo e pressionou-a contra mim. Apertou de leve no começo, até eu relaxar, depois aumentou a pressão gradativamente. A princípio, senti um calor cada vez maior, como se todas as minhas terminações nervosas tivessem ficado radioativas, e então um orgasmo se espalhou pelo meu corpo como um incêndio, uma explosão enorme de energia que foi das pontas dos dedos dos pés até a cabeça. Foi o clímax mais intenso da minha vida.

Não consegui falar. Caí deitada na cama, tomada por uma incandescência ardente, com a pele desperta para cada sopro de ar ou leve movimento no quarto.

— Você tem um minuto pra descansar — disse ele —, e então vou fazer de novo.

Fiquei deitada em silêncio por um tempo até conseguir ser capaz de responder:

— Você é o que, meu personal trainer?

— Se for necessário. Me parece que precisamos recuperar o tempo perdido.

Ele começou a acariciar minhas nádegas delicadamente, passando as unhas pela minha pele.

Viggo cumpriu a palavra. Em um minuto, apesar de parecerem apenas alguns

segundos, o zumbido das vibrações da varinha encheram o quarto com um som tão alto que achei que atrapalharia a festa lá embaixo.

Ele encostou a cabeça do brinquedo em mim, e mais uma vez em pouco tempo um segundo orgasmo percorreu meu corpo. Mas desta vez o prazer chegou à beira de ser intenso demais e dei um pulo, quase batendo a cabeça na parede em minha tentativa de escapar.

— Fique parada. Senão vou ter que te amarrar. — O tom dele era divertido, mas com um toque de severidade.

— É sério — implorei. — Não aguento mais.

— Aguenta, sim. Se segure na cabeceira.

Trinquei os dentes e fechei as mãos ao redor da beirada branca de metal que formava a cabeceira da cama. Viggo não me prendeu, mas a força das instruções e aquele orgulho temível que se recusava a deixar que ele vencesse tomaram conta de mim e me segurei enquanto ele me fazia gozar uma vez após a outra.

Quando ele me deixou descansar, meu corpo estava tremendo e os lábios estavam inchados e roxos. Eu suava, e mechas de cabelo se grudavam no meu rosto. Estava tomada de uma onda de exaustão. O céu começava a clarear lá fora. Viggo não tinha cortinas no quarto branco: devia gostar da luz. Um sol cor de carmesim nascia. Deviam ser sete da manhã, eu supunha, o que significava que estávamos ali na nossa festinha particular havia umas cinco horas. Nenhum de nós tinha dormido nem um minuto. Fran, em circunstâncias normais, já estaria acordada agora (ela sempre foi de acordar cedo), mas desde que havia começado a trabalhar no bar, tornou-se uma pessoa mais noturna. O restante da banda era como morcegos, eles ficavam acordados a noite toda e dormiam durante o dia. Assim, tínhamos algumas horas para relaxar antes que alguém esperasse nos ver.

Viggo se deitou ao meu lado e passou o dedo delicadamente a partir da base da minha orelha, pelo meu maxilar e pela curva do pescoço. Ele se demorou no pescoço, apertando a pressão das pontas dos dedos como se estivesse medindo minhas pulsações. Tremi involuntariamente em resposta. A jornada das mãos dele continuou pelos meus seios e ao redor dos mamilos. O toque era tão leve que mal roçava a pele, mas eu estava tão sensível por causa da atividade anterior que o contato mais suave me fazia estremecer.

Acabou chegando à base do meu umbigo, até onde seus braços alcançavam com ele deitado. Ele se aconchegou às minhas costas, me puxando para perto dele, e o pau, ainda duro como pedra, cutucou minhas costas. Tentei me virar para fitá-lo.

— Me desculpe — falei. — Eu devia fazer alguma coisa quanto a isso.

— Temos muito tempo pra isso depois — respondeu Viggo. — Só estou no aquecimento. — A voz dele se transformou em um suspiro, e senti o pau gradualmente amolecer encostado em mim. Ele adormeceu momentos depois.

Segui-o para a terra dos sonhos logo depois, mas não sem antes olhar com o canto do olho para o canivete no chão, perto da porta. A lâmina estava dobrada e guardada, e o pedaço prateado do fundo do canivete brilhava na luz. Parecia inofensiva, uma bela arma, abandonada. Mas meus últimos pensamentos quando adormeci foram sinistros, e acordei algumas horas depois com a sensação inabalável de que alguma coisa estava errada.

Meu telefone estava vibrando no bolso da saia jeans, amontoada junto da blusa e da meia rasgada, que eu tinha tirado com os coturnos antes de irmos dormir.

Estava cheio de mensagens de texto de Fran e Chris.

De Chris: “Já acordou? Estamos fazendo panquecas.”

De Fran: “Acorda, vadiazinha!”

As duas mensagens me fizeram sorrir.

Saí da cama e abri algumas portas até encontrar um banheiro. Viggo dormia profundamente, ainda de sapatos e com a calça skinny no meio das pernas. O cabelo escuro estava espalhado para todos os lados como uma auréola escura.

Depois de um banho, vesti as roupas do dia anterior, mas sem a meia, e desci a escada até a cozinha, guiada basicamente pelo cheiro de manteiga derretendo em uma panela.

Dagur estava na frente de uma frigideira colocando com destreza porções de massa até ficarem douradas dos dois lados, para depois empurrá-las para um prato já cheio de panquecas. Ele estava sem camisa, usando só uma calça jeans com cortes desfiados sob cada nádega, o que deixava à mostra uma sugestão de pele quando ele se inclinava para a frente, indicando que estava nu por baixo. Tinha uma tatuagem nas costas de uma bela cabeça de cavalo um tanto feminina, uma obra de arte delicadamente realizada que contrastava com a musculatura densa e morena. Dagur era todo definido. Eu não tinha reparado na noite anterior. Não era surpresa minha irmã tê-lo achado fascinante.

Fran dançava como uma fada junto dele pela cozinha, abrindo armários e gavetas até encontrar pratos, talheres, xarope de bordo e todos os tipos de acompanhamentos para colocar sobre a mesa do café da manhã.

Chris, Ella e Ted estavam equilibrados em bancos, com garfos nas mãos e prontos para comer.

Pareciam bem mais descansados depois de uma noite de sono do que eu me sentia.

— Bom dia. Quer dizer que vocês encontraram camas? — perguntei com uma alegria forçada que não estava sentindo.

— Alguns de nós — respondeu Ted, rindo baixinho e olhando para Fran, que

parecia feliz da vida, sem nem um pingo de rubor nas bochechas.

Chris estava sentado com os ombros caídos, com postura de um homem derrotado.

Eu não queria saber o que minha irmã tinha feito, desde que ela estivesse feliz, mas também não queria ver meu melhor amigo triste.

Fiquei ao lado dele e passei o braço pelo seu ombro com um aperto.

— O que vai fazer hoje? — perguntei, na esperança de distraí-lo da visão de Fran flertando com o belo baterista.

— Vou pro estúdio — respondeu Chris. — Preciso arrumar nossas coisas, me acostumar com a ideia de vida normal de novo e torcer pras críticas serem boas. Ou pelo menos pra sermos citados.

— É claro que vão ser citados. Vocês foram incríveis, a plateia adorou.

— Obrigado, Sum — agradeceu ele, passando o braço pela minha cintura. — Temos um show em Brighton semana que vem, se você quiser vir.

— Claro. Adoro Brighton. — Eu só tinha ido uma vez, para passar um fim de semana. Talvez dois dias perto do mar fossem o caminho que me tiraria do ostracismo criativo.

— Alguém aqui viu Luba? A dançarina? — perguntei depois que terminamos o café da manhã. Eu queria saber se ela havia falado com Eric, o *roadie* responsável pelo equipamento.

— Hoje, não — respondeu Dagur. — Achei que ela tinha ido parar na cama com vocês.

Corei ao me dar conta do que ele queria dizer e pelo fato de estar falando sério. Então ele havia reparado no efeito dela sobre mim.

— Não — respondi. — Não a vejo desde ontem à noite.

— Vou procurar seu violino, Sum — disse Chris, antecipando minha preocupação antes mesmo de eu ter a chance de expressá-la.

Viggo ainda não tinha nem se mexido quando a banda saiu para pegar o equipamento e Fran correu para seu turno no bar. Quase fui com Chris, mas um sentimento insistente no fundo da minha mente me fez ficar. Falei para todo mundo que não queria ir embora sem me despedir de Viggo, e Chris e Fran me olharam com desconfiança.

— Não é sua cara ser sentimental — comentou Fran. — Está apaixonada?

Naturalmente, protestei com vigor, mas a verdade era que eu gostava de Viggo. Ele tinha um tipo de humor e malícia que eu achava atraente, sem falar na capacidade e no desejo de me fazer ter orgasmos. Isso e um traço de arrogância que o tornavam imprevisível, e eu gostava de estar sempre alerta.

Acomodei-me na enorme e vazia sala de estar de Viggo para verificar meus e-mails e navegar na internet pelo celular enquanto esperava que ele acordasse ou que

Luba aparecesse.

Havia dois e-mails de Susan, ambos perguntando o que eu andava fazendo e me aconselhando firmemente a entrar em contato com ela para podermos planejar meu futuro. Um de Simón, uma atualização simpática do que andava fazendo. Ele tinha prolongado a estada na Venezuela e a orquestra estava com um substituto temporário. Senti uma pontada de saudades dele, de Nova York e da vida que tivemos juntos. Não éramos certos um para o outro, mas eu o amava mesmo assim e sentia falta do carinho dele, de sua companhia e compreensão instintiva da minha carreira e das dificuldades de ser musicista clássica.

Nós combinávamos de tantas maneiras que às vezes eu me perguntava se não teríamos dado certo se tentássemos mais, porém ele havia tirado a decisão das minhas mãos. De certa forma, fiquei aliviada. Significava que não precisei fazer a escolha, admitir para mim nem para ele que encontrar a pessoa certa com quem fazer sexo era mais importante para mim do que todas as outras qualidades que ele oferecia para nosso relacionamento. Sexo baunilha de curto prazo era adorável e aplacava uma coceira, mas, a longo prazo, eu não queria me comprometer com alguém que não queria fazer comigo as coisas que eu desejava. Coisas sombrias, perigosas e dolorosas. O tipo de coisas de que Dominik tanto gostava.

Pensamentos recorrentes de Dominik me deixaram desconfortável e inquieta, e comecei a andar pela sala, passando as mãos pelas paredes e pela mobília para sentir a textura áspera na pele. Repassei a lembrança da dança de Luba na mente, e, apesar dos incontáveis orgasmos da noite anterior e da sensação dos grandes lábios sensíveis e inchados, fiquei excitada de novo. No entanto, mais do que tudo, estava com saudades do meu violino. Eu queria sentir o Bailly nas mãos, exaurir as emoções mistas que dominavam minha mente com uma música.

Viggo dissera que tinha vários instrumentos no porão. Eu não me sentia bem em ir investigar sem a permissão clara dele. Nunca fui de xeretar. Mas me convenci de que não estava invadindo, só ia pegar emprestado uma coisa que ele tinha dito 12 horas antes que eu podia usar.

Depois de procurar durante alguns minutos, encontrei a porta que levava ao porão e desci a escada em espiral com certa trepidação. Era de se pensar que ele poderia ter instalado um elevador, mas não encontrei nenhum. Havia mais dois andares abaixo do andar com a entrada, o espaço de arte e cozinha onde tomamos o café da manhã. O primeiro era surpreendentemente iluminado e arejado, considerando que era subterrâneo. Ele devia bombear oxigênio para lá, pensei, talvez como forma de preservar as obras de arte nas paredes. O aposento parecia uma galeria com várias obras distribuídas com bom gosto pelas paredes e algumas esculturas modernas no meio, parecendo mais instalações. Eu conhecia muito pouco sobre arte e não sabia se as obras eram genuínas ou imitações, caras ou falsas. Eu achava que algumas

pareciam piada, um exemplo do senso de humor incomum de Viggo. Uma era uma pequena bola colorida suspensa no ar por um ventilador embaixo, de forma que parecia estar flutuando no espaço. Ficava em posição que instigava o observador a pegá-la, mas havia uma regra implícita firme na minha mente, a certeza de que arte se aprecia, e não se toca. Isso me fez observar de perto a um educado passo de distância, sem afetar a trajetória.

O andar abaixo era um aposento bem mais escuro com uma piscina no centro. Era mais um córrego coberto do que uma piscina. A água parecia ser fresca, e não clorada, e em vez de uma caixa tradicional retangular de concreto, como uma piscina comum, essa seguia em curva pelo aposento e era cheia de pedras e cercada de samambaias, com até mesmo uma cascata na extremidade.

Portanto, os boatos sobre Viggo ter tanques em casa para as mulheres fingirem ser sereias eram verdade, afinal. Luba estava sentada em uma pedra ao lado da cascata, com aparência total de sereia, usando um maiô metálico que estava escorregadio por causa da água e grudava na pele, de forma que os mamilos duros ficavam evidentes pelo tecido. O cabelo comprido estava molhado e grudado nos ombros.

Ela sorriu para mim, mas não falou nada, como se estivesse esperando que eu a encontrasse ali embaixo o tempo todo e não estivesse nem um pouco surpresa.

Meus olhos haviam se ajustado à luz baixa do aposento, e reparei que as paredes ali também eram decoradas com obras de arte, mas que estavam mais espalhadas no espaço ou penduradas no teto, parecendo aleatórias. Os quadros eram bem mais largos e sombrios. Viggo tinha os ossos do crânio de um animal preso a um longo par de chifres pendurados acima da porta. Havia imagens esculpidas de ninfas e criaturas grotescas, algumas sensuais e outras apavorantes. Ergui a cabeça para olhar e ver que ele tinha uma série de esculturas de metal, presumivelmente tratadas contra ferrugem, presas ao teto acima da piscina, de forma que uma pessoa boiando de barriga para cima na água pudesse olhar para elas. Na extremidade do aposento ficava outra porta pesada, a primeira que vi até o momento que parecia estar trancada. Devia ser ali que ele deixava as coisas realmente caras, supus, e não podia culpá-lo por isso. A segurança na casa parecia surpreendentemente precária, considerando o número de pessoas que ele devia ter em cada uma das festas. O prêmio dos seguros dele devia ser enorme.

Uma parede desse aposento estava coberta com um painel de vidro, e dentro do painel estava a coleção de instrumentos que eu estava procurando. Viggo tinha violões, instrumentos de sopro, violas e violinos. Alguns eram modernos e bem genéricos, outros eram incrivelmente belos para meus olhos relativamente destreinados. A luz não era boa e eu não conseguia chegar perto o bastante para identificar qualquer marca ou verificar assinaturas nos violinos.

Vi que o painel de vidro estava destrancado e precisei afastar um desejo quase

sufocante de abri-lo, pegar um dos instrumentos e tocar alguma coisa, mas a presença de Luba fazia isso parecer uma impossibilidade. Não podia pegar uma coisa que não me pertencia com ela olhando, mesmo com Viggo tendo me dito que podia. Naquele momento, ele não estava ciente de que eu estava ali.

Luba ficou de pé, graciosa como uma samambaia se desenrolando, saiu de cima da pedra ao lado da cascata e andou até onde eu estava.

— Ele não vai se importar — comentou ela. — Se você quiser usar alguma coisa.

Ela abriu a porta onde estavam os violinos e apontou para eles.

— Ele gosta de colecionar coisas bonitas, mas é muito altruísta com elas. Quer tocar alguma coisa pra mim?

Perguntei-me se ela era uma das coisas bonitas que Viggo gostava de colecionar.

Peguei um dos instrumentos e um arco, encostei-o no queixo e comecei a tocar. O som foi horrível no começo, e demorei alguns minutos para afinar. Mas o tom era bonito, e o violino dava uma sensação agradável nas minhas mãos. Mas não era o Bailly, e essa lembrança me fez pensar no motivo de eu estar em busca de Luba.

— Você falou com Eric? — perguntei. — Ele disse se pegou meu violino ontem à noite?

Antes que eu pudesse emitir as palavras, Luba encostou um dedo na minha boca e passou a ponta por meu lábio inferior. O toque dela fez meu coração disparar loucamente. Ela era macia e elegante e tinha um cheiro doce como açúcar. Luba afastou o dedo e o substituiu com a boca, apertando os lábios contra os meus em um beijo lento. Minha língua se entrelaçou na dela, e ela se encostou a mim, molhando meu corpo com o maiô. Deslizou as mãos pela minha nuca e segurou minha cabeça no lugar enquanto me beijava.

Luba era hipnotizante, como uma estátua nua que ganhou vida, mas com todo o calor de um ser humano. O toque dela na minha pele parecia eletricidade, e pela primeira vez na vida eu realmente quis explorar cada parte dela, uma mulher, não só pela curiosidade de experimentar a bissexualidade por uma noite, mas porque ela fazia meu corpo todo sentir-se vivo.

— Vamos — sussurrou Luba no meu ouvido. — Há lugares mais confortáveis pra isso.

Ela segurou minha mão e me puxou para a porta, pela escada acima, todos os cinco lances até o quarto de Viggo. Não pela primeira vez, desejei haver um elevador, mas o pensamento se perdeu na visão da bunda dela rebolando de forma sensual, envolta no tecido molhado do maiô cavado que era um tamanho menor ou deliberadamente desenhado para revelar metade de cada nádega.

Viggo estava no chuveiro quando chegamos.

— Venha — chamou Luba com malícia ao nos aproximarmos da porta do banheiro. — Vamos dar bom-dia pra ele.

Viggo pareceu satisfeito, ou até mesmo surpreso, quando nos despimos e abrimos a porta do chuveiro enorme para nos juntarmos a ele.

O cubículo era grande, mas ficou apertado com nós três lá dentro. Luba saiu do caminho e me espremeu com firmeza entre ela e Viggo.

Ele me virou para ficar de frente para seu corpo e inclinou a cabeça para me dar um beijo, recebendo meus lábios nos dele ao enfiar os dedos nos meus cabelos. Luba enfiou as mãos ensaboadas entre nossos corpos, com os seios pressionados contra minhas costas.

Viggo não desligou o chuveiro e deixou que a água caísse sobre nós, de forma que senti como se estivesse me afogando no beijo dele. Ele moveu as mãos para puxar meus mamilos com firmeza, e ofeguei com a surpresa da dor repentina, tão contraditória em comparação às carícias delicadas de Luba.

Ela riu baixinho.

— Ele nem sempre é delicado — sussurrou, inclinando-se para poder falar no meu ouvido. Impedi-me de lhe falar que preferia assim.

O pau dele agora estava encostado na minha coxa, e eu desejava senti-lo dentro de mim.

Gemi, um som repleto de necessidade, me controlando por pouco para não enfiá-lo dentro de mim sem proteção.

Foi Luba quem esticou a mão e desligou a água, depois nos levou para fora do boxe e até a cama, alheios à água pingando nas cobertas.

Ela enfiou a mão na gaveta e jogou um preservativo para Viggo, que o pegou com um movimento ágil do pulso, e me perguntei quantas vezes eles agiram em parceria.

— Acabe com o sofrimento da garota — disse ela com a voz baixa, lenta e sedutora.

— Sempre feliz em agradar — respondeu Viggo.

Estava escuro quando me dei conta de que ainda não tinha falado com Chris. Viggo estava dormindo de novo, embolado na cama com Luba. O cabelo louro-branco agora seco contrastava vividamente com os cachos escuros dele.

Pensei que isso devia ser um bom sinal. Chris teria me ligado imediatamente se não tivesse encontrado meu instrumento junto do resto das coisas. Eu estava me preocupando à toa. Mas então lembrei, com o coração despencando, que tinha deixado o celular na sala com o chafariz quando fui explorar a casa, horas antes.

Desci a escada com um sentimento de medo se espalhando como uma nuvem negra sobre meus ombros.

Meu celular estava no braço da espreguiçadeira de pantera, onde eu o havia deixado.

Eu o peguei e digitei a senha.

Era Chris. Três chamadas perdidas, uma mensagem de voz e uma mensagem de texto.

“Seu violino. Sumiu.”

O front de Brighton

Quando ainda dava aulas, Dominik podia contar com o conforto de uma espécie de rotina, um padrão de horas divididas entre preparar aulas, lecionar, prestar atendimento particular a alunos, dar notas e a peregrinação regular do verdejante Hampstead no norte ao ponto em que ele se mesclava com as multidões apressadas e cinzentas do centro da cidade.

Agora que abrisse mão da vida acadêmica para escrever, ele se sentia à deriva, sem ponto fixo no meio de um mar de indecisão, um escravo do teclado e do olhar desdenhoso da tela do computador enquanto lutava para conseguir não tanto a inspiração, mas as palavras certas.

O longo dia o aguardava, com o vazio como um poço fundo de tentações a partir do momento que ele alcançava a meta diária de páginas. Havia ocasiões em que tudo fluía e, pelo hábito de sempre acordar cedo, chegava ao ponto de liberação no meio da manhã e se permitia um café da manhã tardio como recompensa pelo trabalho bem-feito. Mas em outros dias, o trabalho era como subir uma ladeira, mais repleto de deleções do que de novas linhas.

Mas ele sempre fora uma pessoa fortemente disciplinada e permanecia fiel à tarefa a ser cumprida, com o oásis no final do longo caminho sendo o prospecto de praias vazias de tempo livre em que poderia ler, assistir a filmes em DVD sem se sentir culpado ou, com mais frequência ultimamente, explorar os cantinhos da internet com uma mistura de diversão distanciada e uma medida de interesse nas mulheres que encontrava por lá.

A cada nome que piscava na tela, Dominik repetia os episódios nos quais outras mulheres com os mesmos nomes, ou com outros — elas tinham se tornado uma confusão indistinta em sua mente —, participaram e que o tornaram o homem que era agora. Christel, a *au pair* alemã que morava em um sótão e era pelo menos 10 anos mais velha que ele, desejada desde o dia em que havia tomado banho em sua presença e não se importara que a assistisse (nem com sua ereção), e o fim de semana em que tinha corrido como louco de um lado para o outro do albergue da juventude no Vallée de Chevreuse à procura dela. Ou Catherine, que tivera o privilégio de ser a primeira a partir seu coração quando descobriu que ela havia

dormido com outro, a primeira em um processo sedutor de Catherines, Kats, Cats, Kates e Kathryns. E houve Maryann, a estudante americana de intercâmbio, com quem você podia fazer qualquer coisa desde que não tocasse nos seios, seguida de Danielle, cujo apetite sexual inicialmente o assustara e quem ele vergonhosamente tinha abandonado quando ela mais precisava. Aida, que chupava seu pau como nenhuma outra, com um apetite que jamais era saciado. A lista era longa. Rhoona, que queria levar surras. Parvin, que insistia em ficar de blusa, pois tinha vergonha da barriga arredondada. Rebecca, que invariavelmente chorava quando gozava e ficava muito deprimida, até a vez seguinte, em que ela prometia que o mesmo não ia acontecer, mas é claro que sempre acontecia.

E houve Kathryn, é claro.

Depois de quem tudo mudou.

A forma como os olhos cinza esverdeados dela imploraram para que ele apertasse o pescoço dela enquanto fodiam. O pedido para que ele agisse com firmeza e a levasse ao limite, que prendesse os braços dela até que seus dedos deixassem marcas vermelhas nos pulsos, que puxasse sem pena os cabelos dela ao penetrá-la por trás, para apertar o toque dos dentes dele nos mamilos. A exigência muda e constante para explorar novos limites.

Havia um antes e um depois de Kathryn.

Então, começou a se reafirmar mais no quarto, ou onde quer que o sexo acontecesse, dominando as amantes por instinto, inclinação e descoberta, muito para sua surpresa inicial pela forma como tantas mulheres não o dispensaram e mesmo, como Claudia, receberam com alegria esse seu novo lado.

O que o levava a Summer.

Dominik suspirou e começou a clicar em alguns dos perfis nos sites de contatos que abria por hábito, na longa coluna de favoritos do laptop.

Vítimas voluntárias ou predadoras? Apenas pessoas normais, como ele, sujeitas a uma teia de compulsões que retorcia suas mentes em imaginações e preferências pervertidas?

Havia aprendido tempos antes a navegar por palavras e pensamentos que apareciam nas entrelinhas dos perfis, tornando-se adepto de reconhecer as pessoas estranhas, as falsas e as de brincadeira. Ele também criara o hábito (esnobe, sabia, mas a regra raramente o decepcionava) de pular qualquer perfil ou anúncio com erros de ortografia ou gramática particularmente ruim. Ele preferia que suas fodas fossem bem-letradas, e, se essa parte elitista de sua personalidade excluía uma boa proporção de mulheres submissas em busca de dominação, ele era capaz de viver com isso sem se arrepender.

Perdido em pensamentos, Dominik estava prestes a abandonar as vielas escuras da internet quando uma janela se abriu em sua tela, indicando uma mensagem pela

página do Facebook.

Uma fã, ao que parecia, que tinha gostado do livro e mandava um recado elogioso. Apesar de o livro ter tido sucesso módico, receber cartas de leitores ainda era uma coisa incomum e afagou sua vaidade.

Eram as palavras habituais sobre o quanto ela havia adorado a história e se identificara com a personagem principal, na qual vira muito de si. Dominik sorriu. Era um consolo as pessoas ainda estarem lendo o romance. Para ele, já parecia ter passado muito tempo.

À esquerda da tela, um ponto verde indicava que quem enviou a mensagem não só tinha o mesmo provedor de e-mail, mas ainda estava online. Ele digitou uma mensagem.

Obrigado pelas palavras gentis, Liana.

A resposta chegou imediatamente a ele.

De nada, eu realmente adorei a história. Achei tão comovente. Uau, e agora estou falando com você...

Dominik ficou intrigado, e uma coisa logo levou a outra. Ele refletiu rapidamente sobre a ética da situação e decidiu que o relacionamento entre escritor e leitora era permitido, e não tinha similaridade nenhuma, nem moral nem nada, com o relacionamento entre professor e aluna. Era o contrário, reassegurou-se.

Ela era uma mulher jovem de 20 e poucos anos, pela foto no perfil. Se a imagem fosse recente, é claro. Ela disse que tinha um emprego burocrático em Brighton. As fotografias que ofereceu enviar para ele depois de alguns dias de conversa inocente passaram a paquera e provocação, sendo ao mesmo tempo explícitas e contidas, sem vulgaridade nenhuma apesar da natureza amadora. Um vislumbre de seio, uma nádega com sugestão de hematomas ou marcas anteriores, uma composição embaçada e quase abstrata que, depois de exame mais detalhado, se mostrou um close dos cachos pubianos ruivos de um ângulo que a princípio dera a eles a aparência de um terreno alienígena sedutor. Ela continuamente mencionava o fato de que tinha muito em comum com Elena, a heroína da história, apesar das diferenças de nacionalidade, de período e de circunstâncias. Quando Dominik perguntou se essas dicas significavam que ela era submissa sexualmente, a resposta dela iluminou a tela de seu computador.

Sim.

O coração de Dominik pulou. Essa poderia ser a chance de recomeçar. De fazer tudo certo desta vez, quem sabe.

E você, Dom?

Talvez, respondeu ele, provocando-a. Hummm...

Ele costumava ficar desconfiado quando uma mulher relatava em detalhes demais gostos, necessidades e desejos. Quanto mais escreviam sobre práticas sexuais extremas, de bondage a algemas, asfixia, cordas, coleiras, degradação, humilhação ou fosse qual fosse o sabor do dia, mais tudo indicava que era improvável que elas fossem até o fim quando chegasse a hora. Um menu mais limitado era mais clássico, mais autêntico e verdadeiro, ele achava.

Liana era interessante. Continuava a dar deixas intensas, mas que também vinham tomadas de um toque de humor e de súplica, e exibiam todos os elementos certos para atrair a atenção de Dominik.

Eles vinham conversando on-line e trocando e-mails havia algumas semanas, e Dominik estava gostando da ideia de uma aventura. Torcia não para que fosse o amor de sua vida, mas para que pudesse ajudá-lo de uma vez por todas a banir o fantasma e as lembranças de Summer.

Você tem uma foto de rosto, pfvr

Ele evitara propositalmente colocar sua foto na capa do livro, e mantinha a imagem do Facebook ambígua, preferindo no momento uma forma de anonimato misterioso.

Talvez fosse esse o momento em que a perderia. Dominik nunca gostou de ser capturado por lentes fotográficas, e existiam pouquíssimas fotos dele.

Fez o upload de uma imagem rara, uma foto que tirara para acompanhar a candidatura à bolsa de Nova York um tempo atrás, e enviou para ela.

Por outro lado, havia agora uma chance de cinquenta por cento de que ela desconectasse se ele não se encaixasse no critério dela, por qualquer motivo que jamais conheceria. Quando ela visse o homem por trás do escritor.

Dominik esperou, com os dedos pairando acima do teclado, os olhos fixos na imagem que ele abrira da nádega com hematoma, procurando padrões nas manchas amarelas, marrons e roxas da marca que aumentara até o tamanho de toda a tela, com cores se mesclando indistintamente umas com as outras. Agora parecia um trabalho de arte moderna. Enigmático, aleatório. Como uma nuvem se desfazendo e se rearrumando. Uma proteção de tela.

A resposta chegou.

Gostoso. E devo chamá-lo de Senhor?

Você me lisonjeia. Mas não precisa me chamar de Senhor. Não sou esse tipo de dominador... não é uma questão de palavras.

Que bom. Sempre acho ridículo quando os caras pedem para serem chamados assim mesmo antes de nos conhecermos.

Uma garota que pensa como eu...

Acho que pode ser o começo de uma maravilhosa amizade.

Dominik sorriu.

O trem correu por South Downs, e, quando se aproximou da caverna de aço da estação de Brighton, Dominik sentiu cheiro de mar e ouviu as gaivotas voando acima. Fazia séculos que não ia lá, usando uma conferência como desculpa. Na única ocasião em que Kathryn conseguira se afastar de casa e do marido e tinha passado raras duas noites com ele. Talvez por isso nunca tivesse voltado. As lembranças. Não que tivessem visto muito da cidade, fora as caminhadas na orla e pelos Lanes e por refeições apressadas em restaurantes de frutos do mar, e o mundo particular do quarto deles.

Havia uma grande convenção na cidade, e a maior parte dos grandes hotéis estava cheia, mas conseguiu um quarto em uma hospedaria moderna com tema de rock chamada Pelirocco, no Regency Square. Cada quarto tinha um tema diferente, e ele foi colocado em um cuja decoração evocava um *boudoir*, com rosa e vermelho como cores dominantes e uma exibição de lingerie feminina de todos os formatos, tamanhos e composições decorando as paredes, no lugar dos quadros mais tradicionais. Era um pouco exagerado e nada incongruente, mas despertou um sorriso em seu rosto, considerando a natureza de sua visita à cidade.

Eles tinham concordado em se encontrar em território neutro primeiro, ao lado de um quiosque de *fish and chips* perto da entrada do píer. Quando perguntou como a identificaria, pois o rosto dela nem sempre estava claro nas fotos que havia mandado, ela brincou que ele não teria dificuldade nenhuma. Isso, é claro, dava-lhe a oportunidade de não fazer contato se a visão inicial dele em pessoa não a agradasse.

Ele chegou alguns minutos antes e estava pensando em se permitir uma porção de batatas fritas quando uma voz alegre o cumprimentou.

— Oi, Dominik.

— Liana, eu presumo.

— Você estava esperando outra pessoa? — Ela pareceu se divertir.

— Você tem um nome real?

— Liana.

— Que bom.

Ela tinha estatura frágil, quase demais ao primeiro olhar, mas mantinha postura ereta e resoluta, com o peso de uma mochila grande demais nos ombros mantendo o

equilíbrio. Era provida de um emaranhado de cabelos castanho-avermelhados quase masculinos ao redor das feições delicadas. Usava uma gargantilha fina de seda ao redor do pescoço. Em outras mulheres, teria parecido uma afetação ou uma tentativa malsucedida de parecer na moda; nela, era indicação de muito mais. Só uma indicação. Agora Dominik sabia o que ela queria dizer. No entanto, ao contrário das expectativas dele, ela não estava usando couro preto nem jeans rasgado para compor um ser meio punk, mas sim uma blusa bege de algodão surpreendentemente comportada e saia plissada marrom que ia até abaixo dos joelhos. Ao redor de cada pulso, usava pulseiras idênticas de prata. E, segura, apesar da baixa estatura, calçava sapatilhas.

Suas feições eram travessas, o que a fazia parecer bem mais jovem do que devia ser, com um nariz pequeno e arrebitado, um queixo pouco marcado, mas com lábios carnudos e vermelhos, olhos como poços verde-escuros e círculos rosados naturais no estilo Branca de Neve acentuando as proeminentes maçãs do rosto. Achou que Liana tinha um corpo bonito, embora a blusa frouxa obscurecesse as curvas.

Liana olhou para ele.

— Está gostando do que está vendo? Até agora? — perguntou ela.

— Estou.

Em pensamento durante os dias anteriores, Dominik ensaiou a situação, imaginou alguns dos jogos que podiam executar, se entregar, como ele poderia tirar o melhor da natureza inegável de Liana, torná-la propriamente dele. Sempre ignorara ou se sentira confuso com a etiqueta de situações assim. Devia lhe oferecer uma bebida, um café, alguma coisa mais forte, e iniciar uma conversa inócua para atrasar o momento inevitável em que passariam para a intimidade? Caminhar pelo calçadão como um casal de verdade? Ou será que deviam ir direto para o hotel, que não ficava nem a 800 metros da orla na direção de Hove? Talvez alguém devesse um dia escrever um livro sobre o que fazer e não fazer em encontros BDSM.

O quarto.

No elevador estreito que os levou ao andar mais alto, Liana ficou encostada nele, com a mochila nas costas limitando seus movimentos.

— Me beije — ordenou Dominik.

Ela ficou na ponta dos pés e ele baixou os lábios para encontrar os dela. Liana tinha gosto de chiclete de menta.

— Não escolhi o quarto, foi o único que sobrou. Sei que é meio ridículo — disse ele, desculpando-se antes de destrancar a porta e ela dar de cara com a decoração exótica.

— Uau — exclamou a mulher, olhando para a série de sutiãs e calcinhas emoldurados nas paredes do pequeno quarto como uma fileira de obras de arte em um museu. — Legal. Embora a maior parte não pareça ser do meu tamanho,

infelizmente...

Ela tirou as alças da mochila das costas e a deixou no chão.

— O que você tem aí dentro, todos os seus pertences mortais? — perguntou Dominik.

— Que nada — respondeu Liana. — Só umas coisinhas, sabe. Alguns brinquedos...

— Meio pretensioso de sua parte, não? Mandeí você trazer coisas?

— Eu apenas supus por nossas conversas que você provavelmente não tinha acessórios...

— Talvez não precisemos deles.

— Ah... — Ela sorriu.

Dominik deixou a chave do quarto na mesa de cabeceira e se virou para olhar para ela.

— Me deixe ver você. Dispa-se.

— Agora?

— Agora.

Ela lhe lançou um olhar de incerteza ao perceber que haviam chegado a um ponto sem volta.

— Como concordamos — disse ela com firmeza, reafirmando sua resolução. — Nada de marcas permanentes?

— Combinado. E você se lembra da palavra de segurança?

— É claro.

Liana se despiu até estar usando só a tira fina de seda ao redor do pescoço e as pulseiras idênticas ao redor dos pulsos.

Ela era magra e frágil, mas lindamente proporcional. O vale que levava aos seios pequenos era coberto de sardas, assim como os antebraços. Os mamilos eram de um tom avermelhado sutil, as coxas eram leitosas e, desde a foto que ela mandou para ele, havia depilado embaixo, de forma que agora podia ver uma série de piercings íntimos. Havia um anel minúsculo no clitóris e, abaixo, dois anéis de aço maiores, afastando os grandes lábios.

Dominik prendeu a respiração.

Ele sabia que poderia ficar ali olhando para a geometria intrincada da boceta dela e sua paisagem *ciberpunk* de carne e aço durante horas a fio, por pura fascinação.

— Vire-se — ordenou.

Ela girou em um pé como uma bailarina ensaiando os passos.

O traseiro estreito estava sem marcas anteriores.

— Incline-se.

Liana seguiu as instruções dele, mexendo os pés no tapete fino do quarto ao se inclinar para um ângulo de noventa graus, com o peito paralelo ao chão, a bunda

arrebitada em exibição, uma linha escura separando as nádegas como uma fronteira entalhada a faca, reta e inviolável.

— Pernas abertas.

Ela obedeceu.

Dominik se aproximou da jovem, passou a mão entre as pernas dela, sentiu o calor, esticou um dedo para avaliar a umidade, deslizou para dentro para sentir o gostinho do calor dela, roçando nos anéis, e puxou delicadamente um dos adornos dos grandes lábios. Ouviu e sentiu Liana prendendo a respiração quando ele fez isso.

Uma compulsão de bater nas nádegas com força terrível tomou conta dele, mas resistiu ao desejo. Tinha todo o tempo do mundo. Não havia pressa. Ela já tinha se submetido. Parte dele se perguntava por quê. Dominik ainda era um estranho para ela. Assim como Liana era para ele. Desejava ouvir a história da mulher, cada pequeno passo que a tinha levado até este lugar e momento. A história de cada homem que lhe tocara, que a tornara quem era. Cada grau de mais submissão em uma estrada de destino desconhecido.

— Abra-se — disse ele com voz rouca.

Ainda inclinada, Liana levou as mãos para trás e abriu as nádegas, fornecendo-lhe uma visão desimpedida do orifício do ânus e das linhas e dobras de carne concêntricas que o envolviam como um alvo, junto com o rosado da boceta.

Era um espetáculo do qual Dominik sabia que jamais se cansaria.

— Quem é seu dono agora? — perguntou à jovem enquanto ela ficava de costas para ele, completamente à mostra.

— Você é meu dono.

— E o que quer agora? — perguntou ele.

— Quero que você me use, me foda.

— Por quê?

Por um breve momento, ela foi pega de surpresa, como se não tivesse ido preparada para aquela pergunta.

— Porque faz com que eu me sinta viva — respondeu por fim.

— Viva? — perguntou Dominik.

— Sim — respondeu Liana. — Não consigo explicar. É como me sinto quando um homem me quer assim. Sei que não faz sentido. É assim que sou, acho... — A voz dela falhou.

— Levante-se.

Ela ficou de pé, deixando para trás a posição humilhante que vinha sustentando. Virou-se para olhar para ele, com as pernas ainda afastadas.

Dominik olhou nos olhos dela. Era a mesma combinação curiosa de vergonha, desejo, orgulho e tesão que ele tinha visto tantas vezes nos olhos de Kathryn. E nos de Summer.

— Venha.

Ela andou até ele. Seus mamilos estavam duros e roçaram na camisa dele. Dominik baixou a mão e massageou a bunda dela. A maciez era rara em uma mulher tão magra. Mais uma vez, passou as mãos entre as pernas dela, segurou o pequeno anel preso no clitóris e apertou com força a carne que realçava. Liana tremeu.

— Há quanto tempo você tem esses anéis? — perguntou ele.

— Quase um ano.

— Decisão sua?

— Não exatamente... — Ela hesitou, como se relutando para confirmar as desconfianças dele.

— De quem?

— Fiquei com um dom durante alguns meses. Nos conhecemos em um clube de fetiche em Londres.

— E?

— Ele me mandou fazer os piercings. Primeiro nos lábios, depois no clitóris.

— Doeu?

— O do clitóris doeu pra cacete. Me disseram que o tatuador que fez o piercing só ia passar a agulha pela pele, um pedaço à toa, mas foi um choque. Quase desmaiei de dor.

— Humm...

— Meu dom queria ir mais longe. Queria que eu fizesse um piercing no períneo, no qual ele colocaria uma pequena medalha, sabe, como aquelas de identificação de soldado, na qual haveria o nome dele impresso, ou alguma coisa que indicasse que eu era propriedade dele. Mas nos separamos antes disso.

— E mesmo assim você ficou com os outros piercings...

— Fiquei. Sou o que sou — replicou Liana, com um toque forte de orgulho.

Pensativo, Dominik olhou para o topo da cabeça dela.

Naquele momento, ele a queria demais, apesar de saber que ela estava a seu serviço e que só precisaria dizer uma única palavra, e o sexo seria apenas mais uma transação consensual entre dois adultos. Mas um pensamento irritante no fundo da mente também lhe dizia que ele desejava mais do que sexo. Liana era o tipo de mulher submissa que ele queria não só para dominar e usar sexualmente, mas para possuir por inteiro, tanto o corpo quanto a mente. Para entender o que despertava sensações nela, por que a essência da submissão de Liana também era o quê de beleza que o atraía. Droga!

Por que tornava as coisas tão complicadas para si mesmo?

Pelo menos, havia o sexo. Suspirou.

— De joelhos — instruiu.

Ela se ajoelhou, entendeu a instrução e levantou a mão para o cinto, para abrir a

calça dele.

Dominik fechou os olhos quando a sentiu puxar seu pau para fora da cueca e colocá-lo no calor ardente da boca.

Liana era talentosa, e ele gozou rapidamente. Sem esperar por qualquer outra instrução, ela engoliu a porra com avidez.

A cabeça dela se afastou da virilha, e houve um confuso momento de silêncio em que os dois ponderaram sobre o que ia acontecer em seguida. A janela do quarto do hotel estava entreaberta, e o som das gaivotas voando pela orla surgiu em um rugido ensurdecedor.

— Suba na cama. De quatro — mandou Dominik.

Liana se levantou do chão. Os joelhos dela estavam rosados pela posição em que ficou. Ela foi até a cama e se posicionou, com as costas para ele como ele esperava, oferecendo a bunda.

Dominik se despiu e soltou as roupas no chão.

Seus olhos estavam fixos no botão que era o ânus dela.

Ele rapidamente se questionou se seria grosso demais para ela, grande demais, considerando a fragilidade do corpo, a forma como os ossos pélvicos se destacavam pela posição que ela despidoradamente ostentava.

Colocou um preservativo e subiu na cama, que rangeu sob o peso adicional. Posicionou-se acima de Liana, com o pau semienrijecido roçando na lombar dela, em uma imitação cômica de dormir de conchinha. Ele não havia levado lubrificante, e relutantemente se forçou a prejudicar a natureza tensa do momento ao perguntar se ela tinha algum na mochila de deleites desconhecidos. Ela tinha. Dominik colocou um pouco nos dedos e sobre a abertura apertada, e os moveu para espalhar a umidade pelo orifício anal dela.

De repente, sentiu uma compulsão irresistível de beijar a jovem de novo, de sentir o gosto do hálito dela em sua boca. Ele se inclinou para mais perto, mas na posição que estava, pronto para penetrá-la, sua boca ficava longe demais dos lábios dela. Deixou então que sua língua deslizasse pelo lóbulo da orelha esquerda e estava prestes a mordê-lo com afeição quando a fragrância do cabelo dela chegou às suas narinas. Foi como uma adaga em seu coração.

Não era um perfume específico, mas o aroma suave do xampu que ela havia usado para lavar o cabelo curto castanho-avermelhado antes do encontro. O perfume leve estava misturado ao aroma natural dela, uma combinação sutil de especiarias, com notas de almíscar e flores verdes, o aroma de uma mulher.

Um cheiro que ele reconheceria em qualquer lugar.

O mesmo de Summer.

Um milhão de lembranças voltaram em torrente, esgotando emoções, com altos e baixos.

Se Dominik fechasse os olhos agora, podia fingir que estava comendo Summer.

Mas não queria fingir.

E percebeu que tinha ficado flácido e que a camisinha estava pendurada por uma ponta no membro murcho.

Sentiu Liana ficar tensa sob ele, como se o corpo dela tivesse percebido a mudança nas circunstâncias.

— O que foi?

— Nada — disse ele, mas sabia que não conseguiria mais agir. — Não vai dar certo. — Desculpou-se, e se afastou dela e da cama.

— Por favor... — Liana começou a implorar ao ver Dominik se vestir, indiferente à nudez e ao estado de excitação dela.

— Sinto muito, muito mesmo — foi tudo o que conseguiu dizer. Como ele poderia explicar sem piorar as coisas?

Mais tarde, depois de acalmar a confusa Liana e de pagar um táxi para levá-la para casa como forma se desculpar, Dominik sentiu necessidade de ar fresco, ao menos para afastar a nuvem pesada de confusão que enevoava sua mente, e foi até a orla. Ainda era o meio da tarde. O tempo estava passando lentamente.

O mar parecia sombrio, cinzento até a linha do horizonte, com tiras brancas marcando a superfície, as ruínas do velho West Pier surgindo nas ondas dormentes como o esqueleto de um animal pré-histórico.

Turistas e membros da convenção que acontecia na cidade dividiam o calçadão com crianças e atletas, desviando dos ciclistas que passavam na ciclovia mal sinalizada como se fossem donos dela. Dominik sentiu-se oco, e, quando seu estômago roncou, lembrou que não havia comido nada naquele dia, por ter saído correndo para pegar o trem em Waterloo sem tomar café da manhã. Lembrou-se do quiosque de *fish and chips* na entrada do Palace Pier e voltou naquela direção, andando rápido pela série de hotéis, passando pelo Metropole, pelo enorme bloco de concreto que era o Brighton Conference Centre, pelo Old Ship antes de atravessar na direção do píer.

O consolo das batatas o aqueceu física e psicologicamente, um alimento nada sofisticado, mas um conforto necessário para a alma. Dominik comeu rapidamente até o último pedaço e ficou tentado a andar pela West Street em busca de um pequeno sebo que visitara dez anos antes. Àquela altura, ele já tinha decidido que passaria a noite no quarto do Pelirocco: já havia pagado e não estava com pressa de voltar para Londres.

Quando ia dobrar a esquina, sua atenção foi atraída por uma variedade de pôsteres na área externa do Brighton Centre. Além de receber congressos e

convenções, o prédio também era casa de eventos de música, e tinha até patinação no gelo no verão.

Ele havia assistido a um show do Arcade Fire ali uma vez, quando não conseguira ingresso para o espetáculo esgotado de Londres. Talvez um pouco de música fosse bom para sua mente. Mas nenhum dos pôsteres expostos parecia ser de algum show daquela noite. Ele foi até a frente e encontrou a bilheteria.

Sim, havia um show marcado para a noite, mas não havia sido muito anunciado, embora houvesse ingressos à venda. A bilheteira disse que os ingressos eram baratos, pois a banda a tocar entendia o show como um aquecimento, um ensaio para uma possível turnê longe dos olhos atentos da imprensa e dos fãs.

— A banda pelo menos tem nome? — perguntou Dominik à bilheteira.

— Ah, sim, claro — respondeu a desmazelada mulher de meia-idade, e puxou um pequeno panfleto que entregou a ele. Ela leu no folheto: — O nome é Groucho Nights. Nunca ouvi falar. Tem uma violinista clássica tocando junto. — Ela olhou para as letras pequenas. — Um nome estrangeiro...

Dominik pegou o folheto.

“Apresentando Summer Zahova.”

Ele ficou ali de pé, em silêncio, perplexo.

“Groucho Nights, apresentando Summer Zahova — apenas uma noite, primeiro show no Reino Unido antes da turnê europeia. Primeiro show juntos.”

— Quer um ingresso? — A voz da bilheteira o trouxe de volta à realidade.

— Sim, sim, claro.

Ele lhe entregou o dinheiro.

O show era só às oito e meia. Faltavam quase cinco horas.

Estava prestes a voltar para a rua quando um pensamento lhe ocorreu.

Deu meia-volta e perguntou para a bilheteira, que já estava lendo uma revista sobre celebridades.

— Sabe se a banda já está aqui? Talvez passando o som.

— Como eu poderia saber? — foi a resposta da mulher. — Tem um gerente no primeiro andar. Ele talvez possa te ajudar.

Dominik subiu a escada correndo, em busca do escritório onde alguém pudesse responder sua pergunta.

Depois de ser passado de um burocrata para outro, acabou encontrando um homem que parecia saber do que estava falando, mas o avisou que os ensaios eram particulares e que o público não tinha permissão de assistir.

— Mas os músicos já chegaram? — perguntou Dominik.

E, quando acabou de falar, o som abafado de um violino eletricamente amplificado, ou talvez apenas uma guitarra, chegou aos seus ouvidos, voando em asas invisíveis de som das profundezas do prédio.

— São eles? O ensaio já começou, não começou?

O outro homem assentiu.

— Preciso ver uma das musicistas, a violinista, o nome dela é Summer Zahova — insistiu Dominik.

— Eles não podem ser perturbados — respondeu o homem.

— Ela me conhece. Ela virá, você vai ver. Eu juro.

— Escuta, cara, não é possível.

Sentindo-se um clichê ambulante, Dominik tirou uma nota de 20 libras da carteira e ofereceu ao funcionário.

— Diga a ela que Dominik está aqui e que precisa falar com ela. Se ela vier, te dou outra nota.

O jovem pareceu na dúvida, mas guardou o dinheiro.

— Fique aqui — replicou. — Não prometo nada. Espero que não reclamem de eu atrapalhar o ensaio. Mas vou ver o que posso fazer. — Ele foi até a escada.

Dominik ficou ali, grudado no chão, ouvindo os sons da música, alta, abafada, irregular, dominada pela batida da bateria e do baixo, que afogava qualquer sensação de melodia.

Esperar pareceu uma eternidade.

A música distante parou, ou talvez tenha apenas diminuído de volume, ecoando até o silêncio.

Ele estava com os olhos fixos na escada que levava ao saguão central e aos espaços subterrâneos de show, mas ninguém apareceu.

Dominik estava de costas para o elevador e ouviu um movimento de ar quando o transporte chegou ao andar em que ele estava. Virou-se. A porta se abriu.

— Aí está você.

O funcionário saiu andando com um sorriso no rosto. Seguido de Summer.

Ela estava usando uma calça jeans skinny e uma blusa branca de seda bem simples, com a costureira selva de cachos em chamas que era seu cabelo. Não tinha mudado nada. Ela o fitava em silêncio.

O funcionário também olhou para Dominik com ar de expectativa. Dominik saiu do devaneio, lembrou-se da promessa e enfiou a mão no bolso interno do casaco para pegar uma cédula, que entregou ao sujeito.

— Obrigado, cara.

Ele saiu andando e deixou Dominik e Summer sozinhos.

Nenhum dos dois disse nada inicialmente.

Os dois se entreolharam em silêncio, hesitantes, inseguros, como se presos em uma competição para ver quemalaria as primeiras palavras. Os pensamentos explodiam em suas mentes como um reator nuclear fora de controle.

Foi Dominik quem finalmente percebeu que precisava tomar a iniciativa.

— Oi.

— Oi. — A voz dela estava baixa, curiosa.

— Eu por acaso estava em Brighton e descobri acidentalmente que você ia tocar aqui hoje...

— É, não anunciamos muito. Foi como queríamos. Longe dos olhos xeretas. Para ver como seríamos como grupo.

— Então é um adeus à música clássica?

— Não, não, de jeito nenhum — protestou Summer, ansiosa para ele não ter a impressão errada e reprovar as atitudes dela. — Só uma pausa, sabe. Eu estava um pouco parada e achei que viajar com o grupo de Chris poderia me fazer bem.

— O Groucho Nights é do Chris?

— É. Eles trocaram o nome. Achavam que Brother & Cousin era meio folk e precisavam de uma mudança de direção... — Ela parou de falar ao perceber que não era por esse caminho que ela queria que a conversa seguisse.

— Você está ótima — elogiou Dominik. — Como vai?

— Estou bem. E você?

— Espero não estar atrapalhando seus ensaios.

— Tudo bem. Estávamos terminando a passagem de som. Era hora de fazer uma pausa. Mas tenho que voltar logo. Os técnicos precisam de mim pro ensaio de luz.

— Ah... Tem ao menos tempo pra um café?

— Posso sair por meia hora, acho. Não vou tocar o show todo com a banda. Só a segunda parte. Muitas músicas são barulhentas demais pro violino. Eles já as tocavam bem antes de eu entrar na jogada. Como dizem, sou apenas uma artista convidada. Seja lá o que isso quer dizer.

— Parece divertido.

— Acho que tem um bar em algum lugar aqui do prédio. Vamos procurar.

E saíram em busca de cafeína.

Mais uma vez, um muro de silêncio se ergueu entre eles enquanto tomavam os cafés insípidos de máquina na lanchonete deserta.

Desta vez, foi Summer quem reiniciou a conversa.

— Nova York... Sinto muito sobre Nova York.

— Eu também — respondeu Dominik com relutância.

— Eu não devia ter aceitado ir. Agora sei disso. Mas aconteceu. Não quero me justificar, Dominik.

— É, coisas ruins acontecem. Eu também não devia estar lá.

— Mas estava.

— Estava.

— Fiquei em estado de choque durante alguns dias. Mas quando voltei pro loft na Spring Street você tinha ido embora. Tinha voltado pra Londres...

— Eu esperei um tempo, mas achei que era o melhor que eu tinha a fazer.

— Entendo.

— Como está Nova York? — perguntou ele. — Li um artigo em uma revista dizendo que você agora está com Simón. Faz sentido. Vocês têm tanto em comum. Musicalmente...

— Deixei Nova York — comentou Summer, olhando nos olhos dele. — Voltei pra Londres algumas semanas atrás.

— Eu não sabia.

— Precisava de uma mudança de cenário. Encontrei Chris e a banda, e decidimos tocar juntos por um tempo. O show de hoje é um aquecimento não oficial pra uma turnê europeia curta. Novas cidades, nova música. Um pouco de novidade.

— O que Simón achou disso? — perguntou Dominik.

— Ele não está envolvido. Nos separamos.

Houve um momento de silêncio enquanto Dominik registrava a novidade.

Ao reparar na reação impassível, Summer se sentiu obrigada a manter a conversa fluindo.

— Mas me envolvi recentemente com outra pessoa. Uma dessas coisas que acontecem. Eu não estava procurando nada, ninguém, mas nós nos conhecemos e as coisas deram certo. Viggo Franck. O cantor e guitarrista. Você deve ter ouvido falar dele.

Dominik assentiu.

— E você? — perguntou Summer. — Está com alguém?

Ele sabia que não deveria falar isso, mas falou mesmo assim. Ainda estava absorvendo as implicações de Viggo Franck, e o demônio dentro dele parecia estar no controle da língua.

— Lauralynn mora comigo. Você se lembra dela, não?

— Ela é ótima — comentou Summer, forçando um sorriso. — Gosto muito dela.

— Que bom — replicou. E acrescentou com sarcasmo: — Fico feliz de você aprovar.

Ela ignorou o comentário.

Ambos estavam agora segurando copos plásticos vazios. Nenhum dos dois queria ir até a máquina de novo.

— Onde começa a turnê europeia? — perguntou ele.

— Em Paris. Daqui a duas semanas.

— Você está ansiosa?

— Estou, mas Chris e eu ainda não estamos completamente satisfeitos com nosso som. Está faltando alguma coisa. Não conseguimos identificar o que é. Viggo diz que precisamos de mais entusiasmo.

— Ele agora é seu conselheiro musical?

— Ele está cuidando de Chris e do grupo. Assinaram com o selo da gravadora dele. Ah, sabe a Fran?

— Sua irmã, sei. Você sempre falava dela.

— Ela também veio pra Londres. Agora moramos juntas. Estamos no apartamento de Chris em Camden Town enquanto procuro uma coisa mais permanente pra mim. Está indo tudo muito bem até agora.

— Incrível — disse ele com visível falta de entusiasmo, nada interessado no direcionamento para fofocas que o encontro estava assumindo.

— Você ainda toca o Bailly?

Uma sombra passou pelo rosto dela.

— Não.

— Por quê?

— Ele foi roubado.

— Porra! Quando, onde?

— Depois que voltei pra Londres. Ele sumiu de dentro de um camarim cheio de seguranças em outro show. Fiquei arrasada. Sinto muito. Sei que ele significava muito pra você também...

Dominik suspirou. Não foi apenas pela notícia do desaparecimento do instrumento, mas por ouvi-la fazer uma referência à vida anterior deles.

Desta vez, ele não conseguiu controlar o que disse num rompante, mas foi de coração.

— Você também significava muito pra mim, Summer...

Eles se entreolharam.

Incapaz de sustentar o olhar, ela piscou primeiro.

— Eu sei... — Pouco mais de um sussurro.

— Mas é bom te ver. Quis fazer contato tantas vezes, mas nunca consegui reunir força mental pra isso.

— Eu também.

— Mas estou feliz de tudo estar indo tão bem pra você. Fora o Bailly, é claro. Deve ter sido um choque terrível.

— Foi um horror.

— Posso imaginar. Descobri muitas histórias curiosas sobre ele. Sabia que ele também é chamado de Angelique?

— Não. Por quê?

— Há muitas superstições e lendas urbanas, sem dúvida. Descobri as informações na pesquisa pra outro livro... — Ao falar isso, Dominik se deu conta de que o romance de Paris ainda não tinha sido mencionado na conversa hesitante deles.

— Gostei do seu livro, Dominik. De verdade — comentou Summer.

— Você não se importou...

— De você me usar de modelo pra personagem? Nem um pouco. Foi uma ideia adorável. Não que eu fosse fazer todas as coisas que Elena faz na sua história.

Dominik sorriu, com uma onda de alívio se espalhando pelo corpo.

Ella, a baterista do Groucho Nights, entrou na lanchonete e os interrompeu.

— Ah, aí está você, Sum. Te procurei por toda parte. Precisamos de você lá embaixo. Os técnicos dizem que não conseguem finalizar a iluminação sem você no lugar.

— Sob os holofotes, hein? — comentou Dominik.

Summer se levantou da mesa bamba.

— Precisamos manter contato — disse Summer. — Sei que temos vidas diferentes. Novos parceiros, amantes. Mas podemos ser amigos. De novo?

— Eu gostaria disso — respondeu Dominik.

Ela já estava se afastando quando se virou e disse:

— E talvez possa me ajudar a encontrar o violino. Como era mesmo o nome?

— Angelique.

— Você diz que há histórias sobre ele. Talvez elas nos deem uma pista sobre o paradeiro, não?

— Se eu puder ajudar, ajudarei. Como for possível.

— Desconfio de algumas coisas. Mas é um tanto delicado, sabe. Não posso explicar agora. Escuta... me liga, meu número é o mesmo. Podemos conversar.

O cabelo ruivo sumiu quando ela desceu a escada, com a bunda coberta pelo jeans rebolando em perfeita harmonia, o cheiro dela ainda no ar. Dominik respirou fundo e tentou acalmar o coração disparado.

— *Ciao* — sussurrou baixinho, embora soubesse que ela não conseguia mais ouvi-lo. E não era um adeus: parecia um oi novamente.

Sobre violinos e câmeras

Perder o Bailly foi como me separar de metade da minha alma.

Por alguns dias, senti como se jamais fosse capaz de voltar a tocar.

Não era só pelo som único que eu era capaz de tirar das cordas dele com tamanha facilidade, mas todas as associações que o instrumento tinha com meu passado em Londres e Nova York.

Viggo disse que ficou furioso com a perda do instrumento e se culpou por não ter colocado mais segurança no Academy. Era lá que presumíamos que o instrumento tinha sido roubado, em algum momento entre nossa chegada, quando estupidamente deixei o violino no Green Room junto do restante do equipamento da banda, e a hora em que saímos para a festa de Viggo.

Eu sentia uma culpa enorme por tê-lo deixado lá e pelo descuido.

Mas nos períodos longos da noite, nas horas em que as sombras atormentavam minha mente e meu quarto, eu não conseguia deixar de pensar no que Viggo guardava atrás daquela porta trancada no porão, o único aposento protegido da casa.

Parecia uma ideia louca. O homem tinha dinheiro suficiente para comprar cem Baillys. Ele podia ter coberto a parede da casa com eles se quisesse. Eu não conseguia imaginar por que ele iria querer o meu violino mais do que qualquer outro, mesmo ele tendo uma história incomum, como Dominik sugerira.

Ainda assim, o pensamento se escondia nos cantos da minha mente, e podia ser um dos motivos de eu ter entrado em uma espécie de relacionamento com o astro do rock e com Luba, sua companheira sedutora e etérea.

Ter um relacionamento com duas pessoas ao mesmo tempo não era tão estranho quanto poderia parecer. Passávamos a maior parte do tempo em casa, em vez de sair, porque eu morria de medo de ser fotografada com eles dois e aparecer nos tabloides como parte de um *ménage à trois*.

Viggo estava em uma espécie de pausa entre trabalhar no próximo álbum no estúdio com a banda e sair em turnê de novo, e Luba não parecia ter nenhum emprego regular, fora o fato de ser secretária improvisada de Viggo. Ela era uma versão menos empertigada de Pepper Potts nos filmes do Homem de Ferro, sempre pronta para realizar as vontades dele. Tinham um relacionamento que eu nunca

consegui entender direito.

Ela era incrivelmente segura de si e não parecia sentir ciúme nenhum, e, surpreendentemente, eu também não. A cama de Viggo era enorme, e isso resolvia o problema que acabaria surgindo de mais pessoas caberem com conforto. A casa era bem grande, então todos tinham espaço suficiente caso ficássemos cansados uns dos outros, ou se dois de nós quisessem privacidade.

A situação agradava o temperamento de Viggo. Enquanto eu achava que muitos homens hesitariam frente à perspectiva de manter duas mulheres satisfeitas, ele parecia ter um desejo quase infinito de nos fazer ter orgasmos repetidas vezes e uma energia peculiar para foder e usar brinquedos sexuais. Luba era como uma criança na loja de brinquedos: tratava-me como uma boneca nova a ser explorada e descoberta, e possivelmente descartada no futuro, quando a próxima novidade aparecesse. E eu estava apreciando o fato de estar quase sempre saciada fisicamente.

Quase sempre, porque ainda havia uma pequena parte de mim que desejava Dominik. Ele apareceu do nada antes do show de Brighton. Mantive a calma, mas depois que ele saiu, precisei de uma pausa de 15 minutos até conseguir voltar ao ensaio de tanto que minhas mãos tremiam, deixando-me incapaz de segurar o arco. Ele estava com outra pessoa, Lauralynn, a loura alta com quem uma vez dominei no apartamento de West London. Lauralynn e eu usamos cintas penianas e fizemos sexo com um homem submisso na cama dela. Ambas estávamos vestidas, e ele, nu. Achei a experiência educativa, embora não exatamente excitante.

Contei a Dominik sobre Viggo sem pensar, embora não encarasse o relacionamento a três como mais do que diversão passageira. Se ele podia seguir em frente, eu também podia.

Mas isso não me impediu de pensar nele. Naquele cheiro peculiar que tinha, de apenas sabonete, sem perfume nenhum. No estilo por vezes irritantemente polido e antiquado. No sotaque, difícil de identificar às vezes (resquícios de uma infância no exterior da qual nunca falava), e outras vezes puramente britânico, quase arrogante. Na postura ereta e nos ombros largos de anos de treino, que deram uma firmeza que ele não perdeu, apesar de nunca parecer fazer esforço para manter a forma. Na linha forte do maxilar e na boca sensual. Na maciez da pele. No pau, que sempre achei perfeito. Tão reto, de cor uniforme e grande.

Mais do que tudo, eu sentia falta da imaginação perversa e da maneira como sempre me deixava em dúvida; eu nunca sabia o que ele tinha na manga. Fazia com que nosso relacionamento, mesmo com todos os defeitos, parecesse tão vivo. Dominik me desafiava. Levava-me a fazer coisas que eu não sabia que conseguia ou que faria. Fazia-me sentir presente, conseguia mesclar minha mente com meu corpo de uma maneira que apenas tocar um instrumento musical tinha feito antes, de forma

que, com Dominik, eu ficava ciente de cada palavra e de cada toque.

Ele também parecia me entender de uma maneira que nenhum outro homem com quem saí conseguiu. Simón queria, eu sabia disso, e talvez até entendesse, mas tínhamos caminhos e planos diferentes para o futuro que nunca poderiam se misturar com sucesso. Viggo provavelmente chegava mais perto, porém, embora fosse bem-intencionado, não tinha empatia. Ele às vezes olhava para mim como quem olha para um peixe dourado em um aquário, e eu me perguntava se realmente me via como uma pessoa, ou se era como Luba me enxergava, como um novo brinquedo, uma nova coisinha bonita para acrescentar à coleção, com a qual brincar por um tempo.

Naquela manhã, eu tinha marcado de encontrar Fran. Com ela trabalhando à noite e eu agora passando a maior parte do tempo na casa de Viggo, nós duas não nos víamos muito.

Nós nos encontramos no Verde & Co., uma pequena cafeteria no mercado Spitalfields com o melhor café da área e no mesmo nível de algumas outras que eu considerava as melhores de Londres, embora esses títulos fossem contestados por outros neozelandeses e australianos que eu conhecia. Pareciam esquecer que os italianos criaram o *espresso* muito antes de o *flat white* ser inventado.

Ela já estava lá quando cheguei, empoleirada em um dos bancos de madeira do café, admirando os vidros de compotas com a luz brilhando por trás, que fazia a mistura cintilar em tons quentes de vermelho, laranja e amarelo, dependendo do tipo de fruta que houvesse dentro.

Todo tipo de produto estava amontoado nas superfícies do pequeno estabelecimento: massas italianas secas em formatos que pareciam incomuns aos olhos acostumados ao tipo vendido em supermercado, cestas cheias de cerejas, pêssegos ou qualquer outra fruta da temporada, uma tigela de prata com cubos de açúcar e uma pinça para pegá-los e também a vitrine com os doces mais lindos, chocolates Pierre Marcolini de todos os formatos e sabores arrumados de tal forma que prometia que cada mordida seria mais deliciosa do que a anterior.

Era um dos meus locais favoritos quando morei em Londres antes de ir para Nova York, e sempre gostava muito de olhar para os chocolates pelo vidro, porém nunca comprei um. Achava interessante apreciar a emoção de um prazer imaginado e negado, mas sempre ao alcance da mão. Eu gostava do sentimento de desejo, mesmo que nunca realizado.

— Lugar legal — comentou Fran. Ela me viu chegando e pediu e pagou os cafés no balcão.

— Obrigada pelo café — repliquei —, mas pare de comprar coisas pra mim, você ganha 10 libras por hora e eu tenho grana.

— Eu sabia que você ia falar isso — disse ela, pegando um cubo de açúcar atrás do outro e jogando na pequena xícara, me fazendo lembrar o hábito de Dominik de adoçar suas bebidas ao extremo. Cada coisinha me fazia lembrar dele atualmente.

— Desde quando você coloca açúcar?

— Desde que vi esses cubos fofos. Isso é açúcar metido. Não tem desses em Te Aroha.

— Mas o gosto é o mesmo. Como você está?

— Igual a duas semanas atrás. O bar é divertido. Trabalho muito, mas é uma boa maneira de conhecer pessoas.

— Você ainda está procurando um lugar pra morar?

— Não. Gosto de morar com Chris... e ele teria que me substituir se você não voltasse. Você vai voltar? Como anda a vida com o astro do rock? Chris me disse que você está namorando a dançarina também. Como é que essa porra funciona?

— Namorando é uma palavra forte demais. Não vou levar nenhum dos dois pra conhecer a família no Natal.

— Dá pra imaginar isso? Nossos pais sentiriam tanto orgulho. — Ela riu.

— As pessoas fazem isso... trios não são tão incomuns.

— São incomuns lá de onde viemos.

— Eu não apostaria nisso. As pessoas de cidades pequenas só se esforçam mais pra esconder as coisas.

A garçonete voltou com uma fatia grande de bolo de limão que Fran havia pedido antes e colocou entre nós duas.

— Parece gostoso — falei, distraída do fluxo de pensamento pela chegada do bolo. — Você não está preocupada em engordar? — O ganho de peso era um problema comum das pessoas que iam morar no Reino Unido, tentadas pelo tempo frio a abandonar os hobbies de exercícios ao ar livre em favor de cerveja e comida de bar.

Fran riu com deboche.

— Coma o maldito bolo — mandou, empurrando a colher para o meu lado —, e me conte mais sobre a vida do rock. Quero saber tudo. Você não reparou que vivo minha vida indiretamente por meio de você? Me dá uma ajudinha aqui.

— Indiretamente por meio de mim? Você não está dormindo com Dagur, o baterista?

— Infelizmente, não. Acabamos na cama juntos, mas estávamos em coma depois de tantos coquetéis. Acordei ao lado dele ainda de roupa.

— E não pediu o número dele?

— Dagur pediu o meu. Mas não curto roqueiros.

— Ah, é? Nem mesmo Chris? — falei, provocando-a.

— Bom, não curto a maioria.

Ela estava corando.

Ignorei o som do meu celular quando começou a tocar, e Fran aproveitou a oportunidade para mudar de assunto, tirou-o do meu bolso e me entregou.

— É ligação internacional, elas são sempre importantes. Atenda.

Era um número de Nova York, o que queria dizer Simón ou Susan. Mais provavelmente ela, pois Simón ainda estava na Venezuela na última vez que eu soube. Susan, por outro lado, estava partindo para cima de mim agora, considerando que eu não tinha respondido aos e-mails dela sobre meu paradeiro.

Desci do banco, saí apressadamente do café e atendi a ligação pouco antes de cair na caixa postal.

— Alô?

— Summer, onde diabos você está e o que está fazendo aí?

Era mesmo Susan.

— Ainda estou em Londres. Descansando.

— Foi o que pensei, até ouvir por aí que suas apresentações improvisadas em Londres e Brighton estavam sendo muito elogiadas. A imprensa ficou sabendo, e um tabloide vai publicar uma matéria sobre sua suposta rebelião de rock. Queridinha clássica enlouquece e todas essas coisas...

— Eu só estava tocando com um amigo.

— Bem, preciso consertar essas coisas, a não ser que você queira ser rotulada como uma musicista clássica que está tendo um colapso de carreira.

— Meu violino foi roubado — declarei em voz bem baixa, quase chorando.

— Sinto muito em saber disso. Mas você deve ter dinheiro o bastante pra comprar um novo, não? Posso conseguir um patrocinador se você tiver gastado todo o seu dinheiro com sapatos.

— Música clássica não é assim. Não consigo pensar em voltar ao palco sem o Bailly.

— Bem, acho que não precisa ser em um palco clássico. Que tal essa banda com a qual você vem tocando?

— Groucho Nights. A banda abriu para Viggo Franck e The Holy Criminals... Você deve ter ouvido falar deles. Viggo está ajudando a organizar a turnê pela Europa.

— É claro que conheço. De acordo com os tabloides, ele está dormindo com metade das celebridades do mundo. Tudo bem. Você pode tocar com eles. Só, pelo amor de Deus, não deixe que tirem uma foto sua caindo em um bar com Viggo Franck, pelo menos não antes de eu começar a promover sua mudança para o mundo do rock. Na verdade... você ainda tem contato com aquele fotógrafo que fez a sua

foto pra apresentação de Nova York?

Mais de dois anos tinham se passado desde que Simón mandara fazer minha foto nua do pescoço para baixo, coberta pelo violino, o que levou meu primeiro concerto a lotar. Susan tinha boa memória.

— Não... Acho que ele voltou para a Austrália. — Lembrei-me do fotógrafo que tirou minha foto no Torture Garden com Fran e Chris algumas semanas antes. Ele pelo menos seria discreto. — Mas conheço outra pessoa.

— Que bom. Está combinado, então. Vou ligar pro empresário de Franck agora. Deixe todo o planejamento comigo. Se você também quiser ser estrela do rock, isso tem que ser feito direito.

Susan desligou antes de eu ter a chance de protestar.

Sentei-me ao lado de Fran, sentindo-me um pouco tonta. Talvez eu tivesse sorte de não ter encontrado um apartamento, pois parecia que eu ia voltar para a estrada.

— E então? Qual é a história? — perguntou Fran, olhando para mim com curiosidade.

— Minha agente... ela quer que eu faça turnê com Chris e a banda.

— É uma ótima ideia! Chris ia adorar que você tocasse com ele. Fala sobre isso o tempo todo. Ele se dá bem com Ted e Ella, claro, mas você é a melhor amiga dele, Sum... Devia pensar seriamente no assunto.

— Pensar no assunto? Acho que não depende de mim. Minha agente já está ligando pros agentes dele, e Susan é capaz de convencer qualquer pessoa de qualquer coisa. Mas pode ser tarde demais, eles partem em poucos dias. Eu teria que fazer comunicados de último minuto, arrumar o equipamento e a divulgação... todo tipo de coisas.

— Eles não são os Rolling Stones nem nada. São alguns shows pela Europa, claro, mas não o fim do mundo. Tenho certeza de que podem mudar algumas coisas, e, se Viggo mandar, não vão ter escolha.

— É, acho que sim.

— Mas vou ficar meio perdida sem vocês dois aqui. O que será que Chris vai fazer com o apartamento?

— Você pode vir junto. Vou precisar de uma empresária de turnê, e o Groucho Nights também, até onde sei. Podemos colocar você na folha de pagamento. E você pode conhecer um pouco da Europa. E me fazer companhia. Você é treinada nesse tipo de coisa, já trabalhou em banco. Você é capaz.

O rosto de Fran se iluminou como se eu tivesse dado a ela um bilhete premiado de loteria, e ela deu um gritinho alto o bastante para fazer a garçonete dar um pulo.

— Ah, meu Deus, eu adoraria!

— Calma... Às vezes eu posso jurar que você tem 21 anos. E nada disso ainda está confirmado. Pra começar, nem tenho instrumento.

— Ah, Deus, é mesmo. Não apareceu ainda, né? E por que não falar nada pra polícia?

— Viggo está com medo de a equipe ser investigada. Ele não quer perder os funcionários se eles se irritarem por serem acusados de roubo. E seria ruim pros prêmios de seguro dele. Ele prefere me pagar o valor integral do violino.

— Que pena, porque alguém roubou. Se uma pessoa não quer ser investigada, pode ter sido ela.

— Mas não ligo pro dinheiro. Só pro violino. Ganhei de presente.

— Ah, Chris me falou sobre esse cara.

Fran arqueou a sobrancelha com desconfiança.

— Vocês dois conversam muito. Não sei se aprovo.

— Ele sabe que foi roubado?

— Dominik? Sabe. Foi estranho, mas encontrei com ele em Brighton. Ele estava lá, viu os folhetos do show e foi dar um oi. Está com outra pessoa agora. Mas mencionou uma coisa sobre o violino. Disse que tinha uma história estranha. Está pesquisando pra um livro. Pedi pra me avisar se descobrisse alguma coisa, mas é meio improvável.

— Ligue pra ele.

— O quê? Agora?

— Agora. Descubra se sabe de alguma coisa. Sei como você é com telefones, e nunca vai ligar se eu não te obrigar. E não tente fingir que apagou o número dele.

— Tudo bem.

Peguei o celular de novo, desta vez meio irritada, e torcendo para a conversa ser curta, nem me dei ao trabalho de descer do banco.

O telefone dele tocou.

— Caixa postal — falei, com um toque de triunfo.

— Então deixa um recado.

— Oi... sou eu. Summer. — Fiquei com raiva de mim por supor que ele reconheceria imediatamente minha voz, depois por pensar que não reconheceria e dizer meu nome. Houve uma pausa desconfortável quando me recompus e continuei:

— Só queria perguntar sobre o violino. Me liga. — Apertei o botão de desligar.

— Uau, essa foi sutil.

— Cala a boca.

Quando voltamos para o apartamento, Chris já havia recebido a notícia e estava feliz da vida. Parecia que nem Susan nem Viggo tinham perdido tempo em puxar as cordinhas para fazer acontecer. No começo da tarde, já tinham atualizado os locais e começaram a trabalhar no novo material publicitário. Eu ia oficialmente fazer a turnê com o Groucho Nights como artista convidada.

Passamos os dias seguintes em uma confusão de ensaios, repassando todas as músicas que tocávamos juntos e rearranjando algumas das deles em que o violino poderia entrar. Precisamos de um tempo fazendo tentativas até conseguirmos achar uma combinação em que o som do violino não desaparecesse, e a dinâmica do palco ficou meio estranha com quatro instrumentistas em vez de três. Antes, Chris era o foco ao lado de Ted, e Ella ficava ao fundo, na bateria. Durante quase o tempo todo eu me sentia sobrando, e o som nem sempre mesclava bem.

Depois de quatro noites sucessivas de ensaios, estávamos no apartamento de Chris nos sentindo inexplicavelmente mal-humorados.

Fran preparava pizza na cozinha. Ela estava lá havia horas, fazendo até a massa e o molho de tomate. O apartamento estava tomado pelo cheiro de fermento da massa e do alho do molho. Chris estava sentado à minha frente à mesa redonda de madeira ao lado da cozinha americana, com os ombros caídos, girando a tampa de uma garrafa de cerveja entre o polegar e o indicador. Eu o observava e esperava com paciência, com cotovelos apoiados na mesa e as mãos segurando o queixo.

— Está faltando alguma coisa — comentou ele baixinho, quase que para si mesmo.

Esperei que continuasse.

— O som... não está certo. Está desequilibrado.

— Se não está certo, não tem problema, Chris. Não é tarde demais pra mudar de ideia, e irem só vocês três. Não vou ficar ofendida, de verdade.

Havia uma parte de mim levemente ressentida por ter me deixado levar por Viggo e Susan. Uma fase roqueira parecera uma rebelião, uma grande ideia para mudar e descansar quando tudo tinha sido ideia minha. Agora que tinha se tornado ideia de outra pessoa, fiquei me sentindo meio desanimada por ter que ir fazer turnê de novo, por mais que eu estivesse ansiosa pela perspectiva de passar mais tempo com Chris.

— Não, não é você. O violino é ótimo. Só tenho a sensação de que precisamos de mais alguma coisa.

— Um sino? — falou Fran na cozinha.

Ele riu e olhou para ela com carinho.

— Não é má ideia, sabe — disse, equilibrando a tampa de cerveja em um dedo, pensativo. — Esse tempo todo, estamos pensando que precisamos de menos, mas talvez precisemos de mais.

— Mais? Mais o quê? Onde iríamos arrumar músicos?

— Precisamos de outra camada de som. Porém assim tão em cima, a gente teria que arrumar pessoas que já tocam juntas.

Ele ainda estava falando sozinho, olhando para o nada, nem se dando ao trabalho de afastar os cachos teimosos da testa.

A semente de uma ideia começou a se alojar na minha mente.

Antes de eu poder alimentar a ideia para virar pensamento e fala, Fran apareceu em nossa frente segurando um prato fumegante de círculos de massa, cada um com cobertura de parmesão crocante e uma folha de manjerição ligeiramente tostada. Ela as tinha arrumado em forma de pirâmide.

— Uau — exclamou Chris. — É a coisa mais incrível que já vi.

Segurei uma risadinha. Fran ainda parecia não perceber o efeito que tinha sobre ele. Eu conhecia Chris havia alguns anos e nunca o tinha visto se comportar assim por causa de ninguém. Ele havia começado a passar as camisetas, mesmo para ficar em casa, apesar de Fran ser uma das pessoas mais largadas em termos de vestimenta que eu conhecia, com roupas que nunca viam a cara do cabide, muito menos da tábua de passar.

— O que vocês precisam é de um trompete ou três — declarou ela, ignorando o elogio dele.

— Talvez eu possa ajudar com isso — acrescentei. Ainda mantinha contato com Marija e seu marido, Baldo, com quem dividi apartamento em Nova York antes de ir morar com Dominik. Marija tocava flauta na orquestra, mas sabia tocar trompete e era quase tão boa quanto Baldo. Sem dúvida, era boa o bastante para nossa necessidade. Eles talvez não pudessem tirar folga ou nos encontrar rápido o suficiente, mas eu sabia que estavam entediados desde que Simón tinha ido embora, substituído por um maestro bem mais sem graça. Uma participação em uma banda de rock talvez fosse interessante.

Viggo concordou com o acréscimo de uma seção de metais, e Susan puxou umas cordinhas para tirar Marija e Baldo dos compromissos em Nova York.

— Vocês precisam de mais um — disse ela no dia seguinte —, então vou mandar Alex também.

Alex era o saxofonista com quem Marija tentara uma vez me fazer sair, em um encontro que acabou comigo indo para a casa de um corretor de seguros que morava no Upper East Side em um apartamento chique com cheiro de salmão. Dominik tinha achado a história toda engraçada, e Alex felizmente não ficara muito ofendido, pois tinha conseguido pegar outra garota no bar enquanto eu estava no terraço flertando com Derek.

Os três voariam direto para Paris. Teriam tempo suficiente para se recuperar da diferença de fuso horário, e nós teríamos um dia ou dois para encaixar alguns ensaios antes do show, marcado para o La Cigale no Boulevard Rochechouart. Eu havia ido a Paris uma vez, cerca de quatro anos antes, mas tive pouco tempo para passear. Mesmo assim, tinha uma lembrança carinhosa, porém vaga, da cidade. Nós iríamos ficar em uma parte que eu não tinha visitado. Fran, em seu novo papel de empresária de turnês, fizera os planejamentos de hospedagem.

Tudo que eu tinha que fazer era arrumar as malas e ir à sessão de fotos de que

Susan tanto gostava. Era tarde demais para fazer pôsteres adicionais, mas ela planejava mandar algumas fotos para os críticos e para as revistas de música, para pelo menos afastar os boatos de que eu tinha perdido o rumo e me deixado levar, e assim divulgar minha mudança na carreira como uma nova direção temporária. Ela achava que minha imagem de roqueira podia acrescentar um pouco de sex appeal que ajudaria na venda dos meus discos clássicos. Susan sempre se empolgou para promover meu sex appeal, e estava muito feliz com minha sugestão de fotógrafo, Jack Grayson, que tinha experiência com moda e estava por trás de algumas sessões de fotos ousadas de celebridades. Ele também tinha uma exposição de nus refinados em uma galeria de Londres, que tinha ficado famosa quando a polícia apareceu após reclamações de um visitante puritano.

Por curiosidade, fui olhar as fotos. Achei todas de bom gosto, mas eu não tinha dúvida de que pessoas mais conservadoras as achariam chocantes. Uma que me chamou a atenção em particular era de uma mulher inclinada por cima de uma pilha de livros, com um morango perfeito saindo do ânus. Havia outra mulher sentada atrás dela, presumivelmente responsável pela inserção do morango. Eu estava morrendo para perguntar a Jack, ou Grayson, como parecia que ele era mais frequentemente chamado, como fez o morango ficar no lugar, mas isso pareceu uma conversa mais apropriada para outro momento, talvez tomando uma cerveja.

Grayson morava e trabalhava em uma velha escola convertida, não longe da minha quitinete em Whitechapel, onde eu morava quando conheci Dominik. Ele me ofereceu um café quando cheguei, e bebi olhando pela varanda, com uma vista para um cemitério e uma igreja do século XVII. A presença da morte e da religião dava um tom sombrio para a decoração feminina. O interior era todo em tons de creme, com uma variedade de cadeiras decoradas por todos os lados e vasos altos cheios de flores.

O aposento que ele usava como estúdio principal era repleto de luzes, telas de fundo e equipamentos que não consegui identificar, com grandes pratos e placas achatadas prateadas para capturar a luz.

Jack parecia quase uma pessoa diferente sem a roupa de látex. Estava usando uma calça jeans e uma camiseta da marca Religion preta e branca com a foto de uma mulher nua na frente, apoiada em um carrinho de compras. A assistente dele, Jess, estava arrumando os produtos de maquiagem e cabelo na mesa da cozinha, com itens suficientes para encher uma perfumaria, e certamente o bastante para encher a mala dela, que a vi se esforçando para carregar escada acima quando cheguei.

Eu nunca tinha participado de uma sessão de fotos antes, pelo menos não oficialmente. Alguns dos homens que namorei tiraram fotos minhas nua. Felizmente,

ou eles não tentaram mandar para os jornais quando fiquei famosa como artista solo ou os jornais não demonstraram interesse. A foto que mostrei para Simón, que depois virou a ilustração dos folhetos do meu primeiro concerto em Nova York, foi uma dessas. Tive um caso rápido com um fotógrafo australiano que tirou algumas fotos minhas nua, tocando meu violino ou segurando-o à frente do corpo, sobre os seios. Mas nunca tentei posar sob iluminação de estúdio em circunstâncias formais assim.

Grayson havia me mandado um e-mail para confirmar tudo. Era o mesmo que ele mandava para todos os clientes, avisando o endereço, como chegar e o que levar. Ele também me pediu para especificar que nível de fotografia me deixava confortável. Vestida, de lingerie ou nua. O e-mail dizia que ele preferia deixar tudo claro, em vez de correr o risco de fazer uma modelo ficar constrangida ao perguntar no dia, ou levar uma pessoa a fazer alguma coisa de ímpeto da qual ela pudesse se arrepender depois.

Eu não poderia levar ninguém para a sessão comigo, pois isso poderia me distrair e me afetar na hora de posar, porém a maquiadora dele estaria presente o tempo todo, para que eu ficasse à vontade. Grayson deixou claro que não era um tarado, nem um daqueles “caras com câmeras” dos quais eu tinha ouvido falar, que convidavam garotas para falsas sessões de fotos quando na verdade só as queriam ver tirar a roupa. Eu estava pagando pela sessão para uso pessoal, e Susan me falou claramente que eu não deveria assinar um formulário de permissão de divulgação se ele pedisse, para que ele não pudesse vender as fotos sem meu consentimento.

Respondi explicando o tipo de fotos que queríamos, e acrescentei que ficava completamente à vontade com nudez. Susan sugerira que tudo ficasse dentro dos limites do bom gosto, e só as imagens mais inócuas seriam usadas como parte da divulgação.

— Você trouxe algum traje? — perguntou ele, pegando a xícara vazia das minhas mãos e colocando-a na pia.

— Alguns — respondi, revirando a enorme bolsa que levei para a ocasião. Eu tinha escolhido uma mistura de roupas minhas e de Fran, a maior parte pequena demais, mas que quebraria o galho. Uma leggings com aparência molhada, uma jaqueta de couro, dois vestidos, as botas de Fran que iam até as coxas e os sapatos que me dei como recompensa depois que minha primeira turnê foi um sucesso: um par de Louboutin preto coberto de tachas prateadas. Nada era meu estilo de verdade. Olhei para as roupas espalhadas e pensei “dominatrix” e “garota roqueira”, mas Grayson pareceu feliz com tudo.

— E você queria algumas fotos seminua, só com o violino?

— Sim — respondi. Eu já tinha pensado no prospecto de tirar a roupa, e minha voz saiu em um gritinho excitado. Eram os nervos, falei para mim mesma, apesar de

haver um toque de exibicionismo que estava há muito enterrado e agora ressurgia. Houve vezes em que tirei a roupa em público e gostei disso, mas cada ocasião foi resultado de uma ordem, ou de Dominik, ou de Victor, o dominador com quem me envolvi em Nova York.

— Vamos começar com as fotos de roupa, para você se aquecer.

O jeito dele era simpático, mas tão profissional que beirava a frieza, como se passasse o tempo que estava trabalhando fazendo um esforço muito deliberado para não ser paquerador, mesmo que sem querer. Senti-me estranha com a ideia de levar a bolsa para o banheiro para trocar de roupa, pois o espelho ficava na sala de estar perto de onde a maquiadora tinha arrumado as coisas dela, e os dois iam me ver nua depois de qualquer jeito.

Assim, troquei de roupa na frente deles, primeiro tirando a blusa por cima da cabeça e depois tirando a saia por baixo e chutando os dois para longe, como se eu fizesse esse tipo de coisa todos os dias, produzindo uma torrente de conversa trivial enquanto eu tentava parecer relaxada. Nenhum dos dois estava prestando atenção em mim, mas ainda assim me senti estranha.

Coloquei a legging de aparência molhada, os sapatos Louboutin com tachas e a jaqueta de couro por cima de um sutiã preto para começar. Fran e eu tínhamos feito uma espécie de ensaio com as roupas e decidimos que esta era a de estilo mais roqueiro.

A maquiagem e o cabelo levaram cerca de uma hora, e no final eu mal estava me reconhecendo. Meus olhos estavam provocantes, cobertos de uma camada grossa de delineador preto, sombra preta e cílios postiços tão longos que, quando eu abria os olhos, eles tocavam nas minhas sobrancelhas. Jess tinha feito um topete alto no meu cabelo e iluminado os contornos do meu rosto com vários tipos de pó, de forma que minhas maçãs se destacavam como as de um gato. Combinado com a legging e a jaqueta, eu parecia uma vagabunda durona, uma *femme fatale*. Não o tipo de garota que você apresentaria para sua mãe.

— Arqueeie um pouco mais as costas. Isso mesmo.

Demorei a pegar o ritmo das poses, e Grayson, infinitamente paciente no começo, acabou desistindo e me arrumou nas posições. Enquanto ele fazia isso, senti aquela queimação lenta e familiar, só um esboço de pensamento, um reconhecimento da forma como ele estava controlando meu corpo que acendeu a chama da ideia até ela se tornar uma fantasia completa. Antes que eu pudesse perceber, estava atendendo as instruções dele da mesma forma que atendia as de Dominik. Velhos hábitos custam a morrer.

Ele fez uma pausa por um momento e verificou as fotos no visor da câmera para ver o resultado, enquanto eu lutava para manter as pernas paradas e as costas arqueadas exatamente no mesmo ângulo, para que ele não precisasse reajustar a

iluminação.

— Experimente sem o sutiã — disse Grayson. — O sutiã quebra a linha da sua pele, acho.

— Ah, claro — respondi casualmente, lutando para abrir o sutiã nas costas sem sair muito da posição que ele havia passado tanto tempo arrumando.

Fiz o meu melhor para esconder minha reação, sem querer deixar o fotógrafo desconfortável, mas, quando chegamos às fotos de nu, meus mamilos estavam enrijecidos e minha calcinha, molhada.

— Não — disse ele quando fui tirar os Louboutin. — Fique de sapatos.

Dominik disse a mesma coisa para mim uma vez, quando toquei nua para ele na cripta, com Lauralynn no violoncelo, vendada atrás de mim. A lembrança despertou outra pontada de desejo no meu corpo, embora não direcionada a Grayson. Ele apenas estava ali, preso na sombra de minhas peculiaridades sexuais e da lembrança de um relacionamento fracassado.

Engoli em seco e tentei me concentrar na tarefa do momento, ou pelo menos fazer com que meus mamilos me obedecessem. Eu não podia nem fingir que estava com frio, pois o aquecimento estava no máximo e o apartamento era quente. Não ajudou o fato de ele ser atraente, tanto com e sem a roupa de fetiche. Era alto e magro, com olhos cinza azulados simpáticos que sorriam quando ele falava, e tinha uma forma de segurar a câmera que fazia parecer que era uma extensão do corpo dele, da mesma forma como eu me sentia quando segurava o violino. A postura dele, a forma como se movia, fazia com que parecesse no controle de cada detalhe da sessão de fotos.

Grayson havia montado um fundo escuro e colocado um lençol preto no chão. Eu estava cercada de luzes que ele ajustava para que metade do meu corpo ficasse nas sombras, para produzir um efeito misterioso e artístico em vez de pornográfico. Cada vez que o flash piscava, uma luz branca brilhava, não o bastante para me cegar, mas o suficiente para passar a sensação de que eu estava sendo observada, exibida, o objeto de um voyeur; mesmo se o propósito desse voyeur fosse profissional e não sexual, ele ainda tinha o mesmo efeito sobre mim. Fiquei feliz de o foco de Grayson estar todo em tirar a foto e de que, nessa situação, eu fosse como um objeto a ser arrumado e iluminado da maneira certa, como um violino. Só esperava que não reparasse que minhas coxas estavam começando a ficar escorregadias quando ampliasse as imagens para retocar.

De tempos em tempos, Jess entrava na sala para oferecer outra xícara de chá, passar um pouco de pó no meu nariz ou ajeitar uma mecha de cabelo. O toque dela era leve como uma pena, e ela já havia visto mulheres nuas o suficiente para não dar nem uma segunda olhada no meu corpo. Sempre me concentrei em ver o melhor em mim, e fazia o possível para evitar ler revistas de dieta ou ficar remoendo algum defeito evidente, mas ainda me perguntei como eram as outras mulheres que ele

costumava fotografar. Lembrei-me de quando Dominik me mandou dançar depois da apresentação incrível de Luba em Nova Orleans. Muito amadora, fazendo uma coisa que não era exatamente minha especialidade. Eu era instrumentista, não modelo.

Mas a ideia de ficar presa em uma situação da qual eu não estava no controle, fora da minha área, observada, à mercê das ordens de outra pessoa... todas essas coisas apenas intensificaram minha excitação.

Fizemos algumas fotos de pé, comigo delicadamente posicionando o violino e minhas mãos e meus braços de formas que cobririam todas as partes que não poderiam aparecer nas grandes revistas, e depois algumas em que fiquei sentada, com as pernas abertas e o violino entre as coxas, e a cabeça apoiada no braço do instrumento olhando ao longe ou encarando a câmera com provocação. Acabei por me lembrar do que o fotógrafo australiano que namorei tinha me dito sobre posar: eu devia tentar imaginar que sentia a emoção que estava tentando passar, e idealmente tornar a câmera parte da situação. Assim, dissera ele, para parecer sexy, imagine que a lente da câmera é um falo, ou qualquer coisa que funcione para você.

Tentei fazer isso, reunindo todo meu foco e minha frustração, direcionando-os para a longa lente de Grayson enquanto ele clicava.

— Uau — falou, após algumas fotos. — Está ótimo, mas não sei se você vai poder usar essas, dependendo do tipo de revista pra que você pensa em mandá-las, é claro... Talvez você devesse experimentar fechar as pernas um pouco.

— Na verdade, eu não me importaria de ter algumas... fotos mais pessoais. Só pra mim. — Senti meu rosto ficar quente e vermelho. — Se estiver fora do combinado pra hoje, não me importo de pagar mais por elas. Se você não mencionar pra minha agente.

— Então não estavam brincando sobre sua rebelião roqueira, hein? — Grayson riu. — Fico feliz em fazer o que você quiser e gostar, e não se preocupe, seu segredo está seguro comigo.

Daquele ponto em diante, fiquei mais e mais ousada, e mais e mais excitada.

— Faça uma pose como se estivesse fazendo amor com o violino — pediu ele —, em vez de com a câmera.

Mudei o foco, de forma que, em vez de ver a lente dele como o objeto da minha atenção sexual, imaginei meu violino não apenas como um falo, mas como um depósito de lembranças, o centro de todas as experiências que talvez não tivessem me feito ser como eu era, mas formado as pedras do caminho pelo qual escolhi andar. As lembranças de Dominik foram as primeiras a surgir, e as mais poderosas, e quase todas associadas à música, ao Bailly. Aquele violino tinha sumido, no entanto as lembranças ainda me pertenciam. Eu tocando para Dominik no coreto de Hampstead Heath, na cripta, no apartamento de Nova York, esperando que ele chegasse em casa e me encontrasse nua com o violino na mão. Foi uma mensagem

simbólica de que parte de mim era dele.

— Estão incríveis — comentou Grayson no final, quando rapidamente passou as fotos que havia transferido para o computador. — Vou deixar as cores mais intensas, tirar os ruídos, cortar as distrações no fundo e esse tipo de coisa, mas, fora isso, há pouco a retocar. Gosto delas simples, dessa forma.

— Sim. Estão lindas. Obrigada. — Senti uma estranha gratidão pelo fotógrafo ter conseguido captar uma coisa tão pessoal em uma imagem. A expressão no meu rosto foi o que me chamou a atenção, o que me fez ofegar quando as fotos apareceram na tela. A expressão nos meus olhos era de puro sexo, mas não eram de mau gosto, como uma atriz pornô faria. Eu parecia mais uma sereia, como se todo meu ser tivesse sido moldado em feromônios em vez de átomos. E eu realmente aparentava estar fazendo amor com o violino.

Ele prometeu me mandar todos os arquivos por e-mail, para eu poder selecionar minhas fotos favoritas para retoque, e agradei de novo, me vestindo em seguida, com dedos desajeitados e coração disparado. Eu tinha esquecido meu constrangimento por ser a única pessoa nua na sala, na frente do fotógrafo e da maquiadora. Só queria correr para casa, para encontrar um lugar para ficar sozinha e refletir sobre os pensamentos e as lembranças que pareciam ter se alojado de forma permanente na minha cabeça.

Por saber que tanto indo para a casa de Chris e Fran quanto para a de Viggo eu teria companhia, desviei para o parque perto da casa de Grayson, ao lado do cemitério. Sentei-me em um dos bancos e olhei para as pedras antigas que formavam a base da igreja que se projetava em direção ao céu. Igrejas me davam arrepios, mas aquela não. As pedras eram cinza claras, quase brancas, e não estavam se desfazendo nem cobertas de limo. Ao olhar melhor, o prédio tinha uma leveza, uma grandiosidade que era revigorante em vez de assustadora.

Encontrei a porta e entrei. A principal estava trancada, mas consegui entrar em um aposento grande e circular, feito das mesmas pedras claras que iam em direção ao céu, vários andares acima. Encostei-me à parede, apreciando a frieza da superfície, e gradualmente me agachei.

Eu queria Dominik desesperadamente. E, pela primeira vez na vida, não apenas para foder. Queria conversar com ele, senti-lo me tomar nos braços, apoiar minha cabeça no ombro dele e passar a mão por seu peito. Eu só desejava estar com ele.

Mas ele estava com Lauralynn, e era tarde demais para arrependimentos. Eu já havia preparado o meu ninho, e agora dormia nele.

Mas podia ao menos ouvir o som da voz dele, e talvez encontrar uma forma de recuperar o Bailly, o instrumento que de alguma forma ainda nos ligava.

Tirei o celular da bolsa.

Melodias parisienses

O telefone tocou. Era Summer.

Dominik já estava esperando havia dias, desde que tomaram café em Brighton. Discutindo consigo mesmo se deveria ligar ou não. Desejando ouvir a voz dela, senti-la próxima de novo.

Mas todas as vezes, não parecia ser o momento certo. Encontrar com ela em Brighton tinha sido uma coincidência genuína, mas ligar para ela primeiro agora pareceria perseguição, temia Dominik.

Por vezes digitava o número dela, mas não ligava, dilacerado por dúvidas e hesitações. Depois do encontro, ele fez contato com LaValle e contou sobre o roubo do Bailly. Queria obter informações sobre o possível mercado para instrumentos musicais roubados. LaValle lhe dera o nome de dois intermediários que moravam nos subúrbios de Paris e às vezes facilitavam as questões quando se tratava de lados menos legais dos negócios. O vendedor pareceu achar divertido o fato de que o famoso Bailly ainda estava agitando ondas, pois seu roubo dava mais credibilidade à lenda do Angelique.

Dominik queria discutir o desenvolvimento com Summer. Por duas vezes naquele dia pegou o telefone da mesa como se fosse um pedaço de carvão quente. Foi passear no Heath para clarear os pensamentos depois, mas encontrou uma mensagem de Summer quando voltou. Depois de tudo aquilo, tinha perdido a ligação dela! Com que rapidez devia retornar a ligação?

A vibração do telefone sobre a mesa o tirou do devaneio.

— Dominik? — Parecia que ela estava ali ao lado dele.

— Sim.

— Sou eu, Summer.

— Eu estava torcendo pra que você ligasse.

— Estava? — Ela não conseguiu esconder o prazer ao ouvir as palavras dele.

— É claro. Nada ainda do Bailly?

— Não. — A decepção nessa única palavra foi de partir o coração.

— Consegui o nome de uma pessoa que talvez possa ajudar. Mas envolveria uma ida a Paris...

— Paris? — surpreendeu-se Summer. — Vamos pra lá semana que vem. Pra tocar. Vamos abrir a turnê no La Cigale.

— Isso é maravilhoso — falou Dominik.

— Se você planejar ir na mesma época, pode ir ao show. Seria ótimo. Eu colocaria você na lista de convidados, é claro. Quer ir? Por favor.

— Eu adoraria — respondeu Dominik.

— Depois do show, talvez possamos nos encontrar pra um café. Pra conversar. Eu adoraria, Dominik...

— Sempre quis te levar a Paris.

— Eu sei, mas nunca conseguimos, não é?

— Não é um pouco tarde agora? — perguntou Dominik, afastando uma onda de depressão. — Viggo Franck também vai estar lá?

— Talvez — replicou Summer. — Mas nós temos... um relacionamento aberto, sabe.

— Aberto?

— De qualquer modo, seria só uma conversa, pelos velhos tempos. Tenho certeza de que Lauralynn não vai se importar, vai? Você pode levá-la se sentir necessidade de companhia — brincou.

— Lauralynn está nos Estados Unidos agora. Coisas de família.

— Ah.

Fez-se um silêncio pesado enquanto os dois pensavam na situação.

Ele imaginou ter ouvido Summer respirar fundo do outro lado da linha, como se estivesse se enchendo de determinação.

— Vá pra Paris — disse ela calmamente.

Dominik sorriu.

— Veja quem está dando ordens — falou, com um tom divertido na voz.

Ele a ouviu rir baixinho.

— Talvez eu devesse tomar a iniciativa de novo — sugeriu Dominik.

— Iniciativa?

— De dar ordens...

Por um breve momento, pensou ter ido longe demais, ter ficado íntimo demais. O tempo havia passado, as coisas haviam mudado. Aquele jogo tinha acabado.

— Talvez você devesse... — A voz de Summer estava curiosamente baixa. Era a voz que fazia entre quatro paredes. A voz íntima, a que acompanhava o batom escuro que ela usava à noite.

— Humm... — considerou Dominik. — Acho que pedir pra você aparecer nua no palco de Paris não seria aconselhável a essa altura — observou. — Há franceses demais na plateia, pra começo de conversa.

Summer riu.

— Talvez eu tenha chegado a um estágio em que não preciso mais seguir ordens nem sugestões — falou ela.

— E isso quer dizer...?

— Vá pra Paris, Dominik. Vou colocar seu nome na lista. O show é no La Cigale, no Boulevard Rochechouart. No dia 19. Os organizadores dizem que é um lugar muito bom pra tocar, que tem um clima ótimo.

— Eu vou — anunciou ele.

— Vou pensar em alguma coisa — acrescentou ela.

— Tenho certeza de que vai — respondeu Dominik, com alívio correndo pelas veias.

O trem Eurostar chegou atrasado na Gare du Nord, após imprevistos técnicos não explicados na linha. As cores do pôr do sol se espalhavam pelo céu de Paris quando Dominik desembarcou e seguiu para o ponto de táxi.

Ele deixou a mala no hotel de sempre na rue Monsieur-le-Prince, perto do Odéon, e saiu para comer. A área toda havia sido tomada nos últimos anos por restaurantes japoneses modernos, então não precisou caminhar mais do que poucos minutos ao sair do hotel.

Dominik sabia que Summer e o Groucho Nights tinham sido colocados pelos organizadores do show do outro lado do Sena, mas velhos hábitos costumam a morrer e ele se sentia mais à vontade no Quartier Latin, uma área onde tinha passado boa parte da juventude. Seu quarto era pequeno e esparsos, mas tudo de que precisava era uma cama e um teto acima da cabeça; qualquer outra coisa teria sido uma distração.

Dominik planejava procurar o intermediário, o homem com quem LaValle o colocou em contato, bem cedo na manhã seguinte.

A princípio o homem, que se chamava Cavalier, pareceu desconfiado. Mas quando Dominik explicou que todas as perguntas eram ligadas à pesquisa para o novo livro e ofereceu detalhes de sua identidade, o interlocutor pareceu ficar menos ressabiado.

— Ah, um escritor. Gosto de escritores!

Ele não havia lido o romance de Dominik, mas tinha ouvido falar dele. Ironicamente, a França era um dos países em que, na tradução, o romance de Paris não tinha vendido muito bem, como se os leitores locais tivessem ficado ofendidos pela presunção de um estrangeiro escrever sobre o país deles.

Cavalier tinha um compromisso na cidade naquela tarde e concordou em encontrar Dominik para poupá-lo de ter que pegar o trem até o seu *pavillon* em Nogent-sur-Marne. Ele sugeriu um café no Boulevard Saint-Germain, Les Editeurs, um lugar

meio literário, explicou, “onde tem até prateleiras cheias de livros nas paredes. Divertido, não? Talvez tenha o seu?”. Ficava a uma caminhada de poucos minutos do hotel de Dominik, então era bastante conveniente.

Era uma sensação estranha a de saber que ele estava na mesma cidade de Summer. Que ela estava do outro lado do rio cuidando da vida dela. O fato de que ela estivera em Camden Town, em Londres, durante várias semanas sem ele saber não havia tido o mesmo impacto emocional. Paris tornava tudo mais real e irreal, uma revirada doce e amarga em suas emoções.

— Os colecionadores são de todos os tipos, sabe — disse Cavalier. Ele era mais jovem do que Dominik esperava. Era um homem magro como um lápis, com cabelo preto penteado para trás e preso em um rabo de cavalo que aparecia sob um chapéu arrojado. Usava um casaco xadrez e uma calça escura perfeitamente passada com vinco na frente, afiado como uma lâmina.

— Também cheguei a essa conclusão — replicou Dominik, blefando para dar continuidade à conversa.

— Não é o dinheiro, sabe, não é esse o motivo que faz as pessoas se envolverem em roubo e em todo tipo de atividade ilegal. Quando são donos de alguma coisa, eles não querem vender de novo, muito menos para ter lucro.

— Eu sei.

— Eles fazem pela beleza. Pura e simplesmente. Até conheço certos colecionadores de livros que adquirem edições raras apenas para ter. Eles nem leem de verdade, muito menos os livros que possuem.

— Eu estava mais interessado no mercado negro de instrumentos musicais.

— Instrumentos, livros, arte, joias, tapetes, é tudo a mesma coisa pra essas pessoas — prosseguiu Cavalier. — Ambição, pura ambição, se você quer saber. Os colecionadores mais ricos até mandam roubar peças...

— É aí que você entra? — perguntou Dominik.

— Eu não saberia responder — falou Cavalier com um sorriso largo nos lábios. — Sou apenas da área de informações. Ajudo todos os lados da melhor maneira que posso.

Ele tomou um gole de seu pastis. Tinha um cheiro repugnante para Dominik, que acrescentava água e açúcar ao seu *citron pressé*.

— Existe alguém famoso por procurar violinos raros?

— Ah, direto ao ponto! Me deixe adivinhar: o assunto aqui é o famoso Bailly do Monsieur LaValle, o Angelique?

— É.

— Que interessante. Um instrumento com uma história fascinante. Não é estranho como as histórias têm um jeito de acabarem virando verdade?

— Sim. É o material dos romances. Ou da vida...

— Exatamente.

— Pela sua experiência, poderia haver alguém ativamente procurando o instrumento? O Sr. LaValle me deu essa impressão.

— Bem, sempre há colecionadores por aí seduzidos por uma história intrigante — refletiu ele. — Mas você sabe que não posso dar nomes específicos. Preciso cumprir meu voto de confidencialidade, entende.

— É claro que sei disso, mas...

— Mas posso dizer uma coisa...

— Sim?

— Existe um cavalheiro em particular, um famoso colecionador, não só de instrumentos, mas que também se interessa por arte, que recentemente tirou o item que você investiga da lista. Talvez tenha conseguido encontrá-lo e achou melhor acabar com as evidências de um interesse anterior.

— É mesmo?

— Bem, não seria inteligente manter um item específico em uma lista de desejos depois que ele chegou às suas mãos, seja por que caminho for. Você não iria querer que um autônomo ousado surgisse para roubá-lo de você e deixar a situação mais confusa, não é?

— Imagino que não — concordou Dominik. Ele sabia que Cavalier não daria nomes, e não esperava que desse. Mas havia um traço de vaidade no homem, um orgulho do baú do tesouro de conhecimentos que ele guardava que deixava seu ego vulnerável se manipulado com delicadeza suficiente, achava Dominik.

— Viggo Franck, o músico, representa alguma coisa para você?

Houve um brilho de reconhecimento nos olhos de Cavalier. Mas ele rapidamente se recompôs e prosseguiu:

— Li sobre ele nos jornais. É um mulherengo, não?

— E famoso colecionador?

— Foi o que eu soube.

— Um homem de recursos?

— Inegavelmente.

Dominik mexeu o açúcar que tinha assentado no fundo do copo alto de limonada e observou-o se dissolver.

Os dois homens olharam um para o outro em silêncio, ambos perdidos em pensamento.

— Se eu não soubesse que você escreve livros — disse o francês —, diria que tem potencial pra ser um bom detetive particular, Sr. Dominik.

— Você me deixa lisonjeado.

Dominik estava ciente de que não teria mais dicas vindas de Cavalier, mas sua intuição lhe dizia que estava no caminho certo.

Apesar de Summer ter sugerido que ele seguisse aquela linha de investigação, Dominik também sabia que ela não ficaria feliz quando relatasse que sua intuição estava sendo confirmada por outras pessoas e que talvez ela estivesse dormindo com um homem que estava diretamente envolvido no roubo do seu precioso violino.

O violino “deles”, era o que Dominik sentia.

As luzes do auditório de La Cigale foram diminuídas e dava para ver as formas escuras de torres de amplificadores no palco cheio de instrumentos, assim como os músicos assumindo seus lugares. Pequenas luzes vermelhas brilhavam em vários painéis de controle enquanto a plateia prendia o fôlego na expectativa.

Dois holofotes iluminaram as silhuetas altas e magras de Chris e do primo quando eles se posicionaram atrás dos dois microfones principais à frente do palco.

— Um, dois, três, quatro. — A voz de Ella fazendo a contagem regressiva.

A música de abertura do Groucho Nights era uma balada *a cappella* cantada pelos dois homens. Era uma adaptação livre de uma velha canção folk inglesa com um toque mais rítmico, e sempre chamava a atenção imediata da plateia com a melodia austera e a simplicidade. A calma essencial dessa primeira parte do show, em combinação com a natureza simples da iluminação sobre os dois homens como uma ilha no meio da escuridão, tornava a apresentação inesquecível para a música do grupo, preparando o clima para o resto da noite.

Quando as vozes começaram a sumir e sem pausa para a plateia aplaudir, o baixo começou a impor o ritmo da segunda música. O palco todo se iluminou, a bateria ressonou e o Groucho Nights começou a tocar com tudo. A guitarra de Chris executou uma melodia sinuosa enquanto o baixo do primo a sustentava, e a música levantou voo quando as primeiras fileiras da plateia, sem dúvida já familiarizadas com algumas das canções da banda, começaram a bater palmas junto.

Sentado no balcão, Dominik viu cabeças balançando com o ritmo da música. O clube estava lotado de pessoas até mesmo de pé nos corredores do térreo. Todas as idades e classes estavam representadas. Era a democracia do rock’n’ roll. Ele se perguntou quem estava ali por causa do Groucho Nights e quem tinha sido atraído pela participação de Summer, por curiosidade pela mistura incomum de rock e música clássica que estava prestes a acontecer. Depois das quatro músicas iniciais, Chris andou até o microfone e arrancou gritos da plateia ao soltar a Gibson e pegar uma guitarra diferente, uma Gretsch prateada que ganhou ainda mais aplausos dos entendidos na plateia.

— E, agora, aplausos para nossos primeiros convidados especiais...

A multidão enlouqueceu.

Mas, para a surpresa de Dominik, não era a vez de Summer aparecer.

Saíram da coxia três instrumentistas de sopro, segurando os instrumentos. Dois homens e uma mulher. Eles se posicionaram ao fundo do palco, à direita da bateria de Ella. Ao sinal dela no *hi-hat*, eles levaram os instrumentos reluzentes à boca e, em uníssono com o restante do grupo, iniciaram uma melodia de blues. Com o acréscimo da seção de metais, o grupo parecia dez vezes mais poderoso, alto, com balanço contagiante, e a música envolvia o auditório de pé-direito alto de Paris como uma nuvem, aumentando a sensação frenética a cada nota. O efeito da transformação foi hipnotizante, Dominik tinha que admitir. Como Summer lidaria com uma barreira tão grande de barulho e emoção com apenas um frágil violino? Chris já estava literalmente gritando ao microfone para que sua voz fosse ouvida acima do som da banda, com a letra levada à abstração.

Atrás da bateria, Ella suave muito, com o vocal de fundo quase inaudível, os braços batendo freneticamente, enquanto Ted estava imóvel à direita, um ponto fixo de tranquilidade, ancorando o som, com o polegar atacando a corda do baixo com repetição metronômica.

O salão inteiro tremeu.

Quando o som chegou ao clímax com um floreio final, os instrumentistas de sopro sustentaram a última nota até ficarem sem fôlego, e Dominik viu um largo sorriso de satisfação se espalhar no rosto de Chris quando ele reparou que a plateia estava comendo em sua mão.

De seu ponto de vista no balcão e com visão lateral do palco, Dominik viu um grupo de observadores nos bastidores, batendo palmas e olhando a banda: equipe, amigos, convidados. Não havia sinal de Summer, mas pensou ter tido um vislumbre de Viggo Franck com a costumeira calça apertada e estado boêmio calculado de desarrumação de vestimentas.

Houve um silêncio breve entre as músicas enquanto tanto a plateia quanto os músicos no palco recuperavam o fôlego. Chris e Ella tomaram um gole de água e se secaram com uma toalha, enquanto Ted permanecia imóvel.

Chris voltou para a Gibson original e iniciou uma melodia delicada quando as luzes foram diminuídas.

E Summer entrou no palco, saída do outro lado.

Ela estava toda de branco, iluminada por um único holofote, com um vestido leve que ia até os tornozelos e um violino em tom delicado de laranja avermelhado que quase combinava com os milhares de cachos em seus cabelos. Usava botas pretas brilhantes, um contraste deliberado com a fragilidade do vestido.

Houve um silêncio na plateia quando ela conectou o instrumento em um dos enormes amplificadores Marshall espalhados pelo palco. O arco subiu em sua mão e tocou lentamente no violino, provocando a primeira nota pura e delicada, no eco da guitarra de Chris.

Demorou um tempo até o restante da banda se juntar ao som, com a melodia doce se desdobrando apenas no violino e na guitarra, embora Chris ainda estivesse escondido na penumbra e o único holofote permanecesse em Summer, com seu pequeno corpo dominando a imensidão do palco escuro.

Dominik sentiu o coração saltar. Era como se mais uma vez ela estivesse tocando só para ele.

Por baixo do vestido branco, ele conseguia imaginar o formato inesquecível do corpo dela. Era uma imagem há muito entalhada no nível mais profundo de seu cérebro.

Com os olhos fixos em Summer, ele se entregou à música e ao espetáculo de seus movimentos no palco enquanto tocava, acariciava e domava o novo violino elétrico, com o som acima do restante da banda e depois se misturando com precisão perfeita antes de levantar voo novamente quando ela mergulhou em um dos solos flamejantes. A música terminou em uma confusão de microfonia, e o palco foi banhado de luzes de todas as cores.

Chris assentiu para ela e eles começaram uma nova música, de cujos ecos Dominik se lembrava do Brighton Centre, enquanto eles estavam ensaiando. Quando a melodia ficou mais e mais rápida, Summer fez pequenos passos de dança enquanto tocava. O vestido branco voava ao redor dela a cada movimento sucessivo. Dominik se lembrou de Summer dançando naquele palco de Nova Orleans depois do Ano-Novo, quando ainda estavam juntos. Agora parecia um século atrás. Ele fechou os olhos, arrastando imagens daquela época para a superfície da mente.

Sentiu um tapinha no ombro.

— Oi. — Um sotaque estrangeiro forte. Uma mulher.

Dominik se virou para ver quem estava na fileira de trás, tentando chamar sua atenção.

Ele a identificou assim que olhou para trás.

A dançarina de Nova Orleans.

Acaso ou o quê?

— Sei quem é você — disse ela junto do som cada vez mais alto de “Roadhouse Blues”, a nova música que o Groucho Nights agora estava tocando com vontade no palco.

Ele sorriu para a beleza enigmática.

— E eu sei quem é você.

O volume ficou ensurdecador, e a mulher fez um sinal indicando que não conseguia mais ouvi-lo, deu de ombros e voltou a olhar para o palco.

Intrigado pelo breve encontro, Dominik também voltou a atenção para a música.

Ella agora ditava a batida com autoridade frenética, com os braços voando, totalmente entregue, e a bateria carregou a banda para novas alturas enquanto Chris

cantava, Ted harmonizava no baixo e Summer ondulava junto à batida espantosa gerada pelos colegas de banda. O trio de metais estava balançando de um lado para o outro, pontuando o ritmo acelerado.

O som chegou a um crescendo louco quando a música atingiu o clímax, com a nota final sustentada pela guitarra de Chris e pelo violino elétrico de Summer, depois parou de repente, e os aplausos explodiram. Triunfantes, Baldo, Marija e Alex levantaram os instrumentos para o céu enquanto os membros originais da banda faziam uma reverência.

Dominik tinha que admitir que a forma como haviam integrado o violino de Summer e a seção de metais recém-adquirida levava a música para outra dimensão, muito mais eufórica.

Absorvendo a adoração da plateia, os músicos colocaram os instrumentos em seus suportes. Ella e Ted balançaram as mãos para o público em reconhecimento e começaram a andar em fila para os bastidores. O aplauso regular continuou mesmo depois de eles desaparecerem. Dominik, assim como a maioria dos espectadores, estava de pé aplaudindo. Olhou por cima do ombro, mas Luba havia sumido.

A casa noturna toda vibrava com as ondas contínuas de gritos e aplausos. O grito aumentou quando Ella voltou para o palco. Ela havia trocado a blusa encharcada de suor por uma camiseta rasgada do Holy Criminals. Os outros vieram atrás, Summer por último.

O coração de Dominik se apertou.

Ela ainda estava com o vestido branco leve que usava antes, mas agora estava com um espartilho por cima. A combinação era incrivelmente eficiente. O aperto da nova peça ao aprisionar a cintura fina e enfatizar as formas e o grande contraste entre a luz e a escuridão foi como um aviso, que trouxe à tona tantas lembranças que só pertenciam aos dois. Dominik imediatamente reconheceu o espartilho que havia comprado para ela e que Summer usara na mais particular das circunstâncias.

Dominik agora sabia o que ela quisera dizer ao telefone. Era como um sinal. Só para ele. Muito mais do que uma piscadela.

Os músicos ligaram os instrumentos de novo e o aplauso da multidão diminuiu agora que estava recebendo o desejado bis.

Ella deu o sinal, e o som do violino de Summer cortou o silêncio com uma melodia distinta, rapidamente pontuada pelo ritmo do baixo.

Vivaldi.

A melodia delicada de um dos movimentos de *As Quatro Estações*.

Era como se Summer estivesse falando diretamente com ele.

O restante da banda se juntou a ela, e a improvisação coletiva logo sufocou a linha pura de som de Summer. A música virou um amontoado de solos, antes de Summer, com um movimento rápido do pulso, restabelecer a melodia principal e sua

autoridade e, batendo com o pé na maneira menos clássica possível, encerrou o primeiro bis. Chris emendou em “Sugarcane”, mas a mente de Dominik já estava vagando.

As primeiras pessoas que Dominik encontrou nos bastidores, quando foi levado por um ajudante de palco até a área dos camarins, foram Edward e Clarissa.

Antes de poder se perguntar se isso era uma espécie de reencontro bizarro de BDSM e especular se seu velho inimigo, Victor, também estava em Paris em alguma atividade abominável, ele foi efusivamente cumprimentado pelo casal americano como se fosse um parente há muito não visto. Quando repararam na expressão surpresa dele por estarem ali, rapidamente explicaram que o filho deles, Alex, era da seção de metais, e aproveitaram a ocasião para vê-lo, pois estavam de férias na Europa.

— Nada de sinistro, querido — comentou Clarissa, reparando na cautela de Dominik. — Estamos aqui em missão civil. Apoiando a família, podemos dizer.

— Partimos para a Itália de manhã. Sempre quisemos ir a Capri. Paris é só uma paradinha — declarou Edward com um sorriso benevolente.

O camarim da banda estava tomado de convidados e aproveitadores. Dominik reparou em Viggo Franck em um dos cantos, com uma lata de cerveja na mão, conversando com Chris. Agarrada ao seu braço estava Luba. Ao lado dos três estava a irmã de Summer, Fran, supôs ele. Havia uma semelhança clara, embora, aos olhos de Dominik, ela parecesse um rabisco preliminar em vez de o artigo verdadeiro. Mas as irmãs tinham o mesmo nariz e queixo, e a risada de Fran possuía o mesmo tom rouco. Porém, o cabelo curto era de um tom de louro oxigenado, sem o fogo e o brilho do de Summer.

Ele não conseguia ver Summer. Talvez ela ainda estivesse em outro lugar dos bastidores, mudando de roupa ou tomando banho depois do show.

Esperando que ela aparecesse, Dominik iniciou uma conversa trivial com Edward e Clarissa, e logo Chris e Fran se juntaram ao papo. Quando Chris reparou na presença de Dominik, lançou-lhe um olhar de reprovação, que logo se desfez quando a adrenalina do show, o álcool e as mãos inquietas e a proximidade de Fran fizeram com que ele relaxasse e ficasse mais alegre.

Apesar de serem pelo menos uma geração mais velhos do que qualquer outra pessoa no aposento lotado e de não terem aparência nem atitude de rock’n’ roll, Edward e Clarissa pareciam donos do local, participando sem esforço das conversas, apresentando pessoas, como supervisores sociais com o objetivo de garantir que todos os presentes mantivessem o melhor dos humores.

Após desviar de perguntas de dois jovens jornalistas franceses de jaqueta de

couro que tinham acabado de saber por Edward que ele era um romancista, Dominik reparou com o canto do olho em Fran sussurrando alguma coisa no ouvido de Chris, com um brilho malicioso nos olhos. Pouco depois, os dois pediram licença da festa improvisada e saíram.

Summer entrou no camarim após alguns minutos. Ela havia colocado uma camiseta branca simples e uma calça jeans cuidadosamente maltratada. O cabelo ainda estava molhado do banho e mais cheio de cachos do que nunca. Ela reparou na presença de Dominik e o cumprimentou, mas foi chamada por Viggo, que lhe entregou uma bebida e se colocou entre ela e a majestosamente alta Luba. Ele era como um monarca expondo com orgulho suas consortes gêmeas.

Dominik fez uma careta.

Independente das desconfianças levantadas pelo desaparecimento do violino de Summer, ele já detestava a estrela do rock.

Ele pediu licença para Edward e Clarissa, e o grupo de pessoas se fechou em volta deles e dos membros da seção de metais que pareciam ter adotado os dois, e seguiu para o bar, que havia sido montado em uma das extremidades do aposento, em uma mesa de cavaletes, para procurar alguma coisa não alcoólica.

Depois de observar várias garrafas, latas e copos de plástico espalhados pela mesa, ele pegou uma garrafa de San Pellegrino pela metade e levou diretamente à boca, na falta de copos limpos.

— Você não prefere uma coisa mais forte? — sugeriu uma voz em seu ouvido. Aquele sotaque familiar. Luba, que se libertou do tríptico de Viggo.

— Não, está bom pra mim — respondeu Dominik. Ela estava usando uma túnica fina de seda que cintilava a cada movimento do corpo e mal chegava aos joelhos. O tecido se agarrava ao corpo dela como se fosse pintado.

— Quanta disciplina — comentou ela. — Meu amigo Viggo nunca diz não pra uma bebida... nem pra uma droga. — Ela assentiu na direção de Viggo Franck. O cantor estava com o braço ao redor da cintura de Summer enquanto gesticulava para a plateia de fãs atentos.

— Estamos muito longe de Nova Orleans — comentou Dominik.

— Fiquei lá para um compromisso rápido — replicou Luba. — Ontem Nova Orleans, depois Seattle. Você já foi lá? Chove muito, mas é um lugar cheio de energia. Depois, fui pra Londres. Quem sabe onde estarei amanhã.

— Gosta de viajar?

— Sempre tem alguma coisa nova, alguma pessoa nova. A vida seria muito chata se a gente se prendesse a uma coisa, a uma pessoa. Você não concorda? — O hálito dela tinha cheiro de vodca. Sem dúvida de vodca russa autêntica, pois não parecia ser do tipo de garota que provava coisas que não fossem as melhores da vida.

— Você está com Viggo Franck?

— Com? Sim e não. Ele é conveniente, o homem certo na hora certa. É assim que as coisas são — disse ela, como se entediada pela perspectiva de mais perguntas de natureza pessoal. — E você? Ainda amigo de nossa linda violinista?

— Talvez.

— Isso não parece um sim...

— E o que faz quando não está dançando? — perguntou ele, tentando afastar a conversa para uma direção diferente.

— Eu vivo.

— Onde?

— Na casa de Viggo em Londres agora. Em Belsize Park.

— Eu moro perto — disse Dominik.

— E escreve livros — comentou ela.

— Como você sabia disso? — Dominik estava surpreso.

— Tenho o seu livro. Não tem foto sua na capa, mas fiquei curiosa por ter gostado e fui pesquisar na internet. Só porque sou dançarina, não quer dizer que não leio — observou Luba. — Eu reconheci você daquela noite em Nova Orleans. Sempre me lembro de rostos.

Naquele momento, ouviram uma explosão de gargalhadas vinda do grupo de Edward e Clarissa, onde Viggo e Summer estavam agora. Summer parecia estar envolvida em uma conversa com o casal croata que era parte da seção de metais desta noite, enquanto Viggo ria alto de uma coisa que Edward tinha acabado de dizer. Com o canto do olho, enquanto observava a estatuessa Luba, Dominik reparou em Summer lhe lançando um olhar de soslaio.

— Festa! — gritou Viggo.

Alguns outros repetiram seu brado.

Dominik sentiu a mão de Luba roçar na sua e um pequeno pedaço de papel dobrado sendo entregue. Ele olhou para ela com uma pergunta nos olhos.

Luba sustentou o olhar com ousadia e, quando começou a se afastar para se juntar ao grupo, falou:

— Você é interessante. Gosto de homens interessantes. — Em seguida, saiu andando.

Dominik desdobrou discretamente o pedaço de papel e espiou. Um número de telefone.

Ao ver Luba voltar para o seu lado, Viggo sorriu e abraçou-a, com a outra mão ainda na cintura de Summer.

— Essas adoráveis pessoas aqui — proclamou ele, apontando para os elegantes Edward e Clarissa — sugeriram que saíssemos para comemorar. Qual era o nome do clube que vocês propuseram?

— O nome é Les Chandelles — disse Edward, com uma pronúncia francesa

impecável. — Não fica longe de táxi. Depois da Champs-Élysées. Somos sócios há muito tempo; não deve ser difícil todos vocês entrarem conosco.

— Quanto mais, melhor, né? — falou Viggo.

Dominik tinha ouvido falar do lugar. Era bem famoso, um sofisticado *club échangiste*, um clube de suíngue onde acontecia de tudo. Sem dúvida ao som de rolhas de champanhe estouradas e muita riqueza exibida antes de as roupas serem tiradas.

Viggo perguntou para todos:

— E, então, quem vem comigo?

Algumas pessoas se desligaram do grupo nesse momento, inclusive Alex, o filho um tanto conservador de Edward e Clarissa, assim como Ted e o casal croata, que evidentemente estava ocupado demais um com o outro. Os sobreviventes da festa do camarim seguiram pelo corredor que levava à entrada principal do La Cigale. Um grupo de fãs estava lá no frio, com esperanças de conseguir autógrafos, que Viggo distribuiu com alegria. Ironicamente, nenhum fã prestou atenção aos membros do Groucho Nights nem em Summer.

A noite parisiense estava coberta de nuvens escuras.

Uma limusine estava esperando na rua. Nem todas as pessoas caberiam, então umas cinco ou seis ficaram para trás, inclusive Dominik, que seguia o grupo sem entusiasmo. Clarissa gritou o endereço do clube, para que os outros pudessem chamar táxis e irem encontrá-los lá. Quando a limusine saiu, Dominik reparou que Summer não estava dentro e que havia ficado para trás com uma desculpa qualquer. Estava de pé ao seu lado. Ela não levava casaco nem jaqueta e estava tremendo

Summer olhou para ele, e ver os olhos dela tão de perto fez Dominik se sentir quase bêbado.

— Você quer mesmo ir pra lá? Pra encontrar com os outros e interagir com eles?

— perguntou Summer quando algumas das outras pessoas começaram a chamar táxis.

— Não — respondeu ele.

— Que bom.

Foram até a frente e tomaram o primeiro táxi.

Quando o carro passou sobre o Sena pela lateral do Musée d'Orsay, Summer encostou o corpo no de Dominik.

O carro dobrou para a esquerda para entrar em uma rua de mão única que os levaria de volta ao Boulevard Saint-Germain e, seguindo o movimento dele, Summer apoiou a cabeça no ombro de Dominik.

O elevador era o menor que ele já tinha visto, e Summer e Dominik tiveram que

virar de lado para caberem os dois.

O quarto era pequeno.

E a cama era estreita.

— Conversei com uma pessoa sobre o Bailly — começou ele enquanto atravessavam a rua onde o táxi os tinha deixado e depois tocaram a campainha para o recepcionista da noite abrir a porta.

— Alguma pista sobre o paradeiro dele? — perguntou Summer.

— Não, mas...

— Então não me conte — interrompeu ela. — Pode esperar até de manhã. Não quero saber agora.

Ela chegou mais perto dele. Seus olhos estavam hesitantes; os dele pareciam atraí-la. Nenhum dos dois sabia bem o que dizer ou fazer em seguida. Era como se ambos estivessem sendo movidos por um poder sobre o qual não tinham controle. Como ímãs se aproximando. Ele conseguia sentir o calor irradiando dela. Conseguia ouvir o som da respiração curta como se por um amplificador, cada batida do coração dela. Deu um passo na direção de Summer. Havia uma inevitabilidade naquilo tudo.

Eles se beijaram.

Parecia uma volta para casa. Não houvera um dia depois de Nova York em que Dominik não tivesse pensado em segurar Summer nos braços de novo, e, a princípio, o momento pareceu quase irreal.

O quarto do último andar ainda estava protegido pela escuridão. A janela fechada tinha vista dos telhados dos prédios da vizinhança: não havia um quarto visível.

Quando Dominik se entregou ao ritmo familiar e simples da maciez intoxicante dos lábios de Summer e da sensação reconfortante de abraçá-la de novo, começou a deleitar-se pela forma tranquila como eles se encaixavam. As mãos dele foram do queixo dela para as laterais do corpo e, por baixo do tecido fino da camiseta, sentiram as costuras e a resistência do espartilho que ela havia usado brevemente no palco.

Summer tinha ficado com ele no corpo.

— Braços pra cima — instruiu ele.

Ela os levantou e Dominik puxou sua camiseta pela cabeça.

— Jeans — insistiu ele.

Summer abriu a calça e, com um sacolejo, tirou o jeans, que caiu até os tornozelos. Ela ficou de pé só com o espartilho. A pessoa que o amarrara quando ela o havia colocado no intervalo entre o show principal e o bis, talvez Ella, tenha apertado com força e espremido a cintura com eficiência feroz, acentuando o corpo magro e emoldurando os seios, com mamilos apontando para cima, alertas, duros e escuros.

Dominik levou os lábios até a parte descoberta dos seios e pegou um dos

mamilos na boca, avaliando a textura com a língua em movimento, umedecendo-o, lubrificando-o. Ele o tomou delicadamente entre os dentes, testou a consistência e mordeu, primeiro com delicadeza, depois com mais força.

Summer ofegou e seu corpo todo foi tomado por uma onda de excitação e dor.

Ela se entregou à sensação, com dentes trincados, até que a endorfina em seu corpo agiu e o desconforto começou a virar prazer enquanto os dentes de Dominik continuaram a maltratar a pele áspera dos mamilos, embora nunca com intensidade suficiente para fazer sangrar. Ele a segurou assim pelo que pareceu uma eternidade, entre a dor e o prazer, com todo o corpo se acendendo, uma parte de cada vez, começando na parte inferior da barriga até as profundezas da boceta. Um maremoto chegou ao cérebro de Summer e ela sentiu-se como se estivesse se afogando de bom grado em um mar lamacento de calor, navegando no instável fundo do oceano com instintos primitivos.

Quando estava quase se entregando completamente às sensações que Dominik extraía de sua memória inconsciente, ele afastou os dentes de repente e levou os lábios ao ouvido dela, brincando cruelmente com a carne ainda mais delicada do lóbulo, e a gangorra de dor e prazer recomeçou.

Summer se encolheu e tremeu incontrolavelmente quando as sensações se acumularam dentro dela. Sua espinha perdeu a disposição de se manter reta e firme, e ela sentiu Dominik segurá-la por baixo dos braços, firmando-a e impedindo que caísse.

Ela agora conseguia sentir a dureza do pau dele através do tecido áspero da calça preta, esfregando-se em seus pelos encaracolados. A expectativa aumentou quando ela sentiu a umidade se espalhar entre as coxas, o poço de luxúria enchendo-a uma gota de cada vez, preparando-a, transformando-lhe a natureza.

Ele finalmente afastou os dentes, e uma enorme sensação de medo e abandono tomou conta de Summer, como um tapa no rosto, com a percepção repentina de que esse poderia ser o fim da natureza circular de ação dela, no momento em que se acomodou ao fogo da repetição. Abraçaram-se em silêncio por um segundo ou dois, em seguida os lábios dele voltaram à orelha de Summer, desta vez provocando o orifício, umedecendo-o, lambendo as partes mais íntimas, viajando até a pequena abertura. A sensação foi intensa quando onda após onda de movimentos sísmicos se infiltraram dentro dela pelo campo minado que eram seus sentidos.

Ela percebeu que, mais uma vez, o ponto sem volta estava prestes a ser alcançado, um território que só Dominik conseguia invadir como o dono de tudo o que conseguia alcançar. Até então, tinham sido apenas algumas mordidas, e mordidas bem carinhosas, no entanto a alma dela gritava por mais, convidando-a a uma corrida louca em direção à dor genuína. E assustava-a o fato de esse ponto tão fora do alcance parecer seu lar, o local ao qual ela realmente pertencia.

Naquele momento, tudo que Summer queria era sentir Dominik dentro de si, mas ela sabia que ele demoraria de propósito, para tocar o corpo e a mente dela como um instrumento antes de conceder a doce libertação.

O refrão em sua mente — *Maldito, maldito, quero você, odeio você, amo você* — se repetia sem parar. *Dominik, Dominik. Faça coisas cruéis comigo.* Ela queria dizer isso em voz alta, mas sabia que o silêncio era a preferência dele, o que lhe dava poder, e tudo que queria era derreter em seus braços. Summer mordeu o lábio. Com força. Ela sentiu uma gota de sangue escorrer pela pequena incisão que ele tinha acabado de fazer e viu Dominik olhar com avidez, como um vampiro saído da escuridão, e lambê-la, com um sorriso gentil lhe iluminando o rosto.

Com uma delicada pressão nos ombros dela, Dominik a guiou para a cama.

Ela afundou no abraço macio do colchão, olhou para ele e abriu as pernas em expectativa ansiosa.

O tempo parou por um minuto enquanto os dois olhavam um para o outro, com um milhão de falas de diálogo não dito se desdobrando. Dominik tirou a roupa enquanto Summer observava. O corpo dele ainda era tão branco quanto ela lembrava, aquela pele inglesa tão desacostumada ao sol.

O pensamento prazeroso de passar um tempo em uma praia mediterrânea quente com ele piscou na mente de Summer.

Agora nu, Dominik pegou a calça preta no chão e tirou o cinto de couro antes de subir na cama. Agachou-se acima de Summer, com o pau forte provocantemente perto de sua boca entreaberta, e segurou as mãos dela atrás da cabeça para amarrá-las com o cinto na cabeceira da cama.

O coração de Summer deu um pulo e ela fechou os olhos.

Acima dela, ele guiou o pênis até a boca de Summer e deixou que roçasse em seus lábios. Ela instintivamente abriu a boca, mas, de forma provocativa, ele se recusou a se abaixar até ela, e Summer foi forçada a levantar a cabeça e alcançar o pau duro e quente centímetros acima. Assim que a língua chegou longe o bastante para percorrer a superfície macia da glândula, ela sentiu um choque elétrico percorrer sua alma e seu corpo.

Apesar de ela ser a violinista ali, Dominik sabia bem como tocá-la, cada gesto, cada dissimulação orquestrando a jornada dela para a submissão total. Ela acabou baixando a cabeça de novo até apoiá-la na almofada, e desta vez o maravilhoso pau a seguiu, tocando-a de leve, negando o apetite dela por um tempo, até que Summer não conseguiu mais aguentar e sua língua tocou nele, umedeceu-o, lubrificou seu ardor animal.

— Isso — disse Dominik.

Summer gemeu.

— Me engula inteiro — sussurrou ele.

— Hummm... — Summer engasgou quando ele se movimentou para a frente de repente.

E ele começou a foder a boca de Summer. Com delicadeza, com raiva, com profundidade, com grossura, com amor, com rudeza. Como ela sempre quis que ele fosse.

Ao abdicar de todo controle, tornou-se inteira.

A noite era sexo. Paris era sexo.

E tudo estava certo no mundo. Pelo menos por esta noite, ela pertencia a Dominik.

Quando acordaram de manhã, doloridos e esgotados, emocional e fisicamente, Summer se deu conta de que quase não tinha tempo de voltar ao hotel e fazer a mala para a próxima perna da turnê europeia com a banda. Ela não podia deixar os outros esperando. Àquela altura, todo o equipamento já estaria no ônibus. Eles se deram conta de que ainda havia a questão do violino desaparecido a discutir.

— Outra hora — concordaram eles, ambos se vestindo rapidamente. Quando ela saiu correndo pela porta e jogou um beijo, Dominik se sentiu desapontado por não terem tido oportunidade de conversar direito.

Sobre o que tinha acabado de acontecer. Ele olhou para o relógio e reparou que tinha menos de uma hora até a saída do trem da Gare du Nord e a viagem de volta a Londres.

Garotas juntas

Cheguei ao ônibus da turnê em cima da hora.

— Meu Deus, Sum, você gosta de fortes emoções — disse Chris quando subi no ônibus.

Fran me lançou um olhar preocupado, e balancei a cabeça de leve em resposta, um gesto silencioso para deixar claro que eu estava bem e para ela não falar mais nada.

Ela e Chris estavam sentados juntos. Fran estava com a cabeça no ombro dele, e os dois cochilaram minutos depois que o ônibus saiu. Ella e Ted já estavam dormindo, assim como Marija. Baldo e Alex sorriram para mim e acenaram, mas os dois pareciam tão exaustos quanto eu. Todos devíamos ter tido uma longa noite.

Eu me perguntei o que eles fizeram. Eu não queria pensar nos interesses da minha irmã e não conseguia imaginar Chris como do tipo que gosta de suingue. Ele era o tipo de cara de uma mulher só. Ella e Ted eram simpáticos, mas não falavam da vida pessoal deles e eu nem sabia se eram heterossexuais, gays, bissexuais, se namoravam ou se eram assexuados. Marija e Baldo eram criaturas apaixonadas. Quando moramos juntos, raras foram as noites ou manhãs em que não adormeci ou acordei com o barulho do sexo deles. Se eles se sentiram confortáveis exibindo o afeto em público como era possível no Les Chandelles, o famoso clube de suingue, eu não sabia. Quanto a Alex, eu só conseguia imaginar que ele tinha ido embora repugnado com a ideia dos pais na farra daquela maneira, mas talvez tivesse a mente mais aberta do que eu pensava. Era uma coisa que gostaria de comentar talvez com Marija, ou Edward e Clarissa. Mas não agora.

Eu ainda estava com a roupa do dia anterior. Não tinha tido tempo nem para uma chuveirada, muito menos arrumar cabelo e fazer maquiagem. Havia ido dormir tarde, tranquila e exultante de alegria por me deitar ao lado de Dominik.

Quase não conversamos. Não tivemos tempo. Passamos a noite na cama juntos e isso foi maravilhoso, como sempre. Encaixamos um no outro como se nunca tivéssemos nos separado, nos entregamos a nosso tipo pessoal de sexo sem dizer uma palavra.

Mas não tive chance de falar para ele o que eu sentia. Nem mesmo de entender o

que sentia. Tive que me vestir, dar um beijo de despedida nele e sair correndo para o ônibus como se minha vida dependesse disso, e agora que estava acomodada para a longa viagem até Bruxelas com pouca coisa para me distrair além da ocasional conversa dos meus colegas de banda sempre que acordavam e com novos cenários na janela conforme percorríamos cidades. Tudo em que eu conseguia pensar era Dominik.

Meus lábios ainda estavam sensíveis dos beijos fortes dele, sem mencionar meus mamilos, que estavam inchados e doloridos e com leves hematomas onde os dentes raspavam a pele. Ainda estava molhada, pois tinha começado a pensar em voltar para a cama dele assim que saí de lá, e, junto das dores físicas e da tristeza, eu estava tão cheia de um desejo de estar com ele que duvidava que fosse ser saciado um dia, pelo menos enquanto estivéssemos separados.

Queria arrumar uma forma de tirar aquelas ideias da cabeça, mergulhar em uma piscina e dar muitas voltas ou colocar meus tênis de corrida e percorrer caminhos até a dor no meu corpo anular a dor no coração. Mas não tinha jeito, eu estava presa em um banco de ônibus confortável pelas cinco horas seguintes. Não era tempo o suficiente para dormir, mas tempo demais para ficar sentada sem distração. Eu queria ter me lembrado de vestir o espartilho apertado por baixo da camiseta de novo. O desconforto teria afastado o terrível desejo que me destruía como um grito constante.

Eu nem sequer tinha perguntado a ele sobre o Bailly. Para falar a verdade, eu queria Dominik muito mais do que queria o violino de volta. Eu teria perdido o Bailly mil vezes para ter outra chance com Dominik. Se pudesse fazer um pacto com o diabo naquele momento, eu teria vendido minha alma a ele e destruído o violino com as mãos se isso fosse trazer Dominik de volta.

Mas não adiantava. Ele estava a caminho de Londres, para Lauralynn. Conhecendo os dois como eu conhecia, deviam ter um relacionamento aberto. Eu não conseguia ver Lauralynn em um relacionamento estável, e, apesar de Dominik nunca parecer conseguir deixar o ciúme de lado, tinha um traço independente bem marcante. Eu duvidava que ele aceitasse um relacionamento monogâmico. No entanto, eu queria muito saber o que nossa noite juntos representou para ele. Lauralynn não tinha uma gota de submissão no corpo, então talvez tivesse sido uma oportunidade de ele ficar acima de alguém que apreciava. Um envolvimento com um brinquedinho antigo, nada mais. Eu me perguntei se ele contaria para Lauralynn, se ririam de mim juntos e se lembrariam com carinho da violinista boba que os dois conheceram, que gostava de sexo violento e não parecia ter um fio de cabelo romântico no corpo. Bem, eu tinha, mas só pela pessoa certa, e essa pessoa certa era Dominik. Sem ele, eu talvez ficasse reduzida a relacionamentos como o tipo que tive com Simón pelo resto da minha vida. Amizade, nada mais. Eu não queria magoar

ninguém do jeito que magoei Simón, então não tinha planos de me envolver em relacionamentos amorosos.

Luba pareceu bastante interessada em Dominik, e fiquei grata por ele não ter corrido atrás dela e nem ido ao clube de suíngue. Dividi-lo com outra era a última coisa que eu queria agora, enquanto qualquer ligação entre nós ainda estava tão incerta, tão frágil. Mesmo se não fosse a intenção dele passar um tempo comigo, vê-lo com outra pessoa teria partido meu coração.

Nós tocaríamos de novo naquela noite; outro show, outra cidade. Coloquei os tênis de corrida assim que entramos no hotel, peguei o metrô para o centro da cidade e dei uma volta no Parc de Bruxelles, passando pelo palácio e pelas embaixadas, para me livrar de toda a tensão que havia acumulado na viagem.

Quando Dominik ligou, quase não atendi. Não por não querer falar com ele. O contrário, até. Eu queria poder capturar o som da voz dele e repetir na mente sem parar, mas tinha medo do que ele poderia dizer e do que eu poderia responder. Tínhamos muito a conversar, e nunca fui boa ao telefone. Havia alguma coisa na ausência física dele que fazia meus pensamentos se espalharem como folhas ao vento e deixavam meus sentimentos difíceis de articular.

Nós mal conseguimos alguns minutos de conversa, e nada que decidisse as coisas nem indicasse como seguiríamos com nosso relacionamento, nem se havia relacionamento a continuar. Ele estava a caminho da Espanha para promover o livro sobre Elena. Tinha notícias sobre o violino que sugeriam que Viggo poderia estar por trás do roubo. De certa forma, não fiquei surpresa. Sempre tive uma desconfiança insistente. Mas estava tão triste por causa de Dominik que a perda do violino só havia se juntado à perda dele, e minha saudade dos dois formou uma bola de raiva dentro de mim, uma depressão da qual eu não conseguia me livrar.

Eu não sabia nem por onde começar com Viggo. De qualquer ângulo que eu olhasse, estava em um buraco do qual não conseguiria sair rapidamente. Se eu o aborrecesse, ele poderia interromper o apoio ao Groucho Nights, e então eu seria responsável pelos sonhos de Chris irem por água abaixo. Se não fizesse nada, poderia perder o Bailly para sempre. E, se eu continuasse a pedir a ajuda de Dominik, ele ficaria pensando que estou dormindo com o homem que roubou o presente que ele me deu.

Não preguei o olho aquela noite. Fiquei deitada acordada, olhando para as paredes do quarto de hotel e torcendo para ter uma ideia que fosse solucionar todos os meus problemas. Mas não consegui pensar em nada. Por talvez umas das primeiras vezes na minha vida, acordei cedo e coloquei os tênis de corrida de novo, esmagando a frustração com as solas dos pés, diminuindo para uma caminhada

quando meus calcanhares começaram a latejar. Eu não me importava com a dor, ela mantinha minha mente distante de Dominik, porém o medo de ter fissuras e precisar descansar por um mês ou mais fez com que eu reduzisse o ritmo.

Desta vez, eu me lembrei do espartilho para a viagem. Mais oito horas de trem para Berlim.

Quando chegamos a Berlim, a noite estava começando. Íamos ficar em Neukölln, perto de Festsaal Kreuzberg, onde seria nosso primeiro show na noite seguinte. Berlim era a primeira cidade em que faríamos dois shows seguidos. Susan tinha conseguido colocar uma das fotos que Grayson tirou de mim em duas populares revistas alemãs de música, uma foto que era quase ousada, na qual eu estava segurando o violino de forma sedutora usando a legging de aparência molhada de Fran, a jaqueta de couro e o par de Louboutin com tachinhas. Minha música solo já era popular na Alemanha, e a mistura de clássico, sexo e rock prometida pelo Groucho Nights foi uma combinação vencedora.

Por consequência, a banda estava de bom humor e marcamos um pequeno intervalo e algumas noites extras na cidade, a primeira vez durante a turnê que nós teríamos a chance de passear como turistas de verdade, em vez de apenas tocar e sair correndo para o destino seguinte.

Fran, frugal como sempre, nos reservou um hotel de baixo custo com área de armazenamento segura para os equipamentos que não podíamos deixar na van durante a noite. O hotel ficava em uma rua silenciosa e residencial, em frente a um canal cheio de curvas no qual cisnes nadavam calmamente e casais de amantes andavam de mãos dadas sob as sombras das árvores. O cheiro de doces, carne e especiarias subiu como uma nuvem do restaurante turco ao lado.

Caí na cama assim que chegamos e dormi direito naquela noite pela primeira vez que conseguia lembrar. Talvez tenha sido a lembrança da voz de Dominik ou o pensamento de que talvez fosse vê-lo de novo e que poderíamos ao menos conseguir ser amigos que me levou a relaxar.

O lugar onde íamos tocar ficava em uma rua embaixo de uma ponte de via férrea, em frente a uma concessionária de veículos. Pelo lado de fora, era discreto, só com uma pequena placa anunciando o nome. Mas, quando chegou a hora do show, o local estava lotado. Não havia cadeiras, e tantas pessoas conseguiram se amontoar no balcão que tive medo de o negócio cair inteiro em cima de nós. Tivemos alguns problemas na passagem de som e demoramos a começar. Quando subimos ao palco, a plateia estava batendo os pés e gritando.

Foi a primeira noite em que gastamos todas as músicas ensaiadas para o bis e tivemos que tirar uma música extra da cartola para nos deixarem sair do palco.

Arrumamos todo o equipamento e estávamos fazendo planos para deixar a cidade quando ouvi uma voz familiar me chamando no pátio da frente.

— Ei, você.

Eu me virei com o som do ardente sotaque nova-iorquino.

Era Lauralynn, usando a tradicional calça jeans apertada, camiseta branca e salto agulha. Estava claro que não estava usando sutiã. Ela devia ser a única mulher que eu conhecia a sair em público sem sutiã, mas parecia que, enquanto eu seguia no extremo oposto e gostava da limitação do espartilho, Lauralynn gostava da liberdade da ausência de limitações, e também da reação que arrancava dos passantes que tinham uma visão clara dos mamilos com piercings. Ela tinha o tipo de seio que ficava lindo mesmo sem o apoio de um sutiã, e eu sentia um pouco de inveja.

Inicialmente, fiquei feliz por um rosto familiar ter viajado tão longe para nos ver tocar, mas minha felicidade virou confusão e medo quando lembrei que ela estava namorando Dominik, com quem eu tinha passado a noite em um hotel de Paris pouco tempo antes.

A expressão no rosto de Lauralynn não indicava que ela estava ali com raiva, para me acusar de roubar seu homem. Parecia feliz em me ver. Eu não sabia o que dizer nem fazer, então fiquei olhando para ela boquiaberta.

— Nossa — exclamou ela. — Sempre achei que você fosse meio peixe morto, mas vai ficar só aí de pé?

— Desculpe, você me pegou de surpresa. Obrigada por vir ver o show.

Ela me envolveu com os braços e me puxou para perto, de forma que senti os seios dela nos meus.

— Você foi incrível — elogiou ela. — Quem imaginaria que a garota clássica de Dominik viraria uma moça roqueira, hein?

— Garota de Dominik?

— É, onde está o homem em questão? Achei que ele estaria na primeira fila te apoiando. Passei a noite em busca dele.

— E achou que ele estivesse aqui comigo? Eu pensei que ele estava em Londres com você — falei, confusa.

— Não. Eu estava viajando. Voltei pra casa e a encontrei vazia, então vim procurá-lo. Nunca fui fã da minha própria companhia — replicou ela, apertando meu braço de novo como se para verificar se eu era real. — Não me diga que ele foi até Paris e não contou que está loucamente apaixonado por você.

— Do que você está falando? Achei que ele estivesse namorando você.

— Meu Deus, não. Somos apenas velhos amigos... Bem, uma amizade colorida seria uma descrição melhor. Não me importo com as criaturas do sexo masculino, sabe, elas podem ser encantadoras, e Dominik tem talentos muito úteis. — Ela piscou para mim quando falou isso. — Mas eles não são meu tipo em longo prazo.

A não ser que estejam debaixo do meu salto. Podem ser bons bichinhos de estimação se você treiná-los de maneira apropriada, mas eu não ficaria com um para sempre.

Essa notícia quase fez meus joelhos se dobrarem. Sentei em um banco em frente a uma das mesas de piquenique ao ar livre, e Lauralynn se agachou para me olhar nos olhos, com as longas pernas dobradas como as de um gafanhoto.

— Você achou mesmo que estávamos namorando? — perguntou ela, com mais delicadeza desta vez, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto para poder olhar nos meus olhos.

— Sim, Dominik falou.

— E imagino que você tenha dito que está namorando aquele vocalista de rock com quem ouvi falar que você anda.

— Conte, sim.

— Vocês dois me enlouquecem, quer saber. Os dois são orgulhosos e cegos demais. Quando eu soube que ele ia pra Paris, pra sua noite de estreia, achei que ele finalmente tinha caído em si, mas acho que eu já deveria saber.

Lauralynn não estava namorando Dominik. Isso mudava tudo. Mas por que ele me disse que estava? Porque falei que estava passando as noites com Viggo Franck, caso ele ainda não tivesse lido nas colunas de fofoca. Xinguei-me de novo por aquele traço teimoso que sempre me colocava em confusão e por minha total incapacidade de fazer as pessoas perceberem o quanto eu gostava delas. Por que não consegui dizer a ele o que sentia?

Afundi os ombros e segurei a cabeça com as mãos como se pudesse voltar o tempo se me concentrasse o bastante.

— Certo — disse Lauralynn. Reconheci o aperto no olhar e o tom de voz. Ela tinha entrado no modo *domme*. Eu também invejava aquela parte dela: Lauralynn sempre estivera segura de si e de seus desejos. Não parecia perder um minuto de sono pelo tipo de pessoa que tinha se tornado e nem por quê. Ela apenas se divertia.

— Você vai ter que se recompor, senão vou ter que fazer isso por você, e não podemos passar a noite aqui. Pra onde foi o restante da sua banda?

— Provavelmente pra uma festa no camarim, ou pro hotel. Mas não vão sentir minha falta.

— Não me venha com essa atitude de autopiedade. Diga que encontrou uma velha amiga, pra não acharem que foi sequestrada por um fã louco, e vamos beber alguma coisa. Você pode me contar tudo o que te aflige.

Ela passou meu braço pelo dela e me levou para as ruas de Kreuzberg. Ainda estava relativamente cedo para o norte da Europa. Ao contrário dos londrinos, os berlinenses não tinham um último metrô para correr para pegar à meia-noite nem pubs que fechavam às onze horas, então a maior parte das festas não começava antes

da meia-noite, e não terminava antes das duas da manhã. Tudo que eu queria era ir para casa dormir, me encolher e me entregar à tristeza.

— Primeiro — começou Lauralynn —, comida. É muito mais difícil morrer de tristeza de barriga cheia.

Andamos até um bar na esquina da rua do canal e Lauralynn pediu pizza, dois salsichões com curry e uma porção de batata frita.

— Não torça o nariz — disse ela quando perguntei sobre a sabedoria de colocar molho curry em uma salsicha —, é delicioso.

Ela estava certa. A comida era boa, quente e melhorou meu humor.

— E então — falei. — Me conte tudo. Por que você está aqui em Berlim? Veio me ver?

— Tive que ir pra casa de repente. Meu irmão não está bem, então fui passar umas semanas em Nova York.

— Ah. Sinto muito.

Lauralynn deu de ombros. Ela pegava três batatas de cada vez e as usava como colher para raspar os restos de molho curry do prato. Eu estava chateada demais para me encher de comida, mas consegui comer o salsichão quase todo. O molho era uma estranha mistura de curry e sabor doce, mais açúcar do que temperos, mas de alguma forma era bom.

— Coisas de família. Mas está tudo resolvido. Recebi alguns e-mails de Dominik quando estava fora. Vocês dois são parecidos demais, sabe, dois infelizes se deixados sozinhos, então fico de olho nele. — Ela olhava para mim com os olhos azuis penetrantes, tentando ler minha reação. Eu estava presa a cada palavra dela, desejando que fosse direto ao ponto e me contasse mais sobre Dominik.

Tomou um longo gole de refrigerante, deixando a ponta do canudo com uma marca vermelha de batom, e prosseguiu:

— Ele mencionou alguma coisa sobre seu violino e o romance no qual está trabalhando. Dominik também teve muitos problemas com isso, sabe. O primeiro foi moleza, quando ele estava escrevendo sobre você. Agora que está escrevendo sobre seu violino, ele parece estar voando de novo. Isso não quer dizer alguma coisa?

Olhei para ela sem entender.

— Acho que ele só precisava de uma personagem feminina pra fazer funcionar e fui a primeira a surgir na mente dele.

— Exatamente. Você foi a primeira a surgir na mente dele. Ele passou dois anos pensando em você todos os dias. E ainda não conseguiu tirá-la da cabeça.

— Eu também não parei de pensar nele — respondi com irritação, enfiando um punhado de fritas na boca, apesar de ter deixado de sentir fome logo depois das primeiras.

— Então me diz uma coisa — falou Lauralynn, limpando os dedos em um

guardanapo. Ela tinha pintado as unhas de vermelho-sangue, combinando com o batom.

— Sim?

— Por que não diz isso pra ele? Por que não conta que está apaixonada por ele?

— Não sei... Eu... Eu sei o quanto ele gosta de estar no controle. Não queria ser eu a dizer.

— Besteira. A questão aqui não é controle. E você é a submissa menos submissa que já conheci. Está mais para *bottom*.

— *Bottom*?

— É. Sua excitação vem de ser controlada, dominada, com ou sem ligação emocional. É assim que você gosta do sexo.

— Acho que é. Mas não parece igual com outra pessoa que não seja Dominik. Com os outros, é apenas... sexo. Com Dominik, é mais.

— Foder com uma pessoa por quem se está apaixonada é assim. Você nunca se apaixonou?

Pensei na pergunta. Viggo, Simón, Darren. Will, um namorado que tive na Nova Zelândia, antes de me mudar. O máximo que eu podia dizer era que gostava bastante deles. Achava que tinha amado Simón. Mas sexualmente não tínhamos a mesma ligação, então às vezes ele parecia mais um irmão do que um amante.

— Não, acho que não.

Ela balançou a cabeça sem acreditar.

— Não é surpresa você ter essa dificuldade emocional, acho. — E suspirou.

Lauralynn olhou para o prato vazio com tristeza e para as sobras no meu.

— Nada de desperdício — disse ela, pegando o resto do meu salsichão com o garfo.

— Quanto tempo você vai ficar em Berlim? — perguntei, torcendo para afastar o assunto de mim e da minha vida amorosa.

— Não sei — respondeu ela. — Não reservei hotel ainda. Peguei o primeiro voo quando encontrei a casa de Hampstead vazia. Não consegui ficar lá sozinha. Supus que Dominik tinha te seguido pra cá. Achei que poderia ficar com sua banda ou passar a noite na farra, poupar o dinheiro do hotel. Passei a noite de ontem com uma garota que conheci em Roses. Foi divertido, mas não anotei o número dela.

Ela olhou para mim e piscou enquanto mastigava o último pedaço de salsichão com curry.

— Agora que vi o estado em que você está, não posso te deixar aqui sozinha, posso?

— Eu sei me cuidar — rebati com irritação.

— Esse é exatamente o seu problema, Summer, você é orgulhosa demais e está sempre pronta pra cuidar de si mesma. Precisa aprender a deixar as pessoas

passarem por essa sua carapaça. Tenho certeza de que tem uma moça sensível por baixo do exterior rígido.

— Você pode ficar comigo, meu quarto tem cama de casal e meu hotel é dobrando a esquina.

— Isso vai ser perfeito — disse ela, sorrindo com malícia. — Mas acho que não há necessidade de irmos embora. Berlim é uma central de festas. Já fui a todos os bares deste lado da cidade, mas tem outro lugar que eu queria conhecer, e fica bem perto indo de táxi.

— Não estou no clima de farra.

— Você é tão ruim quanto Dominik. Ele também nunca quer sair, e quando sai é só pra tomar refrigerante. Vem comigo. Não é nada sério. Só pra dançar e beber, vai tirar as preocupações da sua cabeça.

Lauralynn era como um trem a toda a velocidade depois que começava, e eu não tinha energia suficiente para convencê-la a fazer o contrário, então concordei em ir junto, apesar de já ser quase uma da madrugada.

— Você pode dormir quando morrer — respondeu ela quando mencionei o horário. Lauralynn não bajulava, ela mandava, e eu conseguia sentir minhas defesas despencando sob o peso das ordens dela.

— Não tenho roupa — protestei de forma lamentável.

Ela apertou os olhos como se tivesse visão de raio X e me avaliou da cabeça aos pés.

— Está usando um espartilho por baixo desse vestido?

— Sim, mas não um que eu queira mostrar em público.

Ela ignorou minha resposta.

— E essas botas vão até a coxa?

Assenti com tristeza.

— É perfeito.

Ela me levou para o outro lado da rua e chamou um táxi.

Não entendi o endereço que ela deu ao motorista, só o nome do bar: Insônia.

— Você fala alemão?

— Não muito bem. Mas o bastante pra me virar. Fiz um intercâmbio de alguns meses em Berlim quando estava no ensino médio... Eu não tinha idade pra entrar nas melhores casas noturnas, mas era alta o bastante pra enganar alguns leões de chácara.

Vinte minutos depois, paramos em uma rua lateral, escura e silenciosa, exceto por uma placa vermelha anunciando o local e pelos dois seguranças de pé na frente, olhando um a um os casais que chegavam.

Fomos cumprimentadas calorosamente pela garota loura na porta, que fez a cobrança da entrada. Ela nos olhou de cima a baixo, examinou o estado de nossas roupas, e Luralynn disse algumas palavras em alemão para ela. A garota acenou para que entrássemos.

A entrada estava toda decorada de vermelho, que parecia ser a cor universal do sexo. Havia um painel de vidro à direita, exibindo alguns DVDs pornô e um bolero roxo de látex com babado branco à venda. Um pôster anunciava a festa que ia acontecer, a “Fuck party”.

Luralynn se sentou em um banco vermelho de veludo apoiado na parede, tirou o sapato de saltos e a calça jeans.

— Luralynn — sibilei.

— Está tudo bem — declarou ela. — É pra ser com roupa de fetiche, mas são bem tranquilos com as vestimentas. Vão nos deixar entrar de lingerie. Você pode trocar de roupa aqui.

Ela tirou a camiseta e estava recolocando os sapatos, usando apenas um fio dental preto.

— Não estou mesmo a fim desse tipo de festa.

A última coisa que eu queria era fazer sexo ou ver pessoas fazendo. Nem dançar, na verdade, muito menos dançar nua. Se Luralynn queria arrumar uma maneira de me fazer sentir mais deprimida, não poderia ter feito melhor. Talvez ela fosse me deixar ficar deitada na chapelaria, encolhida em posição fetal, enquanto farreava sem mim.

— Confie em mim — disse ela —, e tire a roupa.

Ela tinha uma forma autoritária de falar que não aceitava argumento, mesmo se eu estivesse com disposição de brigar. Era a *domme* nela falando, e, pela minha experiência, é mais difícil ainda dizer não para *dommes* do que para seus equivalentes masculinos.

Tirei o vestido, meio solto e com estampa de oncinha, deixando à mostra um par de botas longas, calcinha preta e o espartilho preto, o que Dominik comprou para mim, que me acompanhou por metade do mundo e carregava mais recordações, tanto dolorosas quanto prazerosas, do que eu gostava de lembrar.

Luralynn segurou minha mão e me levou pelos degraus com carpete vermelho até o bar. Ela me entregou uma dose de tequila sem me perguntar o que eu queria beber.

— Tome isso. Vai aliviar.

Eu não quis o limão e o sal, só joguei a dose na garganta de uma vez e coloquei o copo no balcão. Olhei ao redor para ver o que ela tinha em mente para mim hoje, tudo em nome de me alegrar.

Junto do bar havia uma pista de dança, ainda bem tranquila apesar de ser bastante tarde.

— A garota na porta disse que só começa a animar por volta das duas, quando abrem a parte de cima — falou Lauralynn. Ela tomou a dose de tequila e estava lambendo os restos de sal e açúcar dos dedos. Dois caras estavam nos olhando com aparência faminta, típicos homens solteiros, a maioria uniformizada de camisa e calça pretas, que ia a esse tipo de lugar, aparentemente em todos os países do mundo. Pelo menos estavam nos fitando de uma distância segura.

Lauralynn seguiu meu olhar e minha expressão nervosa quando automaticamente me aproximei dela, sentindo-me ciente dos seios nus e lutando contra o desejo de envolver o peito com os braços para escondê-lo, o que só atrairia mais atenção.

— Ignore-os — disse ela, olhando para os homens com desdém, como se não valessem mais atenção do que alguma coisa desagradável que ela tivesse encontrado nas solas dos sapatos. — Vamos dar uma volta.

Entramos em uma sala à direita. Estava escura, tão escura que eu mal conseguia enxergar dois corpos encolhidos em uma cama no canto. As pessoas sobre ela pareciam estar aconchegadas, mas eu não tinha certeza, e desviei o olhar rapidamente. Eu não estava no clima voyeur esta noite. Levei um minuto para entender que a arte iluminada na parede representava as genitálias masculina e feminina. Perto da entrada havia uma grande escultura de vagina que brilhava no escuro e se projetava da parede em 3D. A escultura de clitóris tinha um grande anel verde preso a ela. Nas paredes, esculturas semelhantes mostravam um grande falo, e homens e mulheres em vários estágios de copulação.

Havia uma pequena cruz e um banco de spanking, os dois empurrados para o canto. Na sala ao lado, um balanço e mais duas camas. Havia mais casais nelas, porém meus olhos ainda não tinham se ajustado e só tive vislumbres, um seio aqui, um escarpim vermelho ali, uma mulher gemendo de prazer cercada de um grupo de homens solteiros olhando.

Lauralynn observava ao redor com expressão de interesse, absorvendo tudo.

Eu não conseguia suportar olhar.

— Tenho que sair daqui — falei para ela, indo para a saída, para a pista de dança. Um filme pornô estava sendo exibido repetidamente. A primeira coisa que reparei era que todas as mulheres tinham pelos pubianos e nenhuma era loira. A linguagem cultural do sexo.

O DJ estava tocando música dance, e luzes intensas vagavam pelo salão. As pessoas na pista de dança estavam perdidas na música e pareciam imunes ao sexo ao redor. Uma mulher vestida como Lauralynn, só de fio dental, dançava com o parceiro, que também estava só de roupa de baixo. Fora o estado de falta de roupas, eles poderiam ser qualquer casal de meia-idade dançando em um casamento. Pelo menos, e agradeço a Deus pelas pequenas bênçãos, eu ainda não tinha visto nenhum pau flácido balançando, nem homens se acariciando.

Lauralynn segurou minha mão de novo e me puxou para depois do bar, até um par de cortinas de veludo que sinalizava a entrada de outra área.

Resmunguei novamente em protesto, mas ela nem se virou, muito menos parou para ouvir.

— Aqui estamos — falou quando entramos e viramos para a direita. — Foi pra isso que eu trouxe você. Não há nada como um banho pra melhorar o estado mental de uma pessoa.

Estávamos de pé ao lado de uma hidromassagem ainda desocupada. Toalhas limpas e fofinhas estavam empilhadas ao lado, e uma placa apontava para um grande banheiro com chuveiros no canto e pedia que todos tomassem uma ducha antes de entrar na banheira. Lauralynn já havia tirado a calcinha, pegou uma toalha e abriu a torneira. Corri atrás dela, para evitar ficar de pé do lado de fora por muito tempo sozinha, para o caso de um homem solteiro encarar minha presença solitária como convite.

Tentei não olhar para os filetes de água que desciam pelas curvas do corpo de Lauralynn.

Eu já a tinha visto com as roupas pretas e brancas tradicionais de orquestra, com a calça jeans skinny típica e com um macacão de látex tão apertado que poderia ter sido uma pintura no corpo. Nua, ela era tudo que o macacão havia prometido, alta e curvilínea com pernas de quilômetros de extensão. Era o seu jeito que a transformava em uma verdadeira bomba sexual, a mensagem nos olhos que convidava atenção, mas deixava claro para qualquer observador que ele não teria oportunidade. Não era surpresa que os homens queriam idolatrá-la. Não era só porque ela não daria uma segunda olhada nem sob qualquer outra circunstância, mas também havia alguma coisa na natureza de Lauralynn que me fazia querer me jogar aos pés dela em troca de meio sorriso. Havia algo de majestoso nela.

Juntei-me a ela no chuveiro para lavar as dores do dia e da noite no fluxo de água quente.

Entramos na banheira de hidromassagem juntas e ficamos paradas, imersas, por uma hora, quase sem trocar uma palavra. Se alguém pensava em se juntar a nós, Lauralynn mandava a pessoa para longe com um olhar frio.

Eu estava completamente relaxada e quase adormecendo quando ela começou a sair da posição na banheira e se secou.

Sons vindos de alcovas e quartos adjacentes à banheira indicavam que a atividade estava a todo vapor. Eu não havia me interessado em me juntar, mas não estava mais incomodada com os gemidos e os ocasionais resmungos de prazer.

Eram três horas quando chamamos um táxi para irmos para o hotel. Os bares na Oranienstraße ainda estavam abertos e cheios. Até o IchOrya, o café onde passei a maior parte do dia anterior, ainda estava aceso e com algumas pessoas do lado de

fora fumando. Berlim era verdadeiramente a cidade que nunca dormia.

Toquei a campainha do hotel. Estávamos todos no mesmo andar, com os quartos unidos pelo corredor vazio. Os outros ainda estavam na rua ou dormindo, provavelmente a primeira hipótese, pois todos tínhamos nos tornado noturnos. Nós dormíamos de dia e tocávamos e farreávamos à noite.

Lauralynn tirou toda a roupa de novo e eu fiz o mesmo. Já tínhamos passado metade da noite sem roupas juntas, e eu estava cansada demais para pensar em procurar o pijama que eu carregava dentro da mala para o caso de companhia platônica.

Era hora do almoço quando acordamos. Ao abrir os olhos, vi que estava encolhida nos braços de Lauralynn, com a bochecha nos seios dela e com o aroma doce do xampu no nariz. Era um local confortável, e por um momento achei que poderia entender como era a sensação de ser um homem e acordar ao lado de uma mulher. Ela era mais alta do que eu e estava na posição da pessoa que me consolava: nesse aspecto, nada era diferente. Mas era muito mais macia e o cheiro do corpo dela tinha um traço diferente.

Lauralynn passou os dedos pelo meu cabelo quando acordou, como se fôssemos amantes, e me abraçou apertado. Eu me perguntei por um momento como seria beijá-la, mas mesmo se eu tivesse confiança, não parecia a coisa certa a fazer. Eu não podia dar em cima de uma amiga ou amante de Dominik, fosse lá o que ela fosse, mesmo que nós dois ainda estivéssemos tecnicamente livres de qualquer comprometimento formal.

— Acho que vou morrer se não ingerir cafeína — anunciou ela.

Uma garota das minhas.

Colocamos as roupas rapidamente, ansiosas por ar fresco e comida. Eu não tinha comido muito na noite anterior, e Lauralynn tinha um apetite de leão que precisava ser constantemente alimentado.

Parei no caminho para ouvir um músico de rua tocando “I’m on Fire”, de Bruce Springsteen, descartando os protestos de Lauralynn de que desmaiaria a qualquer minuto se não tomasse café da manhã logo. Sempre fui sentimental com músicos de rua, pois lembrava quando fui uma, e coloquei uma nota de 5 euros na caixa do instrumento dele em troca de um CD em um envelope com uma capa que parecia uma mistura entre caseira e profissional. Dizia “Kaurna Cronin, Feathers”. Sorri para o artista, que tirou o chapéu de feltro para mim, enquanto Lauralynn se apoiava com impaciência em um pé e no outro.

— Você não pode deixar pra flertar depois de eu estar alimentada? — perguntou ela com mau humor enquanto eu colocava o CD na bolsa.

Tomamos um café e comemos um prato de pão, carnes cortadas e queijo em um restaurante chamado Matilda's. Chris e Fran estavam lá, mas já terminando de comer, com planos de ir olhar a loja de discos ao lado. Faríamos um show naquela noite no mesmo lugar, então só tínhamos a tarde e o começo da noite.

Fran avaliou Lauralynn e olhou para mim com a sobancelha erguida.

— Dormiu bem?

Eu a apresentei como velha amiga de um amigo. Em pouco tempo, Fran e Chris foram embora, com promessas de nos verem mais tarde.

— Sua irmã? — perguntou Lauralynn.

— Sim.

— Vocês são parecidas. Diferentes, mas com a mesma composição. Ela tem o mesmo brilho nos olhos.

— Nem começa. Chris está atrás dela, e um amigo se metendo com minha irmã é o máximo que posso suportar.

Pedimos mais café e nos sentamos do lado de fora por um tempo, nos cobertores cor-de-rosa que cobriam os bancos de madeira, olhando para a rua e vendo as pessoas passarem.

Lauralynn era uma companhia agradável. Ela não parecia precisar da minha contribuição e ficava satisfeita em apenas estar sentada ao meu lado. Ficar perto dela era tranquilizador e me dava uma sensação de esperança. Não era do tipo que não seria sincera, independente do quanto poderia me magoar, então se achava que Dominik e eu tínhamos chance, era porque tínhamos.

Ela acabou rompendo o silêncio.

— Vamos explorar.

— Claro. — Dei de ombros. Partiríamos de Berlim em poucos dias, e, apesar de minhas melhores intenções, eu havia passado mais tempo dormindo do que passeando. O resto da turnê eram noites únicas em uma cidade ou outra, sem pausa até voltarmos para Londres.

Alugamos bicicletas e pedalamos até o Flohmarkt em Mauerpark. Estava lotado de pessoas. Metade da população de Berlim parecia estar lá, andando entre as barracas em busca de lembranças, roupas vintage e mobília de segunda mão. Vi um par de ankle boots com estampa de zebra um número menor do que o meu e comprei para Fran.

Compramos dois copos de suco de laranja e seguimos pela multidão até o parque em frente ao mercado. Era um lugar bem simples em comparação a alguns parques que vi na cidade, com apenas grama e umas poucas árvores. Mas também estava cheio de pessoas deitadas no gramado ou sentadas vendo um grupo de músicos em uma ponta, cantando com uma máquina de karaoke.

Meu telefone tocou de novo. Atendi rapidamente, mas me dei conta assim que

apertei o botão que não reconhecia o número. Desta vez, não era Dominik.

— Oi, Summer. É o Grayson. Tenho uma pergunta a fazer sobre suas fotos...

Dançarina particular

Uma noite em Paris com Summer foi um tempo curto demais. Eles nem tiveram tempo para conversar sobre a perda do violino, sobre os verdadeiros motivos de terem se separado em Nova York. Dominik sabia que nenhum dos dois desejava começar a dividir a culpa: estava claro para ele agora que os dois erraram igualmente. Pelo que eram, pelas coisas sombrias que os excitavam. Se esse rio subterrâneo no qual as vidas deles flutuavam não existisse e não os tivesse levado no fluxo, provavelmente nem sequer teriam se conhecido, então não fazia sentido debater os detalhes. Eles eram o que eram: imperfeitos de forma suprema e com poucas chances de mudar. Era apenas uma questão agora de conviver com o passado e torcer para poderem encontrar algum tipo de acordo entre desejos, apetites e exigências emocionais de cada personalidade.

Havia uma mensagem de Lauralynn na secretária eletrônica informando-o que ela esperava estar de volta a Londres até o final da semana. O reencontro com o irmão tinha sido um sucesso, alguns laços foram restabelecidos e os ferimentos dele não eram sérios o bastante para causarem dano definitivo. Ela estava ansiosa para voltar. Por mais que gostasse da companhia dela, Dominik agora não tinha certeza, considerando o reencontro com Summer, se seria bom que os dois continuassem sob o mesmo teto. Estava ciente de que Summer e Lauralynn tinham passado um tempo juntas, mas não sabia o quanto haviam ficado íntimas. Era apenas uma camada a mais de complicação.

A mente dele ainda girava com imagens de Summer no hotel de Paris e com os sons e os cheiros da capital francesa que agora sempre associaria a ela. A intoxicante fragrância de doces recém-assados cumprimentando-o na rua quando passava na porta do hotel para a caminhada até o metrô e a breve jornada até a estação do trem. A selvageria topográfica de pichações nos muros destruídos e em ruínas e nos túneis pelos quais o Eurostar se deslocava ao passar pela terra de ninguém entre Paris e o subúrbio.

O brilho nos olhos de Summer quando ela gozou, com o pau dele bem dentro de seu corpo, banhado no calor dela.

Os sons abafados que escapavam da garganta dela a cada estocada sucessiva.

A forma como ela prendia a respiração em silêncio, esperando o pior, torcendo pelo pior, sempre que ele diminuía os movimentos e fazia uma pausa, prevendo outra improvisação no ataque, na dominação. Os níveis de excitação dela ziguezagueando, dando um passo para trás, entrando em uma torrente temível, e dois passos para a frente, uma tempestade maravilhosa e incontrolável quando Dominik forçava o corpo dela a novas posições, um dedo aqui, uma palma da mão ali, Summer como um belo animal sendo guiado pelo adestramento, cheia de orgulho, excitação e a invasão constante do pau duro de Dominik.

O rosto dela em repouso enquanto dormia depois, com uma camada fina de suor secando lentamente sobre a superfície da pele pálida, um tremor involuntário percorrendo-a, roçando à velocidade da luz abaixo da pele dela, como o choque de um terremoto localizado. A paz. A beleza da proximidade. A aceitação serena da confiança que depositava nele.

Dominik se sentia vivo de novo, como se estivesse emergindo de um longo sono, um hiato lamentável na vida. E só tinha sido preciso mais uma noite com Summer. Não planejada, espontânea, não forçada.

Decidiu que telefonaria para ela de manhã. Naquele momento, estava exausto, mas era uma sensação agradável de lassidão, como se seus sentidos tivessem sido sobrecarregados, suas baterias, carregadas demais, e precisasse de um tempo para completar sua própria transformação. Mas também sabia que não estava cansado e teria uma noite difícil e inquieta, com a mente em tumulto delicado, a vibração ainda no controle elétrico de seu corpo.

Ele subiu para o escritório. Acessou as anotações sobre o novo romance na tela do laptop.

Abriu uma nova pasta e começou a escrever no piloto automático sobre os sentimentos e as impressões que a noite com Summer em Paris tinha evocado, enquanto ainda ardiam como fogo dentro dele. Estava temeroso de que a proximidade da experiência se apagasse rapidamente, deixando-o sem lembranças que pudesse canibalizar em sua busca por emoções para dar vida às páginas.

Parecia um pouco com sonhos que perfuram a parede do sono e que você sente que precisa anotar, pois sabe que vão sumir de manhã e você não vai mais se lembrar deles. Dominik percebeu, a partir de sua experiência, que o único problema era que, sempre que se fazia isso, as anotações para as quais você voltava a olhar no dia seguinte eram apenas palavras aleatórias e raramente faziam sentido.

A pele dela.

Os olhos.

Os traços simples e cheios de curvas do corpo.

Os ângulos arredondados das áreas íntimas.

Dominik suspirou. Às vezes, palavras não eram o bastante.

Ele suspirou e se deu conta de que nem tinha verificado os e-mails desde o retorno de Paris naquela tarde. Um sinal claro de distração.

Clicou na caixa de entrada.

Felizmente, havia pouca coisa importante. Só reforçava o fato de que o mundo não girava ao redor dele e de suas preocupações românticas. Havia os spams de sempre, newsletters que assinava, convites para palestras.

Mas havia também um lembrete de que era esperado em Barcelona no fim de semana seguinte para participar de ações promocionais durante o feriado de Sant Jordi, em nome dos editores locais. Era um compromisso do qual Dominik quase tinha se esquecido em meio a toda confusão recente. Ele se perguntou se a capital catalã estava no itinerário da turnê do Groucho Nights. Seria muita coincidência, não?

Incapaz de manter os olhos abertos por mais tempo, seguiu para o quarto com relutância.

Na manhã seguinte, tomando cuidado para não telefonar cedo demais e ciente de que Summer gostava de dormir até tarde, ligou para ela em Bruxelas, onde o Groucho Nights ia tocar antes de ir para Berlim.

Ela estava na rua, correndo.

— Você está bem?

— Estou ótima. — Soava meio sem fôlego.

— Quando é o show?

— No fim de semana, sábado e domingo. Vamos fazer dois shows. O primeiro esgotou tão rápido que sugeriram um segundo. E vamos ficar uns dias na cidade antes de seguirmos em frente.

— Pra onde depois?

— Amsterdã, e então algumas cidades na Escandinávia, Copenhague, Oslo, Malmo, Estocolmo e Helsinque, mas não sei bem a ordem sem consultar a lista. Depois vamos para a Áustria e para os Bálcãs. Vamos até a Sarajevo e Liubliana.

— Deve ser divertido.

— É — concordou ela com entusiasmo evidente. — São lugares pra onde nunca fui.

— Não tivemos muita oportunidade de conversar, não é?

— Eu sei.

— Escute — disse Dominik, procurando manter alguma espécie de seriedade vocal. — Tive um encontro com o cara com quem me colocaram em contato. Em Paris. Uma pessoa que conhece o lado obscuro do mercado de instrumentos musicais. Você estava certa. Viggo tem reputação de colecionador e parece que conhecia o Bailly já havia algum tempo. Estava na lista de desejados dele...

— Droga — falou Summer. — Eu não queria que fosse ele.

— Não necessariamente significa que esteja envolvido — disse Dominik, tentando tranquilizá-la —, mas é meio coincidência demais.

— Concordo. Deus, não sei o que devo fazer. Confrontá-lo, talvez?

— Não sei. Ele ainda está viajando com você?

— Não, voltou pra Londres hoje. Com Luba. Ele tem alguns compromissos de gravação lá nas próximas semanas. Disse que tentaria se juntar à turnê quando chegássemos em Estocolmo. Até deu a entender pra Chris que talvez subisse ao palco pra uma música. Para nos dar o selo de aprovação, por assim dizer.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou Dominik.

— Me deixe pensar.

Houve uma pausa. Ele conseguia ouvir o som de carros do outro lado da linha. Ela devia estar correndo em uma rua movimentada.

— Você não vai pra Barcelona em algum momento, por acaso, vai?

— Não nesta parte da turnê — respondeu Summer. — Talvez mais tarde. Vamos voltar a Londres antes disso. Por que a pergunta?

— Tenho que ir lá essa semana. Pra uma promoção do livro. Concordei já tem um tempo.

— Legal.

— Eu fiquei pensando se nossas datas não coincidiriam...

— Humm... — Dominik não conseguiu ler a expressão na voz dela. — Não desta vez.

— Escute, na outra noite...

— Eu sei, Dominik... acho que a gente deve conversar sobre isso quando eu voltar a Londres. Prefiro assim.

— Entendo.

— Outra coisa — disse ela.

— Sim?

— A dançarina russa de Nova Orleans... — Summer hesitou.

— Luba. Sim, ela sabia quem eu era. Eu a reconheceria em qualquer lugar.

— Ela está com Viggo.

— Reparei. Mas... vocês duas... e ele?

— É complicado.

— É o que parece. Mas não importa. O principal é que voltamos a nos falar.

— Eu chamaria de mais do que falar — comentou Summer, e havia uma sugestão de sorriso na voz dela. Mas Dominik também conseguiu detectar cautela. Ela nunca tinha sido o tipo de pessoa que gostava de telefone. Summer precisava da proximidade para se comunicar inteiramente, para se expressar.

— Vou deixar você continuar a sua corrida — falou Dominik. — Posso voltar a ligar no meio da semana?

— É claro.

Sant Jordi era o equivalente catalão do dia dos namorados, apesar de receber o nome por causa de são Jorge. Acontecia anualmente em um domingo, e o centro de Barcelona era transformado em um enorme mercado de rua do norte da Plaza Catalunya até o Diagonal, com opulentas barracas de flores e de livros, com mesas tortas sob o peso das centenas de exemplares novos e velhos. Uma celebração da natureza e da leitura, com vários escritores indo de barraca em barraca para autografar seus livros, que depois eram vendidos ao público. As barracas eram organizadas por livrarias locais e por editoras. A tradição era que as mulheres compravam livros para seus companheiros e os homens compravam flores, preferencialmente rosas, para suas amadas. Assim, em um dia de sol, metade da cidade andava para cima e para baixo da Rambla Catalunya carregada de flores e livros. Era um espetáculo que colocou um sorriso no rosto de Dominik enquanto ele ia de barraca em barraca, levado pelos responsáveis da editora.

Se Summer estivesse lá, ele se perguntou o que ela lhe compraria. Embora, para falar a verdade, como a maior parte dos títulos era oferecida em espanhol, não faria muita diferença. Mas um pensamento lhe ocorreu: livros são permanentes, enquanto flores murcham e morrem. O que isso dizia sobre o equilíbrio das coisas entre homens e mulheres?

Ele estava na última barraca do dia, sentado sem fazer nada embora os autores locais à mesma mesa estivessem ocupados autografando e conversando com simpatia com fãs e compradores, quando um braço longo, magro e pálido lhe entregou um exemplar gasto de uma edição original em inglês de seu livro.

Dominik ergueu o olhar.

A itinerante Luba.

Como sempre, vestida para matar, com o corpo longo e magro coberto de um vestido colado vermelho-chama de lã de Roland Mouret.

— Você? — Dominik não conseguiu disfarçar a surpresa.

— Não vai deixar de autografar o livro de uma amiga, vai?

— Amiga ou *stalker*?

A risada de Luba foi clara como cristal.

— Bem, dei meu número e você não ligou. O que uma jovem deve fazer?

Dominik pegou o livro, abriu na folha de rosto e autografou para ela. Então estava falando a verdade quando disse que leu o livro. *Para uma dançarina particular*, escreveu ele.

Uma brisa de fim de tarde soprava pela Ramblas e o cabelo louro-esbranquiçado de Luba flutuava como um véu de seda enquanto ela lia o autógrafo de pé em frente

à mesa.

— Legal — comentou.

— Foi um prazer.

— Vejo que você está quase terminando — comentou ela. — Por que não vamos tomar alguma coisa, um café, ou até mesmo comer umas *tapas*?

A assistente publicitária da editora deixou claro que seu dever estava concluído e que ela não se importava de Dominik ir embora. Ele agradeceu às pessoas da barraca e se levantou.

— Como você sabia que eu estaria em Barcelona? E não me diga que só estava passando, Luba.

— Elementar, meu caro Dominik. Olhei no Google... E sua editora espanhola tinha no site uma lista de escritores que viriam ao Sant Jordi. Foi bem fácil. — O sorriso dela o desarmou.

Dominik não conseguia visualizar uma pessoa tão etérea e sexual como Luba em frente a um computador, mas fazia sentido. Não havia onde se esconder atualmente.

— Então você veio até Barcelona só pra pegar um autógrafo?

— Não. Também vim trabalhar. Dançar.

— Ah...

— Um contrato particular.

— Como Nova Orleans? — perguntou ele.

— Não exatamente.

— Viggo aprova seu... trabalho de freelancer?

— Não é da conta dele — disse Luba com simplicidade. — Ele não é meu dono.

— Que bom.

Eles andaram pelo Passeig de Gràcia e encontraram um discreto bar situado abaixo de uma pequena escadaria, com pé-direito baixo, meio subterrâneo, onde os cheiros de café, tabaco e presunto defumado pairavam no ar e faziam a boca aguar. Nenhum dos dois falava espanhol fluente, então apenas apontaram para os pequenos pratos circulares cheios de gostosuras sobre o balcão do bar para indicar quais queriam. Os olhos de todos os homens prestes estavam em Luba. Ela se destacava como um ser de outro planeta, leve e graciosa, imperiosa, quase perfeita, com o vermelho do vestido parecendo um farol na luz morrente do dia.

— Vão mandar um carro pra me buscar às dez da noite — declarou Luba.

— Seus clientes?

— Sim. Acho que são russos também. Ricos. Tem tantos hoje em dia. Não era assim quando eu era mais nova. Vai ser em um barco. Minha apresentação.

— Você tem uma reputação e tanto, pelo que vejo. Com demanda internacional.

— Talvez — disse ela com um sorriso modesto.

Luba mordeu uma das *tapas*, um quadrado minúsculo de batata coberta de creme

azedo e salpicado de páprica.

— Está muito gostosa — comentou. — Você devia provar.

Dominik comeu algumas azeitonas verdes com recheio de anchovas. O equilíbrio de sabores era sutil e viciante. Assim que ele terminava uma, queria mais. Os cafés foram servidos fervendo e fortes. Ele chamou o barman para pedir água mineral.

— Gostei do seu livro — falou Luba. — Elena, a mulher em Paris, parece muito real. Mas muito autodestrutiva, eu diria.

— E foi por isso que você quis me ver — disse Dominik. — É tarde demais para mudá-la, sabe. O livro já está terminado. Agora estou trabalhando em um livro novo. Com outra história, outros personagens.

— Sempre pensei que escritores deviam ser homens complicados, só isso. Me deixa curiosa.

— Quem dera todo mundo ficasse...

— E sobre o que é esse novo livro? Posso perguntar?

— É sobre instrumentos musicais. Em particular, a história de um instrumento, um violino, e as pessoas que foram donas dele, sua história ao longo de dois séculos.

— Ah, que ideia genial — comentou Luba, batendo palmas. — Será que já sei de onde você a tirou?

— Você está falando de Summer?

— Ela toca violino. Mas eu também estava interessada em conhecer o homem que pediu a essa mulher pra dançar em Nova Orleans.

— Estou feliz em saber que você nos acha divertidos.

— A vida do outro sempre me fascinou muito — prosseguiu Luba.

— Então você não só dança nua, mas também é voyeur, à sua maneira.

— Por que não? Qualquer coisa pra fazer a vida parecer mais variada, não acha?

— Me conte sobre seu... amigo, Viggo.

— O que quer saber?

— Soube que ele coleciona coisas. Obras de arte e instrumentos, não?

Luba sorriu de maneira enigmática.

— Ah, entendo por que você também está interessado.

— Exatamente. Eu gostaria de saber mais. E então?

— Me faça perguntas — pediu ela. — Farei o possível pra responder.

Luba concordou quando Dominik expressou interesse em vê-la dançar de novo. Ele marcou de encontrá-la no saguão do hotel dela pouco antes das dez da noite, quando a limusine iria buscá-la. Ela estava no Condal, longe da confusão do centro de Barcelona, um hotel elegante e discreto, distante dos locais habituais. Os recepcionistas do sexo masculino, todos com trajes pretos idênticos e que poderiam

muito bem estar em uma passarela de moda, lançaram um olhar de compreensão quando ele indicou que esperaria no saguão pela lindíssima hóspede loura.

Ela saiu do elevador, uma visão de branco, a longa silhueta uma mancha de seda marfim, pernas infinitas prolongadas por enormes saltos prateados, a juba de cachos louros indomados solta, os braços nus, uma visão de porcelana de brancura. Os olhos estavam acentuados por lápis esfumado, e a diferença entre a maquiagem forte ao redor deles e o restante do rosto, com apenas uma camada artística de batom vermelho pálido e blush nas maçãs acentuadas, era como um estudo de contrastes.

A limusine esperava por eles, com o chofer impassível de uniforme cinza e quepe segurando a porta aberta.

Dominik tinha sido avisado por Luba para ir de terno. Felizmente, havia colocado um na mala por garantia antes de sair de Londres, apesar de não ter gravata. Por isso, passou a maior parte do tempo desde o encontro com ela no café procurando por uma de qualidade no Corte Inglés na Plaza Catalunya.

Quando o grande carro se afastou do meio-fio, com o motor ronronando delicadamente, Dominik, isolado do motorista por uma divisória grossa de vidro, perguntou a Luba para onde estavam sendo levados.

— Eu nunca pergunto — declarou ela, e não se deu ao trabalho de elaborar.

A limusine logo saiu da cidade e seguiu pela rodovia para o sul. Eles viajaram por meia hora, com uma lua cheia brilhando acima do mar noturno à esquerda. Passaram por uma sucessão de túneis dentro de montanhas no caminho e perto de vilarejos de pescadores e resorts na costa.

Durante a curta viagem, Luba ficou em silêncio, em estado meditativo, profundamente concentrada, como se já ensaiando para o show, entrando no estado de espírito.

Após uma placa que indicava Sitges, o carro saiu da estrada principal e passou por uma cidade pequena, mantendo-se longe das vielas estreitas dos quarteirões góticos e seguindo por mais colinas cheias de hotéis de luxo. Em seguida, atravessaram a linha férrea e desceram em direção a uma marina bem-iluminada.

Havia um portão de segurança na entrada de uma área restrita. O motorista digitou um código em um painel e o portão subiu.

O iate, uma construção imensa de deques empilhados, embutidos em um emaranhado de madeira e aço como uma *matrioshka*, estava preso na extremidade de uma marina enorme, isolado dos outros barcos, com luz baixa e a elegância opulenta sutilmente disfarçada.

Um segurança corpulento verificou o nome de Luba em uma lista que tinha na mão e acenou para o casal no deque inferior, onde um grupo de pessoas bem-vestidas se misturava, bebendo e conversando. Ele conseguiu ouvir inglês, francês, espanhol, russo, provavelmente, e uma variedade de outras línguas.

Uma mulher de meia-idade usando um vestido escuro de noite reparou na chegada de Luba e sinalizou para ela. Luba sugeriu que Dominik se misturasse aos convidados e se divertisse antes de sair andando com a mulher para um camarim, para se preparar para o show.

Dominik seguiu para o bar, torcendo para não se destacar com o terno barato nesse jardim de riqueza descabida. O barman careca lhe entregou uma taça de champanhe, que Dominik recusou, para pedir em seguida uma Perrier ou San Pellegrino. Como era de se esperar, o barman tinha os dois tipos de água mineral a oferecer. E quase todas as outras bebidas que existiam na face da Terra.

Ele tentou se misturar da melhor maneira possível, embora não conhecesse ninguém ali. Passeou entre grupos, cumprimentando pessoas, pegando partes de conversas, muitas vezes em línguas que não compreendia. Nenhum dos convidados pareceu questionar sua presença ali, apesar de se sentir bastante deslocado. Pelo menos, o iate estava preso à marina, e não navegando em mar aberto; Dominik tinha uma propensão a sentir enjoo, e teria feito um papelão se o barco zarpasse.

A mesma mulher que havia acompanhado Luba antes voltou ao deque e começou a encaminhar os convidados para um andar mais baixo. Dominik seguiu as pessoas com obediência. Foram levados a um salão luxuoso no qual um pequeno palco foi montado, com fileiras de cadeiras dobráveis e, na parte de trás do aposento, em baías de vidro com vista para a água da marina de um lado e para o mar aberto do outro, uma sucessão de sofás de couro. Neles estavam vários espectadores com roupas caras, que ele supôs serem os donos do iate, os anfitriões da noite: oligarcas russos e suas namoradas, pela aparência eslava de todos. Garçons de trajes idênticos circulavam entre os assentos distribuindo mais taças de champanhe para os convidados. Dominik encontrou uma cadeira no canto mais distante.

Quando todos estavam confortavelmente sentados, as conversas morreram e uma atmosfera de excitação tomou conta do local. As luzes já baixas foram diminuídas.

Duas pessoas perto da escada carregaram um par de caixas bastante iluminadas, que prenderam a tripés e as ligaram. O palco improvisado foi banhado de luzes intensas, e Dominik, pelo zumbido dos alto-falantes, reconheceu a voz, a gravação que ela aparentemente sempre usava como parte do número. “Meu nome é Luba...”, e então os delicados acordes da música de Debussy enquanto Luba, de túnica branca de algodão, ia até o palco com indolência e ficava de pé, imóvel como uma estátua, a forma perfeita impiedosamente enfatizada no brilho selvagem dos holofotes.

Ele já a tinha visto dançar em Nova Orleans, porém mais uma vez não pôde deixar de se maravilhar com a graça e a solenidade dos movimentos dela, mais lentos do que qualquer movimento lento, provocantes, elegantes, sensuais, com cada centímetro da pele de Luba ficando mais exposto e mais nu do que um nu. Ao mesmo tempo, o rosto permanecia completamente impassível, como se perdido em

pensamentos, habitando um mundo completamente diferente, longe do iate e da marina de Sitges Aguadolc.

Os seios eram altos e firmes e não se deixavam perturbar pelo ritmo do corpo dela. Quando se virou, com a vagina lisa completamente exposta para a plateia silenciosa, ele viu a pequena tatuagem azul da arma a milímetros da abertura. Intrigante, provocativa, como uma forma final de expressar sua sedução, colocando o pingue nos olhos da personalidade incomum. Dominik se deu conta de que devia ter lhe perguntado sobre o significado, o motivo da tatuagem, quando teve a oportunidade. Ele conseguia sentir os homens e as mulheres da plateia prendendo a respiração quando Luba prosseguiu se contorcendo, sinuosa, aderindo como um réptil ao fluxo impressionista da música, com cada refúgio de sua intimidade impiedosamente exposto.

As notas finais da música soaram pelos alto-falantes e Luba lentamente voltou à posição de estátua viva. Mas, desta vez, as luzes permaneceram acesas e uma nova música começou a tocar. Um tango.

Era uma melodia quente, lasciva e prolongada, que rompeu o silêncio que tomou conta do aposento após a dança de Luba.

Um homem entrou no palco e encarou Luba. Ele também estava nu e era jovem, com 20 e poucos anos. A pele era dourada, quase da cor de uma moeda nova. Em outro ambiente, poderia ter sido exagero, como se tivesse passado dias pegando sol, mas ali o brilho dava a ele um ar de deus dos mares do sul, atlético e com longas pernas e músculos abdominais definidos, com o peito estremecendo a cada respiração. O cabelo estava penteado para trás, acentuando a ferocidade e os traços masculinos do maxilar.

O membro dele, com a flacidez perdida entre a firmeza do resto do corpo, começou a crescer quanto mais tempo ficava na presença de Luba, absorvendo a intensidade da nudez dela enquanto esperava o movimento seguinte na dança.

Luba abriu os olhos. Ela bateu os cílios para ele de forma teatral, como se a aparição fosse uma surpresa, e não uma parte integral do ato da noite. Com uma virada rápida, o dançarino segurou a mão dela e a puxou para si, e seus corpos nus se tocaram. Com a outra mão, ele segurou o queixo dela, deixando os dedos na pele macia do pescoço, e a estátua recém-formada ficou ali por um instante, olho no olho, pele na pele, até que a melodia principal do tango se desdobrou e eles começaram a dançar juntos, com pernas entrelaçadas, corpos unidos.

Dominik observou o casal deslizar de forma lânguida pela pista de dança limitada e se perguntou o quanto dessa coreografia tinha sido ensaiada e onde.

O parceiro guiou Luba pelos ecos incansáveis da música e ela se entregou à gravidade e ao abraço autoritário dele, com pernas e corpo em extensão perfeita antes de a forma ser rompida repetidamente sob as ordens do dançarino. Subia um

calor inexorável do aposento em resposta à proximidade dos corpos dos dançarinos e da forma obscena como Luba era esticada, exposta, movida deu um lado a outro pela criatura bronzeada, musculosa similar a um deus, cujas expressões faciais nunca mudavam, sempre severas e dominantes.

As pernas dela se abriram brevemente em um ângulo que a revelou toda, e ele a puxou contra si, com o pau já tão duro quanto o resto do corpo e comprimido entre os troncos deles em um abraço apertado. Era chocante, mas lindo, Dominik tinha que admitir.

Uma dança de puro desejo, de perigo, pois Luba parecia simplesmente relaxar contra o parceiro e permitir que ele a movesse para cá e para lá, para todos os lados de acordo com a vontade do dançarino, como se ela tivesse abdicado da própria. Era impossível afastar o olhar da camada brilhante que agora cobria os corpos de Luba e do homem, da visão pornográfica da excitação dele em contato tão próximo com o corpo exótico da dançarina russa. Dominik observou a forma como o pênis roçou na barriga dela, nas pernas longas impecavelmente retas, com pés esticados como os de uma bailarina e a cabeça lançada para trás, rígida, impenetrável.

A música subiu um tom, o dançarino jogou Luba no chão, onde ela se abriu em posição geométrica perfeita, e ele se inclinou sobre ela, segurou as mãos e a puxou de volta, com cada alinhamento dos corpos nus parecendo um ritual, uma cerimônia de luxúria.

Na vertical de novo, ela levantou a perna até atingir um ângulo perfeito, e com sons de surpresa da plateia, o homem a penetrou em um movimento rápido, com o pau duro invadindo os lábios da boceta oferecida.

Ele desapareceu dentro dela inteiro, o que deixou o casal entrelaçado e tremendo com a música. Os movimentos de dança prosseguiram, com o pau entranhado agora também a guiando, assim como os braços, prosseguindo com o tango. Dominik reparou que nem uma vez o dançarino saiu de dentro dela, e nem os passos de dança perderam o fluxo elegante.

Nas cadeiras à frente, ele viu as mãos de uma mulher apertarem a coxa do homem ao lado.

De alguma forma, não parecia que estavam fodendo. Ainda era uma dança, uma dança primitiva, uma coisa de terrível beleza levada a outro nível, em que a graça inerente dos corpos transcendia a obscenidade do momento.

Dominik prendeu a respiração. Seus olhos foram atraídos para a tensão das nádegas de Luba quando ela girou ao redor do dançarino, com o pênis agora como uma extensão da coluna dela, como se, caso se retirasse de dentro de repente, ela fosse desmoronar como uma boneca de pano sem apoio físico.

A música começou a diminuir de volume e, em paralelo, a dança ficou mais lenta até parar, quando Luba e o dançarino apenas ficaram ali de pé, ainda ligados, como

estátuas de carne, com a imobilidade perfeita ligeiramente traída pela forma como o peito dele subia e descia enquanto recuperava a compostura e o rubor da excitação se espalhava pelo pescoço e pelo vale entre os seios dela.

Daria para ouvir uma pena caindo no chão.

Ao sinal da mulher mais velha que antes estava orquestrando o evento, os marinheiros de cada lado agora apagaram as fortes luzes.

Dominik tomou um longo gole de água mineral. Sabia que algumas das imagens desta noite permaneceriam entalhadas na tela no fundo de seu cérebro para sempre. Sua mente foi levada pelo espetáculo intenso das genitálias unidas de Luba e do dançarino ao recapitular o calor ardente que sempre sentia quando estava dentro de Summer, a forma como o corpo dela reagia a ele, a perfeição na forma como os desejos deles coincidiam, suas trevas interiores se encontrando em um cruzamento invisível das almas. Ele era homem o bastante para se dar conta da malha de imperfeições que eles eram, ao contrário de Luba, cuja felicidade serena tinha alguma coisa de excepcional. Mas ambos se complementavam. Sentiam-se inteiros juntos.

A limusine os levou de volta aos respectivos hotéis em Barcelona. A lua cheia do Mediterrâneo brilhava acima do céu enquanto o carro disparava pela estrada costeira vazia.

— Foi lindo — disse Dominik para Luba.

— Foi bem-pago — completou ela.

— Posso imaginar. Ele era seu... parceiro de dança habitual?

— Há vários. Depende do compromisso. É um campo um tanto... especializado.

— Ele parecia sul-americano, mas talvez eu tenha tido essa impressão porque era tango. Qual é o nome dele?

— Não sei. Nunca me interessei em saber. — Ela se virou, com os olhos fixos na escuridão lá fora.

— É mesmo?

— Qual é o sentido? Eu fico disponível, o dançarino guia, eu sigo. Só isso. — Ela se vira para ele. — Mas me diga, Dominik.

— O quê?

— Você precisa prometer nunca me colocar em um dos seus livros. Sim?

Dominik hesitou. Durante todo o trajeto, vinha pensando em como traduzir o espetáculo exótico e transgressor em palavras. Era uma enorme tentação.

Luba reparou na relutância dele.

— Prometa — repetiu ela.

— Certo. — Dominik cedeu ao pedido.

Um silêncio desconfortável pairou entre eles enquanto a limusine chegava ao subúrbio da cidade e furava sinais vermelhos.

— Foi assim que conheci Viggo — declarou Luba, do nada. — Eu estava envolvida em outro show de sexo ao vivo. Com um parceiro diferente. Um ucraniano também, como eu. Foi em Amsterdã.

— E vocês ficaram... amigos?

— Sim, Viggo me pediu pra ficar com ele depois. Disse que colecionava coisas bonitas e eu seria a coroa no império dele. É uma forma tola de seduzir uma mulher, mas ele era rico, carismático, engraçado, e eu precisava de uma mudança da vida de dançarina.

— Então você o seguiu até Londres?

— Sim, ele até contratou um jato particular pra viagem de volta. Ele gosta de me mimar, e a si mesmo, claro. Mas é um homem bom, no fundo. E um amante interessante.

— É assim que você classifica os homens, por nível de interesse?

— Por que não? — Ela sorriu, com o bom humor agora superando o cansaço causado pela performance recente.

— Mas você decidiu voltar a dançar?

— Eu estava ficando entediada — disse ela. — De qualquer modo, quem precisa de motivo? Posso fazer o que quiser. Com Viggo não é casamento, só uma amizade entre iguais. Ele não é ciumento.

— Entendo — comentou Dominik. — Me conte mais sobre as coleções dele, então.

O grande orgulho e alegria de Viggo Franck era a coleção de instrumentos musicais que havia reunido. Era dono de duas guitarras que Jimi Hendrix usara, de um violão supostamente tocado por John Lennon, de um trompete Satchmo danificado, de um violino Paganini verdadeiro e de uma variedade de outros instrumentos raros associados a músicos famosos, tanto do campo clássico quanto do rock. Não satisfeito com tal baú de tesouros, também tinha vários desenhos de Picasso, um Warhol original de início de carreira, um Hirst e diversas gravuras de edição limitada e alto valor. Além disso, também possuía uma coleção de primeiras edições de F. Scott Fitzgerald, William Faulkner e Hemingway, todas com sobrecapa, algumas autografadas.

A coleção estava espalhada por várias salas com temperatura controlada na mansão de Belsize Park.

— Parece fascinante — comentou Dominik. — Ele não guarda as peças de mais valor em outro lugar?

Aparentemente, havia uma sala trancada no porão que Luba nunca tinha visitado e que Viggo mantinha certo segredo com relação ao que havia no interior. Dizia que só

guardava os vinhos raros lá, o que não fazia muito sentido. De qualquer forma, nem Luba nem o grupo flutuante de Viggo estavam interessados naquela parte da coleção.

— Talvez seja porque os itens que ele guarda lá sejam mais frágeis, não? — especulou Luba.

— É possível — concordou Dominik, sem querer se aprofundar no assunto no momento. Estavam na Diagonal e logo chegariam ao hotel que os oligarcas escolheram para Luba. Ele disse que iria andando até seu hotel, que ficava a meros dez minutos a pé, mas Luba insistiu em pedir para o chofer mudo levá-lo depois de deixá-la. Eles concordaram em voltar a conversar qualquer dia em Londres.

Dominik voltou para o Reino Unido dois dias depois. A primeira coisa que percebeu ao chegar em casa em Hampstead foi na mala Samsonite espaçosa de Luralynn ao lado da porta, junto de uma sacola grande do free shop.

Dominik a chamou, mas não houve resposta.

Ele subiu a escada até o quarto que ela ocupava e bateu de leve à porta, para o caso de estar dormindo até tarde.

O quarto estava vazio e a cama não tinha sido utilizada. Havia um emaranhado de roupas no chão e sapatos desarrumados no carpete, como se ela estivesse com pressa, não tanto de desfazer a mala, mas sim de juntar suas coisas.

Dominik lembrou de repente que havia se esquecido de deixar um bilhete para ela avisando que iria para Barcelona por alguns dias. Talvez ao encontrar a casa vazia Luralynn tenha decidido passar alguns dias em outro lugar, com algum amigo.

Ele se sentia emocionalmente exausto. Decidiu deixar a malinha no corredor, fraternalmente ao lado da bagagem de Luralynn, e foi direto para o quarto, decidido a dormir até as preocupações sumirem. Tivera que fazer o check-in no aeroporto de Barcelona às seis da manhã.

Dominik foi largando as roupas no chão e caiu exausto na cama, com preguiça demais para puxar as cobertas sobre o corpo, e logo estava dormindo profundamente.

Acordou no meio da tarde com a carícia de um hálito quente na pele nua do traseiro descoberto.

— Ei, você...

Ele entreabriu os olhos até afastar o sono, virou a cabeça e viu Luralynn olhando para ele, com o rosto o retrato da diversão. Ao perceber que estava nu e excitado, tentou puxar um lençol para se cobrir, o que só a fez rir.

— Ah, Dominik, já vi isso tudo antes — disse ela. — Por que a timidez repentina?

— É verdade — murmurou ele.

Ela estava usando uma camiseta preta de uma banda da qual ele nunca tinha ouvido falar, calça branca e botas de couro que chegavam à metade da panturrilha. De seu ponto de vista, deitado na cama, ela parecia ainda mais alta do que lembrava.

— Bem-vinda de volta — saudou Dominik, puxando-a para ficar sentada ao lado dele na cama.

— Idem pra você. Você não disse que ia viajar.

— Eu sei. Desculpe.

— Pensei que estivesse em Berlim. Então, fui até lá na esperança de te surpreender.

— Berlim?

— Sim. Supus que você tivesse descoberto que Summer ia tocar lá com Chris e a banda. Era o último item no histórico do seu computador. Mas você não estava lá. Eu seria uma péssima Sherlock, né?

— Eu estava em Barcelona. Fui levado pela minha editora de lá.

— Barcelona! — Loralynn caiu na gargalhada. — E lá fui eu, atrás de você no canto errado da Europa.

— Como foi em Berlim? — perguntou Dominik.

— Como foi em Barcelona?

— Interessante — refletiu ele.

— Isso é tudo que você vai dizer?

— É. — Um sorrisinho estava se abrindo nos lábios de Dominik enquanto se lembrava de Luba e do show, das barracas de livros em Ramblas, das rosas florescendo.

— Eu me encontrei com Summer — disse Loralynn.

— E? — Ele tentou parecer desinteressado.

— Foi divertido...

— Divertido?

— Escuta, eu gosto dela. Muito. — Ela notou uma nuvem passar pelos olhos dele. — Não dessa maneira — acrescentou rapidamente. — Só como amiga, colega.

— Certo.

— E você é um idiota, Dominik. Um completo idiota. Por que diabos deixou que ela acreditasse que você e eu estávamos juntos? Sabe muito bem que não estamos.

Dominik ficou pálido.

— Eu soube que ela estava com Viggo Franck. Notei que ela ainda tinha sentimentos por mim. Não quis que se sentisse mal. Nunca falei que estávamos realmente juntos dessa maneira — respondeu ele. — Só mencionei que você estava morando aqui.

— E que conclusões achou que ela tiraria? Ah, vocês são dois imbecis.

— Dois?

— Sim, vocês dois são seus piores inimigos. Obstinação, orgulhosos, permita-me listar os pecados...

— E contou pra Summer o que havia entre mim e você?

— É claro que sim. Deixei bem claro pra ela, o que você devia ter feito desde o começo, quando a encontrou em Brighton. Vocês parecem crianças pela forma como brincam com as próprias emoções, juro.

— E Viggo?

— Ah, você não enxerga? Ele é só um tapa-buraco. Acha que ele parece o tipo de cara que é fiel? De qualquer modo, ele tem aquela garota russa, não é?

— Luba.

— É esse o nome dela? Ela é só mais uma jogadora, acho. Não é do tipo ciumento.

— Eu encontrei com ela.

— Que bom.

— Ela é legal — comentou ele. — Acho que você ia gostar dela, de verdade.

— Então nos apresente.

— Pode deixar.

— É o mínimo que você pode fazer pra compensar.

— Qual foi a reação de Summer quando soube sobre nós dois?

— Raiva, surpresa, alívio. Sei lá. Certamente não era o que ela esperava.

— E o que vai ser agora?

— Ligue pra ela, seu bobo. Chega de joguinhos. Vocês foram feitos um pro outro. Mas agora cabe aos dois fazer isso dar certo, encontrar um caminho.

Dominik estremeceu. A janela do quarto estava entreaberta e a noite caía lá fora, com as árvores no Heath tremendo à brisa noturna.

— E vista alguma coisa — disse Lauralynn, olhando para ele. — Senão esse seu pau adorável vai murchar até proporções bem menos atraentes.

Nus nas paredes

Viggo e Luba estavam entrelaçados como trepadeiras, ele com os braços envolvendo as costas dela, ela com as pernas longas por cima das dele.

Eu tinha acordado um pouco distante dos dois, na beirada da cama. Saí silenciosamente de debaixo das cobertas e segui para o banheiro, tomando cuidado para não acordá-los. Viggo dormia como um cadáver, mas Luba tinha reflexos de gato, e eu esperava ver os longos cílios dela se abrirem a qualquer momento.

Eu não queria explicar para ela por que eu tinha acordado tão cedo e nem aonde estava indo.

Os dias em que nós três dormíamos de conchinha tinham acabado. Eu agora me sentia sufocada por dividir os lençóis com uma multidão. Mas terminar nosso relacionamento poderia representar o fim da carreira de Chris e o fim das chances de reaver meu Bailly, então por enquanto estava presa a eles, para o bem ou para o mal.

A turnê tinha sido um sucesso, tanto para mim quanto para o Groucho Nights. Chris, Ella e Ted agora estavam ocupados compondo e gravando para o primeiro disco de estúdio. Marija, Baldo e Alex tinham voltado para Nova York, para a Gramercy Symphonia e para o mundo clássico mais sério, no entanto talvez voltassem mais tarde para acrescentar instrumentos à gravação. Viggo concordara em pagar a conta quando chegasse a hora.

E eu estava me arrumando para um encontro com Dominik.

Pelo menos, esperava que fosse um encontro. Tínhamos bolado um plano para recuperar o Bailly, convencidos de que ele estava guardado em algum lugar na mansão de Viggo, e íamos nos encontrar para decidir os detalhes finais.

Eu tinha seguido as instruções de Dominik ao pé da letra: fiz uma cópia das chaves da casa e planejei uma noite para tirar Viggo e Luba de lá. Também havia feito um mapa de todos os aposentos, incluindo as anotações de onde ficava o porão e a sala trancada onde eu achava que meu violino tinha mais chance de estar escondido.

A única coisa que não consegui descobrir foi a senha do alarme na porta do cofre. Nunca vi Viggo abri-la, nem mesmo ir até o porão. Ele raramente olhava para a coleção de arte, só parecia feliz em ter a posse dos objetos.

Verifiquei tudo várias vezes, revirei os cantos de cada aposento em busca de câmeras de segurança que poderia ter deixado passar, revisei meus planos para ter certeza de não ter perdido nada, mas ainda estava agitada e passei a semana toda andando de um lado para o outro da mansão com nervosismo, dividida entre o medo de Dominik ser pego, e tudo ser minha culpa, e a excitação de vê-lo de novo.

Conversamos algumas vezes pelo telefone desde nossa noite em Paris, principalmente sobre o Bailly e as pesquisas dele, nunca sobre nós. Eu ainda não sabia se Lauralynn estava certa e se Dominik estava mesmo apaixonado por mim. Não tinha certeza nem se eu estava apaixonada por ele. Sentia mais que ele era a direita e eu, a esquerda; ele era o yin e eu, o yang. Éramos duas metades de um inteiro, e nenhum de nós funcionava bem sem o outro. Se isso era amor, então eu acho que estávamos apaixonados, mas eu duvidava que fôssemos ter qualquer coisa parecida com os romances de contos de fadas prometidos pelos livros de ficção e por Hollywood. Eu achava que acabaria me entediando se minha vida desse uma virada açucarada como o prometido nas páginas dos livros de capas de tons pastel com títulos em itálico e alto-relevo dos quais sempre fugia como o diabo foge da cruz, talvez por medo de cair nos encantos deles.

Eu gostava de Dominik por todos os motivos que deviam servir para eu não gostar. Estar com ele era como andar no fio de uma navalha. Dominik era tudo que eu queria que minha vida fosse: imprevisível e com o toque certo de perigo. Mas ainda não fazia ideia do que ele sentia por mim.

Ele sugerira que nos encontrássemos no café em St. Katharine Docks, onde aconteceu nosso primeiro encontro havia menos de três anos. Eu não sabia se ele tinha sugerido o lugar por sentimentalismo ou conveniência.

Quase coloquei uma calça jeans e uma camiseta branca, uma combinação que escolhia raramente, mas que ele sempre pareceu apreciar, talvez por saber ser um visual que eu usava sem pretexto, em situações em que me sentia verdadeiramente relaxada e confortável. Mas no último momento escolhi uma saia curta, na esperança de ele levantá-la e fazer o que quisesse comigo em um banheiro das redondezas, ou em algum beco, ou no banco de trás do carro. Mesmo uma mão na coxa seria difícil de encorajar com calça comprida.

Chovia quando segui pelo pier até o café. Estava quente quando saí de casa, então não me dei ao trabalho de pegar um guarda-chuva, e estava de sapatos com abertura nos dedos. Minha blusa ficou molhada e grudada na pele, e água escorria pelas minhas pernas.

Levei um tempo para abrir a porta do café, pois minhas mãos tremiam tanto que não consegui segurar a maçaneta. Estava tomada de uma mistura inebriante de empolgação e euforia pela ideia de vê-lo de novo.

Eu tinha a esperança de ser a primeira a chegar, para poder ter a chance de

desaparecer no banheiro e me secar um pouco, ou pelo menos consertar o cabelo que estava grudado nos ombros. Mas Dominik já estava me esperando no canto debaixo da escada, no mesmo lugar em que nos sentamos em nosso primeiro encontro. Ele já havia feito o pedido. Um dos garçons estava a caminho com uma bandeja com um *espresso* para ele, um *flat white* para mim e um açucareiro.

Sentei-me na cadeira em frente à dele, com as coxas molhadas deslizando na madeira dura.

— Esqueceu o guarda-chuva? — perguntou Dominik com um sorriso provocador.

— Não, fiquei molhada de propósito — respondi bruscamente.

Fiquei vermelha assim que acabei de falar, sem saber bem o que me fez reagir assim quando fui até lá com a intenção de deixar claro que queria ficar com ele. Falei querendo brincar, mas as palavras saíram mais duras do que eu pretendia. Estava nervosa e com vontade de parar de falar para simplesmente tocá-lo.

Dominik me encarou com os olhos brilhando com algo não dito. Desejo, talvez. Eu conseguia sentir meus mamilos endurecendo sob o tecido molhado da blusa e não podia culpar o frio. Estava úmido, mas talvez fosse a presença de Dominik que me deixou quente.

Eu tremi, apesar do calor.

— Vá se secar — disse ele. — Você vai pegar um resfriado. Temos muita coisa pra falar, então é melhor você estar à vontade.

Eu me perguntei, com uma pontada de dor, por que ele não me convidou para ir até a casa dele em Hampstead. Eu teria ido com prazer, e poderíamos ter ficado quentes e secos na cama dele. Talvez me convidar para um encontro fora de casa fosse um sinal de que não queria complicação, que depois de recuperar o Bailly para mim, seríamos apenas amigos e nada mais.

Parte de mim desejava que ele não encontrasse o violino imediatamente, para que eu tivesse mais desculpas para vê-lo de novo. Outra parte queria meu instrumento de volta desesperadamente, para que a sensação dele nas minhas mãos e o som fluindo por mim sempre me lembrassem de Dominik.

Tirei as roupas no banheiro e as segurei debaixo do secador de mãos, ficando de pé ao lado do espelho só de calcinha e sutiã. Fiquei torcendo para que ele entrasse, mas não entrou. Sexo em um cubículo do banheiro não era o estilo de Dominik. Ele acharia não cavalheiresco, talvez, ou proletário, encarando da mesma maneira que via piercings de umbigo, tatuagens não artísticas e sexo no banco de trás de um táxi.

Ele havia pedido uma segunda rodada de cafés quando voltei seca para a mesa, pois a primeira xícara tinha esfriado enquanto eu estava no banheiro.

— Summer... — começou ele.

— Antes que eu esqueça — interrompi —, aqui estão as chaves. E as anotações que você pediu. — Ele estava prestes a dizer alguma coisa sobre nós, eu tinha

certeza, mas a expressão sofrida no rosto dele me fez pensar que não era coisa boa, e eu não conseguia suportar que terminasse a frase se era para me dizer que não gostava de mim como eu pensava.

— Lamento sobre Viggo — disse Dominik. — Sei que você... gosta dele.

Dei de ombros, mais uma vez ciente de não estar me comportando da maneira que pretendia, mas sem saber como transmitir a forma como me sentia. Eu precisava do Bailly nas mãos para poder mostrar para ele, fazê-lo ouvir, fazê-lo ver todas as coisas que eu queria lhe dizer. Sem o violino, eu ficava muda, com a música no meu coração trancada na perversão da minha mente.

Franzi a testa em uma tentativa de me esforçar mais, para não sair desse encontro com a sensação de ter feito a coisa errada de novo.

— Eu gosto mesmo dele. Mas não é assim. E se ele estiver com meu violino... bem... não devo nada a ele.

A expressão no rosto de Dominik era inescrutável. Olhei nos olhos dele, mas não vi reação, e segui a curva do maxilar até a boca. Ele ficou em silêncio, então continuei. Qualquer coisa para evitar uma pausa constrangedora entre nós.

— Amo o Bailly. É verdade. Mas não vale o risco... Você não precisa fazer isso.

Minha voz falhou quando falei as últimas palavras, e prestei atenção a cada movimento de Dominik, para ver se ele tinha sentido o que eu queria dizer, se sabia que eu não o perderia por nada. Eu estava morrendo de medo de ele ser pego e preso, de Viggo se vingar de alguma forma. Mas Dominik ignorou meus protestos e mudou de assunto, voltando a falar da pesquisa. Talvez isso fosse tudo que eu significava para ele, afinal: uma forma de escrever romances, uma coisa em que se concentrar, porque não tinha ideias melhores.

Permanecemos sentados no café por mais uma hora, mas não falei nenhuma das coisas que pretendia, nem sonhei em dizer. Dominik não mencionou nada sobre nós dois. Se ele queria e não conseguia emitir as palavras, ou se apenas não tinha nada a dizer, eu não sabia. Talvez fosse correr para casa depois para escrever tudo, com mais combustível emocional para seu novo herói e heroína, fossem quem fossem. Será que todos os autores canibalizavam suas próprias vidas?

Confirmamos a sequência de eventos nos mínimos detalhes até o final do encontro.

Eu atrairia Viggo para fora de casa em um determinado horário, e Dominik entraria e daria um jeito de descobrir a senha do cofre. Para mim, o ponto de impasse era que eu estava convencida de que em segundos ele dispararia o alarme da mansão e uma equipe da SWAT chegaria para levá-lo, mas Dominik tinha certeza de que a senha seria alguma coisa óbvia, como o aniversário de Viggo ou 1-2-3-4. A opinião dele sobre a imaginação de astros de rock era bem ruim.

Com o plano confirmado, ele colocou as cópias das chaves da casa de Viggo no

bolso do casaco e me levou até a estação de trem de Tower Hill. Ele me deu um beijo na testa como despedida, e resisti ao desejo de enfiar as mãos no cabelo dele e puxar o rosto até sua boca se encontrar com a minha.

Faltavam poucos dias para a invasão planejada, e os passei tentando desesperadamente não pensar nisso. Eu saía regularmente, tentando disfarçar meu comportamento estranho para que Viggo e Luba não reparassem no meu constrangimento. Peguei o trem de Belsize Park até o East End, meu velho território de caça, e assisti a filmes no RichMix Cinema. Fui a concertos no bar debaixo do cinema para ouvir músicos dos quais nunca tinha ouvido falar, sentada ao fundo com uma taça de vinho, deixando que a música preenchesse minha mente e afastasse todos os outros pensamentos. Pedi com regularidade que Fran se juntasse a mim, mas ela sempre recusava com um pretexto ou outro. Eu me perguntava se ela estava passando o tempo com Chris.

Os minutos passaram como uma maré, implacáveis, até que finalmente chegou a tarde que planejamos para a invasão. Eu tinha a tarefa de manter Viggo e Luba ocupados, longe da mansão, até Dominik me ligar avisando que tinha saído da casa e que era seguro voltar, independente de ter encontrado o Bailly e de tê-lo recuperado ou não.

— Você está bem, gata? — perguntou Viggo quando estávamos nos aprontando para sair. Eu lutava para passar um pente pelo cabelo embaraçado, com mais impaciência do que o normal. — Nervosa?

— Apavorada.

— Não se preocupe, tenho certeza de que vai dar tudo certo — disse ele para me acalmar, tirando o pente da minha mão. — Sente-se. — Viggo afundou na beirada da cama e apontou para o espaço na frente. Eu me sentei no chão, relaxei contra os tornozelos dele e deixei que assumisse a tarefa de desembaraçar meus cachos, como se eu fosse uma criança. A sensação era agradável, e pelo menos assim eu não tinha que olhar para ele. — Tenho certeza de que vai ser incrível.

Viggo afastou o cabelo do meu rosto com delicadeza e eu me entreguei à carícia, totalmente dividida em relação à coisa toda. Eu me sentia como Judas, planejando traí-lo, embora a ideia fosse ridícula considerando as circunstâncias. Se ele estivesse com o Bailly, e eu tinha certeza de que estava, então eu devia estar sentindo uma fúria louca e odiosa. Só que Viggo não era o tipo de pessoa que dava para se odiar. Era excêntrico e selvagem, mas não havia uma célula maliciosa em seu corpo. Parecia um menino mimado que estava tão acostumado a ter tudo que queria que não se dava ao trabalho de pensar nas consequências de tomar para si qualquer coisa que o atraísse. Eu tinha dificuldade em odiar uma pessoa pela própria natureza e me

sentia hipócrita por isso, pois estava bastante ciente de minhas próprias imperfeições.

Luba saiu do chuveiro em uma nuvem de vapor, nua e ainda pingando. Era hábito dela se secar naturalmente em vez de usar uma toalha. Ela gostava da sensação de umidade, e era por isso que passava tanto tempo na piscina do porão, nadando na água como uma sereia.

Ela se agachou e pressionou os lábios sobre os meus, passando a língua de leve entre meus dentes e meu lábio superior. Suspirei de prazer e comecei a retribuir o beijo.

Afinal, Dominik tinha dito que eu deveria tomar cuidado especial de agir normalmente, e os beijos de Luba eram inebriantes. Às vezes eu me perguntava se ela era humana ou talvez alguma espécie de bruxa que Viggo empregava para ajudá-lo a roubar as coisas que queria.

Viggo, Luba e eu estávamos a caminho da prévia da exposição fotográfica de Grayson. Era a primeira vez que saíamos em público os três juntos, mas eu tinha decidido arriscar a fúria de Susan caso fôssemos fotografados; tudo em prol de tirar os dois de casa por algumas horas.

Havia uma exibição particular algumas horas antes da abertura da exposição para o público. Ficaria cheia de colecionadores, modelos e voyeurs. Luba se misturaria com as muitas mulheres atraentes que eu esperava que comparecessem, Viggo era um colecionador de arte conhecido e eu tinha sido fotografada por Grayson. Achava, então, que irmos juntos não atrairia atenção indevida como aconteceria se tivéssemos ido a um restaurante e pedido mesa para três.

Na verdade, a ideia de usar a exposição como forma de atrair Viggo para fora da mansão era o motivo de eu ter concordado em ir até lá.

Grayson me ligou quando eu estava em Berlim, visitando o Flohmarkt em Mauerpark com Lauralynn. Queria me perguntar sobre as fotos.

Inicialmente, fiquei lisonjeada quando falou que me fotografar com o violino o inspirara a fazer outra série de nus envolvendo modelos posando como musicistas com seus instrumentos, explorando a sexualidade e a música. Mas a lisonja virou medo quando ele pediu minha permissão para incluir um bom número das fotos mais explícitas que havia tirado de mim na exposição.

A princípio, apesar do encorajamento de Lauralynn, respondi que não. Ele tinha me garantido que as cortaria de forma que eu não ficasse reconhecível, que até tiraria meu cabelo ruivo das fotos finais, e eu sabia que ele havia posicionado a luz

de forma que meu rosto só aparecesse de vez em quando nas sombras. Mas eu achava arriscado, considerando o tipo de plateia para quem tocava nos concertos clássicos. Eu sabia que sexo vendia, e tinha funcionado para mim, mas a fronteira entre o que a maioria das pessoas achava sexy e o que achava ofensivo era bem tênue, e as fotos de Grayson provavelmente ultrapassariam esse limite.

Quando me dei conta de que levar Viggo e Luba comigo na exibição particular seria a maneira perfeita de permitir a invasão de Dominik, mudei de ideia, liguei para Grayson e dei permissão para que usasse algumas das fotos.

Havia também uma parte de mim excitada com a ideia de uma sala cheia de pessoas olhando para fotos minhas ampliadas sem roupa nenhuma. Não era vaidade, mas uma espécie de voyeurismo ao contrário. Fiquei com a mesma sensação de excitação amedrontada que senti quando toquei nua para Dominik nos recitais e fiquei nua em festas particulares.

Grayson estava de calça jeans, uma camisa larga de marca e um paletó macio cor de areia. O cabelo estava penteado para trás e para o lado como sempre. Cumprimentou-me com um beijo em cada bochecha. Havia uma leve química entre nós, mas os olhos dele eram simpáticos e um pouco distantes, como os de um colega de trabalho ou conhecido.

Ele olhou para Luba com interesse, mas provavelmente estava avaliando o potencial dela como modelo. Ela era bonita, é claro, mas eram o rosto expressivo e os movimentos graciosos, sem contar os anos como dançarina, que lhe davam a capacidade de fazer poses. E a forma como a pele dela parecia brilhar de forma quase sobrenatural sob a luz a tornava o sonho potencial de um fotógrafo.

Viggo já estava circulando, olhando as fotos, torcendo para rapidamente identificar e reservar as que queria acrescentar à sua coleção, se houvesse alguma.

Deixei Luba e Grayson se apresentando e segui em meio às pessoas para ver a exposição. Estávamos no penúltimo andar de um prédio comercial em Southwark, perto da Tate Modern. Eu já tinha ido a uma festa de sexo na cobertura de um hotel ali perto, eu e Dominik já não nos encontrávamos mais e ele me encorajou a prosseguir com minhas explorações sexuais. A vista pelo vidro espesso que se intercalava com as paredes nas quais as fotos estavam penduradas não era diferente da visão de Londres que tive na naquela noite, ao olhar pela janela do hotel, absorvendo os sons entusiasmados do casal atrás de mim.

As luzes da London Eye brilhavam à minha esquerda, girando e piscando em seu movimento quase imperceptível. A água no Tâmesa brilhava como ônix, uma flecha preta dividindo a cidade em binários, norte e sul, dia e noite, baunilha e pervertido, submissão e dominação... Summer e Dominik, talvez, se esta noite corresse bem. Ele e o Bailly tinham ficado unidos na minha mente, de forma que eu não conseguia imaginar um sem o outro, e sentia o tipo de certeza que pertence a premonições

ilógicas: se esta noite trouxesse meu Bailly de volta, também traria Dominik consigo.

— Com medo de olhar suas fotos, querida? — disse uma voz grave atrás de mim. Viggo tinha aparecido tão repentinamente quanto uma sombra. O tom da voz dele era hipnótico no meu ouvido, e me encostei nele sem nem pensar no que estava fazendo, relaxando languidamente em suas palavras como uma serpente reage ao encantador.

Eu estava aliviada de ter as fotos como desculpa pelas minhas mãos trêmulas, palmas suadas e coração batendo forte. Ainda não havia sinal de Dominik, e esperar o recado que eu estava esperando a qualquer momento, que me diria que tudo tinha saído como planejado, me deixou muito nervosa.

Fiz um gesto de concordância, algo entre um movimento de ombros e uma tentativa de me esconder ao me encolher entre os ombros como uma tartaruga que se encolhe no casco, fingindo mais desconforto do que sentia pela exibição da minha nudez.

— Você é linda — falou ele baixinho. — Comprei todas. Venha ver.

As fotos estavam enfileiradas pelo salão, com uma seta indicando onde o visitante devia começar, de forma que as imagens formassem uma narrativa do começo ao fim.

Grayson tinha fotografado tanto homens quanto mulheres, alguns vestidos e outros nus. Algumas pessoas eram apresentadas como verdadeiras musicistas, ou pelo menos pareciam ser, a julgar pela forma como se sentavam e interagiam com os instrumentos na imagem. Não reconheci ninguém, vestido ou nu.

A primeira foto mostrava um belo homem louro usando terno, tocando saxofone, com a gravata frouxa e os botões da camisa parcialmente abertos. Ele parecia completamente perdido na música, com olhos fechados, cabeça para trás, o instrumento bem erguido. Outro homem, nu, ajoelhado aos pés dele, parecia dedicado a fazer um boquete no saxofonista, apesar de a imagem não mostrar nem pau nem boca. Uma flauta sustentava o foco da imagem, uma haste prateada no chão perto dos joelhos dele.

A seguinte era uma foto de duas mulheres abraçadas, uma sentada em uma cadeira e a outra a montando, com a pele tão unida que a curva dos seios que se tocavam mal era perceptível. Uma estava tocando trompete e a outra olhava ao longe, com as mãos enfiadas no cabelo da que estava com o instrumento.

Passamos por foto após foto, algumas simplesmente belas, outras chocantes. Viggo fez uma pausa por bastante tempo em frente a cada uma de uma série de fotografias que mostrava belas mulheres fazendo amor com seus instrumentos: flautas, arcos e até mesmo um clarinete dentro de suas vaginas. Em cada caso, o

rosto e os olhos da modelo eram o ponto focal da foto, e suas expressões variavam entre luxúria e uma espiritualidade incomum. Em outra, uma mulher estava de quatro, com os seios nus pendurados, o rosto completamente relaxado, tão sem expressão quanto uma peça de mobília, enquanto um homem, completamente vestido, batia no traseiro dela com baquetas.

As minhas fotografias estavam reunidas no final, e todas tinham etiquetas brancas embaixo com a palavra “vendido”. Viggo foi sincero, tinha comprado o conjunto todo. Elas eram diferentes das outras fotos, pois fui a única modelo a pedir anonimato, então apenas meu corpo estava exposto, sem meu rosto. Por causa do meu pedido de excluir meu identificável cabelo ruivo, ele não pôde incluir nem meu maxilar nem meus lábios em nenhuma imagem, então eu estava completamente sem cabeça em todas elas.

Mesmo assim Grayson tinha conseguido capturar uma aura de sexualidade na pose do meu corpo, na forma como minhas mãos agarravam possessivamente o braço do violino, a maneira como eu segurava as curvas do instrumento perto da pele.

Na imagem mais impressionante, eu estava sentada, inclinada ligeiramente para trás com as pernas bem abertas e com o violino bem acima do meu sexo, como se tivesse dado à luz meu instrumento. Meus braços estavam esticados e meus dedos se entrelaçavam em um aperto intenso, como se estivesse exibindo uma arma, mas não estava claro se estava me preparando para abaixar o violino para me ferir ou se o estava segurando como um escudo. Em outra, eu estava deitada de lado, de conchinha com o violino, como se acariciasse um amante. Meu corpo estava completamente relaxado, exceto pelos pés esticados como os de uma bailarina, como se, apesar de reclinada, eu estivesse pronta para sair correndo a qualquer momento.

Eu esperava que ver as fotos na presença de outras pessoas fosse excitante. Ninguém sabia quem eu era, não se davam conta de que eu estava entre eles como qualquer pessoa comum enquanto olhavam para minhas partes mais íntimas. Mas acabei achando alarmante. Sem cabeça, fiquei reduzida a existir como um corpo, sexo e nada mais, sem mente e sem coração, e me dei conta de por que Grayson tinha escolhido essas fotos para serem vistas no final da exposição. Elas eram as mais chocantes, apesar de não exibirem nenhum tipo de penetração nem atividade sexual, como a maioria das demais. Eram as únicas fotos sem olhos, sem expressão, sem amor, sem afeição e sem ligação humana.

Comecei a tremer quando uma onda de infelicidade me invadiu.

Viggo me virou para olhar para ele.

— Ei, o que está te incomodando, querida?

Não pude responder, pois não tinha resposta e, mesmo se tivesse, duvidava de que seria capaz de articular entre os soluços silenciosos.

— Shhh... — falou, me envolvendo com os braços. — Vamos encontrar um lugar pra sentar, e aí você pode me contar o que está acontecendo.

Um desenho de Degas

Assim que fechou a porta da frente depois de entrar, Dominik se aproximou do painel do alarme com mãos trêmulas e, com uma vibração de excitação, digitou o código do sistema. Antes disso, ele havia esperado cinco minutos inteiros para ver se alguém abriria a porta atendendo ao som da campainha. Summer tinha garantido que não haveria ninguém em casa pelo resto do dia, mas, como invadir casas não era um passatempo regular seu, estava nervoso e preferiu verificar a informação por si mesmo.

As cópias das chaves que Summer tinha feito funcionaram e abriram trancas e portas sem resistência. Quase fácil demais até aquele momento.

3-3-1-3-R-P-M.

A cada dígito pressionado no teclado, a pequena tela de LCD piscava em verde até que todo o painel liberou a passagem.

Dominik sorriu. Viggo Franck, um músico da era do CD e do download digital, tinha uma senha inspirada na velocidade em que a maioria dos discos de vinil girava. Era uma piada particular que poucos perceberiam, mas pelo menos era mais original do que o aniversário ou uma data histórica famosa, que era o que a maior parte das pessoas usava.

A grande casa estava tomada de silêncio. Só havia o zumbido baixo do ar-condicionado se espalhando pelo vazio dos aposentos.

Ele seguiu para a escada em espiral que Summer tinha descrito e desceu com cautela pelos degraus até a área subterrânea da mansão.

Encontrou a galeria arejada, cheia de esculturas e instalações, como um salão em um museu com fileiras de luzes escondidas no teto branco, cada *spot* artisticamente dirigido para iluminar uma pintura, gravura ou estrutura em particular, para apresentá-la em sua melhor característica, independente do ângulo do observador. As linhas de visão entre as esculturas de todos os tamanhos e cores eram limpas, os quadros nas paredes ao redor estavam todos alinhados na mesma altura, formando um balé de cores e composições. Dominik reconheceu as gravuras em estilo industrial de Warhol e alguns desenhos eróticos de touros e ninfas despidas feitos pela caneta enérgica de Picasso. Também havia algumas imagens mais clássicas:

jovens bailarinas no estilo de Degas, paisagens de flores *à la* Van Gogh, formas geométricas abstratas cuja modernidade não atingia o valor de arte aos olhos dele, e muito mais. Era uma galeria de maravilhas, e Dominik só podia supor o valor das obras em exibição.

Ele sabia que poderia passar séculos ali, admirando infinitamente a beleza de alguns dos itens da coleção de Viggo, mas essa não era a hora nem a ocasião. Dominik saiu do salão e desceu mais um andar na área subterrânea da mansão, chegando finalmente ao andar de pé-direito baixo da piscina que Summer sugerira que deveria investigar.

O brilho azul-esmeralda da água em repouso chamou sua atenção. Dominik não conseguiu deixar de imaginar a beleza pálida e nua de Summer cruzando a piscina estreita e curva que seguia como um rio pelo aposento, abrindo e fechando as pernas sob a superfície, como as páginas de um livro, o cabelo de fogo flutuando atrás como uma mancha colorida derretendo na água e dando-lhe vida.

E, é claro, a perfeição esculpida do corpo de Luba, relaxando como uma rainha sereia perto da cascata artificial e do amontoado de pedras lisas, molhadas e cinzentas. Ah, as histórias que esse local sem dúvida teria para contar...

Dominik saiu rapidamente do estado meditativo e, observando a área mais escura do salão, procurou o armário de vidro no qual muitos dos instrumentos musicais de Viggo estariam expostos. Lá estava, depois de algumas esculturas menores, artefatos, ninfas e criaturas grotescas esculpidas em madeira, uma estrutura grande embutida, feita de aço e vidro e que ocupava metade da parede mais estreita. De onde Dominik se posicionava, conseguia ver camadas paralelas de prateleiras, cada uma tomada de vários instrumentos entulhados sem espaço entre si, inertes, lamentáveis por não terem sido tocados em anos.

Em uma extremidade havia uma fileira de guitarras, algumas brilhantes e modernas, que atraíam a luz refletida na água próxima, outras foscas e com corpos pesados, e ainda havia aquelas em pé, em fila no armário como uma parada de soldados em um palco. Abaixo da variedade de guitarras, em uma prateleira mais baixa, havia dois acordeões e, ao lado, vários instrumentos de sopro: alguns trompetes, um trombone e, um saxofone, quase todos em péssimas condições, com o metal maltratado e marcado, como sobreviventes de um naufrágio. Bem perto havia duas prateleiras com violinos.

Dominik se aproximou do armário alto de vidro, desviando das beiradas molhadas da piscina.

Só havia quatro violinos em exibição, e ele rapidamente olhou para cada um. Nenhum era o Bailly. Eram todos inegavelmente bonitos, tratados com a pátina do tempo, delicados, com a madeira do corpo se misturando nas raras combinações de marrom e laranja, alguns manchados, outros uniformes, com o formato elementar

esculpido para sempre. Dominik não conhecia muito sobre violinos antigos, fora o Bailly e as histórias que o acompanhavam, mas sabia que aqueles eram obras raras e belas. Havia uma fragilidade inegável nesse conjunto de instrumentos, como se fossem preciosos demais agora até mesmo para serem tocados, porém Dominik sabia que o som deles, nas mãos certas, transmitiria calor e pureza.

Reparou que o armário de vidro não estava trancado e uma das portas estava um pouco torta. Ficou tentado a pegar um dos violinos raros nas mãos, mas sabia que não faria sentido, pois nem sequer sabia tocar.

Uma onda de apreensão percorreu sua mente. Será que estivera errado o tempo todo e Viggo não tinha envolvimento com o desaparecimento do Bailly? Ele então se lembrou de Summer contando sobre o armário de vidro: se o Bailly estivesse ali, ela o teria reconhecido. Sim, o cofre. A porta que Luba mencionara. Onde Viggo fingia guardar seus discos de vinil. Dominik passou pelo armário e viu o arco escondido e a porta de aço que abrigava. Talvez os donos iniciais da casa, que mandaram fazer esses andares subterrâneos, tivessem pensado no local como uma espécie de quarto do pânico.

Dominik segurou a maçaneta sem entusiasmo e tentou girá-la, mas ela não se moveu em direção nenhuma. Ele não esperava que se mexesse.

Daquele momento em diante, estava por conta própria.

Havia um teclado eletrônico na lateral da porta.

Ele tinha se preparado da melhor maneira possível para essa possibilidade. Revirou a internet em busca de informações sobre a vida de Viggo Franck. A data de aniversário dele, dos pais, da irmã, as datas importantes até o momento atual de sua vida, o primeiro casamento, as datas dos lançamentos das primeiras músicas e dos primeiros álbuns e assim por diante. Dominik digitou a data de nascimento de Viggo, mas nada aconteceu. Mais uma vez, não era surpresa. Normalmente, esses sistemas exigiam uma série de letras e números. De improviso, ele tentou as iniciais de Viggo seguidas de uma sequência numérica começando com 1. Depois 2, 3, 4, 5, mas não houve clique familiar indicando que tinha digitado a senha certa.

Deu um chute desesperançado na porta, mas ela nem sequer tremeu.

Tudo aquilo para nada.

Então se lembrou da senha da porta da frente que Summer fornecera. Mais uma vez, não houve sinal de reconhecimento. Usar a mesma senha para duas portas diferentes teria sido mesmo uma mancada muito grande.

Um pensamento lhe ocorreu.

O cofre de vinil.

Discos.

A senha da porta da frente era 3-3-1-3-R-P-M.

Um sorrisinho se abriu nos lábios de Dominik.

Viggo, o brincalhão...

Ele digitou uma nova senha.

4-5-R-P-M.

Houve um zumbido alto, e Dominik ouviu o mecanismo dentro da pesada porta estalar. Prendeu a respiração e colocou os dedos ao redor da maçaneta de metal da porta. Não houve resistência desta vez. A tranca não bloqueava mais seu acesso.

Dominik sentiu um jato de pura adrenalina pulsando em suas veias.

Ele aplicou uma pressão gentil à porta e a abriu silenciosamente, como se apoiado em uma almofada de ar.

Era um aposento pequeno, tomado pela escuridão. Dominik entrou com cautela, explorando às cegas a parede com a mão, em busca de um interruptor. Não conseguiu achar nenhum a uma distância segura da entrada, mas de repente uma tira de luz neon se acendeu, provavelmente um sistema sincronizado com a abertura da porta, e gradualmente aumentou de intensidade.

O espaço era quadrado e sem janelas. A parede oposta era ocupada por prateleiras: havia algumas mesas de exibição baixas no centro e o restante das paredes exibia meia dúzia de quadros e gravuras emolduradas penduradas em intervalos irregulares. Por um momento, Dominik se perguntou por que as obras de arte estavam ali, em vez de em exibição lá fora. Seria por serem mais valiosas? Mas, quando seus olhos se afastaram das paredes, sua atenção rapidamente foi capturada por uma das peças de mobília quadradas, pesadas e com vidro na superfície, em cima da qual o Bailly estava exposto.

Um suspiro de alívio profundo saiu de sua boca.

Ele o teria reconhecido mesmo se estivesse escondido no centro de uma pilha enorme de violinos parecidos. Era inconfundível.

O instrumento procurado parecia intacto, com o verniz capturando a luz e irradiando calor pelo pequeno aposento.

Dominik se aproximou da mesa, passou os dedos pelas cordas do violino, viu que estavam esticadas e reagiam ao toque, e os ecos de milhares de melodias tocadas por Summer para ele voltaram com tudo, assim como as circunstâncias em que ouvira cada uma delas.

Ele suspirou.

O Angelique.

Um mero instrumento, com quatro cordas afinadas em intervalos perfeitos de quinta. Entalhado em madeira e afinado com a intuição, montado com cola, com formato de ampulheta, assim como uma mulher, cujas curvas voluptuosas evocam as formas primitivas do desejo.

Mas era um instrumento que agora tinha tanto significado em sua vida. Ele o havia unido a Summer, vira o encontro deles, a separação, o distanciamento. Foi ele quem

testemunhara sua alegria e tristeza, paixão e sofrimento.

Um violino com sua própria história. Será que Dominik e Summer foram apenas mais um capítulo nela? Quem seguiria os passos deles, quem entraria em cena em seguida?

Mas Dominik sabia que esse capítulo em particular ainda não tinha chegado a um final apropriado.

O violino roubado estava ali. Mas e o arco? Não estava com o instrumento no suporte de exibição. Ele nem sabia se o arco pertencia ao Bailly, se tinha sido feito ao mesmo tempo, bem mais de um século atrás, e se acompanhara as aventuras do violino ao longo dos anos.

Percorreu o aposento com os olhos novamente.

Algumas das gravuras e dos quadros pendurados na parede mais perto da porta pareceram familiares, como se os tivesse visto cem vezes nas páginas de livros de arte ou catálogos de exposições, mas Dominik não conseguiu identificar nenhum pelo nome. Ao passar ao lado das prateleiras e pela enormidade de pedrinhas, carros de brinquedo vintage e bonecas de porcelana, ele finalmente encontrou o arco esquecido em um canto. Caminhou até lá para pegá-lo.

Quando se mexeu, ouviu um sibilar delicado, como ar sendo expelido por um par de pulmões. Dominik se virou, tentando localizar de onde o som vinha. Era a porta da salinha. Fechando. Quando se deu conta do que estava acontecendo, saiu correndo, largou o arco e esticou os braços na tentativa de segurar a porta antes de a abertura cada vez menor entre ela e a moldura reforçada sumir.

Não conseguiu por uma fração de segundo.

— Porra!

Dominik tentou girar a maçaneta freneticamente. Nem se moveu.

Estava trancado.

— Droga, droga, droga. — Ele xingou baixinho por pura raiva de sua burrice. Devia ter prendido a porta com alguma coisa. Como tinha sido burro.

Ele era um maldito amador, essa era a verdade.

Deste lado da porta não havia teclado no qual pudesse digitar a senha ou tentar descobrir outra combinação que funcionasse.

Sua mente estava disparada, agarrando-se a pensamentos em uma tentativa apressada de refletir direito, mas sua cabeça era uma confusão louca e desesperada, e não havia solução óbvia para a situação. Ele tentou o celular, mas, como esperado, estando ele nas profundezas da mansão e atrás de uma porta pesada de metal, não havia sinal. Enquanto se acalmava e ficava mais racional, deu-se conta de que não havia resultado milagroso que pudesse elaborar. Ele teria que se sentar com paciência e esperar o próximo visitante ao porão da mansão. Viggo, muito provavelmente. Seria constrangedor e era capaz de ele acabar preso. Dominik já

conseguia ver as manchetes. Em uma página da parte de trás do jornal, é claro, pois a insignificância da situação jamais mereceria uma primeira página. “Ex-escritor preso em flagrante roubando casa de astro do rock”, “Professor vira ladrão”. Qualquer uma das duas opções seria profundamente humilhante.

A única coisa positiva em que conseguia pensar era poder contar a Summer onde o violino estava. Desde que conseguisse ter acesso a ela, refletiu. Mas sem dúvida Viggo levaria imediatamente o instrumento para um local seguro. Que confusão horrível!

Dominik ainda estava se dividindo entre pensamentos aleatórios e indefinidos quando reparou na luz neon da sala começando a se apagar, com a energia diminuindo a cada segundo. Ele falou um palavrão. O timer estava ligado à abertura e fechamento da porta. Rapidamente, ficaria mergulhado em escuridão.

Quando se deu conta disso, uma outra semente de medo tomou conta dele. E o ar na sala, o oxigênio? Será que também desapareceria? Ele não tinha visto evidência óbvia de ventilação nem de ar-condicionado quando a luz ainda estava acesa.

Isso estava ficando muito mais sério do que ele inicialmente havia pensado.

Quanto tempo o suprimento de ar duraria?

Viggo tirou a jaqueta de couro, colocou-a sobre meus ombros e me levou para fora do salão da galeria até o bar que havia sido montado para oferecer bebidas aos convidados VIP. Estava tranquilo lá dentro, pois a maioria das pessoas estava pegando bebidas e levando para a sala da exposição. Um homem de terno que parecia ter saído direto do trabalho estava de pé sozinho no bar, bebendo algo transparente em um copo baixo com canudo curto. Provavelmente, gim-tônica. Ele nos lançou um olhar curioso, talvez por reconhecer Viggo, ou apenas se perguntando por que eu parecia tão perturbada, e depois voltou a atenção para a bebida. Duas mulheres de vestido de gala estavam de pé ao lado de uma mesa alta lançando olhares para o sujeito de terno, talvez se perguntando se era solteiro e se deviam se aproximar para descobrir. Uma estava de rosa e a outra de amarelo, e elas se destacavam como um par de pássaros coloridos, se mexendo sem parar para contrabalançar a dor de usar saltos altos.

Viggo me colocou em um banco no canto mais escuro do aposento e foi até o bar. Voltou alguns minutos depois com dois copos baixos para uísque cheios até a metade com o líquido cor de âmbar e um copo de gelo.

— Tome um pouco disto — disse ele. — Vai acalmar você.

Tomei um gole grande e quase cuspi. A bebida queimou minha garganta, e o gosto

remanescente era como fluido de isqueiro, mas em poucos segundos meus membros começaram a ficar agradavelmente quentes, e longe da multidão na galeria e da presença das fotos, eu relaxei. Viggo se inclinou para a frente e passou o polegar delicadamente debaixo de um olho e do outro, para limpar minhas últimas lágrimas.

Quando ele fez isso, tive um vislumbre do seu relógio. Mais de uma hora havia se passado desde que chegamos e eu ainda não tinha tido sinal de Dominik. Ele havia prometido me mandar uma mensagem de texto quando tivesse terminado, ou se abandonasse a missão, para que eu soubesse que estava em segurança e não tinha disparado todos os alarmes nem sido preso. Viggo não tinha cães de guarda, e Dominik ia entrar pela porta da frente, então não tinha muros perigosos para escalar nem janelas pelas quais entrar. Eu não tinha motivo para ficar preocupada com a segurança dele.

Mesmo assim, uma semente de medo começou a crescer dentro da minha barriga, um tipo de perturbação virando outra até eu começar a tremer de novo. Tinha me tornado uma pilha de nervos, tão diferente de como costumava ser.

Viggo se inclinou para a frente e segurou minha mão. As mãos dele eram grandes e as palmas, bem ásperas, com as unhas roídas até o sabugo. Ele nunca demonstrava o mínimo de estresse nem de nervosismo, fora o hábito de roer as unhas.

— Me conte o que há de errado. Sei que não são as fotos. Você não anda a mesma desde a turnê. É aquele homem que você encontrou?

— Dominik? — Meus olhos se arregalaram de surpresa e medo. — Como sabia sobre ele? — perguntei, e meu medo de ser descoberta transformou minha voz em uma acusação.

— Não precisa ficar ressabiada, querida. Nós somos três dividindo uma cama, então nunca achei que você fosse o tipo de garota de um homem só. Também não acho que Luba permaneça fiel quando viaja a trabalho. Ela está ali no salão agora mesmo seduzindo seu fotógrafo. Mas se esse outro cara seu te magoou de alguma forma...

— Não, nada disso. Tivemos alguns desentendimentos, claro, mas sempre foi culpa dos dois. Ninguém é perfeito, não é? Eu certamente não.

Viggo riu.

— Se passássemos a vida esperando pelo homem ou pela mulher ideal, esperaríamos pra sempre. Na verdade, é por isso que gosto de ter mais de uma. Você tem algumas coisas de uma pessoa, outras coisas da outra. Funciona. Ao menos, pra mim. E Luba. Talvez pra você também.

— É uma forma muito madura de encarar as coisas. Mas emoções humanas nem sempre se explicam tão facilmente, né? Principalmente o amor.

Ele deu de ombros.

— Tudo é questão de comprometimento. E amor é o maior comprometimento de

todos.

— Eu achava que astros do rock não precisavam ter qualquer tipo de comprometimento — respondi com irritação.

— Acho que tenho mesmo uma vantagem sobre as pessoas comuns. Não há muita coisa que eu queira que não consiga.

Ele estava sorrindo com malícia, e sua voz, como sempre, tinha um toque de humor. Mas as palavras foram como um balde de água fria sobre a minha cabeça. Ele estava com o meu Bailly, o presente que Dominik me deu e que eu valorizava tanto, o instrumento pelo qual eu comunicava todas as minhas emoções. Tocar sem ele não era o mesmo, e eu o queria de volta.

— Você mandou roubar meu violino, não foi? — Mantive o tom firme, neutro. Era a declaração de um fato, não uma acusação.

Viggo pareceu desconcertado, mas não aborrecido. A ausência total de negação e de confusão solidificou minha certeza de que o Bailly estava com ele. Nem um toque de descrença ou de surpresa passou pelo rosto dele.

— Não sei o que você quer dizer — respondeu com tranquilidade, com o rosto agora vazio, uma imagem de inocência.

— Quero dizer que você pegou meu Bailly, o violino que me viu tocando, e acrescentou à sua coleção. Está no seu cofre. Com as outras coisas que você prefere não mostrar. No porão. Onde você diz que guarda a coleção de discos.

Até o fim, custe o que custar.

E então, Viggo fez uma coisa que eu não esperava, nem por um segundo.

Ele começou a chorar.

Ao ver o quanto ele estava perturbado, toda a minha raiva desapareceu, como uma névoa que some. Eu tinha visto bem poucos homens adultos chorando e não sabia bem o que fazer. Inclinei-me para a frente e dei um tapinha delicado no braço dele.

Ele pegou a bebida e deu um gole grande, até o copo ficar vazio. Trincou os dentes enquanto o uísque descia.

— Me desculpe — disse ele baixinho. — Achei que você não ia se importar.

— Você achou que eu não ia me importar? — rebati, perplexa. — Por que diabos você achou que eu não ia me importar?

— Você estava com ele no ensaio dentro daquela caixa simples. Achei que não fazia ideia do que era e que não podia ser muito importante pra você se o levava pra qualquer ensaio. Achei que era um de seus violinos de ensaio. Ou talvez que algum benfeitor tivesse emprestado pra você. Que você devia ter uns dez esperando no camarim. Além do mais, dizem que é amaldiçoado. Eu provavelmente estava te fazendo um favor ao tirar das suas mãos. E eu só ia olhar pra ele às vezes, segurá-lo, não estragá-lo. Ele ficaria em segurança no meu cofre, cuidado, apreciado...

Ele estava falando sem parar, como um louco, e os ombros começaram a tremer, como se estivesse prestes a cair no choro de novo. Dei uma espiada no bar, mas ninguém estava prestando atenção em nós; não deviam nem conseguir nos ver, escondidos na mesa do canto no escuro.

— Viggo — eu disse, com o tom mais tranquilizador que consegui, como se estivesse falando com uma criança —, o violino foi um presente. De Dominik. Eu o amava mais do que qualquer coisa no mundo. Como amo o próprio Dominik — acrescentei, e essas últimas palavras foram uma revelação para mim tanto quanto poderiam ser para Viggo.

Ele olhou para mim de novo e tirou uma mecha de cabelo escuro do rosto.

— Muito bem, então — falou, sorrindo de novo apesar dos olhos vermelhos. — Isso é fácil de resolver. Vou devolver pra você.

— Isso seria maravilhoso. — Era a minimização do século, se é que isso existia, mas a proposta dele pareceu tão frágil que eu não quis fazer movimentos repentinos para o caso de ele mudar de ideia. — Mas...

— Sim? — perguntou ele com ansiedade.

— Dominik já o roubou de volta. Ou pelo menos está roubando agora.

— O que você quer dizer? — perguntou, com o choque interrompendo imediatamente as lágrimas.

— Peguei suas chaves — respondi. — Fiz cópias. Me desculpe, eu só o queria tanto de volta e não achei que você fosse devolver com facilidade...

— E você me trouxe com Luba aqui pra nos tirar da casa, pra ele poder entrar?

— Isso.

— Mas você não sabe a senha do cofre.

— Ele achou que devia ser seu aniversário. Ou alguma coisa parecida. Ele ainda deve estar lá agora, o celular não pega no seu porão. Dominik combinou de me mandar uma mensagem de texto quando conseguisse entrar ou quando desistisse.

Passei a noite lançando olhares furtivos para meu celular cada vez que Viggo virava a cabeça, só para ter certeza de que não tinha perdido os bipes que indicavam a chegada de uma mensagem de texto.

Viggo entrelaçou os dedos e se inclinou para a frente, apoiando o queixo nas mãos, mergulhado em pensamentos, talvez analisando os passos que Dominik precisaria dar para ter sucesso na invasão.

— Ele nunca vai conseguir. O resto da casa é bem fácil, não tem câmeras, nem armadilhas, nada. Os vizinhos não conseguem ver quem entra pela porta da frente, e, mesmo que conseguissem, jamais desconfiariam que alguma coisa estava errada se vissem alguém que não conhecem entrando com chave. Estou supondo aqui que ele não tem aparência de ladrão. Você não transou com nenhum ladrão de arte, não é? Talvez ele tenha entrado, pegado o violino e outras coisas e fugido.

Balancei a cabeça com vigor.

— Nunca. Dominik é escritor... Ele estava fazendo pesquisas sobre o assunto, pra um romance. É o único interesse dele no Bailly. Isso e eu mesma, acho. Espero.

— Acredite em mim, querida, um homem não tenta cometer um crime por uma mulher por quem não está apaixonado. Ele deve gostar muito de você pra fazer isso tudo.

— Espero que sim. Acho que vou descobrir logo, logo. — Olhei para o celular de novo. A tela ainda estava vazia, sem sinal de nenhum tipo de comunicação.

— É melhor a gente voltar e deixá-lo entrar, então. Ele não está armado, está? Não quero que atire em mim se achar que foi pego no flagra.

— Dominik jamais...

— Não se pode confiar em um homem apaixonado. O amor provoca coisas estranhas no cérebro. Ligue pra ele e diga que estamos a caminho, e ficarei feliz em dar o instrumento pra você. Deixo até escolher outro se quiser, para compensar. Se não me denunciar pra polícia...

— Não vou denunciar você. E não preciso de outro violino. Só esse me basta.

— Talvez outra coisa, então.

Tirei o celular da bolsa e liguei para o número de Dominik apressadamente. Era o único telefone que eu sabia de cor, pois os números estavam entalhados no meu cérebro.

Caiu direto na caixa postal. O tom familiar da voz dele, mesmo na curta gravação, me encheu de saudade.

Deixei uma mensagem explicando que estava tudo cancelado, que Viggo tinha confessado, eu tinha confessado, tudo tinha ficado bem e estávamos a caminho do cofre, e que ele não devia tentar fazer nenhuma besteira.

Mas ele provavelmente não receberia a mensagem, a não ser que abandonasse a invasão e fosse para um dos andares superiores para conseguir um sinal de celular. Mesmo assim, talvez demorasse para a mensagem chegar. A falta de resposta me deixou meio em pânico. Eu não era supersticiosa, ria com deboche de horóscopos e sorria quando um gato preto cruzava meu caminho, mas eu me sentiria mais calma quando visse Dominik com meus próprios olhos e soubesse que nada tinha dado errado, que o celular só estava sem sinal, ou que talvez tivesse se esquecido de carregar a bateria e o telefone havia morrido.

Luba estava em clima de festa total quando voltamos para a galeria, com um copo de coquetel em cada mão, alternando goles de um e de outro.

— Se você não se importar — sussurrou Viggo ao meu ouvido —, prefiro manter a aventura de hoje entre nós.

Pedimos licença a ela e saímos cedo, com a desculpa de uma dor de cabeça. Ela estava conversando com a mulher de vestido amarelo que tínhamos visto antes no

bar e pareceu bem feliz em ficar sozinha com a nova amiga.

Grayson estava conversando do outro lado do salão. Decidi sair sem me despedir. Eu ainda não tinha me recuperado do efeito de ver as fotos cortadas e não sabia o que lhe dizer.

— Não se preocupe — tentou me tranquilizar Viggo, vendo as expressões misturadas cruzarem meu rosto. — Vou pagar a mais para que ele as tire da exposição, se você quiser. E vou trancá-las no meu cofre, longe de olhos curiosos.

— É gentileza sua — respondi. — Vou pensar no assunto.

Esperamos na sombra do prédio que um dos carros de Viggo fosse nos buscar. Eu tinha sugerido que ele não fosse dirigindo o Buick, para diminuir as chances de nós três sermos fotografados juntos. Viggo havia achado que era paranoia minha, mas terminou por concordar.

O ar frio da noite cortou minha pele e eu tremi, apesar do calor e do peso da jaqueta de Viggo por cima dos meus ombros.

Tirei o celular da bolsa de novo com dedos trêmulos. Ainda sem resposta.

Onde estava Dominik?

Quanto mais ele olhava para o relógio na escuridão e tentava ver a hora, mais curto era o intervalo desde a última espiada. O tempo estava devagar, quase parando. Dominik sabia que era psicológico e tentou não entrar em pânico.

A princípio, a qualidade do ar não se alterou, mas em pouco tempo o calor no aposento fechado começou a aumentar e ele teve que desabotoar a camisa. Depois, quando começou a sentir as costas úmidas de suor, tirou-a e colocou no piso de pedra.

Tentou ficar alerta, prestando atenção em sons que poderiam vir da casa do outro lado da porta grossa de metal. Mas o silêncio era absoluto, e tudo que conseguia ouvir era o som rascante da própria respiração enquanto começava uma contagem regressiva mental até algum ponto sem volta.

Sozinho em um lugar escuro com apenas suas lembranças.

Era assim a sensação da morte?

Lembranças de mulheres, de sorrisos, de olhos, torrentes de palavras ouvidas, ditas, escritas, todas piscavam na jornada até a luz branca.

Corpos, rostos, seios, aromas, as cores, as emoções.

E arrependimentos. Demais para contar ou listar.

Coisas que ele tinha feito.

Coisas que ele não tinha.

Dominik estava agachado no chão, sentindo o calor se acumular, com o precioso Bailly ao alcance da mão, orientando-se na escuridão.

O ar agora estava rareando ou era impressão dele?

Ficou tentado a fechar os olhos e adormecer, mas sabia que era a única coisa que não devia fazer.

Como Summer se lembraria dele nos anos futuros, quando não estivesse mais ali?, perguntou-se Dominik. Como um tolo que estragara tudo? Dominik sabia que, se morresse agora, as lembranças dela ficariam com ele até o último momento, se repetindo como um filme na tela de sua mente. Sorriu com fraqueza. A melhor forma de morrer era com Summer na mente, com a imagem do corpo dela nos olhos, presente até a eternidade.

Com pálpebras tremendo, Dominik pensou ter ouvido um som bem distante, leve, indistinto.

Ele se esforçou para ouvir, porém mais uma vez só havia silêncio. E então, novamente um eco remoto. Seu nome. Sendo gritado. Ele teve um medo momentâneo de ser alucinação, o sinal garantido de que estava perto do fim, mas o som ficou mais próximo. A voz de Summer seguida de outra, masculina. Viggo. Provavelmente descendo a escada em espiral.

Dominik esperou que as vozes chegassem ao andar mais baixo, e, quando os gritos reverberaram pelo teto baixo da piscina, gritou:

— Estou aqui dentro.

Houve um barulho de passos correndo até a porta trancada do cofre.

Por fim, a porta se abriu com um som de ar.

A luz entrou e cegou Dominik momentaneamente, pois ele estava mergulhado na escuridão havia algumas horas. Mas conseguiu identificar a forma irregular da silhueta de Summer e o corpo magro de Viggo atrás dela. Os rostos deles ainda estavam indistintos.

— Dominik! — gritou Summer.

— Estou bem — protestou ele.

— Tem certeza de que está bem?

— Estou. Só com um pouco de calor. — Ele se deu conta de que estava sem camisa.

A luz da sala se acendeu, disparada pelo timer da porta.

Summer andou até ele com olhos cheios de pânico quando se deu conta do que poderia ter acontecido.

— Sinto muito, de verdade... Nunca pensei...

Viggo sorriu após entrar atrás dela e verificar que sua coleção não tinha sido tocada.

— Acho que você fez papel de bobo, não foi, meu chapa? — Viggo estava quase gargalhando, e a calça jeans apertada e as botas até os joelhos davam a ele a aparência de um espantalho.

— Sem dúvida nenhuma — concordou Dominik.

— Certo — disse Viggo. — Olha, é tudo minha culpa mesmo. Eu não devia ter planejado o roubo do Angelique do Green Room no Academy. É que fiquei pasmo quando o vi. Agora, me arrependo. Nunca pensei que fosse afetar tanto Summer... Não pensei direito....

Dominik vestiu a camisa e, com Summer em silêncio entre eles, perguntou:

— Então você não se importa de eu ter invadido sua casa?

— É claro que não — declarou o músico. — Foi minha culpa. Summer me explicou tudo. De qualquer forma, quem disse que você invadiu? — Ele sorriu com malícia. — Você tinha a chave. Considere-se meu convidado.

Com um suspiro de alívio, Dominik passou por ele e começou a andar na direção da piscina. Summer foi atrás.

— Vocês não estão esquecendo nada? — perguntou Viggo.

Os dois viraram a cabeça.

Viggo estava segurando o Bailly e o arco nas mãos esticadas.

Summer correu de volta e os tirou das mãos de Viggo, então deu um beijo delicado na bochecha dele.

Ela voltou para onde Dominik estava, com um pé na beirada da piscina, e segurou-lhe a mão.

— Acho que vocês dois precisam de um banho depois dessa correria e do trancamento involuntário, não? Para relaxar um pouco. — comentou Viggo. — Fiquem à vontade. *Mi casa es su casa...*

— Acho uma ótima ideia — disse Summer para Dominik quando eles chegaram à escada caracol. — Venha. Tem uma suíte de hóspedes no último andar. — E para Viggo, falou: — Você não se importa, não é, Viggo?

— É claro que não — respondeu ele.

Summer colocou o Bailly sobre uma cômoda alta assim que eles entraram no quarto de hóspedes e permaneceu fitando-o com olhar sonhador. Passou os dedos pelo instrumento como se o acariciando, trazendo-o formalmente de volta à vida, de volta à vida dela.

Dominik fechou a porta e a observou. Ele se sentia tonto, meio vazio. Sabia que era o anticlímax inevitável depois de algumas horas traumáticas que os dois tinham acabado de vivenciar.

Ela acabou por abandonar o instrumento recuperado e se virou para ele.

— Obrigada, Dominik. Por fazer tudo isso. Sei que você se arriscou muito. Por mim. Sempre serei grata...

— Obrigado por vir me salvar — replicou ele. — Devo ter parecido um bobo

sentado ali no escuro, trancado. Pelo menos você sabe que deve contratar um ladrão profissional da próxima vez, e não um maldito amador como eu.

Summer sorriu.

Os olhos dela carregavam a tristeza de sempre, mas havia um brilho novo neles. Júbilo? Alívio? Expectativa?

Dominik sentiu o coração se contrair.

— Acho que foi tudo minha culpa — disse Summer. — Eu devia ter sido mais cuidadosa com o violino.

— Acho que é verdade — acrescentou Dominik.

— Será que devo ser castigada? — perguntou ela, com uma sugestão de malícia na voz deixando bem claro o que tinha em mente.

— Talvez. Por ser negligente. Por atos inconsequentes.

— Por ser eu — acrescentou ela.

— Por ser você.

Houve um momento de silêncio.

— Então, me castigue.

— Acho que vamos tomar aquele banho agora. — Dominik sorriu, empurrando-a na direção da porta.

A cascata do chuveiro caía na cabeça de Summer, esticando os cachos ruivos pelas costas, espalhando-os como uma cortina molhada sobre a pele. Dominik viu a água afogando o cabelo dela sair do emaranhado de fios em filetes menores, pingando pelas costas e se dispersando ao passar pela curva delicada da bunda.

— Vire-se — disse ele.

Dominik passou sabonete nas mãos e ensaboou os seios dela. Os mamilos já estavam duros como pedra. Ele baixou a cabeça e os tomou entre os dentes e a língua e os mordeu delicadamente. Summer ficou tensa. Ele se empertigou e voltou a lavar a parte da frente do corpo dela. Seus lábios estavam entreabertos, provocantemente separados, oferecendo um vislumbre tentador da barreira branca dos dentes por trás.

Ele espalhou espuma pelos ombros e pelo resto do corpo dela, massageando a pele com o líquido. Seu pau roçava nela calmamente no espaço limitado do cubículo do chuveiro, e a água caía sobre eles sem parar enquanto se contorciam e se viravam. Em seguida, com uma flanela fina, ele a enxaguou para tirar a espuma. A pele dela agora brilhava conforme o vapor subia ao redor dos dois. Ele passava lentamente os dedos entre as pernas dela, testando o calor, penetrando-a com um dedo e depois mais dois, pressionando-se para dentro. Summer se abaixou um pouco para acomodar os longos dedos, para receber seu toque, a investigação da intimidade

dela, a forma familiar como ele agora a possuía de novo.

— Sua vez agora — disse Dominik, passando o sabonete escorregadio que usou para as mãos dela.

Summer o segurou e começou a espalhar espuma pelo corpo dele, lenta e sensualmente, com dedicação; primeiro no peito, depois nas costas quando ele se virou, nas nádegas e na parte de trás das coxas. Por fim, Dominik se virou para olhar para ela de novo, e Summer pegou a ereção com as mãos e passou sabonete pela haste, sentindo-a endurecer ainda mais sob seu toque, ficando mais rígida, mais grossa, mais ativa. Passou um tempo ali, orquestrando o gatilho da excitação dele, reparando em cada tremor, ouvindo o som entrecortado da respiração de Dominik acima quando ela se ajoelhou e o massageou, limpou, brincou com ele. Por fim, pegou a luva de flanela e enxaguou o sabonete. O pau de Dominik agora estava completamente alerta. Com um breve olhar, como se procurando aprovação, ela aproximou a boca e o envolveu, tomando as bolas nas mãos ao mesmo tempo.

Apesar de tê-lo lavado bem, ele ainda estava com cheiro de sabonete, e a umidade perfumada dominava os sentidos dela como uma cortina de chuva. Seus dentes roçaram no enorme volume, na maciez vertiginosa da glândula exposta e na textura do membro, e ela passou a língua por toda a área em uma paródia de gula e fome. Dominik agora preenchia sua boca.

Houve um último jato de água sobre seu rosto e ela ouviu Dominik desligando o chuveiro. As mãos dele foram até o cabelo de Summer e seguraram com força, puxando-a mais para perto para cobrir o ângulo de sua penetração, para que ele pudesse se forçar bem fundo na garganta dela.

Summer respirou fundo, sentindo nos joelhos a dureza do piso de pedra do cubículo.

Ela fez o melhor que podia para reprimir o reflexo de engasgo.

Observando-a com o pau dele penetrando centímetro a centímetro nos lábios, Dominik absorveu a intensidade da terrível proximidade de Summer. Era como se meses tivessem se evaporado. Depois que sentiu que ela o havia recebido completamente, com o peito subindo e descendo delicadamente como se animado pelas mãos invisíveis de uma brisa suave, ele começou uma série de estocadas progressivas, abrindo-a ainda mais, esticando-a, ainda sem soltar a mecha de cabelo que segurava com força e pela qual controlava os movimentos dela.

O resto do mundo sumiu, o universo deles se reduziu ao estreito cubículo do chuveiro, com painéis de vidro ainda embaçados, protegendo-os do que havia lá fora.

Veze seguidas ele bateu no fundo da garganta dela, que tentou controlar os espasmos, sem querer que Dominik parasse, inspirando o máximo de ar possível pelo nariz para poder acompanhar cada estocada. Apreciando essa selvagem

invasão, recebendo-o de bom grado no corpo, na alma. Rezando para durar para sempre. Repleta até a borda. Dele.

Mais tarde, depois que se secaram com as toalhas fofas espalhadas por todo o banheiro de hóspedes de Viggo, Dominik levou Summer para a cama.

Ele puxou a horrível colcha de chenile de cor escura e jogou-a no chão. Summer tirou a toalha que envolvia seu corpo e a deixou cair no carpete. Encarou Dominik. Exibiu-se. Lembrou-se dos gostos deles, das peculiaridades, da forma como gostava dela quando a vida ainda era boa.

Ela deitou de lado na cama descoberta, se preparou para ficar de quatro por esperar que Dominik a comesse por trás, como costumava. Ele nunca fora muito de gostar de papai e mamãe, era escravo demais do seu voyeurismo, e gostava do espetáculo do pau entrando e saindo dela.

— Não.

Ela o encarou, sentindo o olhar intenso e pétreo observando-a.

— Me diga o que você quer — pediu ele.

Ela procurou respostas na postura dele. Dominik parecia imperturbável, com o rosto imóvel.

O que diabos ele queria que ela dissesse? Que o queria, que desejava incontrolavelmente pertencer a ele contra qualquer lógica e experiência anterior? Será que desejava que ela abdicasse de sua vontade, de seu orgulho?

— Neste momento, só quero ser fodida por você — respondeu Summer por fim.

O rosto dele não mudou.

— Quero estar com você... Mesmo se doer.

Era em momentos assim que ela se sentia abandonada, e palavras não eram o bastante para expressar o seu tormento. Ela quase queria gritar: “Me tome, me foda, me machuque, marque minha alma, tatue meu coração com tinta permanente, me torne sua e afaste para sempre o vazio interior que me atormenta.” Na mente dela, fazia um pouco de sentido, mas falado em voz alta, pareceria ridículo. Degradante, humilhante até.

Dominik não respondeu, ficou ali de pé, impassível, observando-a traduzindo as palavras não ditas em uma língua que ele conseguisse entender.

— Quero você dentro de mim. Agora.

Será que agora ela seria reduzida a implorar?

Summer quase se sentiu à beira das lágrimas. Será que ele a estava testando? Brincando com ela?

— Eu também quero você — declarou Dominik por fim.

Ele andou até a cama, passou os dedos pelos olhos de Summer com um carinho que ela nunca tinha visto antes, como o mais delicado dos coveiros fechando os olhos de uma mulher morta, e ajudou Summer a se deitar. Ele abriu bem as pernas

dela com cuidado e ficou acima, espalhando uma sombra pelo teto conforme a noite caía como um cobertor escuro.

Moveu-se entre as pernas dela, e ela o segurou e o guiou para dentro.

— Apenas me aceite pelo que sou — disse Summer.

Dominik gloriosamente a preencheu.

— Shhh... — sussurrou ele.

Summer tremeu.

Viggo desligou a tela com um largo sorriso de satisfação se espalhando pelo rosto.

O casal que estava observando finalmente se separou, não mais uma entidade única, uma criatura de duas costas com cada movimento combinando a graça de pássaros em voo e a crueldade selvagem de criaturas carnívoras. Ao mesmo tempo uma dança frenética e arrebatadora de corpos com toda a entrega selvagem de tigres lutando até a morte.

Agora, paravam para tomar ar. Tornaram-se dois de novo. Summer e Dominik.

É claro que Viggo era um voyeur, ele sabia. Mas quem era perfeito?

Ele era um homem que reconhecia beleza quando a via e costumava querer guardá-la, ficar com ela, colocá-la debaixo de uma redoma de vidro. Colecioná-la.

Se a beleza tivesse uma essência que pudesse ser engarrafada, ele seria o primeiro da fila com o talão de cheques na mão.

Era verdade que tinha dormido com Summer. Sozinho e com Luba. Mas vê-la foder com Dominik foi outro nível de beleza. Ele a viu ganhar vida, observou o brilho se espalhando pelo corpo dela, a forma como o desafio e a ansiedade inerentes desapareceram quando Dominik tomou o controle, viu como ela cooperou com seu próprio espírito de rendição, como o acolheu. Viggo nunca se interessara por homens, mas a imagem de Dominik e a forma como ele se encaixou em Summer, ao lado dela, foi arrebatadora.

Ele estava com a boca seca.

Pegou uma garrafa de Bourbon vintage no armário de bebidas e se serviu de uma dose generosa.

— Excelente — murmurou, falando tanto sobre a aspereza doce do líquido descendo pela garganta quanto sobre a lembrança dos dois amantes agora ausentes da tela clandestina.

Instalar uma câmera minúscula no quarto de hóspedes foi uma espécie de brincadeira durante todos esses anos, desde que havia comprado a mansão e um amigo arquiteto foi apresentar os projetos e fiscalizar as reformas. Pareceu uma coisa “rock’n’roll”, uma coisa que sustentaria sua reputação de bad boy. Mas ele se esquecera do objeto durante anos. Na verdade, tinha sido a nada convencional Luba,

sua mulher internacional de mistério e elegância nua, que sugerira que uma noite ele a visse transar e se divertir com uma jovem que tinha conhecido em uma boate, uma menina punk com uma tatuagem de lágrima sob um dos olhos. Viggo suspirou com a lembrança da hipnotizante visão de mulheres juntas, das curvas, da lascívia dos beijos e gestos, da fome, da geometria perfeita alinhando luxúria e desejo.

Não era a hidráulica do sexo que o excitava, mas os movimentos lentos, a elegância muda dos corpos unidos em um balé. A visão de duas mulheres era muito mais poderosa do que dos casais heterossexuais que ele e os amigos observavam durante festas loucas na mansão, quando convidados fugiam ou eram encorajados a se aventurarem no quarto de hóspedes, sem saber que Viggo e os demais estavam assistindo-lhes com prazer malicioso. Mas nenhum dos casais espionados tinha a graça selvagem de Summer e Dominik, refletiu. Esses dois possuíam um apetite louco um pelo outro, uma paixão da qual ele quase sentia inveja, uma fome que flertava com o perigo. Mais de uma vez prendeu a respiração, quando um ou outro se aventurou em território ameaçador, um gesto, mão, movimento que foi quase longe demais, balançando-se no limite antes de voltar com segurança. Viggo nunca testemunhara um homem e uma mulher fodendo com tanta entrega, o que fez sua pele se arrepiar algumas vezes.

Após o incidente tragicômico no cofre, ele tinha sugerido que subissem, e sabia que acabariam na cama, sob a mira da câmera escondida, e a tentação de ativar o sistema de vigilância foi forte demais. Quase desistiu, pois eles passaram uma quantidade incomum de tempo no banheiro, o que o levou a acreditar ter perdido toda a diversão. Mas os dois acabaram aparecendo, envoltos em toalhas brancas, quase circulando um ao outro como aves de rapina famintas, prontos para saltar e se entregar a uma bela loucura.

Viggo não se arrependia de tê-los assistido. Eles não saberiam. Não ficariam magoados. A única coisa da qual se arrependia profundamente era de não ter instalado som no quarto além da câmera secreta.

Ele achava que agora desativaria o sistema de vigilância. Nada poderia superar Summer e Dominik. Outros jamais alcançariam a intensidade do que tinha testemunhado. Era melhor terminar no auge.

Viggo se levantou e empurrou a estante deslizante para o lado, escondendo a pequena tela.

Dominik e Summer deviam estar dormindo agora, ele supôs.

Talvez fizesse o mesmo, revivendo as lembranças do abraço deles, entregando-se a elas. Luba voltaria logo da exposição. Na primeira vez que a vira dançar, Viggo havia ficado igualmente hipnotizado. Sabia que tinha que obtê-la. Ela rapidamente concordou, embora ele estivesse ciente de que a mulher jamais pertenceria a alguém e que ele era apenas um degrau na escada de Luba, um degrau conveniente e

agradável, mas apenas uma passagem. Hummm... Havia a semente de uma música ali, pensou Viggo.

Ele seguiu para o estúdio e ligou o teclado. Era estranho a forma como ideias, palavras, como esboços de melodias surgiam. Do nada, espontaneamente.

Dominik acordou, esfregou os olhos e afastou a desorientação por estar em um quarto desconhecido. Eles se esqueceram de fechar a persiana na noite anterior, e o quarto agora estava banhado em gloriosa luz do sol.

A maciez da bunda de Summer estava aninhada de conchinha em sua barriga. Ela ainda dormia, e o delicado murmúrio da respiração era um leve rumor.

Ele beijou o pescoço dela, que se mexeu.

Dominik ainda estava de relógio e olhou a hora. Era o meio da manhã. Parecia mais tarde.

Depois que Summer abriu os olhos e sorriu para ele, Dominik perguntou:

— Tem muitas coisas suas aqui?

— Não muito. Só algumas coisinhas — respondeu ela. — A maior parte ainda está na casa do Chris.

— Quando a gente se levantar, quero que você pegue tudo. Aqui. Lá. Vamos juntos. Você vai pra minha casa. Vai morar comigo.

— Vou?

— Vai. — Ele foi totalmente sincero.

Summer assentiu. Por enquanto, ela ia. Não dera certo na primeira vez, em Nova York. Mas estava disposta a dar uma segunda chance.

Ela bocejou e rolou para o lado.

— Nossa, estou com fome. Mas mais do que tudo, preciso da minha dose de cafeína.

— Também estou faminto — replicou Dominik. A última coisa que ele tinha comido fora um pequeno *pain au chocolat* da Patisserie Valerie na manhã anterior, quando estava se preparando para a visita à casa de Viggo. Depois disso, os eventos simplesmente o levaram.

Ele se espreguiçou, afastando-se do calor confortável do corpo nu de Summer, e saiu da cama. Olhou para ela e para o emaranhado de lençóis, para o cabelo ruivo espalhado na fronha. Seu pau pulsou. Ela sorriu para ele.

Dominik vestiu a calça preta e lhe entregou a camiseta branca que ela estava usando no dia anterior. Summer a vestiu e se sentou na beirada da cama. Esperou que ele lhe entregasse mais alguma coisa, calcinha ou calça jeans, mas ele não fez

nada, só a observou com um sorriso benevolente no rosto.

Summer se levantou da cama. A camiseta amassada chegava apenas até abaixo do umbigo dela, deixando a bunda e a boceta totalmente expostas. Era uma forma particularmente íntima de nudez, natural, mas devassa, a forma como alguém poderia andar na privacidade da própria casa sem medo de observadores.

— Venha. — Dominik gesticulou para ela. — Vamos procurar a cozinha.

— Assim? — perguntou Summer.

— É — disse ele.

— Viggo pode estar lá fora. Outros...

— Eu sei — falou Dominik. — Gosto de você assim. Viggo já viu tudo mesmo, não viu? Fico feliz que outros te vejam. Não me importo.

Por saber que ela agora era dele, não precisou dizê-lo.

Quando saíram do quarto, ele sem camisa, ela sem calça, Summer hesitou por um momento, com um tremor tomando-lhe conta pelo pensamento de deixar o Bailly para trás. Mas ela percebeu que o violino estava em segurança. O raio não iria cair duas vezes no mesmo lugar.

Viggo estava sentado à bancada mordiscando uma torrada quando eles entraram. Olhou para os dois e assobiou.

— Uau, pombinhos! Bem-vindos a mais um dia de sol, crianças.

Ele também estava sem camisa, e seu peito magro e sem pelos parecia uma página branca.

— Café?

— Sim, por favor.

— Recém-passado, para o seu prazer. — Ele fez um gesto teatral para o casal, indicando a reluzente máquina de aço inoxidável que parecia da NASA e que dominava a bancada de granito.

Quando Summer e Dominik estavam se servindo, Viggo, não sem um olhar nostálgico para a parte de baixo exposta de Summer, ficou de pé de repente e seguiu para fora da cozinha.

— Me esperem, crianças. Tenho uma surpresa pra vocês.

Ele voltou dez minutos depois, segurando uma pequena moldura nas mãos que entregou com reverência para Summer enquanto Dominik só olhava.

— Como pedido de desculpas. Um presente. Espero que me perdoe.

Dentro da moldura havia um desenho em preto e branco. Bem velho, pela aparência.

No canto superior esquerdo do desenho, havia uma dançarina e seu parceiro, com apenas os corpos aparecendo e as cabeças cortadas pela beirada do papel. À direita havia o braço de um violino e um arco, e a cabeça de um homem com um chapéu elegante e cerimonioso. Mais para baixo, desenhados de leve, algumas chaminés de

fábrica com fumaça e alguns veleiros de traços finos.

— O que é? — perguntou Summer.

— É de Degas — disse Viggo. — Se chama *Le Programme d'une soirée artistique*. É bem raro. Por causa do violino, achei que seria legal dar pra você. É de verdade, não é uma reprodução...

— Não sei o que dizer — falou Summer.

— Só uma coisa. — Viggo a fez parar.

— Sim?

— Não o mostre por aí. Só pra pessoas em quem você confia.

— Você quer dizer que é roubado? — perguntou Dominik.

— Sim — admitiu Viggo com um sorriso malicioso. — Está desaparecido há anos. É uma longa história, mas em determinado ponto, veio parar nas minhas mãos. Essas coisas acontecem, sabe. De qualquer modo, depois do que fiz a você, achei que merecia mais do que eu.

Isso explicava por que certos itens da coleção estavam trancados no quarto do pânico, supôs Dominik. Eram todos itens roubados.

— Obrigada, Viggo. Nós vamos guardar com carinho. De verdade — respondeu Summer.

— Estou perdoado então? — perguntou Viggo.

Dominik não ouviu a resposta de Summer. Ele só conseguiu registrar o fato de ela ter dito “nós”.

O vento vai nos levar

A mudança levou bem mais do que deveria.

Eu tinha passado a manhã com Susan, minha agente e empresária, em um Starbucks discreto perto da estação Victoria, discutindo meus planos para o futuro. Seu escritório era nos Estados Unidos, mas ela havia aparecido de repente em Londres, frustrada por eu ignorar seus e-mails.

Cheguei atrasada depois de ter saído correndo do lado de Dominik na casa dele em Hampstead. Eu não queria desperdiçar um minuto do meu tempo com ele, então passamos a manhã toda da mesma forma que passamos a noite anterior, e a antes dessa, e a outra antes. Envoltos nos braços um do outro, fodendo com a frequência que nossa energia permitia. Algumas vezes, fazíamos amor, ele cheio de afeição e delicadeza, e eu transbordando de alegria, feliz por estar deitada debaixo dele, desejando poder dar uma pausa no tempo e passar a vida naquele momento, ouvindo a risada profunda e grave de Dominik, olhando em seus olhos e esperando pelo momento em que o olhar deixaria de ser suave e caloroso e passaria a ser duro e cruel, quando seguraria o pulso que estava acariciando com carinho para me prender à cama, sussurrando obscenidades ao meu ouvido.

Visões de nós dois entre os lençóis se repetiram na minha mente enquanto eu vestia as primeiras roupas que consegui encontrar e corria para o metrô, ciente de que Susan provavelmente já estava esperando.

Ela estava do mesmo jeito de quando a vi pela última vez: perfeitamente arrumada. Fosse para uma saída noturna ou um café com um cliente, Susan sempre estava impecável. O vestido reto tinha uma linda cor verde-mar que realçava o cabelo castanho-avermelhado, completado com um grande colar Chanel de ouro. Ela estava absorta no BlackBerry, com os dedos voando no teclado com a rapidez dos de uma pianista.

— Dormiu demais, é? — perguntou com um tom mordaz quando me sentei no banco ao lado. Ela já havia pedido um café para mim. Estava frio, mas tomei mesmo assim.

— Desculpa — respondi, ruborizando. Eu não tinha nenhuma desculpa.

— É bom ver você, Srta. Estrela do Rock — falou Susan, agora me dando um

sorriso caloroso e um beijo em cada bochecha. — E eu soube que recuperou seu violino.

— Recuperei! — falei com entusiasmo.

— Então está pronta para tocar?

— Nunca estive mais pronta.

— Fico feliz em saber. Pelo menos, vou poder ler um jornal sem medo de em que página você vai aparecer.

O Groucho Nights era apenas o Groucho Nights agora, sem os convidados especiais, e, apesar de eu poder considerar a possibilidade de um reencontro no futuro, agora estava ansiosa para voltar ao meu repertório clássico.

Dei a ideia do álbum com a temática neozelandesa, e Susan logo concordou. O mercado de exportação era importante, ela disse.

Sons do lar. Parecia a coisa certa. Havia passado os últimos anos indo de um lado para o outro, quicando de uma situação para outra como uma bola numa máquina de *pinball*. Agora eu tinha Dominik e meu violino de volta, e, pela primeira vez na vida, me sentia firme. Estava na hora de olhar para as raízes, como tentei fazer quando estava com Simón, com as músicas venezuelanas. Mas desta vez eu olharia para minha própria história, não para a de outra pessoa, conjuraria a paisagem do meu lar para colocar em uma música.

O Bailly seria perfeito para isso. Senti uma empolgação vertiginosa quando pensei no assunto. Minha alegria inicial com o retorno dele foi passageira. Esqueci o instrumento assim que estava com Dominik ao meu lado, assim que me entreguei ao toque da pele dele, à firmeza das ordens, ao som de sua voz. Fiquei tão feliz em tê-lo de volta, em senti-lo dentro de mim de novo, que o violino ficou solitário por um dia e uma noite, enquanto explorávamos um ao outro novamente.

Ao nos exaurirmos mutuamente, peguei o instrumento e comecei a tocar na mesma hora. Dominik riu ao ver minha expressão, como uma criança com um brinquedo de Natal, quando tirei o Bailly da caixa, passei as mãos pela madeira envernizada da cor de mel e verifiquei a afinação antes de me entregar à música que era nossa agora, o pano de fundo de nosso relacionamento. Vivaldi, é claro. E, conforme produzi os acordes de cada estação, pensei no tempo que passou e no tempo que tínhamos à frente. Na forma como a vida andava e fluía implacavelmente, sempre mudando, mas sempre com alguma coisa nova e bela na próxima esquina. Terminei com as notas leves da “Primavera”.

Minha mala estava ocupada apenas até a metade, e eu ainda não tinha nem começado a mexer nas caixas quando ouvi o ranger da porta da frente. Demorei um momento para me levantar, porque estava encolhida no chão, perdendo tempo com

nostalgia, observando cada coisa antes de dobrar e sorrindo com as lembranças que levei comigo de um país para o outro.

Chris e Fran tinham chegado e não repararam que entrei com a chave que me deu quando fui morar com ele. Eu não a tinha devolvido, pois oficialmente ainda morava lá, embora tivesse passado quase todas as noites na casa de Viggo ultimamente.

Sentada no chão olhando o corredor perto da porta, tive a visão perfeita dos dois, abraçados e se beijando como se o mundo estivesse prestes a terminar.

Pisquei, mas quando abri os olhos ainda estavam lá. Só que agora Chris estava passando a mão pela perna da minha irmã e ela estava com os braços acima da cabeça, tentando sem sucesso tirar a camiseta apertada.

Tossi alto, para alertá-los da minha presença antes de ver qualquer coisa que não quisesse. Chris deu um pulo de susto e se virou em busca do intruso.

— Estou aqui — gritei.

— Meu Deus, Summer, você nunca bate à porta?

— Bater à porta? Eu cheguei primeiro! Você nunca verifica suas mensagens?

— Eu ando... distraído — disse ele com um sorriso tímido.

— Estou vendo.

Fran estava vermelha como uma beterraba. Ela costumava ser indiferente aos casos passageiros que tinha, e eu nunca soube de ela ficar constrangida de ser pega no flagra. Naquela manhã com Dagur, o baterista, ela havia lidado com a situação sem vergonha nenhuma na frente de uma plateia bem maior.

Isso devia ser sério.

— Vocês dois estão... se dando bem.

Fran deu um passo para ficar ao lado de Chris, na porta do quarto que ela e eu dividíamos, e segurou a mão dele.

— Estamos namorando — anunciou ela. — Quero dizer, oficialmente.

Chris sorriu de orelha a orelha.

— Sua irmã é minha namorada.

Joguei uma meia nele. Chris a pegou com facilidade com a outra mão e continuou a sorrir com altivez.

— Então é por isso que tudo está tão arrumado aqui. Fiquei curiosa pra saber por que suas coisas não estavam espalhadas por todo lado como costumam, Fran. Você levou tudo pro quarto dele. E aqui estava eu, pensando que você tinha virado uma nova pessoa.

— Talvez eu tenha — respondeu ela. — Só não do tipo que você estava esperando.

Sorri. Fiquei feliz por ela. E por Chris. Na verdade, eles formavam um belo casal, mesmo eu tendo ficado tensa com a perspectiva de meu melhor amigo namorar minha irmã.

Lauralynn tinha voltado empolgada de uma sessão em um estúdio em West London.

— Você não vai adivinhar pra quem era — comentou ela com Dominik depois de pendurar a jaqueta de couro, colocar a pesada caixa do violoncelo no quarto e correr para a cozinha, que tinha virado o espaço comunitário oficial deles.

— Vou arriscar um palpite. O falecido Herbert Von Karajan está gravando uma suíte sinfônica inspirada pelas músicas sobre drogas dos Rolling Stones e precisava de um longo solo psicodélico de violoncelo como ponto alto.

— Na verdade, isso não é muito distante... — começou Lauralynn.

— E ele veio até Shepherd's Bush de onde quer que estivesse passando o tempo há trinta anos pra realizar... — prosseguiu Dominik.

— Pare de ser engraçadinho. Não, a sessão era com Viggo Franck e The Holy Criminals. Estão gravando músicas novas e precisavam de um violoncelo pra harmonizar com partes de uma das faixas. O produtor até me disse que, se a música for pro álbum, vou ser creditada.

Dominik deu um sorriso zombeteiro.

— Isso é maravilhoso — disse ele. — Fico feliz por você.

— Mas veja, eu ainda não conheci o famoso Viggo Franck. Ele não estava nas sessões. Só o pessoal da banda. Toquei com o acompanhamento das gravações prévias.

Lauralynn olhou com mais atenção para o amigo. Ele parecia diferente, alegre, mas um tanto ausente.

Eles não tinham se visto muito durante as semanas anteriores, desde que ela voltara dos Estados Unidos. Ou ele estava lá em cima, ocupado no computador, supostamente escrevendo, ou saía furtivamente de casa em horários estranhos como um conspirador, evitando a companhia dela e fugindo das perguntas. Lauralynn estava trabalhando à noite por vários dias e supôs que as noites dele estavam ocupadas com Summer. Ela havia visto os sapatos e as coisas de Summer pela casa em lugares estranhos.

— Tem alguma coisa que eu deveria saber? — perguntou Lauralynn. — Você não anda muito comunicativo ultimamente, sabe.

— Bem... — Ele hesitou. — Muita coisa tem acontecido.

— Summer?

— Sim. Pra resumir, estamos nos vendo bastante. Vamos tentar de novo, eu acho. Lauralynn abriu um largo sorriso.

— Esplêndido.

— Chegamos a uma decisão. Espero que ela se mude pra cá mais pra frente. Com

as coisas dela. Estou de dedos cruzados pra dar certo desta vez. Estamos nervosos, é claro, mas conseguimos encontrar o violino dela, então acho que é um bom sinal.

— Fantástico. Vocês se merecem, eu sempre soube. E...

— Sim?

— Já estou pensando há um tempinho sobre me mudar, Dominik. Você e eu somos bons amigos, mas nunca foi uma situação ideal, não é?

— Acho que não.

— Então é oportuno. Tenho certeza de que você não me quer por aqui quando Summer se mudar, quer?

— Seria constrangedor — concordou ele. — Você tem algum lugar pra ir? — perguntou com preocupação. — Eu me sentiria péssimo de botar você na rua.

— Hummm... — Os olhos de Lauralynn brilharam com mais malícia do que o habitual.

— O que foi?

— Acho que tenho um lugar pra ir.

— Perfeito.

— Uma pessoa que estava no estúdio. A sessão acabou cedo, conseguimos o que queríamos depois de algumas tomadas. Ela era amiga da banda e foi pra lá achando que Viggo estava trabalhando ontem à noite, mas ele estava em reunião com a gravadora. Começamos a conversar. Passei a noite com ela.

Lauralynn até corou de leve. A pessoa com quem ela tinha dormido devia ter causado uma tremenda impressão, pensou Dominik.

— É minha vez de ficar feliz por você — declarou ele.

— Obrigada. — Ela riu como uma adolescente. — Sei que foi apenas uma noite, mas ela é bastante especial. Sabe como é, às vezes basta um olhar.

— Ou mais — comentou Dominik.

— Bem, bem mais — concordou Lauralynn. — Ela está na casa de Viggo Franck em Belsize Park, diz que tem muitos quartos livres e que ele não se importaria.

— Você está falando da russa? — perguntou Dominik, com um sentimento curioso tomando conta dele, como se muitas peças diferentes do quebra-cabeça estivessem finalmente se encaixando.

— Sim, Luba. A que você ia me apresentar, lembra?

— Ah, sim, a primeira e única Luba.

— Ela não é maravilhosa?

— Ah, sim, ela é — concordou ele. — Sem dúvida nenhuma.

Summer tinha um compromisso na cidade naquela manhã com Susan, que havia pedido para se encontrar com ela para discutir mais os planos de Summer de se

reintegrar ao mundo clássico com um retorno às raízes e a possibilidade adicional de lançar um álbum ao vivo que tinha sido gravado com o Groucho Nights na turnê europeia, em Sarajevo. Ela só esperava ficar livre à tardinha, quando planejava ir buscar o restante de seus pertences no apartamento de Chris em Camden Town e voltar para a casa de Dominik.

Dominik se ofereceu para levar Lauralynn e as coisas dela até a casa de Viggo.

Quando tocou a campainha da mansão, não conseguiu deixar de lembrar que menos de uma semana antes usara as chaves copiadas clandestinamente para entrar. Ele já as tinha devolvido para Viggo.

Foi Luba quem abriu a porta.

Ela correu para dar um grande abraço em Lauralynn e um beijo afetuoso em cada bochecha de Dominik e os convidou para entrar.

Considerando todas as combinações sexuais nas quais eles se envolveram ou que testemunharam o outro executando, Dominik ficou surpreso com o quanto tudo parecia normal. Como uma história se desenrolando para sua conclusão natural. Uma história possivelmente ditada de longe pela suposta maldição do Angelique, ele pensou sorrindo.

— Viggo está em algum lugar por aqui. Deve descer mais tarde — declarou Luba.

Ao olhar para as duas mulheres juntas, Dominik ficou impressionado com as similaridades. Ele não tinha percebido antes. As duas eram altas, loiras e com porte de Amazonas. Luba era menos voluptuosa, mas, como consequência de seu treinamento de dançarina, sem dúvida, tinha postura mais ereta, sustentava os seios empinados com orgulho, enquanto a postura de Lauralynn era mais frouxa e casual, com os ombros fortes de nadadora como base do corpo e das curvas.

Elas visivelmente combinavam.

Ah, ser uma mosquinha na parede daquele quarto, pensou Dominik.

Ele e Lauralynn carregaram duas malas Samsonite pesadas para dentro, e Dominik voltou para o porta-malas aberto do BMW para carregar duas caixas grandes nas quais Lauralynn jogou seus livros e pertences em geral.

Uma Luba surpreendentemente domesticada ofereceu aos dois café e bolinhos, mas Dominik sentiu que estava sendo vela e que as duas mulheres estavam esperando que ele pedisse licença e as deixasse sozinhas. Estava prestes a se despedir quando Viggo entrou na sala. Com a calça skinny tão apertada quanto sempre, como se tivesse acabado de passar uma meia hora revigorante debaixo do chuveiro ou em uma sauna para deixá-la ainda mais justa em sua forma delgada. A camiseta já tinha visto dias melhores e estava tão cheia de buracos quanto um queijo europeu.

— Oi, cara — saudou ele em seu tom casual costumeiro.

Em seguida, voltou a atenção à recém-chegada.

— Esta é Lauralynn — apresentou-a Luba.

O roqueiro olhou para a loura escultural com os olhos voando entre ela e Luba.

— Bem-vinda, querida. Ouvi muito sobre você.

— Você está falando da gravação com o violoncelo pra sua música nova? — perguntou Lauralynn.

— Ah, sim. — Viggo sorriu. — Isso também...

Achando graça das intenções predatórias de Viggo, Luba segurou Lauralynn pela mão e a levou para o corredor, em direção aos andares superiores da casa.

— Vou mostrar o quarto onde você vai ficar. Venha — chamou Luba.

Lauralynn acenou para Dominik.

Os olhos de Viggo seguiram as silhuetas das duas mulheres conforme elas se afastavam. O sorriso de garoto dele estava completamente aberto.

— Ela é uma boa amiga — observou Dominik. — É boa pessoa. Mas um aviso...

— Sim?

— Ela não curte muito homens.

O sorriso de Viggo ficou ainda mais largo.

— Nunca diga nunca, parceiro.

Comecei a entrar em pânico quando a mobília chegou.

Era a primeira vez na minha vida que eu tinha uma coisa que parecia tão permanente.

Eu havia comprado um armário grande, uma cômoda e um espelho de corpo inteiro em uma loja em East Sussex que fazia móveis de madeira reciclada, toda sólida, nada de aglomerado. Neil, o gerente da loja que tinha efetuado a venda, tivera o trabalho de deixar bem claro que a mobília havia sido feita para durar, o que aumentou meu pânico de estar presa na casa de Dominik sem opção de fazer uma fuga rápida com a mala na mão, como nas últimas vezes que as coisas não deram certo.

O armário precisou de quatro homens para ser levado pela escada estreita até o quarto, e, enquanto eu os via se esforçando para carregar o móvel, só conseguia pensar em como conseguiria me mudar dali. Eu me acalmei lembrando que eram apenas móveis e que sempre podia desmontá-los se o pior acontecesse, para carregá-los escada abaixo em pedaços.

O pensamento fez com que eu me sentisse imediatamente culpada, e fui mais gentil do que o habitual com Dominik durante o resto da semana. Eu não era a única sofrendo com a mudança na situação, e ele estava lidando incrivelmente bem, quase sem erguer a sobrancelha enquanto eu colocava livros de ficção vampiresca adolescente na prateleira ao lado das primeiras edições de livros raros dele. Ele

estabeleceu um limite firme quanto a arrumar um gato, mas concordou em pensar em um peixe dourado se eu promettesse cuidar dele.

Em Nova York, foi diferente. Eu sabia pela situação que morarmos juntos seria temporário, porque Dominik tinha alugado o apartamento por apenas alguns meses, para cumprir as obrigações da bolsa. Eu pensava no loft da mesma forma que pensava em um hotel, o que talvez tenha sido parte do problema.

Mesmo quando fui morar com Simón, apesar de termos passado dois anos juntos, eu não fiz mudanças no local, apenas guardei minhas roupas em metade do enorme closet dele e coloquei meus artigos de higiene pessoal no banheiro. Não acrescentei nem um porta-retratos ao apartamento e sempre pensei nele como sendo de Simón, não nosso.

Meu recém-adquirido status doméstico foi acentuado quando recebi um e-mail da minha velha amiga Charlotte, a garota de quem eu era próxima quando conheci Dominik e que me apresentou à cena de fetiche de Londres. Eu não a via nem tinha notícias dela havia mais de dois anos, desde que fugi correndo de Londres e fui morar em Nova York.

Ela havia visto uma crítica do show do Groucho Nights em La Cigale e escreveu que ler sobre mim depois de todo esse tempo a fez entrar em contato. Ela agora morava em Paris e tinha se casado com Jasper, o garoto de programa com quem ela se encontrava às vezes quando a conheci em Londres, depois de engravidar do primeiro filho deles, que estava agora com um ano e meio. Um segundo filho tinha nascido apenas um ano depois.

Jasper era um dos poucos homens que conheci que conseguia satisfazer o apetite sexual voraz de Charlotte. Mas aparentemente o envolvimento casual tinha virado uma coisa mais profunda, e ele parecia ter parado com os programas para agora ficar em casa cuidando dos filhos e estudando psicologia, enquanto ela trabalhava no Departamento Financeiro da embaixada britânica.

Respondi contando que tinha voltado com Dominik, e Charlotte e eu nos envolvemos em uma troca de e-mails discutindo os porquês e os portantos dos nossos relacionamentos, e como era sossegar e se firmar na vida quando não se planejava isso. Desde que conheci Charlotte, ela era solteira por convicção, preferindo até contratar os serviços de um homem a pegar alguém em um bar para um caso de curta duração. Ela dissera na época que achava mais fácil e mais honesto, e que se apaixonar por Jasper, o garoto de programa que virou serviço fixo, foi apenas um acidente feliz.

“O amor contamina quando você menos espera”, escreveu Charlotte.

Mas os parisienses eram bem mais abertos do que os britânicos quanto à natureza erótica, e ao mesmo tempo que mantinham uma fachada de respeitabilidade, Charlotte e Jasper ocasionalmente contratavam uma babá e iam ao Les Chandelles

ou a Cap d'Agde, a famosa praia de nudismo.

“Cheia de *swingers*. Você detestaria. Continue frequentando o Torture Garden”, respondeu quando perguntei como era.

Eu não conseguia imaginar convencer Dominik a colocar um uniforme militar ou uma roupa de látex, embora ficasse animada com a ideia de vê-lo com botas de montaria e um chicote na mão. Ele nunca gostara dos acessórios de fetiche e preferia viver as fantasias apenas com o peso do toque e das palavras. Qualquer outra coisa seria conversa para outra ocasião, mas eu duvidava que incluísse algum dia lençóis especiais ou qualquer modelo de algema, tanto do tipo cor-de-rosa com pelos quanto de couro grosso.

Fizemos um acréscimo à caixa de brinquedos. Viggo nos mandou um presente de casa nova. Uma varinha mágica Hitachi. Dominik a tirou da caixa e a segurou com uma expressão perplexa, e dei uma demonstração de como funcionava com alegria.

Simón soube por Susan que Dominik e eu tínhamos voltado e me ligou do nada. Ele sempre achou graça de eu detestar falar ao telefone, então, quando estávamos juntos, ele fazia questão de sempre me ligar e nunca mandar mensagem de texto nem e-mail, mesmo que fosse uma coisa banal, como para saber que horas eu chegaria em casa para jantar ou para perguntar se eu podia comprar leite no mercadinho coreano.

Atendi antes de ter tempo de pensar no que estava fazendo, supondo que seria Susan ligando para ver como eu me saía no estúdio. Viggo estava me ajudando a preparar meu estúdio de gravação para o álbum temático da Nova Zelândia. Eu ia lá todos os dias para ensaiar com o Bailly, para voltar ao ritmo da música clássica depois do meu hiato roqueiro. Achei impossível com outros violinos, mas o presente de Dominik era tão perfeito para mim que era quase como se o instrumento tocasse assim que eu botava as mãos nele.

— Oi, você — saudou Simón quando atendi. Era a forma como sempre me cumprimentava, duas palavras que eram uma espécie de código entre nós, uma conversa inteira que significava “Oi, como você está, cheguei em casa” e uma dezena de outras coisas.

— Simón?

— Então não me esqueceu?

— Como você está? — perguntei. — Voltou pra Nova York? Pra orquestra?

— Quase. Só estou de passagem. Vou voltar pra Venezuela de vez.

— Pra ser maestro em Caracas?

— Nem isso. Pra um emprego no governo, acredite se quiser. Ministro da Cultura.

— Uau! Parabéns. Então pode ir oficialmente a vários rodeios?

— Todas as semanas. E posso engordar com sobremesas de coco e caramelo.

— Parece uma coisa boa.

— Você devia ir me visitar qualquer hora. Com Dominik — acrescentou rapidamente. — Susan me contou que vocês voltaram. E ando acompanhando todas as suas aventuras musicais, é claro.

— A coisa anda meio louca aqui.

— Daria um ótimo livro.

Sorri pela coincidência.

— Dominik está escrevendo um. Não sobre mim desta vez, ele prometeu. Mas sobre o Bailly.

— Achei que ele faria isso. Ele te dá a música, e você dá palavras a ele.

— Nunca pensei dessa forma, mas acho que é.

— Eu sempre soube que foram feitos um pro outro. Nunca tivemos chance.

Ele disse as palavras com calor e bom humor, e eu ri. Simón tinha o hábito de estar certo. Era um dos motivos de termos terminado.

Conversar com ele me deu uma sensação de encerramento. Fiquei feliz de saber que ele estava feliz e, apesar de ele ter terminado o relacionamento, sempre senti culpa por ter sido por minha causa.

Quanto mais eu pensava no assunto, mais medo eu tinha de que ir morar com Dominik fosse um erro, assim como foi morar com Simón. Eu não era do tipo doméstico. Eu me senti presa com Simón e estava morrendo de medo de me sentir do mesmo jeito com Dominik em poucos meses convivendo na mesma casa, compartilhando a rotina.

Se desse certo, morar com Dominik seria maravilhoso, uma resposta a tudo, o relacionamento que sempre quis que tivéssemos.

Mas, se não desse, destruiria tudo que possuíamos.

No romance de Dominik, ele escreveu sobre a carnificina e a insensatez da Segunda Guerra Mundial e chegou ao final dos anos 1960, quando Edwina Christiansen se tornou a última em uma série de heroínas infelizes e condenadas que foram donas do violino amaldiçoado.

Edwina era uma mãe solteira de Hannover, na Alemanha. O filho fora resultado de um caso amoroso imprudente no mundo hippie quando ela ainda tinha 20 e poucos anos. Após sua volta à Alemanha, ela se casou com Helmuth Christiansen, um fabricante de velas de barco de Hamburgo, mas o casamento não durou. Os hábitos controlados e a diferença significativa de idade foram demais para seu espírito livre suportar, e ela e o filho pequeno voltaram para Hannover, onde ela trabalhou como gerente técnica e representante de sindicato em uma fábrica de carros.

O violino, que ela nem sequer sabia tocar, chegou às mãos dela depois da morte de um parente distante. Como ninguém mais na família o exigiu, ele agora ficava no

fundo do armário, e Edwina não fazia a menor ideia de seu valor.

Na mente de Dominik, Edwina se parecia um pouco com Claudia, a estudante com quem ele tivera um caso pouco antes de conhecer Summer. Sempre o ajudava ter uma imagem mental de seus personagens, e não havia melhor inspiração do que roubar da vida real. O cabelo natural de Claudia era castanho-claro, mas ela sempre pintava de ruivo intenso, uma cor espalhafatosa e nada natural que deixava marcas claras em lençóis e travesseiros, e fazia com que ela fugisse da chuva como da peste, para não ver a cor pingar pelo rosto.

Ele passou a noite escrevendo, e uma forma satisfeita de cansaço agora se espalhava por seus membros, com cada dedo que digitava tão pesado quanto chumbo enquanto procurava as palavras certas para descrever a forma como as coxas de Claudia se encontravam na interseção do delta depilado.

Deixou Summer na cama pouco depois da meia-noite. Eles tinham feito amor febrilmente até ela se encolher exausta e saciada e adormecer com um sorriso infantil de prazer iluminando o rosto. Dominik havia tentado dormir, mas sua mente e seu corpo ainda estavam alertas, frenéticos, e ele saiu do quarto e seguiu para o escritório para ver se a eletricidade que lhe percorria podia ser transferida para o livro. Foi exatamente isso que aconteceu, e a noite voou como um sonho. Mas agora ela estava se vingando, e Dominik sabia que o momento de descanso não podia ser adiado por muito tempo.

Ele colocou o computador para hibernar, empurrou a cadeira para trás e estava prestes a subir a escada quando ouviu o som agudo da portinha de correspondência. Olhou para o relógio. O carteiro estava passando cedo.

Por hábito, ele foi até a porta da frente para pegar a correspondência.

Havia a mistura habitual de revistas que assinava, propagandas, contas e um cartão-postal. De Bali.

Ele virou o cartão. Era daqueles velhos libertinos, Edward e Clarissa. Desejando que ele estivesse lá na “festa que nunca terminava”. Dominik sorriu. Parecia que algumas pessoas nunca mudariam. Andariam pelo planeta em busca de prazer até o apocalipse chegar, supunha-se. Havia alguma coisa de terno nisso.

Quando colocou a pilha de correspondências na mesa baixa do telefone, reparou que o Bailly de Summer e a caixa surrada não estavam no lugar de sempre no canto, onde ela sempre deixava. Dominik sabia que estava lá na noite anterior.

Seu coração deu um pulo.

Ele correu até o quarto, pulando degraus com pressa, torcendo para que, por algum motivo, Summer tivesse levado o instrumento para lá. Não que ela tocasse por ali, pois pouco depois da mudança ela havia levado quase toda a mobília do térreo para o aposento de trás que levava ao jardim para convertê-lo em um espaço improvisado de ensaio.

Todos os tipos de situação terrível surgiram em sua mente. Summer andava estranhamente quieta nos últimos dias, e mais de uma vez ele a flagrou olhando para o nada com expressão pensativa no rosto. Será que estava repensando a decisão? Depois de tudo, será que realmente achava que o relacionamento deles podia não dar certo?

Ele abriu a porta e deixou os olhos se acostumarem com a escuridão.

Olhou pelo quarto. Nada de caixa de violino.

Ele se voltou para a cama, esperando ver a forma de Summer debaixo das cobertas. Mas os lençóis estavam jogados para o lado e a cama, vazia.

O mundo parou.

Despencou ao redor dele.

Em pânico cego, Dominik correu pela casa, olhando em cada aposento, com o sangue subindo à cabeça.

Ela havia ido embora.

Dominik voltou ao corredor do térreo, onde começara a busca. Colocou a mão na porta para se equilibrar. Ele sabia, sempre soubera, que Summer tinha o espírito livre. Que amarrá-la em um relacionamento convencional só a afastaria. Ele havia sido egoísta e burro, e mais uma vez a perdera.

Afundou com as costas na porta. Sua mão caiu para a lateral do corpo, e ele sentiu uma coisa comprida e macia sob os dedos. Era um dos arcos de Summer sobre o tapete. Ela devia ter deixado cair na pressa de fugir. Dominik não tinha reparado antes porque a correspondência caíra em cima e o escondera, e ele acabou não percebendo quando se abaixou distraidamente para pegar as cartas e revistas.

Ele passou os dedos pelo comprimento, pensando em Summer. Bela, frágil, orgulhosa. A mulher que amava. A mulher que havia perdido mais uma vez. E bem ali, com os dedos apertando a única parte de Summer que ele tinha, Dominik achou que seu coração se partiria.

Ele soube imediatamente que o arco não estava em sua posição normal.

Que fora colocado como se apontando para a porta.

Um sinal?

Ele abriu a porta da frente. A rua estava tranquila e livre de tráfego àquela hora da manhã. Dominik verificou o relógio. Eram apenas sete horas.

Na calçada estreita, a poucos metros da porta da frente da casa, reparou em uma palheta de guitarra marrom-escura.

Inclinou-se e a pegou.

O logo do Groucho Nights estava entalhado nela, um sinal cabalístico que a irmã de Summer, Fran, tinha encontrado em um livro esotérico e que havia despertado a imaginação de Chris e dos colegas músicos.

Eles mandaram fazer algumas milhares de palhetas e as jogavam na plateia, como

é tradição, no clímax da música do bis. Uma forma barata e eficiente de promover o grupo.

Do outro lado da casa, a curva que levava às profundezas do vale de Heath era como um bolso de escuridão.

Dominik viu outra pequena palheta de guitarra na calçada oposta, a poucos passos do meio-fio, na direção do enorme Royal Free Hospital, que ficava na base da colina íngreme. Atravessou a rua, deixando a porta de casa aberta atrás de si e ainda com o chinelo que usou enquanto trabalhava à noite. Mais dois minutos caminhando e encontrou outra palheta.

Era um rastro.

Uma mensagem de Summer?

Ele rapidamente voltou até a casa, colocou um par de tênis e pegou o primeiro moletom que achou em um dos aposentos de baixo, vestiu-o, pegou a chave e trancou a porta. Em seguida, foi em busca de mais palhetas no caminho colina abaixo.

Enquanto fazia isso, sua mente trabalhava em ritmo febril, tentando se lembrar do conto de fadas, *Chapeuzinho Vermelho*, ou *Pinóquio*, ou *João e Maria*, ou mesmo algum outro, em que um rastro de pequenas pedras (ou seriam sementes?) levava um personagem na direção certa.

A princípio, achei que era uma ideia ridícula.

Eu devia simplesmente deixar um bilhete para ele na mesa de café da manhã: “Fui dar uma volta. Venha me procurar”, com um mapa junto e um X marcando meu destino planejado.

Mas, quanto mais eu pensava no assunto, mais a ideia se alojava na minha mente, como uma planta crescendo.

Acordei no meio da noite e não o vi. O lado dele da cama estava frio e as cobertas estavam espalhadas, como se tivesse saído com pressa. Dominik era sempre organizado, e, sob circunstâncias normais, teria puxado o lençol do lado dele e deixado arrumado.

Imediatamente senti uma pontada de ansiedade. Achei que podia ter acordado, me visto ao lado dele e sentido que a cama estava cheia demais e que queria ficar sozinho. Às vezes, eu me sentia assim, por ainda não estar acostumada a estarmos juntos. Talvez ele tivesse ido procurar refúgio em um hotel, ou com algum amigo. Talvez tivesse pedido para Lauralynn deixá-lo ocupar um dos quartos de hóspedes de Viggo naquela noite.

O quarto sem ele parecia sufocante. Tirei as cobertas e andei silenciosamente escada abaixo. Foi quando vi a luz no escritório dele, e, ao me aproximar, ouvi o

leve clique dos dedos nas teclas.

Ele estava escrevendo.

A porta estava entreaberta. Abri um pouco mais e chamei o nome dele baixinho, para ver se queria uma bebida quente ou um copo d'água, mas Dominik não respondeu.

Ele estava com aquela expressão familiar no rosto, em parte alegria, em parte concentração furiosa, como fica quando uma ideia nova surge da forma certa, como uma visita irregular de uma musa imprevisível, e achei melhor não interromper.

Servi-me de um copo de leite e voltei para a cama, mas não consegui dormir.

Fiquei acordada pelo resto da noite, pensando no futuro e no que nos aguardava.

Se íamos conseguir. Se ir morar com ele tão rapidamente acabaria se mostrando um erro.

Só o tempo diria.

Meus olhos pousaram no Bailly que eu tinha deixado no corredor na noite anterior, e meus dedos tremeram, desejando pegá-lo e tocá-lo até eu me exaurir e o cansaço me dominar como uma capa pesada sobre meus ombros e me arrastar para o sono. Mas, mesmo com a porta fechada, eu tinha medo de minha música despertar Dominik do transe criativo como o canto da sereia e fazer com que acabasse subindo para o quarto.

Às vezes eu me sentia como o Flautista de Hamelin, porque Dominik sempre seguia as notas no Bailly. Ele usava o som do meu violino como barômetro do meu humor, e reparei que, por puro hábito agora, olhava para onde eu o deixava para verificar se ele ainda estava em segurança e bem-guardado antes de apagar a luz.

Eu tinha ouvido a história do Angelique, que ele estava usando como a base do romance. Sempre me interessei pela história dos meus instrumentos. Sempre quis saber que mãos os haviam segurado e que histórias contaram antes de chegar a mim. Mas eu não encarava nada disso com tanto romantismo quanto Dominik, e implicava com ele por causa das superstições.

A pessoa segurando o violino tinha mais poder do que o instrumento, não?

Até o Sr. van der Vliet, meu falecido professor de violino, sempre me ensinou que o musicista certo conseguia tirar música de qualquer coisa, mesmo esfregando uma vareta em uma serra de madeira.

Mas os contos de fadas e as lendas românticas me fizeram começar a pensar sobre o Bailly, e, quando a semente da ideia foi plantada, eu não consegui escapar. Em pouco tempo, elaborei um plano completo.

Coloquei rapidamente o velho vestido preto de veludo que ainda usava para shows às vezes, o que comprei em Brick Lane anos antes e vesti para Dominik em nosso primeiro recital. Pareceu poético.

Em seguida, peguei o Bailly e percebi o primeiro problema no meu plano. Eu teria

que dar a ele algum tipo de pista. Mas qual?

Abri a caixa e passei os dedos pela madeira quase alaranjada, quente como o pôr do sol, e torci para o violino me fornecer uma resposta.

O violino não ofereceu nenhuma, mas a caixa, sim. O bolso estava cheio, e enfiei a mão nele e encontrei várias palhetas do Groucho Nights, as que jogávamos para a plateia e que as pessoas adoravam.

Perfeito. Como um rastro de migalhas de pão, eu as deixaria no caminho até Heath, que levaria a mim, e não a uma casa de pão de ló.

Para ter dupla certeza de que ele pelo menos teria a chance de entender, deixei um arco extra no tapete de entrada, apontando na direção que segui, onde ele encontraria a primeira palheta.

Estava amanhecendo quando segui colina abaixo para a amplidão do Heath. A chama laranja do sol subindo pelo horizonte tomado de árvores deixava o céu com faixas cor-de-rosa, como tentáculos. Eu raramente acordava tão cedo, e, por mal ter dormido, parecia que estava entrando em um sonho, um atordoamento de ar frio pontuado de pássaros chilreando e do som suave do vento pelas árvores.

Tive o cuidado de deixar palhetas em todos os lugares que Dominik reconheceria. Segui a mesma rota pela qual ele me levou na primeira vez que fiz esse percurso. Mais uma vez, eu estava descalça e sorri com a sensação familiar da terra esponjosa sob meus pés.

Passei pelos lagos, atravessei a pequena ponte perto da piscina ao ar livre e segui a trilha. Fiz uma careta quando as pedrinhas afiadas afundaram nos meus pés e tomei o cuidado de colocar uma palheta sobre uma pedra grande e preta bem diferente das outras, menores e mais pálidas, para garantir que Dominik a encontraria. Quando chegasse lá, ele já saberia para onde eu o estava levando. Eu não fazia o mesmo caminho desde aquele dia, quando toquei Vivaldi para ele pela primeira vez, mas o caminho estava registrado na minha mente como um mapa do tesouro.

Por fim, senti de novo a grama macia e suspirei de prazer quando o orvalho acariciou meus pés maltratados pelas pedras. Logo cheguei à cobertura de árvores que bloqueava a luz como uma cortina, depois saí a céu aberto, já vendo o coreto acima do morro verde glorioso como se tivesse surgido do chão, uma árvore feita de ferro fundido em vez de terra e madeira.

Não coloquei palhetas nas últimas centenas de metros. Dominik já conseguiria me ouvir quando chegasse ali.

Se aparecesse.

E eu tinha certeza de que iria.

Pisei com cuidado nos degraus de pedra que levavam ao pequeno palanque do coreto e me virei para olhar o terreno aberto e a fila de árvores de onde Dominik logo surgiria.

Havia apenas eu, o Bailly, os pássaros e o Heath. Sem dúvida alguns corredores apareceriam em pouco tempo, perturbando minha solidão, e esse pensamento quase me fez desistir da parte seguinte do meu plano, mas decidi fazer tudo mesmo assim.

Qual era o sentido de fazer um recital para Dominik no coreto no Heath se eu não estivesse nua? Era minha mensagem final para ele.

Talvez fosse apenas a noite insone se manifestando, mas, quando cheguei ao Heath, eu tinha tudo decidido.

Se Dominik aparecesse, se reparasse na falta do violino e na minha ausência e seguisse as pistas até o coreto, eu encararia como sinal de que fomos feitos para ficar juntos, afastaria as dúvidas e me comprometeria a fazer o relacionamento dar certo.

Se não aparecesse, se seguisse escrevendo pelo resto do dia ou se percebesse minha ausência e achasse que saí para correr e não fizesse nada, eu sairia de casa e deixaria o relacionamento para trás. Recomeçaria. Solteira.

Um último lançar dos dados. Nosso futuro nas mãos do destino. Parecia uma coisa muito típica de Dominik, o tipo de coisa que ele reconheceria e que aprovaria. Mas esse era exatamente o motivo para eu achar que funcionaria, porque me propus a fazer minha parte ao ficar nua e tocar Vivaldi.

Como na primeira vez.

Tirei o vestido, fechei os olhos e iniciei o concerto número dois, “Verão”. Estava fora de ordem, mas eu pretendia terminar com a “Primavera” porque parecia um começo, o que se encaixava com meu objetivo. Terminar com “Inverno” seria deprimente demais.

As notas voaram do Bailly assim que encostei o arco nas cordas, e viajei com elas, voei pelo Heath nas asas de uma música.

Eu estava tocando as notas finais de “Outono” quando me lembrei do meu objetivo e voltei a abrir os olhos, observando a linha de árvores em busca de sinais de Dominik.

Talvez ele não tivesse ido e minha ideia fosse idiota. Talvez tivéssemos cometido um erro e o destino agora estivesse me mandando ir embora, sair correndo enquanto ainda podia, antes de qualquer um de nós se magoar. Mas, conforme continuei a tocar, eu sabia que, no fundo do coração, queria que ele fosse até mim.

Meu arco tremeu levemente quando a enormidade dos meus sentimentos ficou clara, enquanto eu sussurrava uma oração silenciosa para Dominik. *Me encontre. Venha até mim.* Não desista de nós. Senti uma lágrima escapar, deslizar pela minha bochecha e cair na superfície lisa do violino. E soube naquele momento, com as notas doces de Vivaldi se espalhando pela névoa da manhã, que não era capaz de viver sem ele.

Vi uma silhueta emergindo da cobertura de árvores, a cerca de 100 metros. Era impossível identificar alguém àquela distância. Meu coração começou a bater disparado quando pensei reconhecer o velho moletom da equipe de atletismo da universidade, mas afastei o pensamento da mente, voltei a fechar os olhos e deixei o violino assumir.

Pensei sentir a presença dele ali perto, pequenas mudanças no ar ao meu redor, quando comecei a tocar “Primavera”, o final do meu recital, o primeiro movimento. Observando-me, planejando o próximo passo, ou talvez apenas ouvindo a música.

Ele ficou impaciente no final e atrapalhou a música.

Primeiro, senti o hálito quente no meu pescoço quando ele se inclinou para me beijar, mas não beijou.

Em vez disso, quando segui para o último acorde, a mão dele tirou o violino da minha e me deitou no palco frio de pedra do coreto.

Abri os olhos.

Dominik, sorrindo de orelha a orelha, com aquele brilho escuro familiar nos olhos.

— Mas eu não terminei — sussurrei.

— Vivaldi vai nos perdoar — respondeu ele.

E, então, fizemos amor. Do nosso jeito.

Agradecimentos

Queremos agradecer a nossa agente Sarah Such, da Sarah Such Literary Agency, que fez um trabalho maravilhoso ao levar *80 dias* para o mercado. Um grande agradecimento também vai para Jon Wood, Jemima Forrester, Susan Lamb, Emma Dowson e todos da Orion, que trabalharam tão bem para nos levar à lista de best sellers. Tiramos o chapéu para Tina Pohlman e Allison Underwood, da Open Road Integrated Media. Também temos um grande débito de gratidão com Rosemarie Buckman da Buckman Agency por todas as vendas internacionais, e com as incontáveis editoras estrangeiras que publicaram a série, assim como Hamish e Junzo da English Agency (Japão) e Carrie Kania da Conville & Walsh. Um agradecimento final para nossos editores, revisores e tradutores com olhos de águia que trabalharam incansavelmente e a grande velocidade.

Grande parte desses livros foi escrita durante viagens, e um agradecimento sincero precisa ser feito para nossos respectivos companheiros, familiares e amigos, que precisamos negligenciar enquanto dedicávamos nosso tempo a Summer e Dominik e viajávamos por Londres, Paris, Bristol, Roma, Berlim, Edimburgo, Nova Orleans, Nova York, Chicago, Avignon e Sitges, com laptops e iPads a todo vapor.

Um agradecimento final vai para a empregadora de Vina pelo apoio e encorajamento, apesar das muitas faltas ao trabalho causadas pela escrita, e para todas as fontes anônimas necessárias que nos ajudaram com a pesquisa.

Foi uma aventura excitante...

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

80 dias – A cor da paixão

Perfil da autora no Goodreads

http://www.goodreads.com/author/show/6440498.Vina_Jackson

Página da série no Goodreads

<http://www.goodreads.com/series/84244-eighty-days>

Site da autora

<http://vinajackson.com/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/VinaJackson1>

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

1 | Correndo

2 | A simples arte da procrastinação

3 | É apenas rock'n'roll

4 | O Angelique

5 | Uma lâmina amarga

6 | O front de Brighton

7 | Sobre violinos e câmeras

8 | Melodias parisienses

9 | Garotas juntas

10 | Dançarina particular

11 | Nus nas paredes

12 | Um desenho de Degas

13 | O vento vai nos levar

Agradecimentos

Colofon

Saiba mais